



# Arte, Artistas e Arteiros



# Arte, artistas e arteiros

---

Série televisiva: textos complementares

**MULTIRIO - Empresa Municipal de Múltiplos Ltda.**

Largo dos Leões, 15 • Humaitá • Rio de Janeiro/RJ • Brasil • CEP 22260-210  
Central de Atendimento ao Cidadão: 1746 • Fora do Rio: (21) 3460-1746 • Fax: (21) 2535-4424  
[www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br) • [ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br](mailto:ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br)



# Sumário

<b>Introdução</b> .....	<b>5</b>
<b>Arte, artistas e arteiros no giro da Terra</b> .....	<b>7</b>
<i>As relações fundamentais entre arte e natureza, facilitando o entendimento da participação de cada ser humano como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente.</i>	
<b>Capítulo I - A Terra gira, o tempo passa</b>	
Bom dia, boa tarde, boa noite .....	9
E mudam as estações .....	21
<b>Capítulo II - No giro da Terra, preservar, mudar, transformar</b>	
Aqui encontrei meu lugar .....	35
Meio ambiente em alerta .....	48
<b>Arte, artistas e arteiros deixam sua marca</b> .....	<b>65</b>
<i>A arte como marca de identidade do ser humano, que, com o seu espírito investigativo, sempre utilizou diferentes linguagens expressivas como meio para produzir e comunicar suas ideias.</i>	
<b>Capítulo III - Nossas marcas no mundo</b>	
Marcando presença .....	67
Registros de identidade .....	81
<b>Capítulo IV - Encontro marcado</b>	
De volta ao passado .....	97
Marca registrada .....	107
<b>Arte, artistas e arteiros em toda parte</b> .....	<b>123</b>
<i>A arte como forma de expressão, fonte de pesquisa e identificação cultural, ressaltando a articulação entre o passado e o presente e a relação das concepções e dos sentimentos próprios de cada indivíduo com o imaginário coletivo.</i>	
<b>Capítulo V - Quem tem arte reparte</b>	
Entre o fazer e o saber .....	125
A parte de cada um .....	137
<b>Capítulo VI - Tecendo e participando da festa</b>	
Ponto de partida .....	149
Festa para todos .....	162
<b>Arte, artistas e arteiros brincantes</b> .....	<b>177</b>
<i>A ludicidade do ato criador e as inúmeras possibilidades de “brincar” com a imaginação em um jogo que desenvolve a capacidade de inventar, transformar, contestar e descobrir novas soluções.</i>	
<b>Capítulo VII - Brincar de inventar</b>	
Construindo o brincar .....	179
A participação lúdica .....	192
<b>Capítulo VIII - Pensar para brincar</b>	
Imagens que brincam .....	203
Brincar para contestar .....	216
<b>Arte, artistas e arteiros em novos tempos</b> .....	<b>233</b>
<i>As linguagens contemporâneas da arte e as novas possibilidades de criação diante dos avanços tecnológicos, mostrando como a separação e a reaproximação entre arte e ciência influenciam as relações dos homens entre si e deles com o universo.</i>	
<b>Capítulo IX - Tempo de transformação</b>	
A captura da imagem .....	235
Imagem em ação .....	248
<b>Capítulo X - Tempo de novas mídias</b>	
Rede de comunicações .....	267
Criação e tecnologia .....	280



## Introdução

A arte se faz em um tempo, em um lugar e pela ação das pessoas envolvidas nesse fazer. A arte não existe sem o artista, sem o espectador e, principalmente, sem o arteiro que habita cada um deles. Arte, artistas e arteiros se entrelaçam no processo criativo.

O artista é aquele que direciona suas buscas e investigações no caminho específico da produção nos diferentes campos da arte. E o arteiro? Ele é o que ousa, enfrenta desafios e não tem medo de experimentar o novo.

É importante observar que dentro de todo artista existe um arteiro, mas nem todo arteiro se realiza no campo específico da arte. Pode escolher outros caminhos de realização pessoal e profissional, mas segue mantendo a sensibilidade e o prazer criativo em seu cotidiano.

Arte, artistas e arteiros caminham sempre juntos, e, com certeza, as obras que nos sensibilizam, nos instigam e fazem pensar contêm viva a essência dessa união.

A série *Arte, Artistas e Arteiros* tem como principal compromisso estimular alunos e professores a explorar os diferentes caminhos das linguagens artísticas, sem medo de se aventurar pelas trilhas que se apresentem nesse percurso.

São tantas e tão diversas as questões da arte que, mais do que aprofundar um determinado conhecimento, procuramos mostrar a riqueza que o assunto oferece, tomando-se por base recortes temáticos selecionados com o objetivo de favorecer discussões e reflexões, sem que se perca a poética implícita no próprio sentido da arte.

As temáticas trabalhadas nos textos e nos programas pretendem colaborar com as práticas educativas, abrindo possibilidades para novas pesquisas, novas articulações e novos desdobramentos, inter-relacionando os diferentes saberes de todos os envolvidos nesse universo de comunicação e de troca.

O professor, como mediador do conhecimento, deve procurar apresentar o conteúdo a ser estudado, instigando seu aluno a encontrar respostas para possíveis dúvidas, a considerar novos pontos de vista, a descobrir diferentes possibilidades e, principalmente, a despertar o desejo de aprender mais sobre algo que faz parte da vida – a arte.

Cabe ao professor escolher seu caminho, de acordo com as necessidades e os interesses das turmas, construindo uma proposta didático-pedagógica em *Arte*, para que seus alunos desenvolvam competências e habilidades. Assim, por meio de suas próprias escolhas, eles encontrarão maneiras individuais de se colocar no mundo, possibilitando a expressão das muitas mensagens poéticas e de significados estéticos, dando vez e voz para o arteiro em potencial que cada um traz em seu interior.





# ARTE, ARTISTAS E ARTEIROS NO GIRO DA TERRA

*Roda mundo, roda gigante  
Roda moinho, roda pião.  
O tempo rodou num instante  
Nas voltas do meu coração...*

*Roda Viva / Chico Buarque de Hollanda*



# A Terra gira, o tempo passa

---

## Bom dia, boa tarde, boa noite...

*Depois do dia vem noite,  
Depois da noite vem dia.  
E depois de ter saudades,  
Vem as saudades que havia.*

**Fernando Pessoa**

A Terra gira, o tempo passa, o Sol e a Lua se alternam, e a paisagem se transforma em cores, cheiros e sons. É uma mágica que nos instiga infinitamente.

Por que o Sol brilha em um lugar enquanto é noite em outro?

A Terra, como todos os corpos do universo, não está parada. Ela realiza inúmeros movimentos. O giro que faz em torno de si mesma chama-se rotação e dura, aproximadamente, 24 horas.

A luz solar vai iluminando, progressivamente, diferentes áreas do nosso planeta à medida que ele gira, e, como o movimento é de oeste (onde o sol se põe) para leste (onde o sol nasce), em alguns lugares anoitece e em outros amanhece.

Por que percebemos de formas diferentes o amanhecer e o anoitecer?



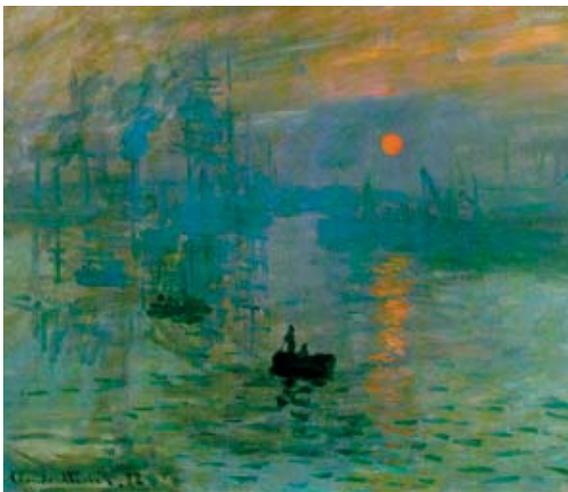
1. Fotografia da Terra tirada a 7 de dezembro de 1972 durante a missão Apollo 17.

O nascer e o pôr do sol nos provocam diferentes emoções. São momentos únicos, mas que se repetem de maneiras diferentes para cada um de nós que lhes assistimos.

Olhar não é apenas ver, pois a nossa maneira própria de perceber transforma as coisas que vemos, e, muitas vezes, elas podem se materializar em diferentes linguagens: gráfica, plástica, corporal, escrita, falada, musical.

A percepção e a sensibilidade são janelas para o mundo e possibilitam a troca entre o que está dentro e o que está fora. A todo instante, nossos sentidos são





2. Claude Monet. *Impressão: Nascer do Sol*, 1872.

estimulados. Estabelecemos relações com alguns estímulos, selecionando, valorizando ou negando. Nesse movimento interno, surgem constelações de significados e diferentes configurações.

É com base nessa realidade que construímos um repertório particular de sensações e interpretamos o mundo.

O ser humano, em diferentes grupos sociais, constrói uma cultura própria, atribuindo sentidos específicos para os fenômenos da natureza. São lendas, músicas, danças, crenças, registros pictóricos que contam a história dessa cultura através dos tempos.

Um desses exemplos é a narrativa que explica o surgimento da noite. Ela integra a riqueza da tradição oral de vários povos indígenas e apresenta variantes em diferentes sociedades, dos caiapós aos tupis da costa brasileira.

A narrativa de como a noite começou a existir parece falar da contribuição que a humanidade pode ter na própria feição do planeta.

*No começo do mundo, só havia dia. A noite estava adormecida nas profundezas das águas com Boiuna, uma cobra grande que era senhora do rio.*

*A filha de Boiuna, uma moça muito bonita, havia se casado com um rapaz de um vilarejo, nas margens do rio. Na hora de dormir, ela não conseguia e explicava para o marido:*

*— É porque ainda não é noite.*

*Um dia, a moça pediu ao marido que fosse buscar a noite na casa de sua mãe. Ele mandou três amigos às profundezas do rio para falar com Boiuna.*

*Boiuna colocou a noite dentro de um caroço de tucumã, uma fruta da palmeira, e mandou entregar como se fosse um presente para sua filha.*

*Os três amigos carregavam o tucumã quando ouviram o barulho de sapinhos e grilos, bichinhos que só cantam à noite. Curiosos, resolveram abrir o tucumã para ver que barulho era aquele. Quando o tucumã foi aberto, a noite escapou e tomou conta de tudo. O mundo virou uma escuridão só.*

*A filha de Boiuna viu o que tinha acontecido e tentou separar a noite do dia. Pegou dois fios, enrolou o primeiro, pintou de branco e disse:*

*— Você será Cujubim e vai cantar sempre que o dia nascer.*

*Então, soltou o fio, que se transformou em pássaro e saiu voando.*

*Depois, enrolou o outro fio, jogou cinza sobre ele e disse:*

*— Você será Coruja e cantará quando a noite chegar. A coruja saiu voando.*

*A partir de então, o mundo passou a ter dia e noite.*

3. Página à direita: Marc Chagall. *Saint Jean Cap Ferrat*, 1952.





Como o dia e a noite, somos envolvidos por sentimentos opostos, contrastantes. Aprender a lidar com eles nos faz inventar ideias que movem nossos pensamentos sobre o sentido da vida.

Fazer parte desse mundo mágico movimentando nossas dúvidas e certezas, nossas verdades e mentiras, nossos sonhos e realidades.

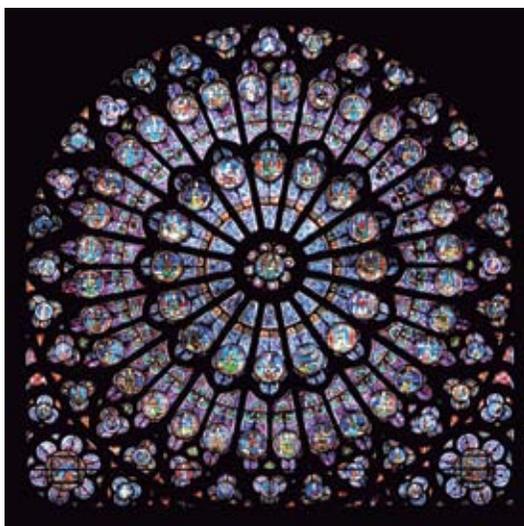
*Quanto mais fecho os olhos,  
melhor vejo...  
Meu dia é noite quando estás ausente...  
E à noite vejo o Sol  
se estás presente.*

**William Shakespeare**

Desde sempre, a Lua e o Sol iluminam não só os caminhos do ser humano, mas também sua poesia e sua arte.

Os gregos consideravam a luz como símbolo do conhecimento e as trevas como símbolo do desconhecido, do medo.

Na Idade Média, os vitrais surgem como um grito de luz, colorindo o interior sombrio das catedrais. Os **vitrais** contam histórias luminosas aos fiéis, inaugurando um novo domínio da luz.



4. Rosácea da Catedral de Notre Dame de Paris (séc. XIII).

A luz, historicamente, personifica tudo o que é bom, porque nos permite enxergar cores, linhas e formas. A escuridão nos traz medo e insegurança, mas abre brechas à imaginação, pois tentamos ver, com a mente, aquilo que os olhos não conseguem distinguir.

No teatro, no cinema e nas artes visuais, a luz é usada como um recurso expressivo. A distribuição intencional de luzes e sombras pode, por exemplo, dar profundidade e dramaticidade às cenas.

Quando há luz, há sombra. A sombra participa da **cor** do objeto, de acordo com a menor ou maior distância e luminosidade dele. Esse contraste entre luz e sombra é chamado de efeito claro/escuro. Em desenhos e pinturas, a técnica é utilizada também para dar noção de volume.

#### **VITRAIS**

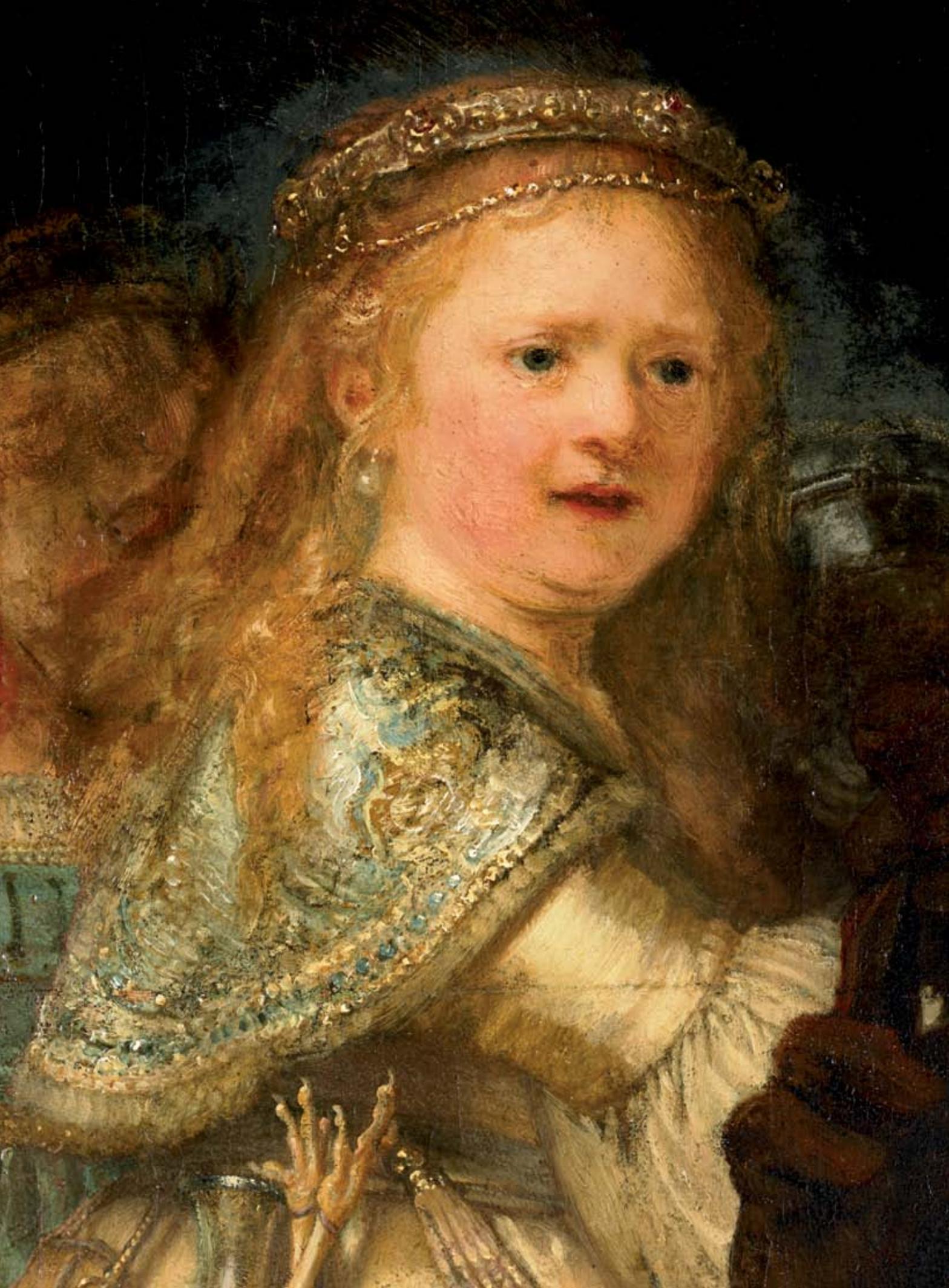
Conjunto figurativo ou decorativo formado por pequenos pedaços de vidro de várias cores unidos por liga de chumbo. Através de vitrais coloridos, a luz penetra o interior de grandes igrejas medievais, como a Catedral de Chartres (1194) e a Sainte-Chapelle de Paris (1241). Os imensos espaços iluminados criados por novas técnicas construtivas buscam aproximar os fiéis de forma quase palpável do pensamento da época, que vinculava a luz ao próprio conceito de Deus.

#### **COR**

A cor somente pode existir por causa de três elementos: a luz, o objeto e o espectador. Em 1666, o físico Isaac Newton descobre que a luz branca de um raio de sol, ao passar por um prisma de cristal, se decompõe em uma série de cores com comprimentos de onda diferentes. Tal como em um arco-íris, violeta, anil, azul, verde, amarelo, laranja e vermelho formam o espectro visível.

5. Página à esquerda: Vitral da Catedral d'Évreux (França).





*Todos os corpos se revestem de luzes e de sombras. As luzes são de duas naturezas: original e derivada. Original é a produzida pela chama do fogo, ou pela luz do sol ou do ar; derivada é a luz refletida.*

**Leonardo da Vinci**

Foi **Leonardo da Vinci** que, na Renascença, introduziu a técnica de representação chamada “chiaroscuro”. As formas são representadas sem usar linhas de contorno, mas apenas pelo contraste entre as cores do objeto e do fundo, reproduzindo na pintura a passagem da luz e da sombra, simulando, assim, o relevo.



6. Leonardo da Vinci.  
*Mona Lisa (ou A Gioconda)*,  
1503-1505.



7. Rembrandt van Rijn. *A Companhia de Frans Banning Cocq e Willem van Ruytenburch* (conhecido como *A Ronda Noturna*), 1642.



8. Johannes Vermeer. *Garota com um Brinco de Pérola*,  
c. 1667.

### LEONARDO DA VINCI

(Vinci, 1452 – Amboise, 1519)

Artista, filósofo, cientista, matemático, escritor e músico italiano. Sua habilidade em várias áreas do conhecimento está ligada ao humanismo renascentista, que considerava o homem como centro do universo e dotado de capacidade ilimitada de desenvolvimento. Considerando o artista como um criador dotado de inteligência, Leonardo defende a arte como uma atividade intelectual cuja base, o desenho (disegno), constitui a própria ideia, a concepção mental de determinado objeto.

### REMBRANDT VAN RIJN

(Leyden, 1606 – Amsterdã, 1669)

Pintor, desenhista e gravador, Rembrandt é considerado o grande artista da poderosa Holanda do século XVII. Produziu retratos individuais e de grupos e também uma extensa série de autorretratos que abrangem desde sua juventude até sua velhice. O artista valoriza mais a verdade e a franqueza do que a harmonia e a beleza e assim estuda intensamente espaço, atmosfera e luz, de modo a exibir rostos de seres humanos “reais”, sem sinais de pose ou de vaidade.

### JOHANNES VERMEER

(Delft, 1632 – 1675)

Pintor holandês, Vermeer executou retratos, vistas de cidades e, principalmente, quadros de interiores domésticos. Na busca da descrição objetiva da atividade da luz, ele suaviza os contornos das figuras sem perder o efeito de solidez e firmeza. Resultam composições de senso sereno de equilíbrio, muitas vezes baseadas em harmonia de azul, cinza, branco e amarelo e luz moderada, que nos fazem enxergar a beleza de uma cena singela com um olhar sempre revigorado.

9. Página à esquerda: Rembrandt van Rijn. *A Companhia de Frans Banning Cocq e Willem van Ruytenburch* (conhecido como *A Ronda Noturna*), 1642 (detalhe).

Tentar entender o mundo, encontrar respostas e se expressar de algum modo é um caminho que o ser humano percorre continuamente desde a infância, transformando o seu conhecimento por meio da sua imaginação e de novas conquistas.

A capacidade de imaginar precede as descobertas, tanto no campo da arte quanto no da ciência.

*Imaginar é projetar, é antever,  
é a mobilização interior orientada  
para determinada finalidade,  
antes mesmo de existir  
a situação concreta.*

Edith Derdyk

**Ciência e arte** se completam nas formas de investigação e de entendimento da vida. Ambas são caminhos para a compreensão do mundo. São formas de conhecimento que transformam e antecipam o futuro, pois são inovadoras e descortinam uma nova maneira de ver.

As manifestações artísticas e o modo como assimilamos e representamos a vida sofrem influências das descobertas e invenções científicas.

Mas, certamente, nenhuma explicação científica sobre os fenômenos da natureza tira o encantamento de assistir a um pôr do sol ou de contemplar uma noite de luar.

*Acorda, vem ver a Lua  
Que dorme na noite escura  
Que surge tão bela e branca  
Derramando doçura...*

**Melodia Sentimental / Villa-Lobos e  
Dora Vasconcelos**

Essa magia poética se concretiza por diferentes formas de expressão. Tentar captar e eternizar um momento como o do verso anterior mobiliza a imaginação e pode se traduzir em canção, poesia, expressão corporal, desenho, foto, pintura, escultura e tudo mais que a criatividade humana possa ousar.



10. Antônio Bandeira. *A Grande Cidade Iluminada*, 1953.

Tradicionalmente, as pessoas relacionam o dia a trabalho, compromissos, horários, ansiedade, renovação, produção, realizações, passeios; a noite lembra descanso, meditação, família, sonhos, festas, medo, solidão, angústia.

Mas sabemos que nem sempre é assim, principalmente nos tempos atuais, nos quais as cidades não dormem.

#### **CIÊNCIA E ARTE**

*Ciência e arte são formas de conhecimento do mundo que visam a ampliar os limites do que nós sabemos e de como o sabemos. A relação entre arte e ciência, porém, constitui tema complexo, já que, em diferentes épocas, essas atividades são vistas ora como percepções de mundo divergentes, ora como perspectivas complementares. No início do Renascimento, arte e ciência compartilhavam o mesmo terreno: na perspectiva, regras de projeção geométrica definem o espaço da pintura.*

*Agora o Sol se deita,  
sombras se levantam gigantescas.  
Logo, logo tudo é sombra.*

**Poemas Haikai/ Tomas Tranströmer**

Você prefere a chegada do dia ou o cair da noite? Com qual deles você se identifica? Esses momentos trazem diferentes lembranças.

As sensações decorrentes dessas lembranças são filtradas e registradas pela sensibilidade do artista. É ele que, combinando intuição, análise, realidade e simbolismo, abre caminhos para diferentes percepções, transformando nosso comportamento e nossa visão de mundo.

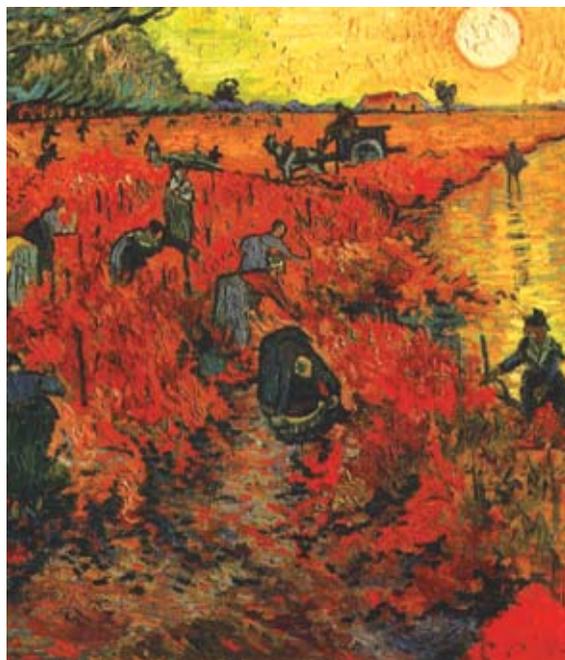
Podemos rejeitar ou nos sentir atraídos por uma obra de arte. Mas, qualquer que seja a nossa reação, a inquietude que a obra provoca nos leva a pensar e a rever nossos próprios conceitos.

Desse modo, ao vivenciarmos um trabalho artístico, são as nossas impressões que completam seu sentido.

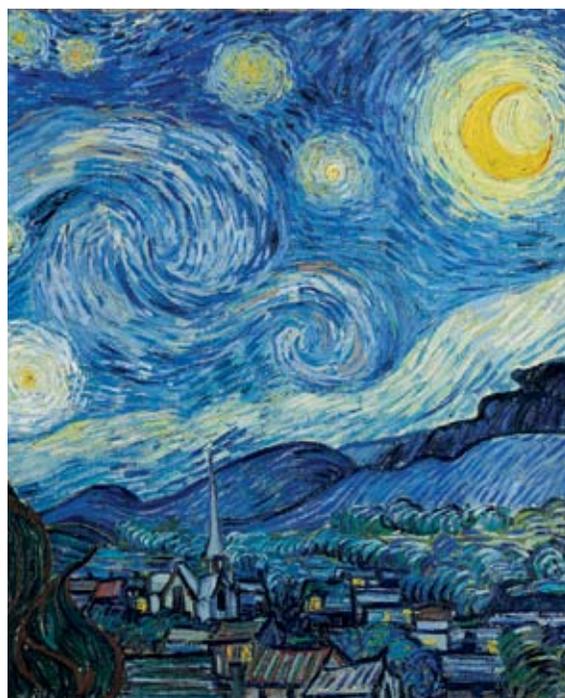
*O artista não é o único a concluir o ato de criação, porque o espectador estabelece o contato da obra com o mundo exterior, decifrando e interpretando suas qualidades profundas e assim juntando sua própria contribuição ao processo criativo.*

**Marcel Duchamp**

A dualidade dia/noite está fora e dentro de cada um de nós. Saber aceitar e se permitir rejeitar diferentes aspectos desses opostos são atitudes que facilitam o encontro de uma existência em equilíbrio.



11. Vincent van Gogh. *O Vinhedo Vermelho* (detalhe), 1888.



12. Vincent van Gogh. *A Noite Estrelada* (detalhe), 1888.

Muitas pessoas buscam e encontram na arte o ponto de equilíbrio para suas vidas.





O artista **Arthur Bispo do Rosário**, na reclusão, aprendeu a ver, a sentir e a expressar o escuro que abrigou a sua criação.

Ele criou **assemblages**, bordados, trajés e o extraordinário *Manto da Apresentação*, obras que o colocam no patamar de qualquer grande artista de vanguarda.

É importante lembrar que Bispo nunca teve intenção de ser artista, e sim procurar a luz, na escuridão, através de sua arte.

*Dizem que o que eu faço é arte,  
mas é minha salvação na Terra.*

**Arthur Bispo do Rosário**

A sabedoria popular, muitas vezes, cria formas simbólicas para lidar com os contrastes da vida humana, de uma maneira crítica, saudável, alegre e carregada de muito humor.

Em Pernambuco, na brasileiríssima cidade de Olinda, os bonecos gigantes do Homem da Meia-Noite e da Mulher do Meio-Dia expressam a magia dessa dualidade que encanta e encantará o ser humano através dos

tempos. Esses personagens fazem parte da cultura local e trocam de roupa todos os anos, exibindo aspectos significativos da tradição nordestina.

*São doze em ponto  
E a Lua cheia clareia os quatro cantos  
Para ver quem vem passar  
É o homem da Meia-Noite que vem  
Vestindo fraque e colete  
Gigantes pernas de pau  
Dançando na multidão*

**Alceu Valença**



13. Arthur Bispo do Rosário. *Manto da Apresentação*, sem data.

#### **ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO**

(Japarutuba, SE, 1911 – Rio de Janeiro, 1989)

Bispo do Rosário produz a maior parte de sua obra em um hospital psiquiátrico do Rio de Janeiro. Tomando por base utensílios comuns (canecas de metal, botões, colheres, madeira, etc.), ele faz uma espécie de inventário do mundo para apresentar a Deus no dia do Juízo Final, quando, como representante dos homens e das coisas, ele vestiria seu Manto da Apresentação. Reconhecida no Brasil no início dos anos 1980, sua obra ganha reconhecimento internacional na Bienal de Veneza de 1995.

#### **ASSEMBLAGES**

Arranjo tridimensional de materiais heterogêneos, artísticos e/ou não artísticos que sugere ruptura de limites entre arte e vida cotidiana. “Assembler” em francês significa “juntar, reunir”. Uma assemblage reúne elementos díspares que mantêm seus sentidos originais no interior do conjunto final. O procedimento passa a ser empregado nos anos 1950 e 1960 por artistas como Jean Dubuffet, Robert Rauschenberg, Jean Tinguely, Rubens Gerchman e Wesley Duke Lee.

14. Página à esquerda: Um exemplo de *assemblage* — Robert Rauschenberg. *Cama*, 1955.



15. Homem da Meia-Noite no carnaval de Olinda, Pernambuco.



16. Bloco de rua no carnaval de Olinda, Pernambuco.

Acompanhados por uma **orquestra de frevo**, típica do estado de Pernambuco, e saudados pelos fogos de artifício, o Homem da Meia-Noite e a Mulher do Meio-Dia percorrem as históricas ladeiras olindenses, ano após ano, desde o século passado, arrastando multidões para abrir e fechar o carnaval da cidade.

As dualidades, no nosso interior, confrontam sentimentos e emoções, pondo à prova nosso potencial para transgredir e transformar luzes e sombras.

Nessa busca, é importante caminhar junto com o arteiro que habita cada um de nós.

*Varei o dia,  
revirei a noite  
Clareou de novo  
e eu ficando lá...*

**Frevo de Itamaracá / Edu Lobo**

*O céu e o inferno, o bem e o mal,  
a luz e as trevas integram as  
contingências humanas em genes  
perpétuos, em que seres de um  
gênero se transformam em espécies  
de outro, abrindo as cortinas de  
um fabuloso teatro alquímico de  
onde surgirão Goyas, Klees, Kafkas  
e Garcias Márquez.*

**Israel Pedrosa**

O ser humano nasce com a capacidade de descobrir, de ousar e de enfrentar desafios, sem medo do novo.

#### **ORQUESTRA DE FREVO**

O carnaval pernambucano tem sua música e dança próprias e originais. Surgido nas ruas do Recife, o frevo tem características singulares, tais como o bailado de passos acrobáticos e a inconfundível sombrinha. O frevo apresenta as variedades frevo de rua, frevo-canção, frevo de bloco. A orquestra de frevo é um grupo musical que acompanha e anima os foliões. Uma orquestra de frevo conta com integrantes distribuídos entre os instrumentos: trombone, trompete, saxofone, surdo, bombo, tarol e outros.

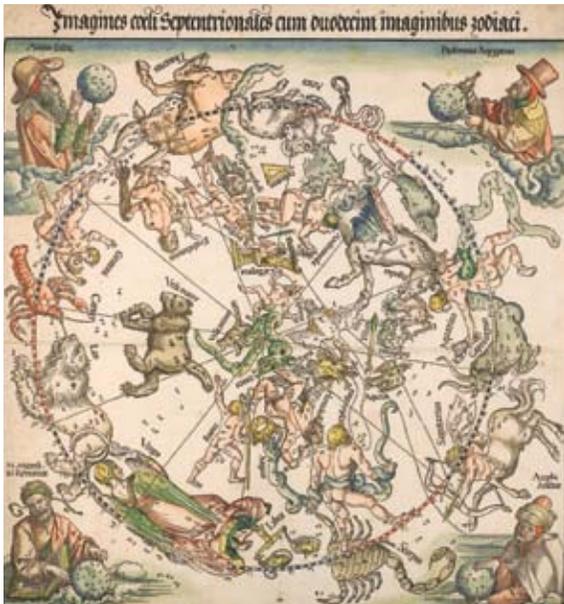
## E mudam as estações...

*Por seres tão inventivo  
E pareceres contínuo  
Tempo tempo tempo tempo  
És um dos deuses mais lindos  
Tempo tempo tempo tempo...*

**Oração ao Tempo / Caetano Veloso**

Na Antiguidade, os sábios, os mitos e a religião tentaram explicar o grande enigma do espaço celeste.

De onde viemos? Para onde vamos?



17. Albrecht Dürer. *Mapa Celeste do Hemisfério Norte*, c. 1515.

A Terra já foi considerada o centro de tudo, o “Umbigo do Universo”. A partir do **Renascimento**, com as grandes descobertas e as invenções científicas, o Sol ocupa seu lugar de destaque, estrela respeitada por todos os planetas; e a percepção da Terra, pelo homem, se transforma, adquirindo novas representações.

Surgem mapas que combinam arte e ciência e que são verdadeiras obras-primas, como as xilogravuras do hemisfério norte, feitas pelo artista alemão Albrecht Dürer, que foram publicadas em 1515.



18. Johannes Vermeer. *O Astrônomo*, 1668.

### RENASCIMENTO

Grande movimento cultural que se origina no Mediterrâneo europeu em meados do século XIV e expande-se pela Europa e pelo Novo Mundo até fins do século XVI. O termo refere-se ao renovado interesse por formas da Antiguidade clássica como verdadeira fonte da beleza e do saber. O Humanismo, com a revalorização do homem e de sua ilimitada capacidade de desenvolvimento, está na base do movimento, que se caracteriza por maior conhecimento da arte, filosofia e literatura antigas e pelo progresso científico e técnico. Observa-se então crescente prestígio da pintura, escultura e arquitetura, que passam a ser compreendidas como atividades intelectuais, e não meramente mecânicas. Do mesmo modo, o artista ganha novo estatuto social e cultural, sendo considerado um criador dotado de inteligência e dignidade.





*E o esplendor dos mapas,  
caminho abstrato para a imaginação concreta,  
letras e riscos irregulares abrindo para  
a maravilha.*

**O Esplendor / Álvaro de Campos**

Em seu giro em torno do Sol, a Terra reverencia o astro rei, fonte de luz e de calor. Ela se inclina, rodopia, exibindo toda a beleza azul do planeta que encantou o astronauta.

Nessa ciranda, a Terra não vai sozinha e, durante um ano, junto com outros planetas, brinca em um movimento chamado translação.

Inclinando-se para o Sol, a Terra vaidosa muda sua roupagem, de acordo com o aquecimento maior ou menor dos raios solares. Surgem as estações do ano, e, em cada uma delas, a natureza cria cenários próprios para o desfile da vida.

São cores, sons, cheiros e sabores que provocam sensações diferentes, estimulando nossa imaginação. As mudanças das estações sinalizam que tudo na vida tem um tempo.

*Batidas na porta da frente  
é o tempo...*

**Resposta ao Tempo / Cristóvão Bastos e Aldir Blanc**

Tempo romântico para as flores, a construção dos ninhos e o namoro dos animais. Borboletas e abelhas voam de flor em flor em busca do néctar. É uma época agradável com temperaturas amenas.

Tempo para o calor, a alegria fervendo no ar, os dias bem longos e as noites curtas. A felicidade das cores que vibram com a luz do Sol se unindo à algazarra das férias escolares.

Tempo gostoso para as frutas maduras e as folhas de todos os tamanhos e cores que caem e cobrem o chão das ruas, dos parques e dos jardins; dias mais curtos e mais frescos.

Tempo para o sonho e o recolhimento, com períodos de frio intenso, dias curtos e noites longas. Alguns animais hibernam, e o homem também prefere ficar em casa, no calor das cobertas.

A Terra se prepara para uma nova primavera, e, então, o que seria o fim precede o recomeço.



19. Sandro Botticelli.  
*Primavera*, 1477.

20. Página à direita: Sandro Botticelli. *Primavera*, 1477 (detalhe).





As quatro estações: primavera, verão, outono e inverno alternam-se durante o ano, atendendo a necessidades vitais dos seres que habitam o nosso planeta.

Atividades como a agricultura e a pecuária estão diretamente relacionadas às estações do ano, que também determinam os tipos de vegetação e o clima de todas as regiões da Terra.

As antigas civilizações sempre tentaram explicar os fenômenos cíclicos da natureza, unindo imaginação e realidade, através de diferentes expressões artísticas. Era comum, na tradição oral, as forças da natureza adquirirem formas humanas.

Na **mitologia** romana, Ceres é a deusa da terra cultivada, das colheitas e das estações do ano. Desde aquela época, era realizado um festival na primavera em sua homenagem.

Na mitologia grega, Ceres é representada como Deméter.

Uma interessante lenda simboliza a influência dessa deusa no ciclo anual da colheita.

*Deméter teve uma filha, Perséfone, com Zeus.*

*Perséfone foi raptada por Hades, senhor do reino subterrâneo da Terra. Zeus ordenou que Hades devolvesse Perséfone. Mas, como ela havia comido uma romã, estava ligada a Hades, não podendo ficar totalmente livre.*

*Estabeleceu-se um acordo: Perséfone passaria uma parte do ano no mundo subterrâneo. Nesse período, a mãe Deméter, entristecida, deixava os campos áridos no verão, antes das chuvas de outono, que, novamente, tornavam o solo fértil.*

*Deméter representava a terra cultivada, de onde nascia Perséfone, a semente que brota periodicamente.*

O rapto de Perséfone, filha de Ceres, foi celebrado por poetas como Ovídio e também serviu de inspiração para diversos pintores do Renascimento, época em que foram revividos os ideais da antiga cultura greco-romana.



21. Luca Giordano.  
Rapto de Perséfone, 1684-1686.

### MITOLOGIA

Elemento característico das mais diversas culturas, o mito é uma forma de expressão do ser humano em sua perplexidade diante do mundo. Mitologia é o conjunto de mitos ou narrativas simbólicas transmitidos ao longo do tempo, dentro de um grupo social, por tradições orais ou escritas que explicam a origem de determinados fenômenos, seres, costumes sociais, etc.

22. Página à esquerda: François Girardon. *O Rapto de Proserpina*, 1677-1699.



As estações do ano são temas recorrentes em diferentes lugares e épocas, traduzidos nos modos de viver do homem e representados nas mais diversificadas formas de arte.

As antigas tribos de pastores hebreus já comemoravam a festa da primavera com o ressurgimento do pasto para os rebanhos e o nascimento das novas ovelhas.

A chegada do ano novo lunar na China é marcada pelo festival da primavera, quando o povo expressa sua alegria, enfeitando ruas, parques, lojas e casas com lanternas vermelhas, flores e fitas coloridas.

No Nordeste brasileiro, São José é o patrono da boa colheita. A crença popular associa as chuvas no dia do santo (19 de março) a um sinal de que a colheita do ano será farta.

O tema das quatro estações já surgiu no carnaval carioca, como um enredo denominado *Cântico à Natureza*, da Estação Primeira de Mangueira.

*Brilha no céu o astro rei  
com fulguração,  
abrasando a Terra,  
anunciando o verão...*

**As Quatro Estações do Ano / Nelson Sargento,  
Jamelão e Alfredo Português**

Os ciclos da natureza, no giro da Terra, mostram a continuidade, a renovação e a força da vida.

*Sempre quis que minhas obras  
tivessem a leveza e a alegria  
da primavera.*

**Matisse**

Cada um de nós elege uma estação preferida. Corpo e mente sofrem influências das forças climáticas. E, assim como a Terra, mudamos as roupagens externas e as internas que se inter-relacionam no nosso modo particular de ser e de viver.

As estações do ano interferem também no ciclo da moda. As criações seguem tendências e estilos ligados às coleções primavera-verão e outono-inverno.

A moda, intimamente associada ao conceito de mudança, está em constante metamorfose. Mudam as estações, mudam também os estilos, os tecidos, as cores, as padronagens, os acessórios, os modelos.

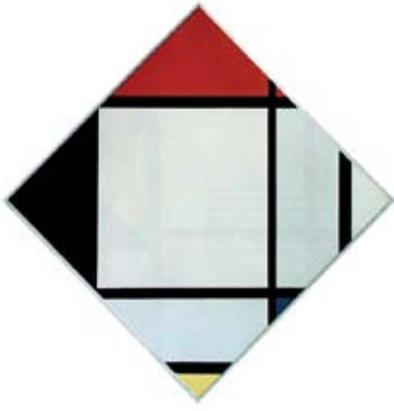
*A razão de termos uma paixão  
universal por adornos... é que  
desejamos ser, além de obras  
da natureza, obras de arte.*

**Nancy Etcoff**

Como as roupas podem ser obras de arte?



23. Yves Saint Laurent. *Vestido Mondrian*, 1965.



24. Piet Mondrian. *Composição Losangular com Vermelho, Preto, Azul e Amarelo*, 1925.

Ao longo da história do homem, essa ideia germinou e deu origem a uma série de produções estilísticas inspiradas em obras de artistas plásticos como Van Gogh, Monet, Bispo do Rosário e **Mondrian**.

O designer ou estilista cria “uma arte que se veste”, registrando nela o que imagina tornar real a sociedade e seu tempo.

*A moda é a transmissão da civilização.*

**Pierre Cardin**

Figurinos para peças de teatro, filmes, shows e cliques musicais nos situam em relação ao local, ao clima e à época onde ocorrem, compondo personagens em suas vivências.

Afinal, para que serve a arte?

Podemos dizer que a arte é uma forma de interpretação e representação do mundo. Ela vem para provocar, sacudir os hábitos, transformando ideias e conceitos.

A arte, independentemente da época em que foi feita, torna-se atemporal quando nos sensibiliza, parecendo estar viva dentro de nós.

*Tudo para mim é hoje e agora.  
Eu ouço obras do Pixinguinha e sei  
que elas foram feitas no século  
passado. Eu vivo aquilo. Ela não só  
me emociona, mas é como se fizesse  
parte do meu ser. Esse tempo é o  
tempo da minha vida.*

**Paulinho da Viola**

Através dos tempos, o processo vital da natureza é uma das fontes de inspiração que alimentam diferentes linguagens artísticas, sempre conservando a essência da criação individual.

As quatro estações serviram de tema a vários artistas. Entre os nomes que mais se destacaram, está o compositor de música italiana barroca **Antonio Vivaldi**.

#### **PIET MONDRIAN**

(Amersfoort, 1872 – Nova York, 1944)

Pintor e teórico holandês, Mondrian é talvez quem mais contribuiu para a formulação da abstração concreta na arte moderna. É mentor intelectual do Neoplasticismo, movimento de vanguarda que chega a uma nova concepção da forma através da redução das múltiplas formas e cores da natureza a planos, linhas (horizontais e verticais) e cores (primárias, preto e branco). Essa compreensão racionalista e abstrata da forma se estende para o design, a arquitetura e a moda.

#### **ANTONIO VIVALDI**

(Veneza, 1678 – Viena, 1741)

Compositor e maestro, foi autor de numerosas obras, tais como óperas e concertos, consagrando-se pela série As Quatro Estações. Foi ordenado padre, porém dedicou-se quase completamente à música. Apesar do seu prestígio, terminou a vida sem recursos e em esquecimento por dois séculos. Seus originais, vendidos a particulares após sua morte, foram redescobertos somente no século XX, quando sua obra voltou a ser reconhecida.





A obra de Vivaldi *As Quatro Estações*, com sua riqueza melódica, consegue transportar o ouvinte, convidando os sentidos a uma viagem. Vivaldi, buscando completar a experiência sensorial de seus músicos e da plateia, acrescentou ao trabalho a exibição de pinturas e sonetos, relacionando música, arte visual e poesia.

*Que a arte nos aponte uma resposta,  
mesmo que ela não saiba.*

*E que ninguém a tente complicar  
porque é preciso simplicidade  
para fazê-la florescer.*

*Porque metade de mim é a plateia  
e a outra metade, a canção.*

**Metade / Ferreira Gullar**



25. Giuseppe Arcimboldo.  
*Outono*, 1572.



26. Giuseppe Arcimboldo.  
*Verão*, 1563.

Assim como Vivaldi na música, o pintor italiano Giuseppe Arcimboldo criou uma série de obras plásticas inspiradas nas quatro estações.

Esses trabalhos distinguem-se das representações características de sua época, pois são retratos feitos tomando-se por base a combinação de objetos, frutas, verduras, flores e legumes, típicos de cada estação, com roupas e paisagens que variam de acordo com o clima.



27. Giuseppe Arcimboldo. *Inverno*, 1563.



28. Giuseppe Arcimboldo.  
*Primavera*,  
1563.

Como podemos observar, o clima fertilizou ideias, fazendo desabrochar criações geniais ao longo da história.

*Não sei que paisagista doidivanas  
Mistura os tons... acerta... desacerta...  
Sempre em busca de nova descoberta,  
Vai colorindo as horas quotidianas...*

*Jogos da luz dançando na folhagem!  
Do que eu ia escrever até me esqueço...  
Pra que pensar?  
Também sou da paisagem...*

**A Rua dos Cata-Ventos / Mario Quintana**

Durante as estações do ano, a luminosidade do sol modifica o colorido das paisagens, produzindo efeitos diferentes de cor e de luz em um mesmo dia.

Os pintores **impressionistas** observaram detalhadamente essas transformações, estabelecendo mudanças em seu modo de pintar e no colorido de suas palhetas.

As estações, que, até então, eram representadas de forma simbólica ou alegórica, passam a surgir, nas pinturas impressionistas, com uma nova visão.

O pintor francês Claude Monet, um dos precursores desse estilo, retratava um mesmo motivo diversas vezes, explorando as variações luminosas nas paisagens, nas árvores, nos rios, nas pessoas.

O encanto que sentia pela luz e sua ousadia em representá-la intensamente fizeram dele um dos mais importantes artistas desse movimento.

Um clássico da persistência de Monet em representar os efeitos da luz é a série de pinturas realizadas pelo artista mostrando as modificações nas cores da construção da Catedral de Rouen durante o passar das horas.

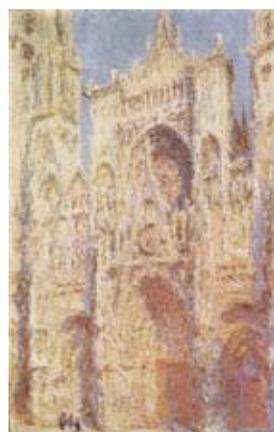
Os impressionistas, querendo captar os momentos efêmeros da vida, pintavam rapidamente, pois o sol logo mudava de posição, alterando todas as sombras, as luzes



29. A Catedral de Rouen (França).



30. Claude Monet. *A Catedral de Rouen (O Portal, Efeito da Manhã)*, 1894.



31. Claude Monet. *A Catedral de Rouen (O Portal ao Sol)*, 1894.

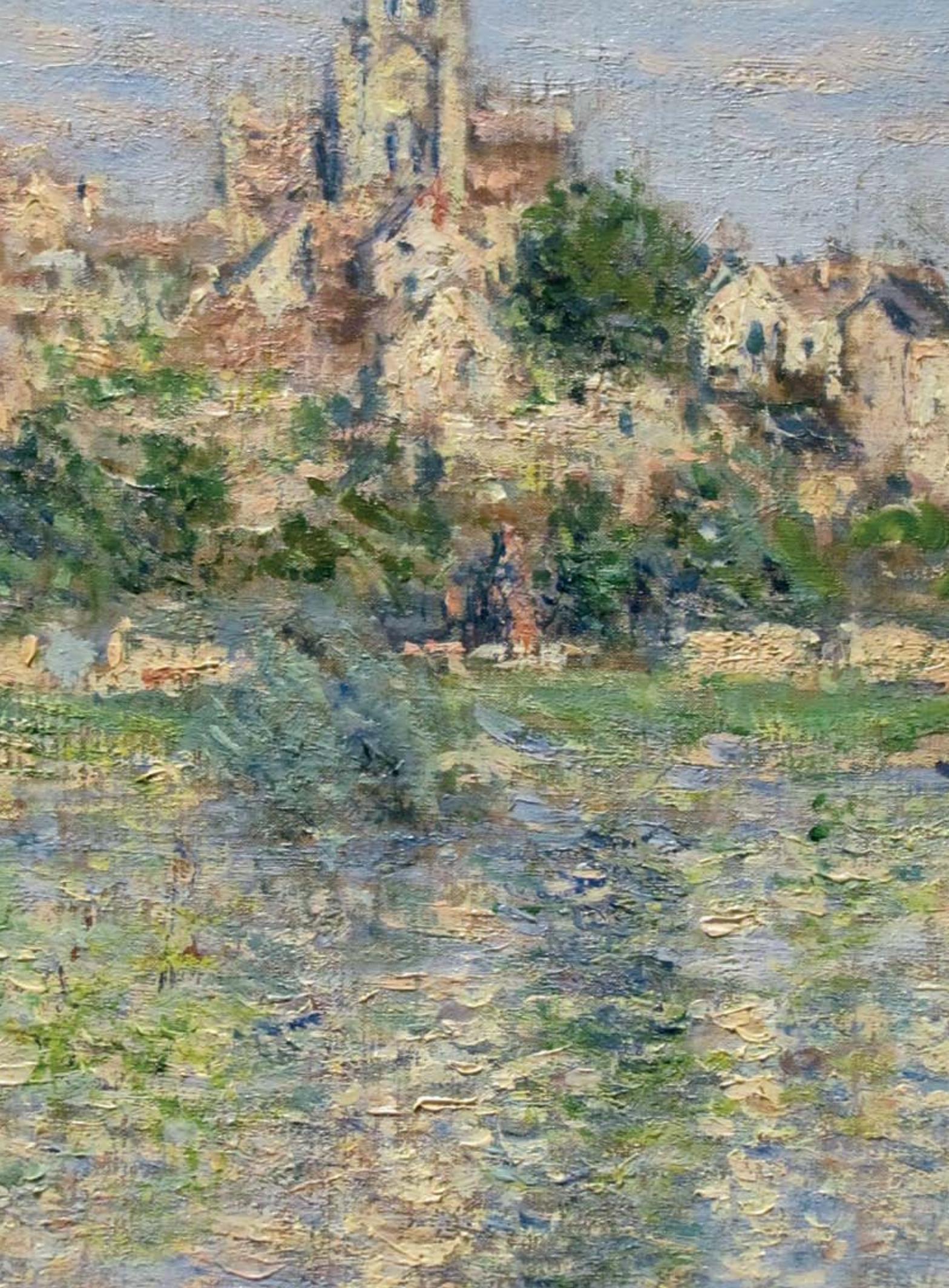


32. Claude Monet. *A Catedral de Rouen (Pôr do Sol)*, 1894.

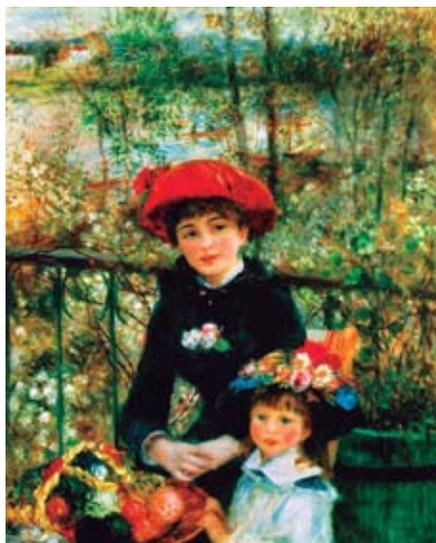
## IMPRESSIONISMO

Movimento artístico constituído na Paris da segunda metade do século XIX por grupo de pintores insatisfeitos com as regras acadêmicas de arte. Na busca de experiência direta e imediata da realidade, eles registram motivos cotidianos, muitas vezes dedicando-se à pintura ao ar livre (plein air). Notas cromáticas puras são inseridas na tela com pinceladas rápidas, leves e imprecisas, sendo percebidas pelo espectador em sua mistura óptica.





e as cores. É também a primeira vez que **Monet, Renoir, Degas** e outros artistas da época começam a sair dos ateliês para pintar ao ar livre.



33. Pierre-Auguste Renoir. *Duas Irmãs (no Terraço)*, 1881.



34. Edgar Degas. *Aula de Balé*, 1879-1880.



35. Claude Monet. *Mulher com uma Sombrinha*, 1875.

*O colorido do mundo está em nós.*

**Israel Pedrosa**

No final do século XIX, a pintura brasileira se enriquece com o colorido impressionista trazido da Europa. Essa mudança chega mais

#### **CLAUDE MONET**

(Paris, 1840 – Giverny, 1926)

Um dos mais característicos representantes do Impressionismo ao manter-se fiel às impressões resultantes da experiência direta da realidade. Sua pintura se destaca por explorar a qualidade da luz e da cor que mudava em diferentes condições atmosféricas e em várias horas do dia.

#### **PIERRE-AUGUSTE RENOIR**

(Limoges, 1841 – Cagnes, 1919)

Um dos principais expoentes do Impressionismo. Aborda variados temas através de um modelado de cores brilhantes. Pinta com pequenos toques de cores puras que, percebidas isoladas ou unidas às outras, produzem efeito que consiste na própria luz que emana do quadro.

#### **EDGAR DEGAS**

(Paris, 1834 – 1917)

Pintor que mantinha afinidades e diferenças com os impressionistas: justapunha pinceladas de tinta ou pastel, mas pouco pintava ao ar livre ou diante do motivo. Preferia temas urbanos e a luz artificial. Atento às cenas cotidianas, buscava enquadrá-las com ênfase na análise do movimento.

36. Página à esquerda: Claude Monet. *Vétheuil no Verão*, 1880 (detalhe).



clara na obra de **Eliseu Visconti**, que inova no uso da cor na pintura de paisagens, nas cenas cotidianas e em retratos. Seu aprendizado na França e suas pesquisas no contato direto com a natureza, na pintura ao ar livre, são fundamentais para compor as decorações que faz para o Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

As características das quatro estações podem ser relacionadas com as fases da vida do homem na Terra. O início da caminhada na primavera, a energia do verão na adolescência, os frutos do outono que chegam com a maturidade e a sabedoria de uma velhice cultivada no aconchego do inverno.

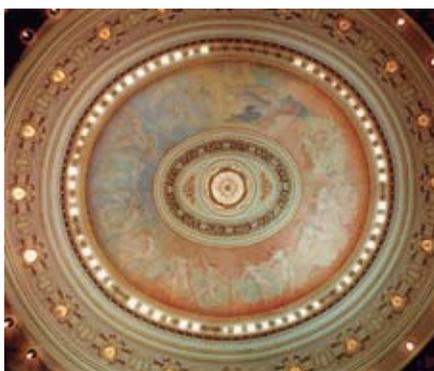
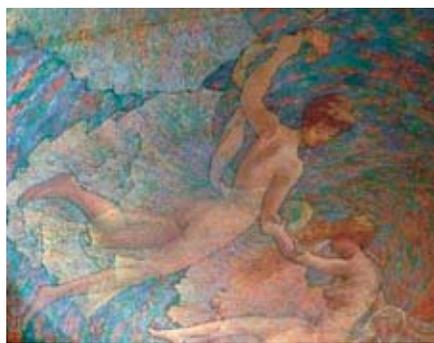
Nós somos mutantes como as estações do ano. Sazonais como a natureza, temos nossos momentos de inverno e de verão, comportamentos outonais e primaveris.

A natureza está, constantemente, nos enviando mensagens. É necessário percebê-las, senti-las e interpretá-las.

Monet, Vivaldi e Arcimboldo são exemplos de artistas sintonizados de tal forma com a natureza que deixaram germinar as sementes de um espírito arteiro, em obras instigantes e revolucionárias, modificando os caminhos da arte através dos tempos.

*O mundo se encurta, o tempo se dilui:  
o ontem vira agora; o amanhã já está  
feito. Tudo muito rápido.*

**Paulo Freire**



37. Eliseu Visconti. *Plafond (teto sobre a plateia) do Theatro Municipal do Rio de Janeiro (detalhes)*, 1908.

#### **ELISEU VISCONTI**

*(Vila de Santa Catarina, Itália, 1866 – Rio de Janeiro, 1944)*

*Pintor e desenhista italiano, Visconti inicia formação artística no Rio de Janeiro (Liceu de Artes e Ofícios e Academia Imperial de Belas Artes). Sua pintura participa do processo de modernização da arte no Brasil e se abre a tendências internacionais da passagem do século XIX para o XX – Art Nouveau, Simbolismo e Impressionismo. Atento à relação arte-indústria, ele projeta objetos em ferro, cerâmica, estamperia de tecidos, etc. Decora também o Theatro Municipal do Rio de Janeiro.*

### Conhecimentos em arte

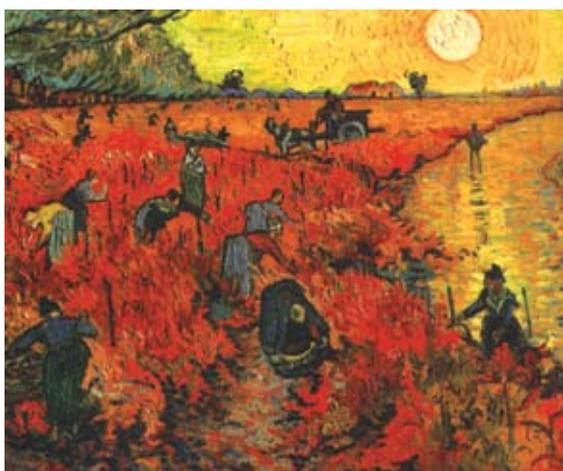
- Os efeitos da cor, luz e sombra na natureza e em diferentes horas do dia.
- A descoberta e o uso do claro-escuro na pintura renascentista.
- As variações da técnica de claro-escuro.
- O Impressionismo e principais artistas representantes.
- O designer de moda e a influência das estações climáticas nos figurinos.

## ARTiculando em sala de aula

Professor(a), com base no texto lido, sugerimos algumas atividades para propor aos alunos:

- Observar as áreas de luz e sombra dos objetos.
- Fazer desenhos com efeitos de luz e sombra.
- Selecionar e fazer releituras de obras artísticas que usaram o dia, a noite e as estações do ano como tema.
- Fotografar ou desenhar a mesma cena vista de dia e de noite.
- Utilizar a técnica de colagem em composições com papéis pretos e brancos (negativo e positivo), alternando configurações de forma e fundo.
- Analisar e comparar registros do dia e da noite e da natureza nas estações do ano, em diferentes linguagens artísticas (músicas, poesias, narrativas – como lendas –, fotografias, pinturas, teatro).

- Observar obras de pintores impressionistas e as transformações colorísticas das paisagens pintadas em diferentes horas do dia.
- Propor atividades ao ar livre, observando o efeito das cores e da luz na natureza e fazendo registros de forma criativa.
- Fazer pinturas com pequenas pinceladas de cores primárias e secundárias para obter efeitos semelhantes à técnica impressionista.



38. Vincent van Gogh. *O Vinhedo Vermelho*, 1888 (detalhe).

- Observar a obra *O Vinhedo Vermelho em Arles* (1888), de Van Gogh, e realizar experiências, com base em um mesmo desenho, representando o dia e a noite. Utilizar efeitos de diferentes usos das cores: as sensações de frio ou calor, proximidade ou afastamento provocadas por suas combinações.
- Perceber como os temas “dia e noite” e “estações do ano” são trabalhados por vários artistas e diferentes técnicas.
- Fazer desenhos de padronagens para tecidos, apresentando variações em suas cores, inspiradas nas diferentes estações.
- Criar estilos de roupas diferentes para cada estação do ano.





## Para visitar

**Instituto Moreira Salles** – Centro cultural que realiza exposições, palestras, shows, sessões de cinema e eventos.

*Endereço: Rua Marquês de São Vicente, 476, Gávea.*

*Tel.: (21) 2274-2149.*

**Observatório Nacional** – Instituição de pesquisa, ensino e prestação de serviços tecnológicos na área de astronomia.

*Endereço: Rua Gal. José Cristino, 77, São Cristóvão.*

*Tel.: (21) 3878-9100.*

**Planetário da Gávea** – Instituição que desenvolve projetos culturais de ciência e astronomia.

*Endereço: Rua Vice-Governador Rubens Berardo, 100, Gávea.*

*Tel.: (21) 2274-0046.*

**Senai/Cetiqt** – Centro de formação profissional para o setor têxtil, estudo de Moda e Design.

*Endereço: Rua Magalhães Castrim, 174, Sampaio.*

*Tel.: (21) 2582-1000.*

**Theatro Municipal do Rio de Janeiro** – Inaugurado em 1909, com arquitetura inspirada na Ópera de Paris, possui coro, orquestra sinfônica e uma companhia de balé. Sua decoração apresenta obras de arte de autoria de Rodolfo Amoedo, dos irmãos Bernardelli e de Eliseu Visconti.

*Endereço: Avenida 13 de Maio, 33, Centro.*

*Tel.: (21) 2332-9123.*

# No giro da Terra, preservar, mudar, transformar

## Aqui encontrei meu lugar

*Anda, quero te dizer nenhum segredo  
Falo desse chão, da nossa casa,  
vem que tá na hora de arrumar.*

**O Sal da Terra / Beto Guedes e Ronaldo Bastos**

O mundo que habitamos é o encontro de nossas referências, pessoais e sociais, com os estímulos externos a que somos expostos.

O ambiente que nos abriga causa sensações às quais reagimos com múltiplas combinações de ideias e respostas, que nos levam à necessidade de criar, recriar, inventar e modificar o espaço.

As formas, individuais e coletivas, de apreensão do mundo e a necessidade de interpretar e expressar pensamentos estão presentes em todas as culturas.

*O homem é um “ser de encontro”;  
constitui-se, desenvolve-se e se aperfeiçoa encontrando-se com realidades de seu meio ambiente que em princípio lhe são distintas, distantes, externas e estranhas.*

**Estética / Alfonso López Quintás**



39. Iole de Freitas.  
Dora Maar na Piscina, 1999.



Qual o lugar que ocupamos no mundo?

Cada espaço guarda em si a história e a identidade do grupo social que dele faz parte.

Meio ambiente é tudo o que nos rodeia, inclusive nós mesmos e nossas criações. Não é algo abstrato, idealizado e distante do nosso cotidiano.

A todo instante, nos deparamos com múltiplas realidades que precisam ser discutidas, pois fazem parte do ecossistema como um todo.

A utilização de nossa capacidade para sentir, perceber e conhecer o meio ambiente amplia a necessidade de explorar e representar o mundo, constituindo, assim, a cultura local.

*As coisas estão no mundo,  
eu é que preciso aprender.*

**Coisas do Mundo, Minha Nega / Paulinho da Viola**

Em lugares e tempos diferentes, aliando a intenção e o gesto criador, os artistas falaram da natureza à sua volta, de seus sonhos, seus desejos, suas esperanças, sua realidade, sua cultura.

A natureza é fonte de inspiração da canção brasileira, em vários momentos, por várias décadas.

O compositor baiano Dorival Caymmi consegue aproximar o homem e a natureza por meio de suas canções.

*Vamos chamar o vento  
Vento que dá na vela  
Vela que leva o barco  
Barco que leva a gente  
Gente que leva o peixe  
Peixe que dá dinheiro, Curimã*

**O Vento / Dorival Caymmi**

Como extensões dos fenômenos da natureza, as canções de Caymmi nos convidam a ver o mar, a sentir o vento, a ouvir as ondas quebrando, a ver o brilho do sol e o balançar dos coqueiros.

*Será que a natureza tem alma  
de artista?... Haverá uma analogia  
entre a natureza e o espírito humano?  
Serão os homens apenas a natureza  
tomando consciência de si?*

**Rubem Alves**

Podemos dizer que tanto a natureza quanto a sua representação artística não têm limite. São exemplos dessa liberdade expressiva as paisagens surrealistas de Magritte e a dramaticidade lírica do *Lago dos Cisnes* de **Tchaikovsky**.

#### **PIOTR ILITCH TCHAIKOVSKY**

(Votkinsk, 1840 – São Petersburgo, 1893)

É um dos mais populares compositores da música clássica e considerado o maior compositor romântico da Rússia. Aos 23 anos, deixou a profissão de advogado para dedicar-se inteiramente à música. Produziu diversas sinfonias, mas foi o balé que lhe deu a unanimidade de público e de crítica. Com *O Lago dos Cisnes*, *A Bela Adormecida* e *O Quebra-Nozes*, conseguiu atribuir uma grandeza ao gênero, até então visto com inferioridade.

Esses artistas preferiram visitar seus sonhos, embelezando e transformando o mundo, para nos fazer também sonhar e inventar outras realidades, criar projetos e soluções para melhorar a condição humana. Essa é uma das razões de ser da arte.



40. René Magritte. *A Condição Humana*, 1933.

*Não devemos ter medo de inventar seja o que for. Tudo o que existe em nós existe também na natureza, pois fazemos parte dela.*

**Pablo Picasso**

A arte é indispensável e um constante exercício de liberdade.

Alguns artistas buscaram, em suas formas de expressão, uma parceria efetiva com a natureza.

A pintora brasileira Cristina Oiticica fez a experiência de deixar que seus trabalhos secassem expostos à ação do tempo e descobriu que o pó, a terra, as folhas e alguns insetos haviam-se integrado à tela.

A artista começou essa técnica pintando nas florestas, nos vales e nas montanhas dos Pireneus, na França. O resultado do trabalho virou o livro *As Quatro Estações*. Entre 2004 e 2005, Cristina enterrou várias telas na Floresta Amazônica e esperou um ano para desenterrá-las.

A floresta úmida e equatorial deixou suas marcas. Geralmente, as telas ficam na terra pelo período de nove meses (o ciclo de uma gestação) ou por um ano (o ciclo das quatro estações).

Assim, a artista consegue uma participação singular do meio ambiente, que interfere nas obras, deixando a impressão digital da própria natureza.

*Quando deixo meus trabalhos nos campos, nas florestas, nos leitos dos rios, ele não somente capta o elemento físico, espacial, mas o elemento energético. Quando ele está na natureza, vai-se identificando, e ela vai reagir a esse corpo.*

**Cristina Oiticica**

### **RENÉ FRANÇOIS MAGRITTE**

(Lessines, 1898 – Bruxelas, 1967)

Pintor, desenhista, gravador e fotógrafo belga, Magritte produziu imagens espirituosas ao retratar objetos cotidianos em locais inesperados. Um dos maiores representantes do Surrealismo, o artista se distingue pela figuração realista de objetos, capaz de gerar situações ao mesmo tempo estranhas e familiares. Propôs uma espécie de lógica do absurdo, enfatizada nas “pinturas de palavras”, capazes de desfazer a conexão que espontaneamente estabelecemos entre objetos, imagens e palavras.



Os modos de buscar parcerias estéticas com o meio ambiente fazem parte dos ideais sociais de muitos artistas, para que suas obras sejam democraticamente contempladas por diferentes observadores, no dia a dia.

Em diversas épocas e em vários lugares do mundo, chafarizes, esculturas e monumentos, expostos em praças e parques, são incorporados à paisagem urbana, dando identidade cultural e memória histórica ao espaço local. São exemplos no Brasil: o chafariz de Mestre Valentim, a estátua equestre de D. Pedro I, a Escultura para o Rio de Janeiro, o Passante, o Cristo Redentor e o Monumento aos Pracinhos, todos no Rio de Janeiro. Em Brasília, a escultura O Meteoro; em Salvador, a estátua de Castro Alves; em São Paulo, o Monumento às Bandeiras.

Na Europa, podemos citar dois exemplos: a Fontana di Trevi, em Roma; e a Stravinsky Fountain, em Paris. Esta última, idealizada pelos artistas **Niki de Saint Phalle** e Jean Tinguely, é composta por 16 esculturas que representam a obra *A Sagração da Primavera*, do compositor **Stravinsky**. A harmonia entre a visualidade das esculturas e a música executada no ambiente estimula os sentidos, dando lugar ao prazer estético e ao encantamento proporcionado pelas obras.

Os artistas usam a natureza como tema, como local para expor suas obras e como fonte de materiais plásticos.



41. Niki de Saint Phalle e Jean Tinguely. *Fonte Stravinsky*, 1983 (Paris).

No Instituto Cultural Inhotim, em Brumadinho, Minas Gerais, dentro dos domínios da Mata Atlântica, obras de arte contemporânea, de artistas nacionais e estrangeiros, ficam ao ar livre, em meio aos jardins, imersas na mata, no topo da montanha, sobre um espelho d'água e também em pavilhões especiais.



42. Cildo Meireles. *Inmensa*, 1982-2002.

### **NIKI DE SAINT PHALLE**

(Neuilly-sur-Seine, 1930 – La Jolla, Califórnia, 2002)

Francesa criada em Nova York, é uma das artistas internacionais que se destacaram usando a técnica do papel machê. Criou as *Nanás* (moças, em francês), esculturas que lhe deram fama. São grandes bonecas que representam o mundo feminino. A artista fez também esculturas da Praça Igor Stravinsky, em Paris. Com uma linguagem aparentemente infantil, trata de temas como a morte, o pensamento místico, os mistérios do destino, o mundo animal, o paraíso ou o inferno e o amor.

### **IGOR STRAVINSKY**

(Oranienbaum, atual Lomonósov, 1882 – Nova York, 1971)

Compositor russo, estudou música desde os 9 anos, cursou a faculdade de Direito, mas não chegou a exercer a profissão. Em 1910, seu balé *O Pássaro de Fogo*, encenado em Paris, proporcionou-lhe o início da fama. Mas foi com *A Sagração da Primavera* (1913) que entrou para a história da música universal. Na década de 1930, foi morar na Europa e, com a Segunda Guerra, mudou-se para os Estados Unidos, onde fez uma brilhante carreira.

43. Página à esquerda: Niki de Saint Phalle e Jean Tinguely. *Fonte Stravinsky*, Paris (detalhe).

Inhotim é considerado o maior museu de arte contemporânea a céu aberto do mundo, onde a coexistência das obras em espaços abertos e fechados promove uma experiência singular de fruição da obra de arte.

Outro exemplo de integração entre obras de arte e natureza é o Parque de Esculturas Felícia Leirner, em Campos do Jordão, São Paulo. O local reúne grandes esculturas de cimento branco feitas pela artista, que se distribuem pelos campos como mensagens enigmáticas.

Jardins podem ser obras de arte?

O contato com a natureza estimula o homem a reforçar os elos existentes entre ambos, por meio da criação de novos elementos estéticos.

Assim, surgem, por exemplo, os jardins planejados, que estabelecem uma constante mediação com a paisagem existente, através de formas, cores, espécies e contrastes.

Os **Jardins Suspensos da Babilônia**, considerados uma das sete maravilhas do mundo antigo, e os jardins do **Palácio de Versalhes**, na França, são exemplos de que a jardinagem teve lugar proeminente em todas as grandes civilizações ao longo da história.

No século XX, Roberto Burle Marx foi um reformulador do paisagismo brasileiro. Tornou nossas cidades e nossas vidas muito mais belas e agradáveis.

*Um paisagista lê a vida de maneira florida e sombreada. Fazer um jardim é reler o mundo, reordenar o texto natural. E quando os jardineiros barrocos instalavam assombrosas grutas e jorros d'água entre seus canteiros estavam saudando as elipses do mistério nos extremos que são a pedra e a água, o movimento e a eternidade.*

**Afonso Romano de Sant'Anna,**  
em *O Globo*, 12/11/2000

Ao planejar um jardim, ele considerava plantas, pedras, lagos, cursos, quedas d'água e a dinâmica dos animais que ali viviam. Respeitava os diversos tipos de ambiente e os elementos presentes, criando uma estética singular, na qual se destacavam a sinuosidade dos elementos e as manchas contínuas de cor.

Burle Marx foi considerado o “poeta dos jardins”, pois seus projetos eram verdadeiras pinturas. Reunia plantas e flores com formatos, texturas e cores complementares que, entremeadas a painéis e esculturas, transformavam a paisagem em uma obra de arte.

#### **JARDINS SUSPENSOS DA BABILÔNIA**

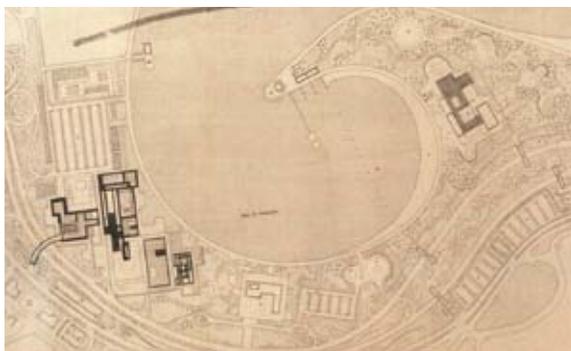
*Foram construídos no século VI a.C. por determinação de Nabucodonossor II, rei da Babilônia, inspirado, segundo historiadores do passado, por Semiramis, sua esposa preferida. Ela, deprimida, sentiria saudades de sua terra natal, de arredores montanhosos que contrastavam com o relevo plano e monótono da Babilônia. Os jardins eram uma construção monumental com seis grandes plataformas sustentadas por colunas que mediam, aproximadamente, de 25 a 100 metros. Não restou nenhum vestígio de sua existência.*

#### **PALÁCIO DE VERSALHES**

*Foi a principal residência da corte francesa e sede de governo durante mais de cem anos. Nele, ocorreram fatos importantes da Revolução Francesa. Em 1837, Luís Filipe transformou o palácio em museu. Depois, voltou a ser sede do Parlamento e, em 1875, foi o local escolhido para a proclamação da Terceira República. Lá, foram assinados importantes tratados, como o que pôs fim à Primeira Guerra Mundial. O palácio foi restaurado e modernizado durante a presidência de Charles de Gaulle e, juntamente com o parque, classificado Patrimônio Mundial pela Unesco em 1979.*

Entendia a relação humana com a natureza, criando a possibilidade de, até hoje, penetrarmos em suas obras, quando passamos pelo Aterro do Flamengo ou pela Avenida Atlântica, no Rio de Janeiro; pelo Parque Ibirapuera, em São Paulo; ou pela Pampulha, em Belo Horizonte; além de dezenas de parques e jardins públicos que projetou mundo afora.

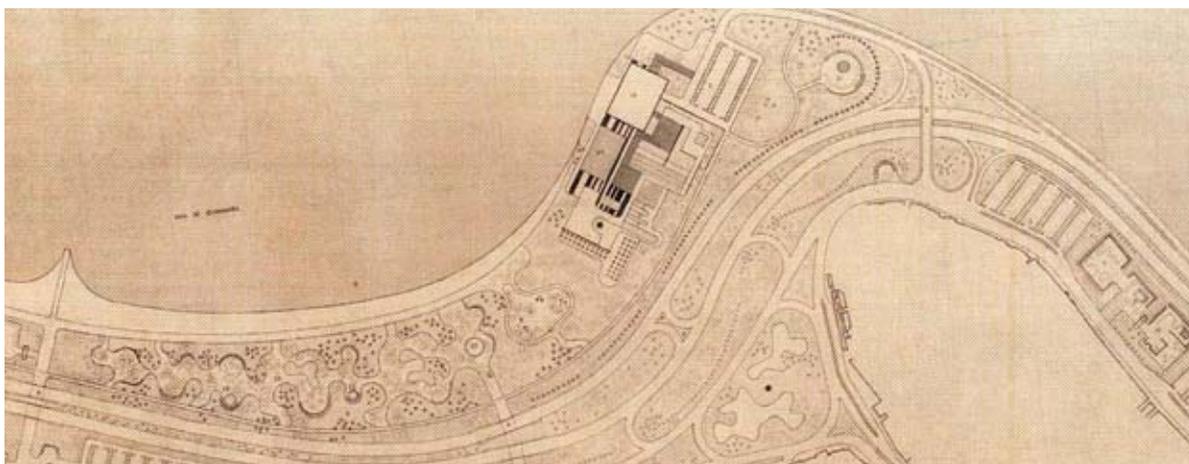
Artista múltiplo, **Burle Marx**, além de seus projetos paisagísticos, criou pinturas, desenhos, gravuras, tapeçarias, esculturas, cerâmicas, cenografias, joias, sempre preocupado com a estética e os conceitos fundamentais da arte.



44. Burle Marx. Projeto paisagístico do Aterro do Flamengo, 1961.



45. Burle Marx. Vista aérea do calçadão em mosaico português, 1970.



46. Burle Marx. Projeto paisagístico do Aterro do Flamengo, 1961.

### **ROBERTO BURLE MARX**

(São Paulo, 1909 – Rio de Janeiro, 1994)

Paisagista, arquiteto, botânico, desenhista, pintor, realizou importante obra paisagística, cujas formas orgânicas e sinuosas se integram à arquitetura moderna de Lucio Costa, Affonso Reidy, Oscar Niemeyer, entre outros. O estudo da paisagem natural brasileira é elemento fundamental de seus projetos, que incorporam espécies vegetais descobertas em excursões pelo cerrado, pela Amazônia e pelo sertão nordestino.

*Roberto Burle Marx foi um humanista que, embora em consonância com a contemporaneidade, tinha raízes que bebiam nas fontes da Renascença. Sua atenção esteve sempre voltada para a capacidade de criar ou transformar o meio social.*

Lucio Costa

Para descobrir novas espécies de plantas, Burle Marx realizou expedições por diversas regiões do Brasil, como já haviam feito os artistas viajantes que, desde o século XVII, vieram da Europa para as terras brasileiras.

Com a missão de documentar as novas regiões descobertas, holandeses e franceses registraram as paisagens tropicais, muitas vezes acentuando o caráter exótico e a cor local.



47. Albert Eckhout. *Abacaxi, Melancias e Outras Frutas*, sem data (detalhe).

Durante o domínio holandês em Pernambuco, Maurício de Nassau trouxe “artistas repórteres” que documentaram a região. Frans Post registrou, em suas telas, edificações e fortificações, e **Albert Eckhout** pintou os habitantes locais e as frutas tropicais em naturezas-mortas.

Artistas viajantes, como Rugendas e **Debret**, vieram também em expedições que percorreram nosso país, desenhando e pintando tudo o que encontraram de interessante.



48. Jean-Baptiste Debret. *Uma Tarde na Praça do Palácio*, 1826.

Esses registros foram de grande importância para o conhecimento da flora e da fauna brasileiras. Os detalhados estudos desses artistas sobre o Brasil foram publicados, no século XIX, na França.

A obra de Debret foi especialmente importante pela documentação histórica do cotidiano da vida carioca naquela época. Sensível observador, ele desenhou e pintou mais de 400 aquarelas, que, hoje, fazem parte do acervo do Museu da Chácara do Céu, no Rio de Janeiro.

#### **ALBERT VAN DER ECKHOUT**

(Groningen, c. 1610–c. 1666)

*Pintor e desenhista holandês, retrata fauna, flora e tipos humanos brasileiros durante o governo holandês em Pernambuco (1637-1644). Torna-se conhecido principalmente por nove retratos de indígenas, africanos e mestiços que então habitavam o Brasil e 12 naturezas-mortas com frutas e vegetais tropicais – um valioso grupo de imagens do Novo Mundo na época.*

#### **JEAN-BAPTISTE DEBRET**

(Paris, 1768-1848)

*Pintor e desenhista francês, Debret chegou ao Brasil em 1816 com a Missão Artística Francesa, cujo objetivo foi promover o ensino artístico no país. Como pintor da corte, ele documentou os primeiros eventos da história do novo Estado. Também registrou em aquarelas fauna e flora brasileiras e o cotidiano de indígenas, homens livres, escravos e negros de ganho da sociedade colonial. Algumas delas foram litografadas e publicadas no livro Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil (1834-1839).*

49. Página à direita: Jean-Baptiste Debret. *Uma Tarde na Praça do Palácio*, 1826 (detalhe).



J. B. de Brest 1826



*Herpodes alba*  
1877

*Antennaria dioica* L.

*diagonal*

A ilustradora botânica **Margaret Mee** foi uma artista viajante do século XX. De origem inglesa, mudou-se para o Brasil em 1952 e explorou durante 30 anos as florestas tropicais brasileiras, principalmente a Floresta Amazônica, registrando a flora que encontrava nos ambientes visitados.

Pintou orquídeas, bromélias, cactos e outras famílias botânicas com riqueza de detalhes, utilizando tinta guache com a técnica de aquarela.

Também atuou como ativista ambiental, sempre pronta a denunciar a destruição da Floresta Amazônica, já naquela época.

Os trabalhos de Margaret Mee ilustraram livros no Brasil e no exterior, deixando um precioso acervo para os estudiosos de botânica, que ainda utilizam a observação e a sensibilidade humana para retratar uma nova espécie, apesar dos recursos tecnológicos existentes.



50. Margaret Mee. *Flor da Lua (Selenicereus wittii)*, década de 1980.

Para representarmos a natureza, precisamos copiá-la?

No final do século XIX, o artista francês **Henri Rousseau**, de forma diferente dos pintores viajantes, não pintava fielmente a natureza. Mergulhava em sonhos simbólicos para criar suas florestas imaginárias.

Apesar de ter estudado plantas e animais no Jardim Zoológico de Paris, interpretou a realidade com paisagens fantásticas, ingênuas, cheias de bichos estranhos e flores imensas.

*Eu sei que a minha morte não será o fim do meu trabalho. Aonde quer que eu vá, eu tentarei influenciar quem estiver destruindo nosso planeta, de modo que a Terra tenha uma chance de sobreviver.*

**Margaret Mee**

#### **MARGARET MEE**

(Chesham, 1909 – Seagrave, 1988)

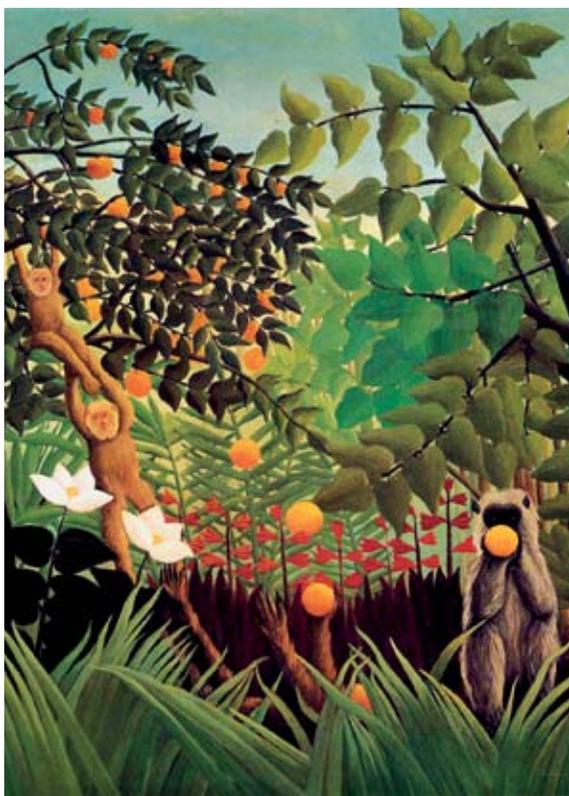
Artista botânica inglesa, Mee contribuiu de modo significativo para os campos da ciência e da conservação ambiental. Especializou-se no registro de plantas nativas da Floresta Amazônica, algumas das quais não haviam sido até então identificadas. Preocupada com a proteção da região e de toda a sua flora, começou a incluir em suas ilustrações o habitat natural das espécies que desenhava, enfatizando a interdependência entre planta e ambiente.

#### **HENRI-JULIEN-ROUSSEAU**

(Laval, 1844 – Paris, 1910)

Pintor francês autodidata, Rousseau produziu uma obra fora de padrões acadêmicos que foi valorizada pelos artistas modernos da Paris do início do século XX. Trabalhou vários temas, sendo mais conhecido por cenas imaginárias de selva inspiradas em cartões-postais, fotografias, jornais populares e visitas a zoológicos e jardins botânicos. São telas grandes, nas quais as figuras, fora de qualquer hierarquia, são dispostas no mesmo plano, estabelecendo estrutura formal característica de toda a arte moderna.

51. Página à esquerda: Flor amazônica pintada por Margaret Mee, 1977.



52. Henri Rousseau. *Paisagem Exótica*, 1910 (detalhe).

Seus quadros de acabamento meticuloso têm ar de mistério, com paisagens que parecem de outro mundo.

Com características semelhantes, a pintora brasileira **Marília Kranz** cria uma obra contemporânea, na qual as paisagens parecem intocadas pelo homem. Silenciosas, tranquilas, delicadas e com luminosidade intensa, as formas simples da natureza surgem coloridas em tons pastéis.



53. Marília Kranz. *Sem título*, 1988.

O mundo que Marília constrói retrata um meio ambiente que nos conforta.

A essência da natureza é ser uma obra de arte liberta, fonte de criação da humanidade.

O Museu de Arte Contemporânea de Niterói é um exemplo de que a liberdade plástica não tem limite, mesmo quando se utiliza um material rígido e pesado como o concreto armado.

Em seu projeto arquitetônico, **Oscar Niemeyer** conseguiu, segundo ele mesmo diz, fazer surgir uma flor, apoiada em um forte caule, emergindo de um espelho d'água.

A flor vem da natureza e a ela se integra, compoando a paisagem da Baía de Guanabara.

#### **MARÍLIA KRANZ**

(Rio de Janeiro, 1937)

Pintora, desenhista, gravadora e escultora brasileira, Kranz alcança em suas telas efeitos de translucidez ao fazer uso de tinta vinílica sobre lisos suportes de eucatex. O procedimento confere leveza cromática a formas geometrizadas que, inspiradas pela natureza, apresentam sensualidade e certo ar de sonho.

#### **OSCAR NIEMEYER**

(Rio de Janeiro, 1907)

Arquiteto brasileiro, Niemeyer é referência internacional no campo da arquitetura moderna. A partir das construções coloniais brasileiras e do funcionalismo do arquiteto Le Corbusier, ele desenvolve vocabulário próprio, baseado em curvas desenhadas que fluem no espaço. Tira proveito das possibilidades plásticas do concreto armado no projeto de edifícios situados em todo o mundo. No Brasil, destacam-se edifícios de Brasília, como os Palácios da Alvorada, do Planalto e do Itamaraty.

54. Página à direita: Henri Rousseau. *Numa Floresta Tropical, Combate entre Tigre e Búfalo*, 1908/1909 (detalhe).





55. Museu de Arte Contemporânea (MAC), Niterói.

A sinuosidade e as ondulações ambientais das paisagens brasileiras estão presentes nos jardins de Burle Marx, nas pinturas de Marília Kranz e na arquitetura de Niemeyer.

*Nos ensina a sonhar mesmo se lidamos com a matéria dura: o ferro o cimento a fome de humana arquitetura. (...) Oscar nos ensina que a beleza é leve.*

**Lição de Arquitetura – para Oscar Niemeyer / Ferreira Gullar**

Cada um de nós, ao sentir-se parte da natureza e dela absorvendo todos os ensinamentos, a beleza e a perfeição que transmite, certamente conseguirá instigar o arteiro criativo, dando-lhe voz para encontrar nosso próprio caminho de expressão.

*Eu sou a terra, eu sou a vida.  
Do meu barro primeiro veio o homem.  
De mim veio a mulher e veio o amor.  
Veio a árvore, veio a fonte.  
Vem o fruto e vem a flor.*

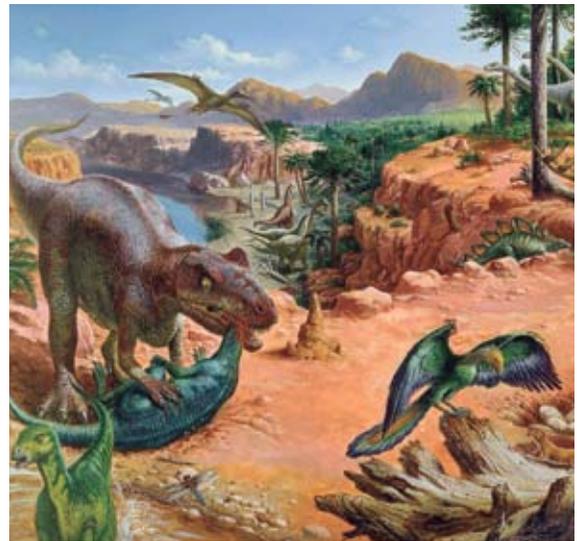
**O Cântico da Terra / Cora Coralina**

## Meio ambiente em alerta

*Tudo o que acontece à Terra,  
acontece com os filhos e filhas da Terra.  
O homem não tece a teia da vida;  
ele é apenas o fio.  
Tudo o que faz à teia,  
ele faz a si mesmo.*

**A Teia da Vida / Ted Perry,  
inspirado no chefe Seattle in CAPRA, F.**

E se o nosso planeta ainda fosse habitado por dinossauros?



56. Ilustração da Terra habitada por dinossauros.

Há milhões de anos atrás, o planeta Terra era assim.

Com a extinção dos dinossauros e a evolução dos mamíferos e dos hominídeos, surgiu o *Homo sapiens*, e hoje ocupamos todo o planeta. Chegamos a sete bilhões de habitantes, cobrindo a Terra com cidades, derrubando florestas, desviando rios, extinguindo animais e plantas, mudando o clima.

*Na minha rua estão cortando  
as árvores  
botando trilhos  
construindo casas.*

*Minha rua acordou mudada.  
Os vizinhos não se conformam.  
Eles não sabem que a vida  
tem dessas exigências brutas. (...)*

**A Rua Diferente / Carlos Drummond de Andrade**

Se continuarmos a destruir nossa morada Terra, perderemos nosso lugar aqui. Os recursos naturais, indispensáveis à vida, chegarão ao fim, e, conseqüentemente, o ser humano também.

Talvez a Terra se transforme em um planeta habitado por robôs, como antecipam os filmes de ficção científica.

Assim, os robôs representarão uma futura etapa da evolução – o *Robô sapiens*.

*Os robôs, mecânicos ou biônicos, não precisam de ar puro, poderão viver sem água e sem alimento e aprenderão a tirar do sol a energia necessária. Não precisarão da beleza dos crepúsculos das estepes, nem do ímpeto do vento salgado às margens do mar, nem da música de Mozart, nem da pintura de Michelangelo.*

**Meu Manifesto pela Terra / Mikhail Gorbachev**

A Terra é viva e abriga todos os seres em uma interdependência única.

Nossa responsabilidade é universal, pois fazemos parte, ao mesmo tempo, de um meio ambiente local, de uma nação e do mundo. Conscientes de que somos uma única humanidade, vivendo em um mesmo espaço, muitos de nós já mudamos nossas atitudes em relação ao meio ambiente. Devemos todos buscar o bem-estar comum, seja por meio da participação em grandes movimentos de luta pela preservação do planeta ou em pequenas ações que são fundamentais, pois repercutem no espaço local e no coletivo.

Qual o papel da arte como agente de transformação?

A arte sempre teve um papel de vanguarda na reflexão e na discussão de questões ligadas à vida do homem na Terra.

Alguns artistas denunciam a devastação do meio ambiente através de suas obras.

**Frans Krajcberg** faz essa trajetória com seu trabalho, um manifesto contra a destruição da natureza. Constrói montagens tridimensionais, transformando, artisticamente, sucatas coletadas em áreas devastadas por queimadas feitas pelo homem.

Krajcberg tira terras do chão, quebra e tritura pedras para fazer seus pigmentos e pintar as esculturas. Dessa forma, com sua obra, o artista chama a atenção do mundo para a devastação do solo brasileiro e também para a beleza deste solo, através dos infinitos tons de ocre, cinza, marrom, verde, vermelho.

## FRANS KRAJCBERG

(Kozienice, 1921)

Escultor, pintor, gravador e fotógrafo polonês, Krajcberg encontra na natureza principal tema e matéria-prima de sua arte. Radicou-se no Brasil em 1948, onde desenvolveu trajetória artística marcada por pesquisa e utilização de elementos naturais. Recolhe galhos, raízes e troncos de árvores calcinadas que são usados em esculturas e fotografa desmatamentos e queimadas, denunciando, assim, a destruição de nosso meio ambiente.





57. Frans Krajcberg. Vista de exposição na Oca – Parque Ibirapuera, São Paulo, 2008.

*Eu apanhava madeiras mortas nos campos queimados e fiz minhas esculturas dando a elas cores das terras. Queria dar-lhes uma outra vida.*

**Frans Krajcberg**

Na Alemanha, em 1982, o artista **Joseph Beuys**, veterano da Segunda Guerra Mundial, engajado politicamente com as questões socioambientais, elaborou um projeto visando

ao plantio de 7 mil mudas de carvalho, marcadas por colunas de basalto, em frente à sede da *Documenta*, exposição de arte contemporânea que se realiza, na cidade de Kassel, a cada cinco anos.

Seu projeto pretendia mostrar a importância do ser humano na transformação do meio ambiente, mesmo diante da devastação provocada por uma guerra.

A regeneração da Terra ainda é possível?

Proteger e restabelecer a integridade e a saúde dos ecossistemas deve ser meta de todos nós, transformados em verdadeiros guardiões do meio ambiente.



58. Joseph Beuys. 7000 Carvalhos, 1982.

### JOSEPH BEUYS

(Krefeld, 1921 – Düsseldorf, 1986)

O alemão Beuys foi um dos artistas mais influentes da segunda metade do século XX. Fora das tradicionais categorias de pintura e de escultura, produziu desenhos, objetos, ações e instalações que participavam de um “conceito expandido de arte”, visando à total integração da vida cotidiana com atos criativos. Afirmava que “toda pessoa é um artista”, o que significa que cada homem possui um potencial produtivo, capacidade de plasmar o mundo em que vive.

59. Página à esquerda: Escultura de Frans Krajcberg.



Práticas simples, mas importantes, fazem a diferença, por exemplo, no volume de lixo descartado. Aprender a reduzir, reutilizar e reciclar deve tornar-se um hábito em nossas vidas.

A sociedade contemporânea, que produz uma incalculável quantidade de lixo, não pode mais prescindir do importante trabalho dos catadores de material reciclável.

As associações responsáveis pela coleta seletiva dão destino e funcionalidade ao material desprezado.

A transformação da sucata em diferentes tipos de objetos tem início nas próprias associações, que incentivam a criatividade das pessoas interessadas, gerando, muitas vezes, fontes de renda.

Muitos artistas fazem obras instigantes e criativas que nascem do lixo.

**Vik Muniz** é um artista plástico brasileiro que faz experimentos com novas mídias e materiais. Recentemente, ele vem realizando grandes obras, esculpidas sobre a terra, utilizando lixo. Após dar forma às pilhas de material coletado nos lixões, ele fotografa e filma os resultados.

O premiado documentário *Lixo Extraordinário* mostra o trabalho de Vik Muniz com os catadores de lixo de Duque de Caxias.

Recentemente, o artista reuniu 2.200 instrumentos musicais já usados e doados ao projeto Por um Mundo Melhor, organizado pela produção do festival Rock in Rio/2011. Com esse material, Vik construiu, em um galpão em Parada de Lucas, o símbolo do festival.

#### **VIK MUNIZ**

(São Paulo, 1961)

Fotógrafo, desenhista, pintor e gravador brasileiro, Muniz questiona a função e as tradições da representação visual ao usar materiais inusitados para criar os temas de suas fotografias. Entre suas séries de imagens, estão aquelas compostas com chocolate, açúcar, poeira ou recortes de revistas, que são dispostos sobre uma superfície e depois fotografados. Tais imagens exploram modos de ilusão do espectador, que questiona a fotografia como reprodução fiel da realidade.



60. Vik Muniz. *Marat (Sebastião)*, 2008.

Kurt Schwitters, na Alemanha arrasada pela Primeira Guerra Mundial, também construiu uma obra com base em elementos descartados pela sociedade.

*Eu não vejo por que bilhetes usados de trem, pedaços de compensado, botões e restos do sótão, pilhas de lixo não serviriam bem como materiais para pinturas; elas servem a esse propósito assim como tintas industrializadas... É possível gritar usando fragmentos de lixo, e foi isso que eu fiz, colando e pregando essas coisas.*

**Kurt Schwitters**

Outros artistas pelo mundo transformam a realidade cotidiana com grandes instalações de lixo.

61. Página à esquerda: Vik Muniz. *Marat (Sebastião)*, 2008 (detalhe).



62. Tim Noble e Sue Webster.  
*A Fenda*, 2004.

Os artistas britânicos **Tim Noble e Sue Webster** recolhem todo tipo de sucata para criar suas “esculturas de sombra”, utilizando o recurso teatral da luz, que, direcionada ao amontoado de lixo, nos faz perceber o sentido figurativo da obra na sombra projetada.

O artista, como agente transformador, em sintonia com seu tempo, percebe a necessidade de incorporar elementos da realidade a sua volta, inclusive a sucata.

*Porque a sucata,  
na verdade  
seja o que for  
que tenha sido  
é um mero estado transitório  
do material em disponibilidade.  
Não tem nada de trágico.  
A sucata é o material em férias... (...)  
Porque a sucata quanto mais sucata  
Mais pode vir a ser UMA OUTRA COISA!*

**História do Futuro / Mario Quintana**

**Francis Alÿs** realiza, desde a década de 1980, uma obra de “passeios”, registrados por fotos, vídeos e objetos coletados.



63. Francis Alÿs. *Sapatos Magnéticos*, 1994.

Na obra *Sapatos Magnéticos*, o artista concebeu um par de sapatos magnéticos incomuns. Com eles, percorre as ruas e colhe com seus pés uma série de objetos metálicos que passam despercebidos aos habitantes. Andando pela cidade, ele coleta, seleciona, combina, imanta o “lixo” do ambiente, fazendo-nos ver os vestígios econômicos e culturais da civilização contemporânea.

A observação atenta do espaço cotidiano pode ser fonte de inovação, de transformação dele.

O reaproveitamento artístico de materiais sempre fez parte da cultura de muitos povos. O trabalho com sobras de tecidos (*patchwork*) é tradicional em pequenas cidades dos Estados Unidos, da Europa e do Brasil. Consiste na reunião de retalhos, das mais diferentes cores e estampas, que resulta em colchas, almofadas, roupas e enfeites decorativos.

#### **TIM NOBLE E SUE WEBSTER**

(Stroud, 1966 – Leicester, 1967)

Dupla de artistas britânicos que entra na cena artística londrina em meados dos anos 1990. Entre seus trabalhos mais conhecidos, estão as séries de sombras em que coisas banais, inclusive lixo e animais empalhados, são agrupadas e então iluminadas a partir de certo ângulo, de modo a projetar sombras que exibem grande semelhança com algo identificável. Essas peças transformam detritos da sociedade em algo interessante, desafiando noções convencionais de beleza.

#### **FRANCIS ALÿS**

(Antuérpia, 1959)

Artista visual belga, Alÿs explora questões urbanas, de áreas de conflito ou os benefícios e prejuízos do progresso por meio de vídeos, performances, objetos, mapas, desenhos, pintura e fotografia. Fundamentais em sua arte são as caminhadas, como a que ele fez em Havana (1994): ele percorreu a cidade com sapatos magnetizados que coletavam pequenos objetos, restos, os indícios do ambiente econômico, social e cultural da cidade.

64. Página à direita: Tim Noble e Sue Webster. *Vida Selvagem Britânica*, 2000.





Lembrando uma colcha de retalhos, a obra do artista Romero Britto possui tratamento gráfico semelhante, aplicado à pintura. Ele combina padrões geométricos, cores vibrantes e figuras em composições harmônicas, alegres e decorativas. O contorno preto com que envolve as formas confere também ao trabalho características semelhantes às de um vitral, técnica que une pedaços de vidro colorido.

Qual a ligação que podemos estabelecer entre a técnica de unir retalhos com outras expressões de arte?

Coletar, selecionar e compor com pedaços dos mais diferentes materiais é um desafio à criação do artista, apresentando numerosas possibilidades de soluções com liberdade de expressão. Geralmente, os materiais disponíveis na comunidade servem como elementos detonadores do processo criativo.

A obra do espanhol **Antoni Gaudí** sintetiza a força da natureza, vinculando a Terra ao homem. A originalidade do seu estilo aparece não só na arquitetura, mas também no revestimento que faz, nas diversas construções, utilizando mosaicos de retalhos de azulejos, cerâmicas, vidros, formando composições com desenhos inusitados.

Gaudí imaginou e criou uma fantástica cidade jardim, o Parque Güell, na cidade de Barcelona. Respeitando a natureza local, adaptou a arquitetura à geografia do terreno e utilizou, na construção, materiais existentes no próprio meio.



65. Antoni Gaudí. *Salamandra* (Parque Güell), 1900-1914.

Para o revestimento em mosaicos, procurou fábricas de cerâmicas onde coletou desperdícios, refugos, cacos e estilhaços, que aplicou nas construções do parque.

Muito longe de Barcelona, a Casa da Flor é uma obra-prima da arquitetura espontânea no nosso país. Foi construída por Gabriel Joaquim dos Santos, simples trabalhador das salinas de São Pedro da Aldeia, no Rio de Janeiro, filho de uma índia e um ex-escravo africano.

Durante toda a sua vida, ele criou a casa dos seus sonhos, utilizando material de sucata. A pequena casinha de pau a pique foi toda revestida de cacos de cerâmica, de louça, de vidro, de ladrilhos e restos de objetos velhos, como bibelôs, lâmpadas, tampas, além daqueles encontrados na natureza.

Com sua única e poética obra, Gabriel se incluiu no seleto grupo dos “construtores do imaginário”, artistas/arquitetos que, como Gaudí, fugiram dos padrões tradicionais, criando uma arquitetura surreal e orgânica.

#### **ANTONI GAUDÍ**

(Reus, 1852-1926)

Arquiteto e designer espanhol, Gaudí desenvolveu obra de formas orgânicas que, inspiradas na natureza, estruturam suas construções. Influenciado pelo movimento Arts and Crafts, da segunda metade do século XIX, que defendia a unidade das artes, ele integrava cerâmica, vitral, ferro fundido, carpintaria e mosaicos à sua arquitetura. Entre suas obras, concentradas em Barcelona, encontram-se a Catedral da Sagrada Família, o Parque Güell, a Casa Batlló e a Casa Milà.

66. Página à esquerda: Antoni Gaudí. *Casa Batlló*, 1905-1907.

*E ali quase por um século, viveu um preto solitário, transformando a pedra em flor. Inutilmente. Ludicamente. Lindamente, com aquela pureza que só os iluminados têm... Com suas flores de pedra Seu Gabriel inventava a primavera. A primavera possível.*

**Affonso Romano de Sant'Anna**

Outra obra que merece destaque, usando o mosaico feito com sucatas, é a escadaria do Convento de Santa Teresa, tombada pela Prefeitura do Rio de Janeiro, que une o bairro da Lapa a Santa Teresa.



67. Jorge Selarón. Escadaria Selarón (Rio de Janeiro).

Seu idealizador é o artista **Jorge Selarón**, que revestiu os 215 degraus da escadaria com quase 2 mil peças de cerâmicas, pastilhas e azulejos, inteiros ou em cacos, coletados no Brasil e no mundo.

Selarón, morador do local, sentiu a necessidade de embelezar o ambiente, não só revestindo a escadaria como também fazendo jardins suspensos, utilizando banheiras antigas cobertas com azulejos.

A “escada de Selarón” confere um toque mágico ao lugar.

Objetos podem ser retalhos de lembranças.

Para eternizá-las, o artista carioca **Barrão** participou, em 1999, da exposição *A Imagem do Som de Chico Buarque*, no Paço Imperial, no Rio de Janeiro.

Tomando-se por base a canção *Maninha*, de Chico, Barrão criou uma escultura com pedaços quebrados de antigos bibelôs de louça.



Olhar a obra de Barrão ouvindo a canção de Chico é como juntar recortes de fragmentos do passado.

68. Jorge Barrão. Assemblage inspirada na canção *Maninha*, exposta em *A Imagem do Som de Chico Buarque*, 1999.

### **JORGE SELARÓN**

*(Chile, 1947 – Atualmente reside no Brasil)*

Pintor e ceramista, Selarón criou um dos pontos mais visitados do Rio de Janeiro: a Escadaria do Convento de Santa Teresa, entre os bairros da Lapa e de Santa Teresa. Por essa obra, que sempre muda sua composição, ele recebeu da Prefeitura título de Cidadão Honorário do Rio de Janeiro.

### **JORGE VELLOSO BORGES LEÃO TEIXEIRA, O BARRÃO**

*(Rio de Janeiro, 1959)*

Artista multimídia que produz objetos, vídeo, música, capas de disco, cenografia e vinhetas de TV. Barrão retira objetos cotidianos de seus contextos originais e lhes dá novos sentidos. Constrói peças irreverentes e inúteis que criticam a sociedade de consumo com um humor tipicamente carioca.

*Se lembra da fogueira  
Se lembra dos balões  
Se lembra dos luares dos sertões  
A roupa no varal, feriado nacional  
E as estrelas salpicadas nas canções...*

**Maninha / Chico Buarque**

O aproveitamento de sucatas não só colabora com o meio ambiente, mas é um desafio para o ser criador, que consegue unir partes em um todo, em diferentes expressões artísticas.

Na era planetária, é necessário situar o humano no universo.

O sentimento de pertencer à mesma espécie nos ajuda a reconhecer a identidade terrena e a esperança de uma cidadania que busque a solidariedade entre os homens e a conscientização ecológica.

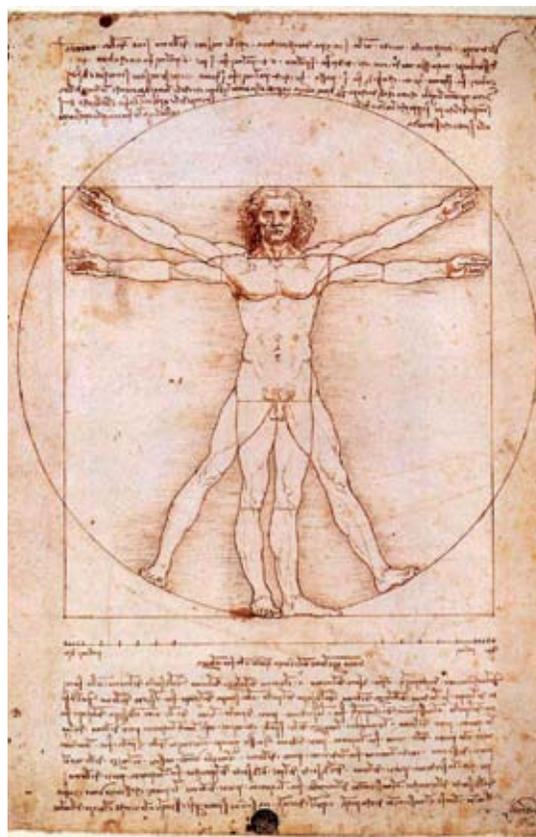
*O cidadão planetário tem o olhar sobre o planeta, tem carinho pelo mundo como o berço de todo mundo. Pensa em séculos, não vive em função do dia de hoje.*

**Herbert de Souza, o Betinho**

Para despertar todos os que habitam este planeta, alguns artistas acharam necessária a criação de obras quase tão imensas quanto o universo e os problemas que ele enfrenta.

O artista norte-americano John Quigley projeta obras de arte que chamam a atenção para assuntos humanitários. Depois de prontos, seus trabalhos são registrados em fotos e filmes aéreos.

Recentemente, John recriou o desenho **O Homem Vitruviano**, no Ártico, em tamanho colossal. Propositalmente, ele fez apenas uma parte da obra, deixando-a incompleta.



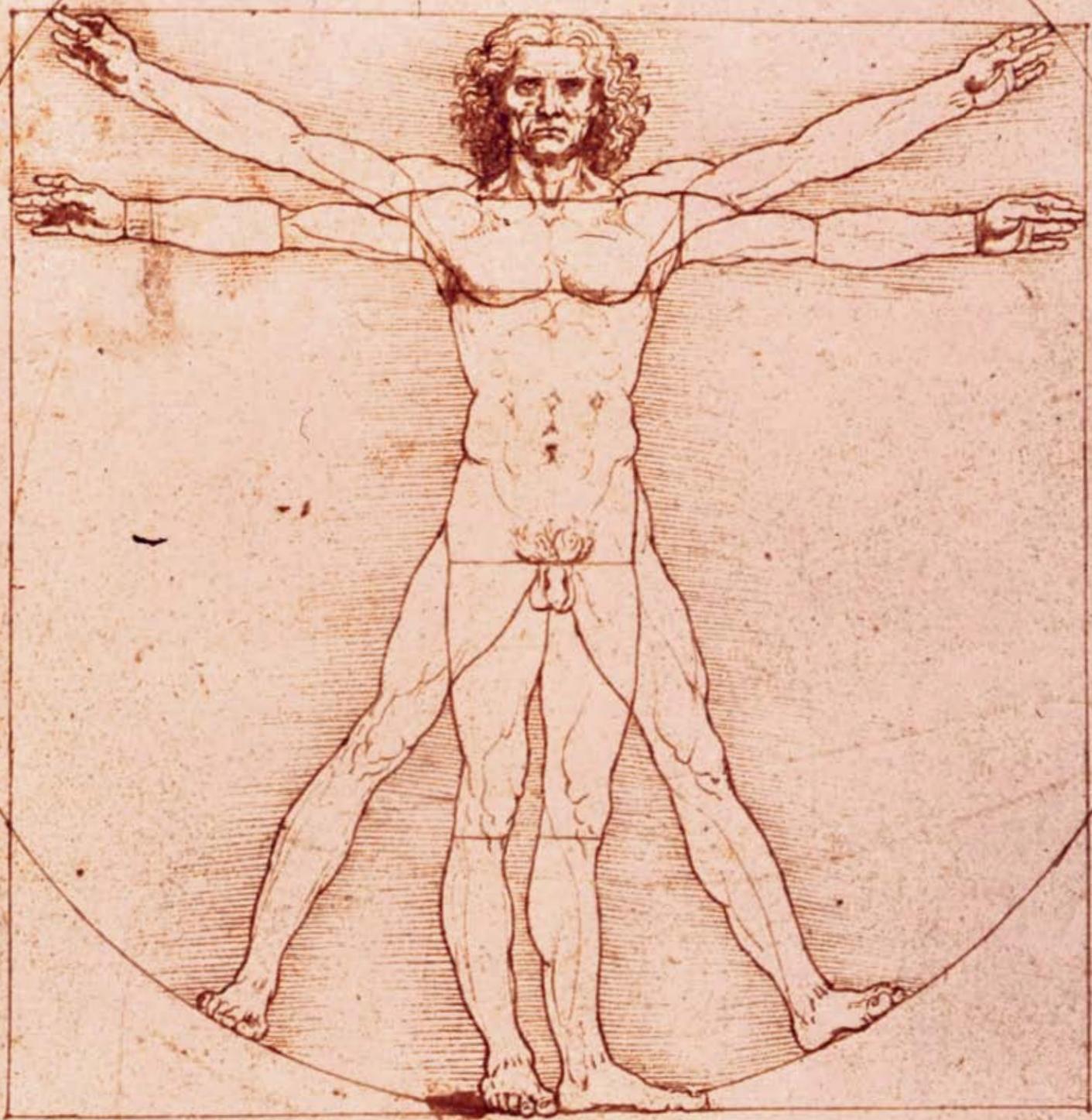
69. Leonardo da Vinci. *Homem Vitruviano*, 1492.

#### **HOMEM VITRUVIANO**

(Galeria da Academia, Veneza, c. 1492)

Desenho de Leonardo da Vinci baseado no tratado do arquiteto romano Vitruvius, que acreditava que a boa arquitetura e as perfeitas proporções do homem seguiam leis da natureza. Com seu vasto conhecimento de anatomia e geometria, Leonardo obteve sucesso com esse desenho, que chegou a representar o padrão da beleza física humana.

Handwritten text in a cursive script, likely a Latin inscription, located at the top of the page above the main drawing.



Handwritten text in a cursive script, likely a Latin inscription, located below the main drawing.

Handwritten text in a cursive script, likely a Latin inscription, located at the bottom of the page.



70. John Quigley. *Homem Vitruviano Derretendo*.

Intituiu seu trabalho de **Homem Vitruviano Derretendo**, com a intenção de denunciar o que vem acontecendo com o derretimento das calotas polares.

*Desde que o Homem Vitruviano foi criado, na Renascença, o homem distanciou-se de sua essência, por isso está derretendo.*

John Quigley

Nas águas de Cancún, no México, o artista Jason de Caires Taylor projetou para as futuras gerações um museu submarino.

Criou centenas de esculturas humanas, em tamanho natural, tendo como modelos os moradores da região.

Feitas de um material especial, as esculturas são submersas para que vivam em constante mutação.

#### **HOMEM VITRUVIANO DERRETENDO**

*Obra criada pelo artista e ativista ambiental britânico John Quigley a 800km do Polo Norte. Ele recriou o célebre Homem Vitruviano, de Leonardo da Vinci, com chapas de cobre sobre o gelo para chamar a atenção para o fenômeno do aquecimento global.*

71. Página à esquerda: Leonardo da Vinci. *Homem Vitruviano*, 1492 (detalhe).

O Parque Nacional Marinho e suas estátuas cobertas de algas fazem o papel de corais vivos em perfeita harmonia com o meio ambiente local, onde o trabalho do artista se funde com o trabalho da natureza.

A água é vista aqui como uma promessa de vida, um recomeço.

A mesma imagem pode ser percebida na canção *Águas de Março*, de Antonio Carlos Jobim, que se enquadra em um repertório de canções ecológicas. Ela revela o talento do maestro como letrista e reafirma suas preocupações com o meio ambiente.

A sequência de versos breves, como uma chuva de pensamentos recortados sobre o cotidiano, apresenta elementos da flora, da fauna, do folclore, de brasilidade, alternando otimismo e pessimismo, vida e morte, mas muitas promessas de uma vida renovada.

*São as águas de março fechando o verão  
É a promessa de vida no teu coração  
pau, pedra, fim, caminho  
resto, toco, pouco, sozinho  
caco, vidro, vida, sol, noite, morte, laço, anzol*

**Águas de Março / Tom Jobim**

Hoje, a questão não é ter mais, mas ser mais.

Ser mais consciente, mais solidário, mais pacífico, mais atuante, com um olhar mais abrangente.

*A memória é fragmentada,  
e o sentido de identidade do  
indivíduo depende, em parte,  
da organização desses fragmentos.*

**A Formação Integrada / Maria Ciavatta**

Precisamos ser muito, muito mais arteiros para, de posse de nossas memórias sensíveis, podermos, conscientemente, avaliar e organizar todas as possibilidades criativas para somar forças e unir nossas ações no sentido de preservar, mudar e transformar o mundo.

*O importante é não estar aqui  
ou ali, mas ser. E ser é uma ciência  
delicada feita de pequenas-grandes  
observações do cotidiano dentro e  
fora da gente. Se não executamos  
essas observações, não chegaremos a  
ser: apenas estamos e desaparecemos.*

**Carlos Drummond de Andrade**

## Conhecimentos em arte

- Percepção dos elementos visuais (ponto, linha, forma, cor e textura) na natureza.
- Artistas que se inspiraram na natureza para criar.
- Técnicas e recursos usados em obras de arte.
- Reprodução e estilização de elementos da natureza por meio do desenho de observação.

- Arte como intervenção urbana.
- Tridimensionalidade aplicada aos trabalhos artísticos.
- Reutilização e reciclagem de materiais em objetos artísticos.

## ARTiculando em sala de aula

Professor(a), com base no texto lido, sugerimos algumas atividades para propor aos alunos:

- Ilustrar a letra de uma música cujo tema seja a natureza.



- Observar a obra *A Grande Família*, de Magritte, na qual o céu aparece através da silhueta de um pássaro.

72. René Magritte.  
*A Grande Família*, 1963.

- Fazer uma composição cujo contorno seja uma forma da natureza e preencher com elementos ligados ao tema, utilizando técnicas de desenho, colagem ou pintura.
- Ouvir a música *O Lago dos Cisnes*, de Tchaikovsky, e traçar linhas contínuas, de olhos fechados, ao som da melodia. Preencher as áreas delimitadas com diferentes texturas e cores.
- Assistir ao vídeo do balé *O Lago dos Cisnes*. Debater as sensações suscitadas, os movimentos dos bailarinos, a suavidade e a dramaticidade das cenas e a beleza estética do espetáculo.
- Observar a ação do tempo nas obras de Cristina Oiticica. Trazer, para a sala de aula, objetos que tenham sofrido a ação do tempo. Em grupo, fazer uma instalação utilizando esses materiais.
- Pesquisar sobre o Cristo Redentor e outras esculturas importantes da cidade do Rio de Janeiro.

- Fazer um projeto para melhorar a praça do bairro, incluindo uma escultura criada pelos alunos.
- Trazer um elemento da natureza (folha, flor, concha...) para a sala de aula. Fazer um desenho de observação do elemento escolhido, representando-o o mais próximo possível da realidade. Realizar um segundo desenho, estilizando as formas do primeiro.
- Registrar, por meio de desenhos, diferentes espaços naturais escolhidos pelos alunos, utilizando a técnica de aquarela para a finalização do trabalho.
- Após conhecer o trabalho *Flor da Lua*, de Margaret Mee, e o empenho da artista em encontrar essa espécie botânica, os alunos poderão criar sua própria flor-da-lua, utilizando pedaços rasgados de papel. Descrever e desenhar a flor criada.
- Coleccionar formas interessantes, encontradas na natureza, e juntá-las, transformando-as em interessantes esculturas (trabalho em grupo).
- Utilizar sucatas para criar uma composição de alerta contra a destruição da natureza.
- Fazer cartazes que alertem para a preservação do meio escolar.

## Para visitar

**Instituto Moreira Salles** – Centro cultural que realiza exposições, palestras, shows, sessões de cinema e eventos.

*Endereço: Rua Marquês de São Vicente, 476, Gávea.*

*Tel.: (21) 2274-2149.*

**Museu do Açude** – Situado na Floresta da Tijuca, no Alto da Boa Vista, em uma área de 150m<sup>2</sup>, possui ricos acervos de arte pertencentes à coleção Castro Maya.

*Endereço: Estrada do Açude, 764, Alto da Boa Vista.*

*Tel.: (21) 2492-2119.*

**Sítio Roberto Burle Marx** – Antiga residência do paisagista Burle Marx, atualmente é uma instituição de conservação e pesquisa de recursos naturais. Possui um dos mais importantes acervos botânicos e paisagísticos de plantas vivas do mundo.

*Endereço: Estrada Roberto Burle Marx, 2.019, Barra de Guaratiba.*

*Tel.: (21) 2410-1412.*

**Museu de Arte Contemporânea de Niterói** – O MAC foi projetado por Oscar Niemeyer, sendo um dos marcos da arquitetura brasileira e símbolo da cidade de Niterói.

*Endereço: Mirante da Boa Viagem, s/n., Niterói.*

*Tel.: (21) 2620-2400.*

**Jardim Botânico** – Criado por D. João VI, em 1808, hoje é um espaço de lazer, estudo e pesquisa que abriga numerosas espécies raras de plantas da flora brasileira e de outros países.

*Endereço: Rua Jardim Botânico, 920, Jardim Botânico.*

*Tel.: (21) 3874-1214.*









# Nossas marcas no mundo

## Marcando presença

*antes de existir alfabeto existia a voz  
antes de existir a voz existia o silêncio  
o silêncio  
foi a primeira coisa que existiu  
um silêncio que ninguém ouviu.*

**O Silêncio / Arnaldo Antunes**

O homem deixa marcas, evidenciando a sua passagem pela Terra. Mas a configuração das galáxias, os desenhos deixados pelo vento na areia, o caminho percorrido pelos animais, as nervuras das folhas e até mesmo as rugas na face dos homens identificam também as marcas da natureza na identidade terrena.



73. Nervuras de uma folha.

A aventura da existência mostra a necessidade vital do ser humano em deixar registros, marcar sua presença, seu domínio e sua identidade em um território.

Antes mesmo de desenvolver a linguagem verbal, o homem já se comunicava por meio de símbolos.

*A capacidade de comunicação  
humana não se restringe às palavras.*

**Fayga Ostrower**

Nas cavernas, **os desenhos e as pinturas rupestres** expressavam e transmitiam os hábitos e as experiências do homem pré-histórico, mostrando sua sensibilidade visual e capacidade de abstração.

Na solidão e na segurança das cavernas, o homem sonhava, imaginava e criava, em sua tentativa de compreender o mundo. Assim, ele fez da caverna o seu primeiro ateliê.

### ARTE RUPESTRE

Consiste em traços, gravações ou pinturas sobre rochas feitos em cavernas ou ao ar livre. É considerada a primeira manifestação da criatividade humana, pois remonta à pré-história, mas não se limita a esse período. Encontrada em diferentes épocas e locais, essa arte emprega linhas e grafismos geométricos, representa formas humanas e de animais ou marcas de mãos e pés. Possui prováveis significados rituais e/ou religiosos, mas não detém sentido estético evidente.



Usando recursos rudimentares, desenhava, contornava as formas rochosas e, às vezes, usava como molde as próprias mãos. Estas eram colocadas contra a parede, e, soprando-se pó colorido, as silhuetas das mãos ficavam gravadas e, com elas, a identidade era marcada para a posteridade.



74. Impressões de mãos em *Cuevas de las Manos* (Argentina).

As primeiras cores eram feitas de madeiras e ossos queimados, cal, terra e minérios em pó, misturados com água ou gordura animal.

Os contornos das pinturas eram desenhados com os dedos, com musgos ou com pincéis feitos de pequenos galhos de árvores, pelos ou penas de animais. Para preencher as formas, sopravam os pós através de tubos feitos de ossos ou de caules vegetais, como se fosse um spray.

Podemos dizer que as cavernas revelaram os primeiros artistas do **grafite**.



75. Pintura de um bisão na caverna de Altamira (Espanha).

O **homem pré-histórico** apropriava-se do seu mundo, capturando visualmente o meio em que vivia, dando-lhe novos significados em formas simbólicas e estabelecendo um diálogo singular com seu tempo.

*A arte é muitas coisas. Uma das coisas que a arte é, parece, é uma transformação simbólica do mundo. Quer dizer: o artista cria um mundo outro – mais bonito ou mais intenso ou mais significativo ou mais ordenado – por cima da sensibilidade imediata.*

**Sobre a Arte / Ferreira Gullar**

#### **GRAFFITI (GRAFITE)**

Refere-se a inscrições em muros ou outras superfícies em espaços públicos urbanos. O termo é plural de graffito, que, em italiano, significa “arranhado, rabiscado”. Abrange de imagens gráficas coloridas a monogramas estilizados e tem origem na Nova York dos anos 1970, quando se usaram tinta em spray e outros materiais para traçar palavras e imagens em edifícios e trens do metrô, de modo a intervir na cidade sem a mediação de instituições artísticas.

#### **HOMEM PRÉ-HISTÓRICO**

A pré-história é o período anterior à invenção da escrita (até 4000 a.C. aproximadamente), e os homens que viveram na época pertenciam a diferentes espécies. Entre elas, estavam a do *Homo neanderthalensis* (homem de Neanderthal), que existiu de cerca de 300 mil anos a.C. até 29 mil anos a.C., e a do *Homo Cro-Magnon*, e as duas competiam entre si. Há várias hipóteses sobre a extinção da espécie neandertal, como doenças, mudanças climáticas e violência em conflitos.

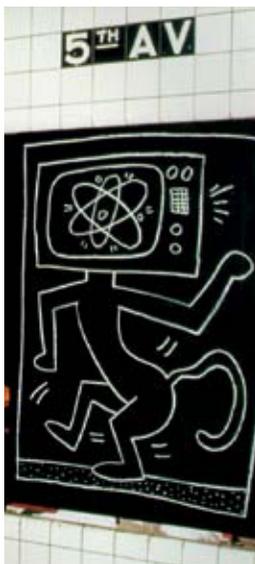


Por meio dos símbolos, o homem está em condições de perceber, possuir e ter juntas, de uma só vez, muitas coisas. Por essa razão, a mente vive sempre aberta a mil caminhos e possibilidades.

Nas décadas de 1970 e 1980, munidos de pincéis atômicos, giz, carimbos, pincéis e latas de tinta spray, grafiteiros marcaram a cena urbana cobrindo, com símbolos, palavras e imagens, muros e vagões de trens em diferentes lugares do mundo.

A arte do grafite mostra que a necessidade humana de deixar marcas é atemporal.

Como na pré-história, esses artistas eram, em sua maioria, anônimos.



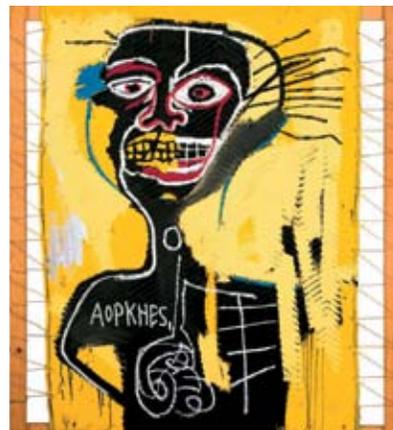
O primeiro artista de formação profissional a usar o grafite foi o norte-americano **Keith Haring**, na década de 1970. As pinturas no metrô de Nova York são marcas registradas de sua obra.

77. Keith Haring.  
Desenho no metrô de  
Nova York, 1983.

*Decidi voltar ao desenho, que mudou pouco desde a pré-história e ainda guarda a mesma origem.*

**Keith Haring**

O artista norte-americano **Jean-Michel Basquiat**, na década de 1980, também ganhou popularidade, deixando suas marcas simbólicas no mundo cosmopolita de Nova York.



78. Jean-Michel Basquiat. *Cabeza*, 1982.

Como grafiteiro, incorporava palavras, letras, números, pictogramas, logos, símbolos de mapas, diagramas em suas pinturas. A obra ainda exerce forte influência em artistas do grafite contemporâneo.

Grafite: sujeira, vandalismo ou arte?

#### **KEITH HARING**

*(Reading, 1958 – Nova York, 1990)*

Artista de rua norte-americano, Haring começou a atrair a atenção pública com seus desenhos de giz no metrô de Nova York no fim dos anos 1970. Marcado pela cultura urbana e pela explosão da cena de dance music dos anos 1980, seu trabalho tem aspecto caricatural e cores vividas. Haring queria fazer uma arte para a pessoa comum que circulava pela ruas, e não somente para ricos colecionadores que frequentavam galerias de arte.

#### **JEAN-MICHEL BASQUIAT**

*(Nova York, 1960-1988)*

Pintor, escultor e desenhista, Basquiat é um dos pioneiros da arte de rua. Já no fim dos anos 1970, começou a cobrir prédios abandonados de Manhattan com grafites. Suas referências pintadas e escritas incluíam imagens e símbolos das culturas africana, asteca, grega e romana e também de sua herança porto-riquenha e haitiana. Trouxe uma perspectiva bicultural à figuração dos anos 1980, ao incluir a cultura negra e o imaginário urbano em desenhos e pinturas diretas e espontâneas.

O grafite revela uma forma viva, inquieta e provocativa de participação e de comunicação. Atende ao espírito rebelde e contestador dos jovens, que também precisam marcar sua presença no mundo.

Diferentemente da pichação sem propósito definido, o grafite já se consolidou como uma realidade da arte contemporânea.

No Brasil, a dupla de irmãos Otávio e Gustavo Pandolfo, conhecida como **Os Gêmeos**, desenvolve, desde 1987, uma obra que se estendeu das cidades paulistanas ao exterior.



79. Os Gêmeos. *O Estrangeiro*, 2011.

Influenciando outros jovens artistas, Os Gêmeos ajudaram a tornar a arte de rua aceita pela população e a definir um estilo brasileiro de grafite. Os temas abordados são: retratos de família, política e crítica social. Hoje, ocupam galerias e museus de todo o mundo.

### OS GÊMEOS

(São Paulo, 1974)

Dupla formada pelos gêmeos Otávio e Gustavo Pandolfo, que se destaca na arte de rua brasileira. Os irmãos aderiram ao grafite no final dos anos 1980, influenciados pela pichação feita em São Paulo e por vídeos e revistas do movimento hip-hop americano. Desenvolveram, então, um estilo próprio (figuras amareladas de pernas finas), ganhando reconhecimento aqui, nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Alemanha. Hoje, também produzem trabalhos que são expostos em galerias de arte.

### HIP-HOP

Manifestação cultural que envolve o rap, o break e o grafite. Desenvolveu-se pelas comunidades jamaicana, latina e afro-americana de Nova York. Espalhou-se pelo mundo, reportando temas relacionados às classes menos favorecidas ou a grupos sociais excluídos. O rap é sigla, em inglês, de “ritmo e poesia” e representa as canções; o break é a dança; e o grafite é a pintura e o desenho.

*Nossas influências começam com a arte brasileira, a cultura popular brasileira e vão até tudo o que a gente sonha, vê, sente, ouve.*

Otávio Pandolfo

No início da carreira, no final dos anos 1980, Otávio e Gustavo fizeram apresentações de *break*, modalidade de dança de rua que, com o *rap* e o grafite, é marca do movimento hip-hop, que nasceu nos Estados Unidos na década de 1970.

Na cidade do Rio de Janeiro, na década de 1990, o **hip-hop** dava os primeiros passos, apresentando nomes como Gabriel O Pensador, MV Bill e Marcelo D2.

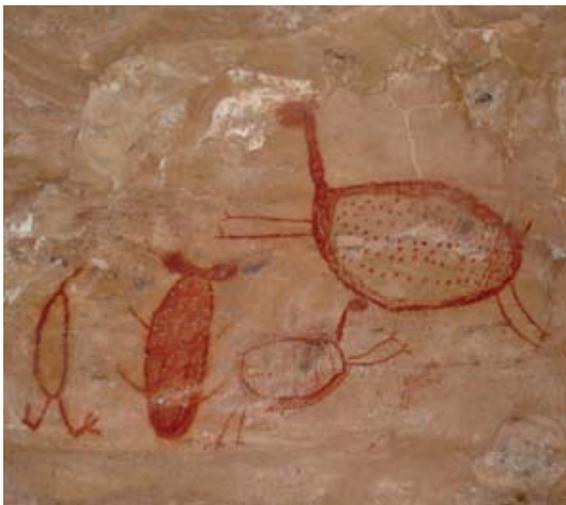
*Não somos donos da verdade  
Mas conhecemos bem as ruas  
A nossa realidade é nua e crua  
Rap é cultura de rua e  
não vou dizer mais nada  
Para bom entendedor meia  
palavra basta.*

Rappers Reais / Planet Hemp



Se o grafite é uma arte que tem, basicamente, sua expressão nas ruas, o homem primitivo sempre encontrou, no abrigo das cavernas, a segurança e a proteção para desvendar o mundo desconhecido que sonhava compreender, imaginando e criando com suas mãos.

No Brasil, existem pinturas rupestres em vários estados, destacando-se o sítio arqueológico do Parque Nacional da Serra da Capivara, no município de São Raimundo Nonato, no Piauí.



80. Inscrição rupestre na Serra da Capivara (Piauí).

Foram encontradas, nas grutas da região, pinturas naturalistas (cenas movimentadas de caças, guerras e trabalhos coletivos) e pinturas geométricas (linhas paralelas, grupos de pontos, círculos, cruzes, espirais, triângulos).

Além das pinturas, muitos sítios arqueológicos apresentam a técnica da gravura, feita pela raspagem das pedras, surgindo figuras em baixo-relevo. Há registros em diferentes suportes, como paredes e tetos de cavernas e abrigos, blocos no chão, pedras nos leitos dos rios e lajes a céu aberto.

#### BAIXO-RELEVO

Refere-se a elementos da escultura feitos em superfícies planas de pedra, como os frisos do Parthenon ou os entalhes nas laterais de edifícios antigos. As figuras esculpidas pouco se projetam a partir da superfície, apresentando menos profundidade do que seus modelos reais; elas retêm seus contornos naturais e podem ser vistas de vários ângulos sem qualquer distorção. Já no alto-relevo, as figuras se destacam com muito mais ênfase da superfície.

Essas pinturas e gravuras deixadas pelo homem antes de o Brasil ser descoberto são testemunho da passagem de grupos nômades por aqui.

O **baixo-relevo** reaparece em outras civilizações – no Egito, na Grécia, na Mesopotâmia – de forma aprimorada, mas guardando a mesma essência primitiva.



81. Baixo-relevo no templo de Edfu (Egito).

Esse mesmo recurso técnico de raspar, tirar material com estiletos e goivas é utilizado até hoje pelos artistas, seja na elaboração das matrizes para gravuras como também para conseguir texturas variadas sobre pinturas e esculturas.

*As sociedades antepassadas caçadoras, pescadoras e coletoras nunca morrem, como todas as outras se refazem e se recriam de diversas formas no contexto de vida das futuras sociedades.*

**Michel Justamand**

82. Página à direita: Baixo-relevo assírio (c. 883-859 a.C.).





Os desenhos simplificados da arte das cavernas aparecem de forma mais geometrizada na arte indígena. Normalmente, são traços que imitam a natureza com um significado especial para cada povo.

É comum entre os povos indígenas brasileiros encontrarmos desenhos que representam as gotas de chuva, o formato do cipó, a espinha do peixe, o movimento da cobra, a nervura das folhas, a pele da onça, o couro do tatu.

Os padrões utilizados nesse trabalho decorativo são característicos do grupo, e não, especificamente, de quem o faz. É por isso que as características formais diferem de forma significativa de uma tribo para a outra.

Os grafismos indígenas combinados formam interessantes composições decorativas, que aparecem nos objetos domésticos.



83. Vaso de cerâmica marajoara.

#### CERÂMICA MARAJOARA

Tipo de cerâmica colorida produzida por habitantes da Ilha de Marajó (Pará), entre 400 e 1350 d.C. Principal técnica de arte marajoara, a cerâmica apresenta tipos distintos de decoração conforme as diferentes fases de ocupação da região. Na “fase marajoara da tradição policrômica da cerâmica amazônica”, sofisticados objetos rituais, utilitários e decorativos retratam figuras humanas e animais, por meio de padrões gráficos simétricos, em baixo ou alto-relevo.

84. Página à esquerda: Urna funerária, fase marajoara (400 a 1000 d.C.).

O requinte da geometrização na arte indígena brasileira é notório na **cerâmica da cultura marajoara**. Seus objetos apresentam padrões decorativos com desenhos repetitivos, em forma de labirinto, traços simétricos em baixo e alto-relevo, combinados com formas entrelaçadas e riqueza de grafismos.

Esse estilo decorativo, original e sofisticado, é único e próprio da cultura marajoara, marca que faz dela uma das mais admiráveis manifestações artísticas da humanidade.

As mesmas composições decorativas dos objetos domésticos aparecem na pintura corporal, pois é também uma forma característica da cultura indígena usar a pele do corpo como suporte de expressão artística.

A pintura corporal possui função social, conferindo dignidade, posição hierárquica, intermediando a passagem da natureza para a cultura do grupo. Ela revela intenções pacíficas ou guerreiras, sentimentos, emoções, comemorações, por meio de símbolos que contêm mensagens que podem ser lidas.

*O corpo humano é a tela onde os índios mais pintam e aquela que pintam com mais primor.*

Darcy Ribeiro

A pintura corporal apresenta também outras funções, tais como: espantar insetos, proteger a pele dos efeitos dos raios solares e, ainda, a intenção mágica de afastar os maus espíritos.





85. Crianças caiapós.

Ao pintarem os corpos, os indígenas usam, preferencialmente, o vermelho, do urucum, o negro, do jenipapo, e o branco, da tabatinga, cores importantes porque, segundo eles, estão associadas ao desejo de transmitir ao corpo a alegria contida nas cores vivas e intensas.

Entre as culturas indígenas brasileiras, destaca-se a elaborada pintura corporal dos **kadiwéus**. Seus complexos desenhos geométricos revelam equilíbrio e beleza ímpar.

Sobre a arte corporal dos kadiwéus, o antropólogo **Lévi-Strauss** comenta: “as pinturas do rosto conferem, de início, ao indivíduo sua dignidade de ser humano; elas operam a passagem da natureza à cultura, do animal ‘estúpido’ ao homem civilizado. Em seguida, diferentes quanto ao estilo e à composição segundo as castas, elas exprimem, em uma sociedade complexa, a hierarquia do ‘status’. Elas possuem, assim, uma função sociológica”.

#### KADIWÉUS

*Tribo nômade original do Mato Grosso do Sul. Eram conhecidos como mayabas guaikurus. Única tribo brasileira que domava cavalos e gado, por isso foi a última a ser dominada. Como cavaleiros, guerreavam e saqueavam acampamentos agrícolas, dos quais cobravam tributos. Destacam-se também pelo magnífico artesanato e pinturas corporais. Tiveram acesso aos metais por meio de grupos andinos, e os trabalhos realizados nesse material revelam grande destreza.*

#### CLAUDE LÉVI-STRAUSS

*(Bruxelas, 1908 – Paris, 2009)*

*Grande pensador do século XX, ficou conhecido na França, onde contribuiu, fundamentalmente, para o desenvolvimento da Antropologia. Lecionou no Brasil, na recém-fundada Universidade de São Paulo, de 1930 a 1939. Fez várias expedições ao Brasil central, que resultaram no famoso livro Tristes Trópicos (1955). O método utilizado em seus estudos da organização social das tribos deu origem ao Estruturalismo, de grande repercussão nas Ciências Sociais.*

Todas as sociedades humanas possuem padrões de cobrir, enfeitar e exibir o corpo. Esses adornos e seus simbolismos são marcas culturais, e, por meio delas, compreendemos os aspectos essenciais para a vida em sociedade.



86. Mão pintada de noiva indiana.

A cultura hindu, por exemplo, também utiliza a pintura corporal nos rituais de casamento. As noivas são enfeitadas, por todo o corpo, com desenhos decorativos que representam sorte.

Algumas tribos africanas usam a pintura corporal para se embelezar e comunicar significados rituais dos grupos. Também a natureza aparece retratada de modo simplificado nessa pintura, com pigmentos fortes, extraídos de vegetais, do barro, de rochas vulcânicas e da cal branca.



87. Pintura de homens africanos (Nigéria).

88. Página à direita: Índio enawene-nawe, Mato Grosso.





O que significa a pintura facial nas sociedades?

A pintura facial tem grande importância e uma função bem significativa, não só para africanos e indígenas, mas também nas sociedades modernas, nas quais pintar o rosto e os cabelos é um comportamento usual.

A maquiagem sempre foi um artifício de beleza, seguindo tendências e padrões culturais, sociais e de época. É muito usada no teatro, na dança, no cinema e nas fotografias artísticas.

Há pelo menos três mil anos, as egípcias tingiam os cabelos e pintavam o rosto. E outras civilizações usaram também esse recurso para os mais variados fins.

Na atualidade, em eventos marcantes como a Copa do Mundo, podemos observar imagens de torcedores com rostos e cabelos pintados com as cores de seus países ou de seus clubes, em um espetáculo de rara beleza.



89. Torcedores brasileiros na Copa da África do Sul.

Esse fato se repete em comemorações festivas como o carnaval, em shows musicais e até em manifestações de protesto político.

Muitas vezes, a maquiagem facial não é suficiente, pois há muito mais simbolismos a expressar.

O homem sente a necessidade de criar outro rosto. Assim, surgem as máscaras, com diversas finalidades, nas sociedades ao longo dos tempos. Elas marcam forte presença, seja no teatro grego, no carnaval de Veneza, na **Commedia dell'Arte**, no **kabuqui** japonês ou nas culturas indígenas e africanas.



90. Máscaras venezianas.

### COMMEDIA DELL'ARTE

Forma de teatro que tem origem no século XV, na Itália e na França, mantendo-se popular até o século XVIII. Encenado com base em um roteiro ("canovaccio"), com personagens fixos, esse gênero se distingue da "Comédia Erudita" pela improvisação. Apresentando-se em ruas e praças públicas, a Commedia dell'Arte permanece até hoje por meio de grupos de teatro mambembe, com seus personagens, tais como a Colombina e o Arlequim.

### KABUQUI

Forma tradicional do teatro japonês originária do século XVII. Aborda temas históricos, conflitos morais e relacionamentos amorosos. Usa uma linguagem antiga, com acompanhamento de instrumentos tradicionais japoneses. No início, homens e mulheres atuavam em peças de kabuqui. Papéis femininos chegaram a ser interpretados por prostitutas, o que gerou polêmica e levou à proibição da atuação de mulheres. Hoje, personagens femininos são interpretados por atores masculinos.

91. Página à esquerda: Máscaras venezianas.



Todas essas criações artísticas têm a magia de contribuir para a construção de outros personagens, permitindo a expressão de uma dualidade do ser humano ou até de muitas faces que ele possa assumir.

*Uma parte de mim  
é todo mundo:  
outra parte é ninguém:  
fundo sem fundo.*

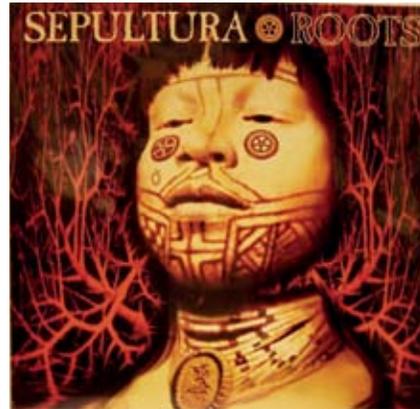
*Traduzir uma parte  
na outra parte  
– a que é uma questão  
de vida ou morte –  
será arte?*

**Traduzir-se / Ferreira Gullar**

Além da pintura artística do rosto e do corpo, diferentes grupos sociais, na intenção de perpetuar os desenhos, fazem uso da tatuagem.

Os indígenas brasileiros utilizam marcas tribais para caracterizar indivíduos de um mesmo povo. Eles praticam a tatuagem perfurando a pele com espinhos e colorindo com o preto do jenipapo. Os desenhos vão dos elementos mais simples, como os círculos nas faces dos carajás, até os mais complexos, como os dos índios artistas da tribo kadiwêu.

O ilustrador norte-americano **Michael Whelan** inspirou-se no rosto de um índio carajá, marcado por seus desenhos tribais, para compor o projeto da capa do disco *Roots (Raízes)*, da banda brasileira **Sepultura**. Essa ilustração foi premiada e correu o mundo, divulgando a beleza da arte indígena brasileira.



92. LP *Roots*, do grupo Sepultura.

Ao ser incorporada pela sociedade ocidental, a tatuagem ficou muito tempo restrita a grupos isolados e era considerada um símbolo de marginalidade.



93. Tatuagem em um homem europeu.

#### **MICHAEL WHELAN**

(Culver City, 1950)

*Um dos artistas de ficção científica e fantasia mais aclamados desde a década de 1980, reconhecido por mais de 350 livros e capas de álbuns que ilustrou para artistas como Isaac Asimov, Anne McCaffrey, Sir Arthur C. Clarke, Stephen King, Os Jacksons, Sepultura e Meatloaf ou para empresas como National Geographic, Roadrunner Records e The Franklin Mint. Sua atividade de criação constitui-se de obras repletas de um simbolismo que se presta a muitos sentidos.*

#### **SEPULTURA**

*Considerada a banda brasileira de maior sucesso no exterior, Sepultura foi formada em Belo Horizonte pelos irmãos Igor e Max Cavalera no início da década de 1980. Competente em seu gênero musical, o heavy metal, recebe diversas influências musicais: da música brasileira, da música tribal africana, indígenas, entre outras. Sepultura já vendeu aproximadamente 20 milhões de unidades em vários países do mundo.*

Na época contemporânea, tornou-se popular e passou a ser respeitada como uma forma de expressão artística e estética do corpo. Pode estar ligada ao desejo de expressar algo, a um estilo, a uma opinião.

Muitas tribos urbanas têm a tatuagem como marca de uma patente.

A necessidade estética de fazer do corpo um suporte da arte é parte integrante da formação da maioria das sociedades e, acima de tudo, uma característica de manifestação cultural.

O caminho percorrido pelo ser humano, desde sempre, deixou marcas que, como na história de João e Maria, construíram a possibilidade de um retorno para o resgate da história vivida antes de nós.

Mesmo sendo difícil o caminho de volta, nem todos os sinais foram destruídos, como na fábula dos Irmãos Grimm.

Na busca desses sinais, a curiosidade e a ousadia de profissionais “arteiros” – arqueólogos, historiadores, cientistas – recuperaram a produção de artistas anônimos que, até hoje, são fonte de inspiração e criação, em um contínuo processo para perpetuar as marcas do homem na Terra.

*O homem é o grande autor das páginas da história, expressa pelos objetos, instrumentos, imagens que ele mesmo inventou, deixando suas pegadas para que o futuro percorra o mapa em busca do tesouro.*

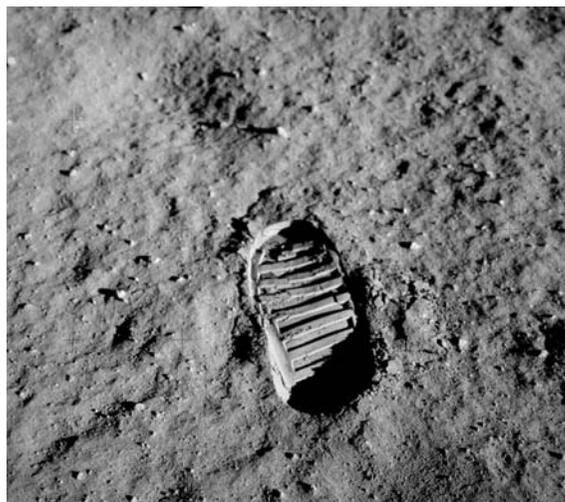
**Edith Derdyk**

## Registros de identidade

*A arte, como linguagem nascida da invenção humana, é reinventada por cada criança, por cada um de nós.*

**Mirian Celeste Martins**

Qualquer superfície riscada sugere que alguém passou por ali, deixando suas marcas. São rastros que humanizam a superfície: as marcas dos pés na areia da praia ou no solo da Lua, a mão gravada nas cavernas ou impressa em um vidro embaçado, a pintura no rosto de um índio ou a marca de batom deixada carinhosamente na face de alguém.

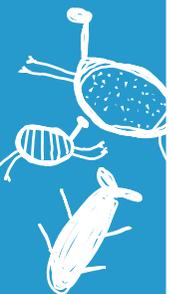


94. Pegada do primeiro astronauta na Lua.

Os registros gráficos são gestos depositados em diferentes superfícies, revelando a natureza criadora do ser humano, comprovada desde as marcas pré-históricas até a expressão universal dos grafismos infantis.

Então, nascemos com a capacidade de desenhar?





Todos nós, quando pequenos, já fomos arteiros, talvez “candidatos” a futuros artistas. Sem medo de arriscar, queríamos deixar nossas marcas em um mundo a descobrir. Gostávamos de desenhar, de dançar, de cantar e de nos expressar de todas as formas possíveis, explorando **garatuja**s gráficas, sonoras e corporais que nos proporcionavam um prazer estético inerente.

Vamos brincar de novo?



95. Steinberg, 1966.

Quando a criança está envolvida no processo criativo, ela adora repetir o mesmo desenho, a mesma história, a mesma música, o mesmo gesto. Repetir, exaustivamente, perseguindo ideias até esgotar. Como em um jogo, a criança pequena vai exercitando sua ação e seu pensamento de vários modos que, em sucessivas tentativas, desvendam o mundo.

Por que desenhar era tão fácil?

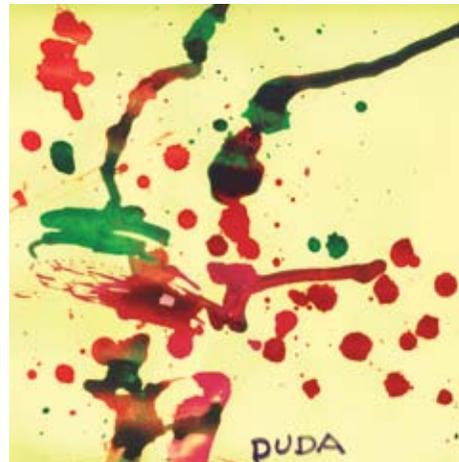
Certamente, quando pequenos, nosso impulso de criar, registrando descobertas e comunicando ideias, fazia do desenho um instrumento de prazer tão forte quanto comer e brincar.

**GARATUJA**

*A criança passa pelo estágio da garatuja perto de 1 ano de idade. Ela sente prazer em traçar linhas em todos os sentidos, sem levantar o lápis, o qual é como se fosse o prolongamento de sua mão. Como uma forma de comunicação não verbal, a garatuja pode revelar o estágio de desenvolvimento das crianças sobre a percepção de formas e objetos.*

*A tentativa experimental é a técnica da vida, operação natural de aquisição de conhecimento através da experiência, da vivência.*

Célestin Freinet



96. Maria Eduarda. Desenho infantil espontâneo, 2006.

Era como se todo o corpo, em um movimento conjunto para deixar suas marcas, concentrasse a energia na direção da ponta do lápis, elo entre o corpo e o papel.

*Desenhar é um hábito prematuro. Por ser tão simples é que surge tão cedo e é, com toda a certeza, a maneira mais direta de se registrar o que quer que seja.*

Edith Derdyk

97. Página à direita: Saul Steinberg. *Mulheres*, 1950 e *Cinco Mulheres com Animais de Estimação*, 1945.



Semelhante à ação espontânea da criança nessa fase, o pintor americano **Jackson Pollock** desenvolveu uma técnica de pintura que unia o movimento do corpo à tinta que respingava sobre imensas telas colocadas no chão.

Passeando pelo quadro, como se fosse um palco, ele fazia gestos em uma coreografia semelhante à improvisação de uma dança, configurando a obra.

A **performance** saía da tela, e a força que comandava o gesto transformava-o em pintura.

Como no trabalho de Pollock, existe também uma força criativa na produção gráfica dos pequenos arteiros que guarda semelhanças no desenvolvimento formal, em diferentes épocas e lugares, apesar de sofrer influências culturais.



98. Jackson Pollock pintando (1950).

### **JACKSON POLLOCK**

(Cody, 1912 – Long Island, 1956)

Pintor americano, Pollock é um dos maiores expoentes do Expressionismo Abstrato – movimento artístico que se caracteriza pelo forte caráter expressivo manifesto em telas de grande formato. Desenvolveu técnica pessoal (dripping) em que despejava tinta sobre tela estirada no chão conforme se movimentava por ela. O resultado é um entrelaçado de linhas e gotas de tinta que, sem hierarquizar qualquer parte da superfície da tela, garante vibração uniforme da pintura.

### **PERFORMANCE**

Forma de arte que associa teatro, dança, música e artes visuais. Emergiu nos anos 1960, ao desafiar as tradicionais categorias artísticas (pintura e escultura) e colocar em questão o próprio conceito de arte. Na base da performance, está o questionamento das relações entre arte e vida cotidiana. Artistas performáticos mais conhecidos: John Cage, o grupo Fluxus, Marina Abramovic, Vito Acconci e, aqui no Brasil, Flavio Carvalho e o grupo Rex.

*A mão, o braço e o corpo inteiro do artista não dependem da vontade nem da mente, mas são instrumentos de uma espécie de furor e euforia, desligados de quaisquer normas de composição e estéticas.*

**Jackson Pollock**

*Só o prazer do gesto é que conta, o traço ativo que se desenvolve e vive sua própria vida. Esse dinamismo do traço – que é uma das bases da pintura contemporânea – faz da criança um verdadeiro ator que se projeta na sua obra até que ambos se tornem um só.*

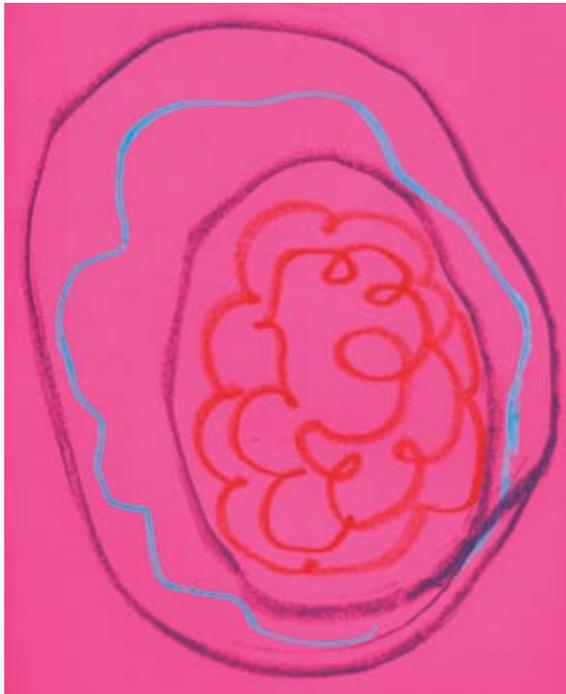
**Florence de Mèredieu**

Até hoje, nos desenhos infantis, os rabiscos iniciais, como novelos de linha, se desenrolam em formas circulares, triangulares, quadrangulares, irregulares, que vão aos poucos se tornando mais complexas.



Os gestos que, inicialmente, produzem marcas aleatórias no papel vão ganhando ritmo, e o desenho começa a sofrer uma metamorfose.

As formas circulares amadurecem, e surgem as mandalas, os sóis e radiais, que são a base das primeiras formas e o início da compreensão, pela criança, do significado dos seus desenhos.



100. Maria Eduarda. Desenho infantil (mandala), 2007.

Com um círculo e poucas linhas, a criança representa a figura humana, e a simplicidade inicial vai-se enriquecendo de detalhes, influenciando os futuros desenhos.

No desenho infantil, as **mandalas** têm um significado simbólico de ordenação e de estruturação na busca da harmonia e estabilidade estética.

As mandalas estão presentes, na arte, em diferentes culturas, principalmente na estrutura dos santuários, nos objetos e na decoração.

*O círculo, bem como a espiral, está presente em configurações do universo: no desenho das galáxias, no movimento do Sol, no movimento de rotação da Terra, nas digitais, nos redemoinhos, nos furacões, nas conchas, nos caracóis, nas células.*

Edith Derdyk



101. Autor desconhecido. Quatro mandalas tibetanas (século XIV).

#### MANDALA

Palavra original do idioma sânscrito que significa "círculo", representação geométrica da dinâmica relação entre o homem e o cosmo. É um diagrama composto de formas geométricas concêntricas utilizado no hinduísmo, no budismo e em outras práticas como objeto ritualístico e ponto focal para meditação. Há tradições espirituais que utilizam as mandalas para indução ao transe e compreensão da vida espiritual.

Antigamente, os espaços sagrados no Oriente e no Ocidente apresentavam a configuração circular. Muitas basílicas e catedrais cristãs tinham esse formato, na arquitetura, nos vitrais e nos elementos ritualísticos. A Catedral de Brasília, projeto de Oscar Niemeyer, é um exemplo típico e atual da forma de mandala.

O desenho infantil é importante?

Segundo Rudolf Arnheim, “todas as características fundamentais que operam de maneiras refinadas, complicadas e modificadas na arte madura apresentam-se com clareza elementar nas pinturas de uma criança”.

A partir da modernidade, alguns artistas passam a se interessar pelas diferentes fases da produção gráfica infantil como fonte de alimentação da arte abstrata.

Animados por um desejo de desestruturação, eles desenvolvem pesquisas no sentido de uma arte de caráter espontâneo e inventivo. Voltam-se para o folclore, o artesanato, as produções primitivas e o grafismo infantil.

Foi o desejo de recomeçar tudo desde as bases da criação que permitiu uma redescoberta do universo gráfico e plástico da criança, assim como os de vários povos então chamados “primitivos”.

Assim, esses artistas retornaram ao grafismo desenvolvido na infância, não só para buscar uma simplificação formal, mas também recusando-se a separar arte e vida para recuperar valores essenciais que caracterizam a infância.

Não foi um simples retorno, mas uma volta consciente do artista que, para alcançar plenamente o pensamento conceitual abstrato, percorreu um longo caminho, acumulando uma bagagem estética que lhe permitiu ousar em novas conquistas criativas.

*Toda criança é um artista.  
O problema é como manter-se  
artista depois de crescido.*

**Pablo Picasso**

A frase de **Pablo Picasso**, um dos nomes mais famosos e versáteis da arte moderna, demonstra a importância que ele dava à expressão infantil.

A obra dinâmica do artista mostra o domínio que possuía nas mais diferentes técnicas artísticas: pintura, desenho, escultura, cerâmica e gravura.

O temperamento inquieto de Picasso buscava sempre inovar o seu trabalho, com novas formas e soluções.

Quando criança, ele gostava de representar cenas de touradas e, já adulto e famoso, fez uma série de gravuras e desenhos com touros. As obras são, em grande parte, esquemáticas.

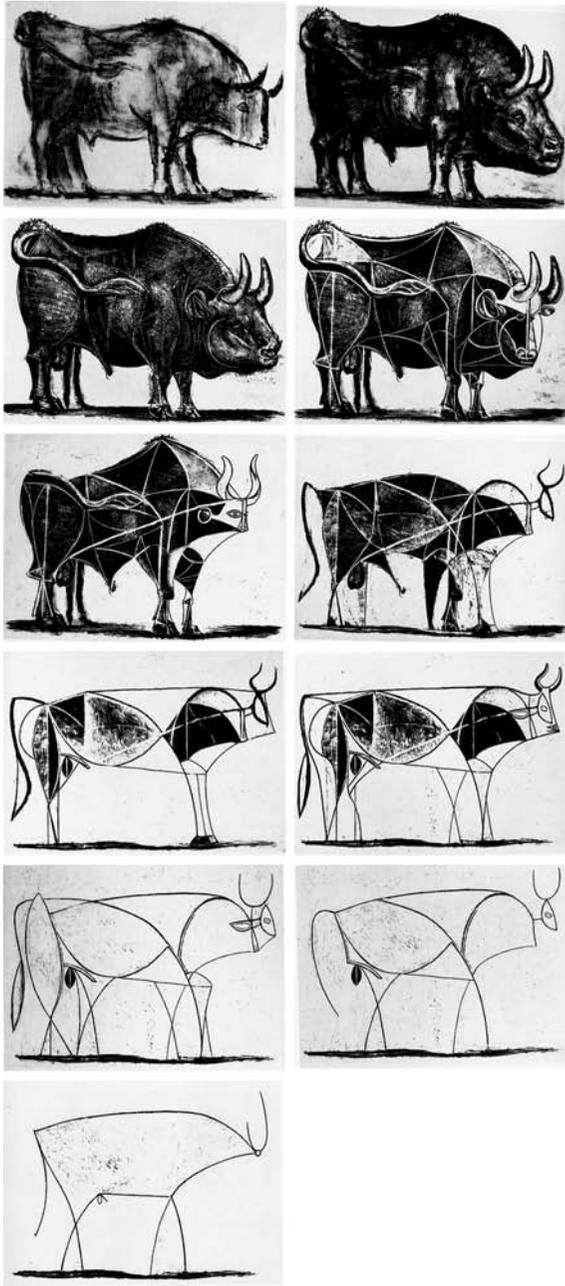
#### **PABLO PICASSO**

*(Málaga, 1881 – Mougins, 1973)*

*Pintor, desenhista, gravador e escultor espanhol, Picasso representa o típico artista moderno, por sua falta de preconceitos e criatividade inesgotável. Descobriu a arte africana e desenvolveu, no início do século XX, com Georges Braque, o Cubismo – uma radical reestruturação das linguagens plásticas que fundamenta diversas vanguardas artísticas. Posteriormente, Picasso alternou temáticas e estilos diversos, posicionando-se politicamente em relação à guerra civil espanhola na tela Guernica.*



No conjunto denominado *Bull*, 11 litografias apresentam simplificações sucessivas para uma imagem realista do animal até seu esqueleto ficar estritamente linear.



102. Pablo Picasso. Série *Touro*, 1945.

Picasso consegue expressar na forma mais simples a ideia do touro, como a criança que, na fase esquemática, não desenha o que vê, mas o que sabe e sente.

*A arte não imita o visível,  
torna visível.*

**Paul Klee**

**Paul Klee** foi outro artista cuja liberdade gráfica, muitas vezes, assemelha-se aos desenhos esquemáticos da criança. Klee criou seu próprio mundo pictórico, associando a poética e a musicalidade da linha que passeava sobre a superfície, fazendo surgir formas que uniam as linguagens musical e visual.



103. Paul Klee. *Lenda do Nilo*, 1937.

**PAUL KLEE**

(Münchenbuchsee, 1879 – Locarno, 1940)

Pintor, desenhista, gravador, professor e teórico suíço, Klee produziu expressiva quantidade de trabalhos que enfatizam o próprio processo de formação destes por meio da experimentação de diversos materiais. Explorou temas da natureza e buscou aplicar à técnica artística princípios da composição musical, o que confere à cor um desenvolvimento polifônico e garante a seus trabalhos extraordinária liberdade de linguagem expressiva.

*Nunca antes de Klee, havia-se deixado uma linha sonhar.*

**Henri Michaux**

A formação musical de Klee, na infância, influenciou sua produção plástica quando adulto. Suas obras incluíam, com frequência, palavras, notações musicais e até símbolos hieroglíficos.

*Mesmo se você não tivesse me contado que ele tocava violino, eu teria adivinhado isso em várias ocasiões em que seus desenhos eram transcrições de música.*

**Rainer Maria Rilke, sobre Paul Klee**



104. Joan Miró. A Estrela da Manhã (da série Constelações), 1940.

### JOAN MIRÓ

(Barcelona, 1893 – Palma de Maiorca, 1983)

Pintor, escultor e gravador espanhol, Miró produziu inovações técnicas e artísticas decisivas para a arte do século XX. Exponente de viva autonomia do Surrealismo, criou um mundo próprio, por meio de composições líricas e coloridas baseadas em um equilíbrio dinâmico. Construiu espaços ritmados com linhas energéticas e formas fantásticas que sugerem organismos vivos – céus estrelados, pássaros, figuras femininas que se referem à realidade percebida e também ao universo dos sonhos.

Assim como Picasso e Klee, o artista **Joan Miró** também criou sua própria linguagem simbólica, inventando uma escrita ágil, curvada e musical.

Seus trabalhos revelam espontaneidade no traçado e elaboração na técnica, representando a natureza, em um sentido poético e transcendental como as produções gráficas do homem primitivo ou da criança.

*Ao artista é indispensável a coragem de ver a vida inteira como no tempo em que se era criança, pois a perda dessa condição nos priva da possibilidade de uma maneira de expressão original, isto é, pessoal.*

**Henri Matisse**

Será que desenho é letra?



105. Maria Eduarda. Escrita fictícia, 2008.

Há uma fase do grafismo infantil em que a riqueza de invenções formais se repete, em um tipo de escrita fictícia, com os traços alinhados em uma espécie de magia, que busca uma comunicação.

Alguns signos visuais são resgatados, lembrando letras que, como desenhos, possuem ritmo e pulsação.



*A estrutura vertical-horizontal é inerente à composição visual da mesma forma que o ritmo à música.*

**Rudolf Arnheim**

Os desenhos e os símbolos das crianças, quando representam ideias, são como a necessidade de comunicação escrita de antigas civilizações.

Os astecas e os maias desenvolveram sistemas de comunicação por sinais. Os escritos em língua maia eram uma espécie de desenhos esculpidos em pedra. A cultura egípcia usou uma forma de escrita – os **hieróglifos** – que era pintada e tinha uma enorme variedade de sinais.

A tradução desses escritos é a fonte histórica para o conhecimento dessas civilizações.



106. A **Pedra de Roseta** no Museu Britânico.

Tão difícil quanto a tradução dos primeiros hieróglifos é também o entendimento das produções simbólicas infantis. Geralmente, é necessário que a criança “traduza” suas notações para que o adulto possa entender.

Descobrir a existência de códigos socio-culturais de representação leva a criança a sentir a necessidade de imitar e repetir o mundo adulto.

Podemos dizer que todos nós já nascemos mergulhados em símbolos, sinais e textos.



107. Gabriel. Desenho esquemático infantil, 2008.

Ao aprendermos os símbolos da linguagem escrita no processo de alfabetização, muitas vezes deixamos de criar nossa própria linguagem simbólica para dominar os códigos visuais e gráficos da cultura.

A criança, ao reconhecer a letra que inicia seu nome, estabelece com ela um sentimento afetivo e de posse. Passa a identificá-la em diferentes situações, e cresce seu interesse em copiá-la, escrevê-la e desenhá-la.

### **HIEROGLIFOS OU HIERÓGLIFOS**

*São os caracteres utilizados nos sistemas antigos de escrita pictórica (composto por imagens). Largamente difundidos na Antiguidade, os hieroglifos até podem ter semelhança com objetos que representam, no entanto, o comum é que eles representem sons particulares ou grupos de sons, como os sistemas de escrita modernos. Hieroglifos compõem sistemas de escrita, tais como maia, hitita e cretense antigo.*

### **PEDRA DE ROSETA**

*Elemento fundamental para a decifração da escrita egípcia. É um bloco de granito negro, com cerca de 762kg, com inscrições em três escritas diferentes: hieroglífica (escrita sagrada dos sacerdotes), demótica (a escrita comum egípcia) e grega (escrita nativa dos faraós ptolomaicos). Descoberta em 1799 perto de El-Rashid (Roseta, para os europeus), no Egito, por um soldado de Napoleão. O inglês Thomas Young e, mais tarde, o francês Jean-François Champollion foram os responsáveis pela decifração.*

O desenho é um pensamento visual que podemos adaptar a qualquer natureza do conhecimento, seja ele científico, artístico, poético ou funcional, como, por exemplo, as letras do alfabeto.

A criança quer expressar e comunicar pensamentos, sentimentos e desejos por meio da linguagem escrita. Quando aprende a escrever seu nome, que é muito importante por ser a primeira palavra com a qual trabalha, faz e reformula hipóteses.

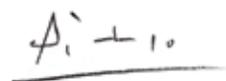
A assinatura do próprio nome é um modelo de escrita que ganha estabilidade antes de outras palavras. É uma marca de identidade, desenho único, presença gráfica que identifica cada um de nós no mundo e nos dá posse e autoria.

A história da arte nos mostra que, na Antiguidade, nem sempre as obras eram identificadas, assinadas por seus autores. Somente na época medieval se instituiu a autoria, que se consolidou, mais tarde, no Renascimento.

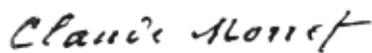
A assinatura fortalece a obra como criatura do seu criador e perpetua o indivíduo.



108. Assinatura de Salvador Dalí.



109. Assinatura de Pablo Picasso.



110. Assinatura de Claude Monet.

Picasso vive no Cubismo ou o Cubismo vive em Picasso?

Do mesmo modo que a assinatura dá voz ao artista, também um movimento artístico aliado ao estilo individual dá validade a essa voz. Por isso, o Cubismo lembra Picasso, o Impressionismo é relacionado a Monet, e o Surrealismo está ligado a Dalí.

O mesmo processo ocorre em outras linguagens artísticas.

A força criativa individual é, às vezes, tão presente que, mesmo quando os artistas, por diferentes motivos, se escondem personagens usando outras assinaturas, transparecem nas obras as identidades reais.

Esse é o caso dos heterônimos do poeta **Fernando Pessoa**, que assinam muitos de seus poemas; e de Julinho da Adelaide, um pseudônimo do compositor **Chico Buarque de Hollanda** nos anos de repressão política no Brasil.

*Todo tempo de grande opressão é tempo de grandes sutilezas.*

Millôr Fernandes

### FERNANDO PESSOA

(Lisboa, 1888-1935)

Considerado o maior poeta de língua portuguesa, ao lado de Luís de Camões, ou da poesia universal, junto com Homero, Fernando Pessoa é celebrado pelas suas diversas personalidades literárias, os “heterônimos”, como Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. Quando morreu, em 1935, não era muito conhecido, mas deixou milhares de originais datilografados ou manuscritos que, descobertos e publicados, o tornaram um dos maiores escritores da literatura ocidental.

### CHICO BUARQUE

Nasceu no Rio de Janeiro, em 1944. Cantor e compositor consagrado, é reconhecido pela diversidade temática de suas canções, que alcançam grande sucesso desde a década de 1960. Também é escritor, tendo publicado as peças Roda Viva (1968), Calabar (1973), Gota d’Água (1975) e Ópera do Malandro (1979); a novela Fazenda Modelo (1974); e os romances Estorvo (1991), Benjamim (1995) e Budapeste (2003).





Será que letra é desenho?



111. Van Gogh, Carta a John Russell, 1888.

O desenho é uma das formas de representação gráfica e, como a escrita, serve para registrar as nossas ideias e os nossos pensamentos. Assim, desenho e escrita são recursos de expressão e comunicação.

Na Idade Média, antes da invenção da imprensa, os ensinamentos cristãos eram marcados em folhas de papel.

Os copistas transcreviam os textos, deixando espaços para que os artistas fizessem as imagens, os cabeçalhos, os títulos ou as letras maiúsculas com que iniciavam as escrituras.

Essas imagens eram denominadas **iluminuras**.

Com grande rigor técnico e qualidade estética, os manuscritos iluminados exibiam ornamentações, letras desenhadas e cores fortes, ouro e prata na pintura decorativa.

Essas letras eram verdadeiras obras de arte e aparecem, ao longo do tempo, transformadas em monogramas que identificam objetos de uso pessoal das classes da nobreza.



112. Manuscrito iluminado francês, c. 1470.

O desenho manual de letras e de palavras deu origem à arte da **caligrafia**, que se desenvolveu, de formas diferenciadas, desde as civilizações tradicionais até as vanguardas artísticas do século XX.

### ILUMINURAS

Arte de ilustração dos livros antigos, manuscritos, que remonta à Idade Média, praticada e desenvolvida em sociedades islâmicas e, principalmente, na Europa. Originalmente, "iluminura" significava a ornamentação dos livros manuscritos com ouro ou, mais raramente, prata, o que dava a impressão de que a página ficava literalmente iluminada. Atualmente, remete à ilustração ou à decoração, feita com ou sem ouro, de antigos manuscritos.

### CALIGRAFIA

A palavra "caligrafia" tem origem no grego kallos ("beleza") e graphein ("escrever"). Para alcançar uma boa caligrafia, é necessário ter um conhecimento seguro da forma correta das letras e bastante habilidade para reproduzi-las da mesma forma ao longo de todo o texto. A arte da caligrafia privilegia a beleza da forma, não necessariamente a maior clareza da escrita.

113. Página à esquerda: iluminura medieval (detalhe).





114. Caracteres góticos na capa da Bíblia de Lutero, 1541.

*A caligrafia está para a escrita como a voz está para a fala.*

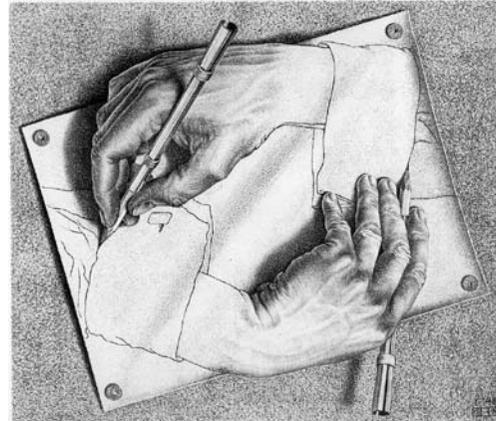
*A cor, o comprimento e espessura das linhas, a curvatura, a disposição espacial, a velocidade, o ângulo de inclinação dos traços da escrita correspondem a timbre, ritmo, tom, cadência, melodia do discurso falado. Entonação gráfica.*

**Sobre a Caligrafia / Arnaldo Antunes**

A letra tem um estilo que nos identifica?

Todos nós temos um traçado próprio para a escrita, embora usemos o mesmo código padrão – o alfabeto. Por isso, a maneira como escrevemos é uma forma de identificação. A assinatura se transforma no decorrer dos anos.

São vários ensaios, principalmente na juventude, buscando um traçado ideal que atenda a características individuais. A assinatura é o acesso à sociedade formal, funcionando como um crédito de identificação.



115. M. C. Escher. *Mãos Desenhando*, 1948.

E, se nossas mãos não desenvolveram a habilidade da escrita, elas também podem funcionar como registros de identidade, por meio das impressões digitais, desenhos que a natureza fez em nossa pele, nos marcando como seres únicos.

*As mãos simbolizam o próprio “eu” da criatura. A personalidade nelas está gravada. Muito mais que na cara e no nome, nossa identidade está nas impressões digitais.*

**Luis Fernando Veríssimo**

E onde ficaram nossas expressões artísticas?

Muitas vezes, elas estão esquecidas no passado, nos desenhos em cadernos, no registro das agendas, nas lembranças das músicas da infância, nas brincadeiras dramatizadas de faz de conta, junto com o arteiro que nasceu com cada um de nós.

A aquisição de diferentes códigos sociais pode, de certo modo, desestimular os processos de investigação das linguagens artísticas e bloquear o crescimento da expressão estética. Os saberes adquiridos devem ser sempre aliados ao exercício do pensar imaginativo. Dessa forma, podemos encontrar soluções inovadoras e ousadas, seja no campo da arte ou em qualquer outro campo de conhecimento.

Digitais e assinaturas são desenhos exclusivos, próprios da identidade.

A procura e a descoberta de um estilo pessoal, mesclado com os códigos culturais, certamente vão construindo a poética que marca a nossa existência.



116. Saul Steinberg. *Sem título*, c. 1950-1954.

*Minha tarefa pode ser comparada à obra de um explorador que penetra numa terra desconhecida. Descobrimo um povo, aprendo sua língua, decifro sua escrita e compreendo cada vez melhor sua civilização. Acontece o mesmo com todo adulto que estuda a arte infantil.*

**Arno Stern**

## Conhecimentos em arte

- Os elementos visuais presentes na natureza.
- Os efeitos conseguidos com o uso de diferentes técnicas e materiais.
- A geometrização e simplificação de formas nos desenhos do homem primitivo, das crianças e de artistas contemporâneos.
- A função simbólica da arte.
- As marcas de identidade.
- As formas específicas de expressão de cada linguagem artística.
- A comunicação por meio da arte.

## ARTiculando em sala de aula

Professor(a), com base no texto lido, sugerimos algumas atividades para propor aos alunos:

- Observar marcas na natureza: as originais e aquelas deixadas pela ação do tempo ou por outras interferências. Registrar marcas de folhas, troncos, flores e frutos, imprimindo as texturas com lápis cera deitado sobre a superfície do papel.
- Perceber a importância das mãos como símbolo da presença humana, desde a idade das cavernas até a passarela da fama em Hollywood. Fazer o contorno da própria mão sobre um papel. Recortar a forma e colocá-la sobre uma base de cartolina. Salpicar guache, com o atrito de uma escova de dentes sobre uma peneira, para obter a silhueta.





- Pesquisar imagens com os desenhos primitivos das cavernas. Fazer formas simplificadas que mostrem ações cotidianas na atualidade, usando canetas hidrocor sobre papel pedra.
- Olhar os grafites nos muros do bairro. Em grupo, pintar com hidrocor e guache um painel com desenhos semelhantes aos grafites.
- Criar *raps* com assuntos escolhidos pela turma. Ilustrar a capa para o CD das músicas. Fazer uma coreografia de *break*, dançando ao ritmo das músicas.
- Observar os elementos geométricos utilizados nos trabalhos artísticos indígenas. Geometrizar, por meio do desenho, formas de objetos do meio ambiente dos alunos.
- Trabalhar em duplas, nas quais um aluno faz o contorno do corpo do outro colega sobre papel 40kg. Preencher a silhueta do próprio corpo, imitando a pintura corporal indígena e usando as cores branca, preta e vermelha.
- Repetir a atividade acima, preenchendo outro contorno do corpo com tatuagens características do homem urbano e colorindo com três cores diferentes das anteriores.
- Ler a poesia *Traduzir-se*, de Ferreira Gullar, e ouvir a canção composta por Fagner para esse poema. Fazer máscaras faciais divididas ao meio, com desenhos diferentes em cada lado, abordando os seguintes temas: futebol, carnaval, teatro, protesto e outros.
- Criar formas diferentes para a escrita do próprio nome: letras em terceira dimensão, letras rebatidas, monogramas, assinaturas e outras.

- Observar diferentes formas de mandalas.



117. Mandalas tibetanas.



- Confeccionar, em grupos, grandes mandalas desenhadas no chão e preenchê-las com elementos naturais: folhas, flores, sementes, terra...

## Para visitar

**Museu do Índio** – A construção de 1880 abriga um dos mais importantes acervos indígenas da América Latina, entre objetos, documentos e obras sobre a etnologia desses povos.

*Endereço: Rua das Palmeiras, 55, Botafogo.*

*Tel.: (21) 2286-8899.*

**Museu Nacional** – O palácio pertenceu ao príncipe regente D. João VI e desde 1892 abriga o museu. Possui uma coleção de esqueletos de animais pré-históricos, armas e objetos indígenas do mundo todo, além de minerais e animais.

*Endereço: Quinta da Boa Vista, s/n., São Cristóvão.*

*Tel.: (21) 2568-8262.*

# Encontro marcado

## De volta ao passado

*Nós só podemos ver as coisas com clareza e nitidez porque temos um passado. E o passado se coloca para ajudar, ver e compreender o momento que estamos vivendo.*

**Iberê Camargo**

A arte está relacionada à natureza e a seus simbolismos, ao desenvolvimento individual das pessoas, à herança cultural dos grupos e à história da humanidade e de suas conquistas.

O conhecimento e a dimensão estética se constroem e se reconstroem nas ações mais simples das experiências cotidianas, como também nas produções artísticas dos diferentes períodos históricos.



118. Busto de Nefertiti, 1345 a.C..

Encontros marcados com o passado alimentam o entendimento do presente e nos projetam para o futuro.

*Existe um único lugar onde o ontem e o hoje se encontram e se reconhecem e se abraçam, e este lugar é o amanhã.*

**Eduardo Galeano**

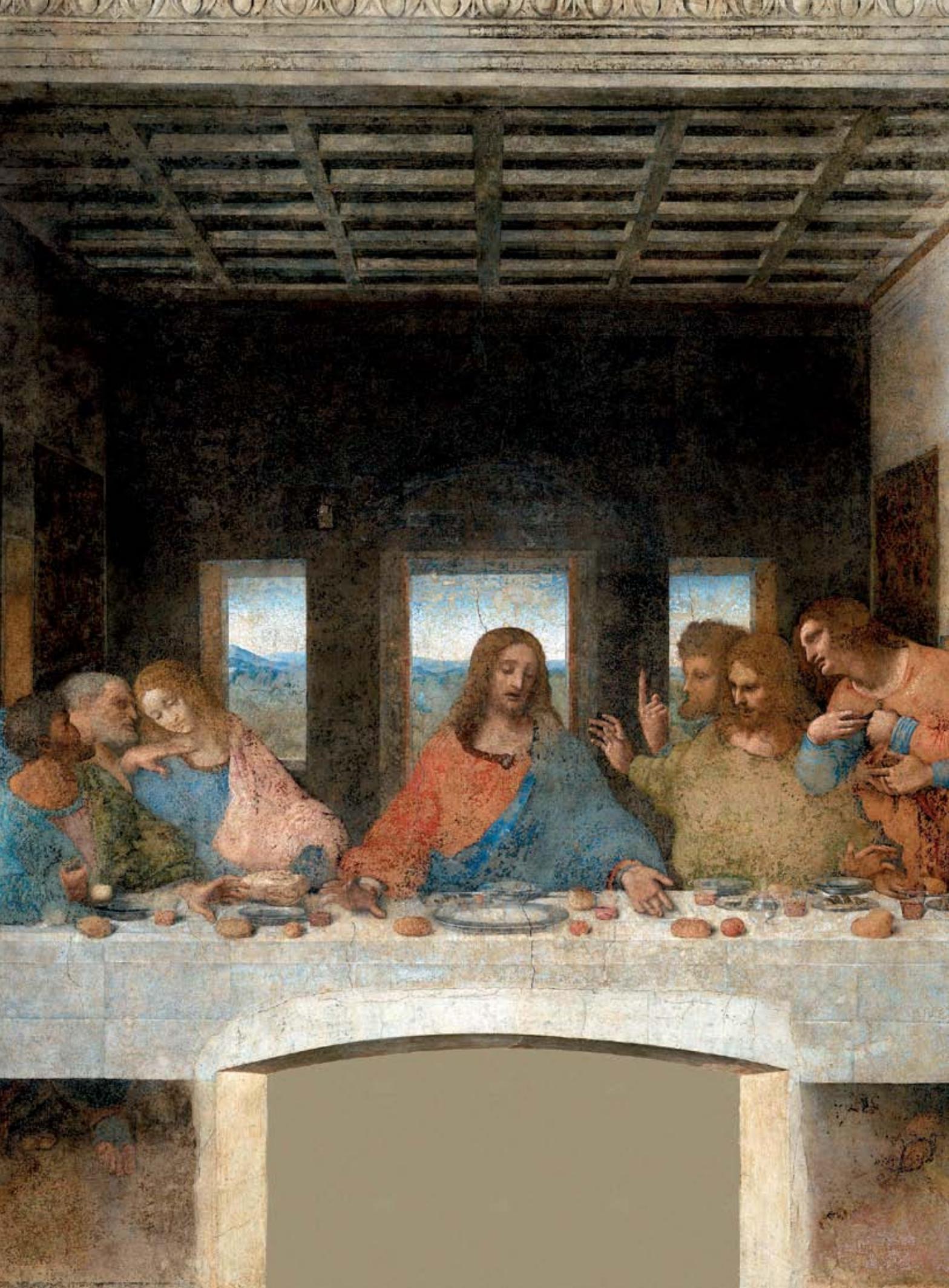
É importante assumir nosso papel como alguém que tem coisas a dizer, experiências e histórias para compartilhar, acreditando que, no encontro e na troca com o outro, crescemos mesmo quando nossas verdades são questionadas.

Vivemos em um mundo que transforma, a todo momento, paisagens, imagens e informações, com as quais temos que conviver. Mudanças são inerentes a todas as épocas e influenciam modos de ver, de pensar e de expressar.



119. Piero della Francesca. *Retrato de Federico de Montefeltro, Duque de Urbino*, 1465-66.





*A vida social está em permanente mudança, por mais que haja períodos de estabilidade nos quais todo conflito pareça superado. (...)*

*Essas transformações resultam de oposições, de descobertas e de revoluções, e as mudanças que promovem repercutem no gosto e na arte, numa busca constante por formas que expressem melhor o momento vivido.*

**Cristina Costa**

É por meio da sensibilidade estética que buscamos o entendimento da vida. A atitude de emoção e encantamento diante de uma obra de arte é própria dos seres humanos.

O prazer estético, além de ser próprio de cada indivíduo, se transforma ao longo do tempo, pois toda época elege os critérios estéticos que melhor representam a arte e a cultura do momento. Essa dinâmica nos meios de produção artística influencia os padrões e o gosto estilísticos de determinado período histórico.

Será que gosto não se discute?



121. Página à esquerda: Leonardo da Vinci. *A Última Ceia*, 1495-1498 (detalhe).

Cada um de nós tem preferências relacionadas à idade, às experiências e aos modos de viver. Selecionamos paisagens, cores, imagens, palavras, sons, ritmos, muitas vezes, sem percebermos a razão de nossas escolhas, por não estarmos atentos às emoções que nos provocam. Do mesmo modo, o ato de rejeitar algo é também produto de uma emoção que sentimos e da qual nem sempre conseguimos identificar as origens.

É importante aprendermos a distinguir por que temos determinados gostos e de onde vem o prazer que nos despertam, respeitando outras preferências e novas possibilidades.

Nosso gosto não deve ser compartilhado como demonstração de verdade absoluta, mas como aquilo que nos identifica e difere.

A história da arte evidencia bem a questão do “gosto”, que se traduz nos estilos e nos ideais de beleza, inerentes a épocas e a lugares diferentes nos quais as obras foram produzidas, mas também na estética do incômodo, do feio, do grotesco.

Que tal marcarmos um encontro com o passado? Voltando no tempo, ao século XVIII, estamos dentro de uma igreja barroca em Minas Gerais.

O esplendor da arquitetura e da decoração interior com seus dourados e rebuscados nos envolve, aprisionando nosso olhar nos

120. Leonardo da Vinci.  
*A Última Ceia*, 1495-1498.

detalhes esculpidos na madeira, nos anjos gorduchos que se espalham por toda parte, parecendo cuidar do local.

Ao levantarmos a cabeça, a pintura que toma todo o teto da igreja nos encanta com sua leveza e instiga nossa curiosidade sobre a forma como foi realizada. Para completar o ambiente, uma música inesperada preenche todo o espaço local e o nosso interior, pelos acordes de um órgão centenário.

Esse é um cenário barroco que se repete em várias cidades brasileiras, despertando as emoções humanas através dos tempos.

No Brasil, o estilo barroco se desenvolveu adquirindo características próprias no encontro da cultura europeia, trazida pelos

portugueses, com os princípios enraizados da nossa identidade miscigenada. O dinamismo, as emoções, os contrastes estavam presentes nas diferentes linguagens da arte.

O **barroco** foi tão marcante em nossa cultura que encontramos elementos como a curva e o movimento reinterpretados conceitual e estilisticamente na atualidade, seja na resolução espacial da arquitetura de Oscar Niemeyer ou nas releituras formais encontradas nas obras plásticas de Hilton Berredo e **Adriana Varejão**.



122. Mosteiro de São Bento – Capela-mor. Fundado em 1590.



123. Adriana Varejão. Azulejões, 2000-2001.

### BARROCO

*Remete à ênfase em efeitos dinâmicos encontrada na música, na literatura, no teatro e nas artes visuais por volta dos séculos XVII e XVIII em diversas partes do mundo. Nas artes visuais, as obras barrocas caracterizam-se pelo uso de contrastes abruptos de luz e sombra e diagonais e curvas. Em oposição às belas formas clássicas, evidencia-se certo realismo, com a valorização da experiência cotidiana, do drama humano ou da plástica comunicativa.*

### ADRIANA VAREJÃO

*(Rio de Janeiro, 1964)*

*Pintora carioca, começou a produzir no fim dos anos 1980 com base em referências do período colonial brasileiro: apropriou-se de mapas, azulejos e obras dos artistas viajantes, evocando o barroco na articulação entre pintura, escultura e arquitetura. No fim dos anos 1990, empregou cortes e suturas em telas que permitem entrever tinta e outros materiais que sugerem o aspecto de carne.*

Entre os mais importantes artistas do barroco brasileiro, está **Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho**, cuja obra caracteriza diferentes cidades de Minas Gerais.

O conjunto de esculturas dos profetas e das capelas em Congonhas do Campo mostra a grandiosidade do trabalho desse artista. Nas figuras de Aleijadinho, os olhos amendoados, o nariz reto e alongado, o queixo pontiagudo são assinaturas que marcam seu trabalho.



124. Aleijadinho. Profeta Joel, 1800-1805.

*... na paz das minas exauridas,  
conversam entre si os profetas.  
Aí onde os pôs a mão genial de  
Antônio Francisco, em perfeita co-  
munhão com o adro, o santuário, a  
paisagem toda – magníficos, terrí-  
veis, graves e eternos –, eles falam  
de coisas do mundo que, na lingua-  
gem das Escrituras, se vão transfor-  
mando em símbolos.*

**Colóquio das Estátuas /  
Carlos Drummond de Andrade**

É importante observar que, mesmo quando a obra está relacionada aos princípios estéticos de um determinado período histórico, a marca do artista, seus gostos, suas características pessoais e a influência cultural se evidenciam, identificando seus trabalhos.

Isso ocorre, ao longo da história da arte, quando alguns artistas sobressaem no conjunto de obras de uma época pela força expressiva que define sua criação.

Se formos mais longe no tempo, encontraremos, no período renascentista na Itália, a genialidade de **Michelangelo**, que, aos 23 anos, fez sua primeira obra-prima – a *Pietà*, escultura em mármore que reúne Cristo e a Virgem Maria.

#### **ANTÔNIO FRANCISCO LISBOA, O ALEIJADINHO**

(Vila Rica, atual Ouro Preto, MG, 1730-1814)

Escultor, arquiteto e entalhador, foi o principal artista brasileiro do período colonial. Mesclou influências brasileiras populares e europeias eruditas e realizou obra singular no cenário barroco-rococó internacional. Esculturas devocionais, projetos arquitetônicos, ornamentos em pedra-sabão e conjuntos de talha de sua autoria acompanharam apogeu, crise e declínio do ciclo do ouro em Vila Rica, atual Ouro Preto.

#### **MICHELANGELO DI LODOVICO BUONARROTI SIMONI**

(Caprese, 1475 – Roma, 1564)

Escultor, pintor, arquiteto e poeta toscano, foi o primeiro artista reconhecido como um gênio por seus contemporâneos. Treinado na pintura e depois na escultura, desenvolveu trabalho no afresco ou no mármore que revelou pleno domínio no desenho do corpo humano em qualquer posição e ângulo. Criou figuras que se contorcem em movimentos violentos, mas cujos contornos se mantêm sempre firmes e serenos.





125. Michelangelo. *Pietà*, 1499.

O Renascimento, no encontro com a arte greco-romana, retomou os ideais de beleza que, nas mãos de Michelangelo, adquiriram expressividade única, comprovando a identidade do artista.

Por considerar a escultura uma arte divina, Michelangelo transportou características escultóricas também para a pintura. Um dos exemplos mais extraordinários é o teto da Capela Sistina, que, a pedido do Papa Júlio II, foi pintado em afresco.



126. Michelangelo. *A Criação de Adão*, 1508-1512.

As mais de 300 figuras em movimento, idealizadas pelo artista, têm uma qualidade de relevo como se tivessem sido esculpidas em pedra colorida.

Mesmo distantes dois séculos e pertencentes a movimentos artísticos com princípios estéticos opostos (Renascimento e Barroco), Michelangelo e Aleijadinho encontram-se na capacidade de expressar a arte de seu tempo, de forma única, desenvolvendo pesquisas próprias, apresentando novos padrões de representação plástica, revelando maestria incomparável em suas obras.

O ser humano, em contato com uma obra de arte, faz dela uma leitura diretamente relacionada às suas referências pessoais e culturais. Assim, toda e qualquer linguagem é um instrumento que pode nos levar a viver diferentes momentos e decolar para outros espaços.

E qual é o passaporte para a viagem da imaginação do artista?



127. Michelangelo. Teto da Capela Sistina, 1508-1512.

*Ainda bem que a mente viaja  
sem passagem...*

**Eduardo Galeano**

Percebemos que a liberdade de criação permite viagens por épocas e lugares diferentes, expressando o que o artista imagina, mesmo quando as obras são encomendadas e os temas são impostos.

No passado, era comum a arte ser financiada por mecenas – nobres ricos – que determinavam o que queriam e pagavam pelas obras.

A imaginação humana é tão fértil que possibilita ao artista representar fatos fora de seu tempo, de sua época.

No **período romântico**, quando a emoção e o lirismo caracterizavam a arte, **Victor Meirelles**, artista brasileiro de formação acadêmica, pintou o quadro *A Primeira Missa no Brasil*, em 1861.

Quase 400 anos depois da chegada dos portugueses, o pintor imaginou toda a composição da cena, procurando ser fiel ao relato de Pero Vaz de Caminha na carta ao rei D. Manuel.

Em nosso país, essa é uma das pinturas mais populares e já faz parte do imaginário cultural brasileiro. Foi reproduzida em cédulas de dinheiro, em capas de caderno e em livros escolares, representando esse momento da história do Brasil de maneira tão forte que consolidou como “verdadeira” a criação do artista.

Acreditamos na imagem criada por Victor Meirelles como se ela fosse uma foto do acontecimento.



128. Victor Meirelles. *A Primeira Missa no Brasil*, 1861.

## ROMANTISMO

*Movimento artístico, literário, filosófico que reagiu ao racionalismo iluminista e teve seu auge na Europa do início do século XIX. Em contraposição ao equilíbrio e à clareza clássicos, as obras românticas se caracterizavam pelo excesso – paixões e emoções manifestas por uma viva subjetividade. Foi nesse período que surgiu a própria ideia de criação artística, que passou a ser entendida como produto de uma individualidade.*

## VICTOR MEIRELLES

*(Desterro, atual Florianópolis, 1832 – Rio de Janeiro, 1903)*

*Pintor e desenhista acadêmico brasileiro, foi um dos maiores representantes de nossa pintura romântica, ou pintura histórica, que visa construir a imagem da nação recém-independente por meio da representação dos primeiros habitantes e de eventos históricos marcantes. Recebeu várias encomendas de quadros oficiais, entre eles, A Primeira Missa no Brasil e a Batalha de Riachuelo.*





...esta imagem do descobrimento dificilmente poderá vir a ser apagada ou substituída. Ela é a primeira missa no Brasil.

Jorge Coli

O quadro de Victor Meirelles, anos depois, foi fonte de inspiração para os pintores **Candido Portinari** e **Glauco Rodrigues**.

Portinari, em 1948, retomou o tema em um mural encomendado para a sede do Banco Boavista, na cidade do Rio de Janeiro, com a função educativa de aproximar o público da arte e da sua história.



129. Candido Portinari. *A Primeira Missa no Brasil*, 1948.

A obra tem características modernistas, sem preocupação com a descrição feita na carta de Caminha, apresentando uma composição cenográfica com figuras geometrizadas.

#### **CANDIDO PORTINARI**

(Brodóski, SP, 1903 – Rio de Janeiro, 1962)

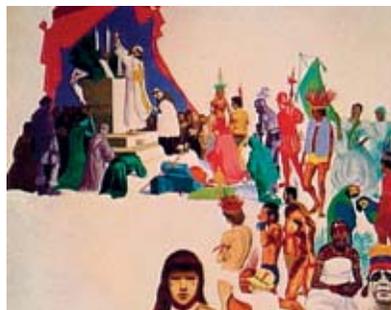
Pintor e desenhista brasileiro, foi talvez o principal representante de nosso Modernismo artístico ao realizar obra afinada com a ênfase social do governo de Getúlio Vargas nos anos 1930. De formação acadêmica, teve interesse pela arte moderna, em especial por Picasso, e pelo Muralismo mexicano, cujo forte caráter social vai ao encontro de seu objetivo de criar uma arte baseada em tipos populares e trabalhadores.

#### **GLAUCO OTÁVIO RODRIGUES**

(Bagé, RS, 1929 – Rio de Janeiro, 2004)

Consagrado artista brasileiro, pintor, desenhista, gravador, ilustrador e cenógrafo. Em 1958, mudou-se para o Rio de Janeiro e integrou a primeira equipe da revista *Senhor*. Produziu obras sobre temas nacionais, como o índio, o carnaval, o futebol, a natureza tropical e a história do Brasil. É autor do painel em mosaico na entrada da Fundação Oswaldo Cruz (RJ) e de outro que se encontra no Aeroporto Internacional de Salvador (BA).

Glauco Rodrigues, em 1971, para contestar o modelo cultural vigente no país, elaborou a série *A Carta de Pero Vaz de Caminha*, com 26 quadros que, como uma história em quadrinhos, narram o descobrimento com legendas retiradas da própria carta. Um desses quadros remete diretamente à obra de Victor Meirelles, mas com características de uma irreverente alegoria, apresentando figuras pertencentes a várias épocas brasileiras.



130. Glauco Rodrigues. *Carta de Pero Vaz de Caminha* – 26 de Abril de 1500, 1971.

Do mesmo modo que na pintura, a carta de Pero Vaz de Caminha deu origem a criações artísticas em outras linguagens. São exemplos o livro *A Viagem do Descobrimento*, de Eduardo Bueno, publicado em 1998, e o texto *Segunda Carta de Pero Vaz de Caminha a El Rei*, de Darcy Ribeiro, escrito em 1960, que narra a construção de Brasília.

Assuntos, temas, tendências e estilos se propagam por todas as linguagens da arte, deixando marcados os lugares e as épocas onde e quando floresceram.

131. Página à esquerda: Carta de Pero Vaz de Caminha (detalhe).

*Cada obra pede uma interpretação diferente. A história de uma obra de arte é a história de seu autor e de sua época, mas é, também, a história das sucessivas leituras dela que foram feitas.*

**Frederico de Morais**

No Brasil do século XIX, o Romantismo procurou uma linguagem própria, nacional, com temas ligados ao índio, a fatos históricos, a costumes brasileiros. Nas diferentes linguagens artísticas, esse estilo apareceu e se consolidou, conferindo prestígio e popularidade às artes, com uma maior frequência da sociedade a espetáculos teatrais, musicais e exposições.

O tema indianista aparece na literatura de José de Alencar e na música de Carlos Gomes; o negro está na obra de Bernardo Guimarães e na poesia de Castro Alves.

Os tipos regionais brasileiros são representados no teatro de Martins Pena e, mais tarde, no trabalho de Arthur Azevedo. Essa mesma temática caracteriza a obra do pintor **Almeida Júnior**, que, com seus tipos populares do interior do Brasil, mostra a paisagem, a luz e o sabor da terra.

Em nosso país, o Romantismo foi um movimento eclético que perdurou por cerca de 50 anos e envolveu estilos e temas diferenciados em torno da busca de uma brasilidade, com paixão e liberdade de criação e aberto a mudanças na pesquisa da sensibilidade humana.



132. Almeida Júnior. *O Violeiro*, 1899.

As ideias geradas por nossa imaginação, as mensagens que trazemos dentro de nós tornam-se realidade em diferentes encontros. O encontro com o nosso tempo, com o nosso espaço, com a nossa sensibilidade. O encontro com as origens, com o passado, com o legado artístico e cultural. E um provável encontro futuro do que de nós ficar com as próximas gerações.

Esses encontros se tornam marcantes na troca e comunicação das criações de artistas e arteiros.

*Às vezes me reconheço nos demais.  
Me reconheço nos que ficarão, nos  
amigos abrigos, loucos lindos de  
justiça e bichos voadores da beleza e  
demais vadios e mal cuidados que an-  
dam por aí e por aí continuarão, como  
continuarão as estrelas da noite e as  
ondas do mar. Então, quando me reco-  
nheço neles, eu sou ar aprendendo a  
saber-se continuado no vento. (...)  
Quando eu já não estiver, o vento  
estará, continuará estando.*

**O Ar e o Vento / Eduardo Galeano**

**ALMEIDA JÚNIOR**

(Itu, SP, 1850 – Piracicaba, SP, 1899)

*Pintor e desenhista brasileiro, ocupa lugar em nossa história da arte com sua pintura regionalista. Renova a temática de nossa pintura ao retratar sua região, a expressão e os costumes do homem da terra; enfatiza a luminosidade solar, patente no clareamento de sua paleta. Ao valorizar o que é próprio de nossa cultura, é celebrado por alguns intelectuais como precursor do Modernismo.*

## Marca registrada

*O tempo se esvai, mas suas marcas ficam registradas a partir das linguagens.*

Larissa Alves

Qual a marca do seu tempo, da sua cidade, do seu país?

Alguns sinais registram flagrantes da vida urbana: *outdoors*, vitrines, placas, sinais, letreiros luminosos inundam as cidades, buscando comunicação com as pessoas que passam nas ruas.

Talvez a agitação dos tempos atuais tenha, nesses *flashes* rápidos, a marca dos grandes centros urbanos.

Ao entrarmos nas lojas, o jogo de formas e de cores dos produtos, dos rótulos e das embalagens procura prender o nosso olhar e apela para o consumo. Isso acontece na sociedade a partir da **Revolução Industrial**, quando uma nova maneira de conceber a realidade impôs um modo de vida diferente nos centros urbanos.

A produção em larga escala passou a oferecer uma grande quantidade de produtos para venda e precisava de consumidores para adquiri-los. A produção, nessa época, superava a demanda.



133. Times Square, Nova York.

### REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

*Período em que ocorreu a mudança de uma economia, agrária e artesanal, para outra, dominada pela industrialização mecanizada e produção em grande escala. Esse processo iniciou-se na Inglaterra no século XVIII e, favorecido pela reforma protestante (com o enfraquecimento da nobreza, a redução do poder do clero e a redistribuição de terras e bens da Igreja), espalhou-se para outras partes do mundo.*

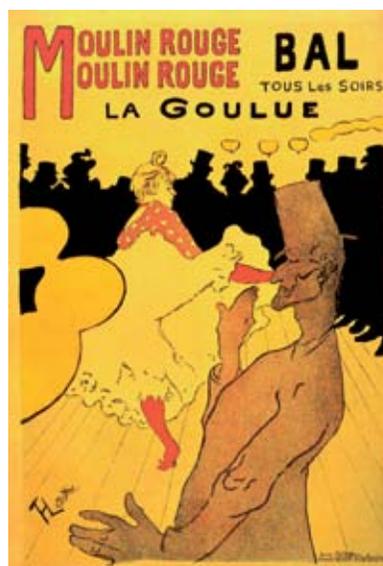
A necessidade de organizar, racional e visualmente, os produtos que seriam consumidos fez surgir o marketing e o design, que usam estratégias de comunicação para estimular o consumo e os negócios.

Esses novos campos da criação desenvolveram-se com a colaboração de artistas plásticos, responsáveis pela visualidade das campanhas, e de músicos que criavam *jingles* para serem veiculados no rádio e, mais tarde, na televisão.

No século XIX, o artista francês **Toulouse-Lautrec** foi o precursor da publicidade moderna, pois, com seus cartazes, descobriu os segredos da comunicação. Segundo Giulio Argan, ele “foi o primeiro a intuir a importância daquele novo ‘gênero’ artístico, tipicamente urbano, que é a publicidade – desenhar um cartaz ou a capa de um programa constituía, para ele, um compromisso tão sério quanto fazer um quadro”.

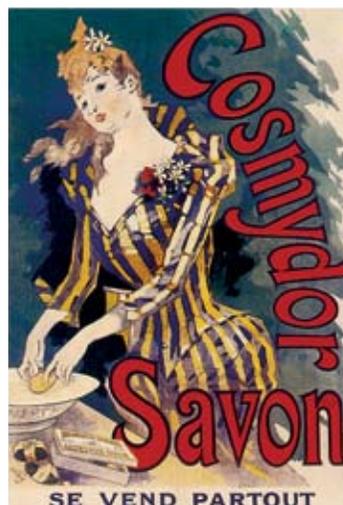
Paris conheceu o gênio gráfico de Lautrec a partir dos cartazes com as bailarinas do Moulin Rouge, marca registrada do artista, que fizeram dele o cartazista mais solicitado da época.

Ultrapassando os limites da contemplação impressionista, Lautrec buscou representar modos de viver a vida, de forma crítica e irônica, expressando uma maneira ativa de estar no mundo, ao produzir uma arte de comunicação.



134. Henri de Toulouse-Lautrec. *Moulin Rouge: La Goulue*, 1891.

Até hoje, os cartazes da **Belle Époque** alcançam grande sucesso como objetos de decoração, aparecendo em diferentes lugares no nosso dia a dia. São coloridos, divertidos e nos remetem à alegria dos cafés parisienses.



135. Jules Chéret. *Cosmydor Savon*, 1891.

#### **HENRI DE TOULOUSE-LAUTREC**

(Albi, 1864 – Saint-André-du-Bois, 1901)

*Pintor, gravador e desenhista francês, retratou o cotidiano urbano parisiense do século XIX, em particular o mundo efêmero e brilhante do teatro de variedades. Sua arte coincidiu com dois dos maiores desenvolvimentos da cidade no período: o nascimento da gravura moderna e a explosão da cultura da vida noturna. Com seus pôsteres, levou o meio popular da litografia de propaganda ao campo da alta arte.*

#### **BELLE ÉPOQUE**

*Literalmente, “Bela Época”, nome dado na França ao período de efervescência cultural, avanços tecnológicos e euforia capitalista vivenciado na Europa entre o fim do século XIX e o início do século XX, em que se verificou uma elevação no padrão de vida das classes média e alta. Tal desenvolvimento foi favorecido pela existência de longo período de paz, encerrado com a eclosão da I Guerra Mundial (1914).*

136. Página à direita: Henri de Toulouse-Lautrec. *A Palhaça Cha U-Ka no Moulin Rouge*, 1897.



Os objetos da vida cotidiana podem ser trabalhos artísticos?

No século XIX, já havia uma preocupação estética com os objetos, aproximando artistas plásticos e artesãos, mas ainda predominava a produção artesanal.

No fim desse século, o movimento **Art Nouveau** procurou preservar o contato do artista com a natureza, por meio de um artesanato habilidoso, com linhas sinuosas, elementos vegetais e características dos animais, transformando formas naturais em formas decorativas.

*Os teóricos do movimento Art Nouveau preconizavam que a arte devia estar presente em todos os momentos de nossa vida, os artistas deviam desenhar desde quadros, até colheres e cadeiras. Esses objetos deviam também ser produzidos a baixo custo para poderem ser adquiridos pelas diferentes camadas sociais. Desejavam, portanto, o desaparecimento da divisão entre artes menores e maiores e o reconhecimento de uma única forma de arte, presente em todos os momentos e aspectos da vida.*

**Leonardo Visconti Cavalleiro**



137. René Lalique. *Mulher Libélula* (ornamento de corpete), 1897-1898.

O Art Nouveau chegou ao Brasil?

O artista Eliseu Visconti, conhecedor do movimento na Europa, procurou adaptar o estilo à nossa cultura e aos recursos existentes no país. Realizou, no Rio de Janeiro, a primeira exposição de arte aplicada à indústria, sendo considerado pioneiro do design no país.

A mostra incluía vários projetos: objetos de ferro, luminárias públicas, grades, cerâmica, vitrais, estamparia em tecido, papel de parede, capas de livros, revistas e cartazes.



138. Eliseu Visconti. Moringa executada para a inauguração do Theatro Municipal, 1909.

#### **ART NOUVEAU**

*Estilo artístico internacional que se desenvolveu na Europa da passagem do século XIX para o XX e espalhou-se pelo mundo. Na busca por comunicar o dinamismo moderno, arabescos e linhas sinuosas inspiradas em formas naturais foram aplicados em arquitetura, mobiliário e artes gráficas. O estilo buscou adaptar-se ao modo de produção industrial ao utilizar novos materiais, como o ferro e o vidro.*

139. Página à direita: Koloman Moser. Envelope para partitura de ópera, 1909 (detalhe).

MODER

MUSIKANT

ZWEI AKTE VON  
JULIUS BITTNER



KERMAN MODER

BSCHOTTS SÖHNE

O estilo Art Nouveau uniu arquitetos de vanguarda às transformações da indústria. As formas da natureza foram transportadas para os novos materiais de construção – o vidro e o ferro –, abrindo um caminho estético para uma arquitetura diferente.

São exemplos do estilo Art Nouveau: a Vila Penteado, em São Paulo, e o interior da Confeitaria Colombo, no Rio de Janeiro, onde beleza e elegância são marcas registradas de uma época.

Com raízes no Art Nouveau, mas apresentando uma maior simplicidade no estilo, o **Art Déco** adaptou princípios do Cubismo na geometrização das formas e influenciou as artes gráficas, o cinema e diferentes campos das artes visuais.



140. Confeitaria Colombo.

As marcas do Déco na arquitetura estão espalhadas pelo nosso país. A cidade de Goiânia possui um grande acervo; em São Paulo, encontramos o Estádio do Pacaembu e, no Rio de Janeiro, o Teatro Carlos Gomes e a torre do relógio da Central do Brasil.

Observamos, também, a presença desse estilo no *Monumento às Bandeiras*, de Victor Brecheret, em São Paulo, e no Cristo Redentor, projeto do engenheiro Heitor da Silva Costa, no Rio de Janeiro, considerada a maior estátua *art déco* do mundo.



141. Victor Brecheret. *Monumento às Bandeiras*, 1936-1953.



142. Cristo Redentor, 1931.

#### ART DÉCO

*Estilo decorativo francês presente na arquitetura, no design e na moda dos anos 1920/30. Influenciado pelo Art Nouveau, dele se distingue por emprego de linhas retas, curvas regulares e padrões geométricos. Adaptou formas dos movimentos artísticos de vanguarda a objetos, mobiliário, joias, design gráfico, etc. Surgiu como estilo luxuoso, mas adequou-se a materiais e formas compatíveis com a produção industrial ao expandir-se pelo mundo.*

Assim, a partir do século XX, surgiram novas ideias para integrar arte, artesanato e indústria, tornando os objetos não só funcionais, mas também possuidores de uma beleza estética.

Com esses objetivos, o arquiteto **Walter Gropius** fundou, na Alemanha, a **Escola Bauhaus**, onde professores-artistas pesquisavam cores, formas e materiais para a criação de objetos artísticos.



143. Marcel Breuer. *Cadeira em Tubo de Aço*, 1928.

*A Bauhaus procurava reunir pintura, escultura, arquitetura, desenho industrial numa mesma ação: reconciliar as artes e os ofícios às artes e a técnica.*

**Michel Ragon**

Os princípios do Art Nouveau e da Bauhaus ultrapassaram sua história e seu tempo, contribuindo para o desenvolvimento de uma preocupação estética na indústria, cujos resultados podem ser observados em nosso cotidiano.

Então, a indústria e a arte estabeleceram uma aliança eterna?

Em determinados momentos, uma se vale da outra, em alianças instáveis e temporárias, às vezes gerando conflitos. Mas devemos reconhecer que a indústria imprimiu um novo ritmo à produção cultural, além de popularizá-la.

A vida que a tecnologia industrial criou nos grandes centros urbanos marcou, por exemplo, as origens da **Pop Art**, movimento artístico que surgiu nos Estados Unidos, no século XX, e alcançou repercussão internacional.

Os temas utilizados pelos artistas pop são os símbolos e os produtos industrializados destinados ao público em geral.

O principal representante da Pop Art foi o americano Andy Warhol, que desafiou as convenções tradicionais sobre unicidade, autenticidade e autoria da obra de arte, colocando-a em outro patamar, em uma atitude de ousadia e provocação.

#### **WALTER GROPIUS**

(Berlim, 1883 – Boston, 1969)

Arquiteto, teórico e professor alemão, Gropius realizou uma das obras mais influentes do movimento moderno. Idealizador e diretor da Bauhaus, propôs arquitetura inovadora, marcada por emprego ousado de materiais (vidro, aço, concreto). Na busca por integrar indivíduo e sociedade, arte e indústria, forma e função, baseou sua obra na definição de uma metodologia do projeto capaz de encontrar soluções de aplicação universal.

#### **BAUHAUS (1919-1933)**

Escola alemã de arte, design e arquitetura que buscou unir arte e ofícios ao restabelecer a ligação entre criatividade artística e manufatura. Idealizada em 1919 por Walter Gropius, objetivou criar prédios, utensílios, mobiliário, livros, etc. tomando-se por base um projeto capaz de determinar uma forma racional adequada à produção em série. Seus professores se ligaram às mais avançadas tendências artísticas e propuseram a pesquisa de forma e materiais em aulas teóricas e oficinas práticas.

#### **POP ART (ARTE POP)**

Movimento artístico internacional que se apropriou de imagens da cultura de massa (história em quadrinhos, propaganda) veiculadas em diversas mídias. O termo surgiu na Inglaterra (1954) com a sátira de um grupo de artistas à sociedade de consumo. Manifestou-se com vigor nos EUA dos anos 1960, quando a relação direta entre produção de imagens e tecnologias de reprodução em série evidenciou o aspecto anônimo adquirido pelo objeto, consumido por sua imagem, e não por seu valor.

Sua inspiração partia das prateleiras dos supermercados. Eram latas de sopa, molho de tomate, garrafas de refrigerante, detergentes, caixas de sabão em pó, marcas da cultura americana que, por meio da técnica da serigrafia, eram reproduzidas, repetidas e ressignificadas.

A Pop Art não é um movimento coeso, mas tem, no gosto pelo imaginário popular e pelas técnicas comerciais, o registro de sua principal marca.

O artista observa a sua volta e escolhe imagens prontas para compor o seu trabalho, extraindo beleza e crítica de um simples produto.

Trata-se, então, de uma “arte pirata”?

Mesmo copiando imagens existentes no cotidiano, artistas como **Andy Warhol** as tomam por empréstimo e fazem uma nova leitura compositiva, transformando, com ironia, esses objetos em obras de arte.

Querendo mostrar que políticos, artistas e celebridades têm suas imagens públicas também consumidas como um produto, pela mídia, Andy manipulava fotos instantâneas de personalidades que eram símbolos de beleza, *glamour* ou poder, multiplicando e compondo diversas galerias de retratos.

*No futuro, sem dúvida, todo o mundo ficará famoso durante 15 minutos.*

**Andy Warhol**

Warhol cultivou o gênero do retrato ao longo de toda a sua carreira e se autorretratou com frequência, com a mesma ironia que caracteriza sua obra.



144. Andy Warhol. *Latas de Sopa Campbell's*, 1962.

**ANDY WARHOL**

(Filadélfia, 1930 – Nova York, 1987)

Artista e cineasta norte-americano, trabalhou tomando por base os signos banais e anônimos que circulavam em jornais e publicidade. Adotou como técnica principal a serigrafia, valendo-se da lógica da produção serial para questionar a noção de criatividade no mundo da reprodução e do consumo, os limites entre alta e baixa cultura e entre público e privado.



145. Andy Warhol. *Díptico Marilyn*, 1962.

E a pintura de retratos tem espaço na atualidade?

O retrato está na origem da pintura, mas, nos dias de hoje, ainda é comum, nas praças de nossa cidade, encontrarmos desenhistas especializados em retratar as pessoas.

O ser humano, para se sentir eternizado, sempre quis deixar uma marca registrada de sua própria imagem e, assim, ser lembrado no futuro.

Retratos e autorretratos estão presentes na história da arte, de formas diferentes, ao longo do tempo.

A moda da pintura de retratos surgiu no século XVI, e o artista deveria ter a habilidade de transparecer a identidade, a classe social e a semelhança do retratado.

Toda pessoa abastada posava pelo menos uma vez na vida para que um pintor fizesse seu retrato.

No século XIX, a fotografia substituiu, em grande parte, o retrato pintado, que voltou a surgir de outras formas no século XX.



146. Rafael Sanzio. *Senhora com Unicórnio*, 1505-1506.

*O retrato é um ajudante da memória; ele sobrevive à morte do modelo e será testemunha silenciosa nas gerações futuras.*

**Véronique Antoine-Andersen**



Se, em outras épocas, o artista tinha o compromisso de representar fielmente o modelo, após a invenção da fotografia, o pintor adquiriu mais liberdade expressiva na representação da figura humana, que pode ganhar massas coloridas, geometrizações, texturas e inúmeras possibilidades de interferências.

Na história da arte, o artista que mais se autorretrou foi Rembrandt, com mais de cem obras.

Desde jovem, pintou seu rosto e, ao longo da vida, registrou as marcas que o tempo desenhou, transformando sua aparência.



147. Rembrandt. *Autorretrato*, 1660.

*Quererão saber que espécie de pessoa eu fui.*

**Rembrandt**

Na busca de outro sentido para o autorretrato, o pintor holandês **Vincent van Gogh** também fez numerosas telas. Sua

vida breve não necessitou de um registro da passagem do tempo em seu rosto, mas sim das marcas intensas deixadas pelo sofrimento e pelos conflitos interiores de um temperamento ardente.



148. Vincent van Gogh. *Autorretrato com chapéu de feltro*, inverno de 1887-1888.

A cor era, para Van Gogh, o elemento fundamental da pintura. Em suas obras expressionistas, libertou-se de qualquer naturalismo no emprego das cores. Cada espaço da tela foi preenchido pela tinta, pelo pincel, pela cor, matéria e linha. Ele queria captar a beleza dos seres e a essência da vida humana, por meio de uma explosão de cores.

*Prefiro pintar olhos humanos a catedrais...*

*A alma de um ser humano é mais interessante em minha opinião.*

**Van Gogh**

#### **VINCENT VAN GOGH**

(Zundert, 1853 – Auvers-sur-Oise, 1890)

Pintor holandês, típico artista romântico, cuja obra foi incompreendida durante sua vida. Estruturou suas telas com pinceladas marcadas de cores vibrantes, cuja comunicação direta e efeito imediato fizeram de seus girassóis, ciprestes e autorretratos as mais conhecidas pinturas modernas. Desinteressado pela representação exata da natureza, exagerava cores e formas para transmitir o que sentia em relação às coisas que pintava.

149. Página à esquerda: Rembrandt. *Autorretrato*, 1640.

Rostos verdes, amarelos e azuis nos retratos expressionistas. E por que não?

No **Expressionismo**, a tinta pura explode, com ousadia e vivacidade, procurando representar as angústias e as emoções humanas, o medo e a solidão do homem às vésperas da Primeira Guerra Mundial.

Após voltar da Academia de Belas Artes de Berlim, a pintora **Anita Malfatti** mostrou suas pinturas expressionistas em exposições na cidade de São Paulo.



150. Anita Malfatti. *A Estudante Russa*, c. 1915.

Anita, distante do academicismo ainda em voga na época, retratou os modelos com coloridos fortes. Suas telas foram muito criticadas, mas tiveram importância histórica na construção de uma visão modernizadora de nossa cultura.

*Pintei A Estudante Russa, O Homem Amarelo, O Japonês, A Mulher de Cabelos Verdes e muitos quadros... Eu estava em pleno idílio pictórico.*

**Anita Malfatti**

Artistas inovadores uniram-se em torno de Anita e alimentaram a ideia de, em grupo, apresentarem o que se fazia de mais moderno no país. Para eles, a arte brasileira deveria marcar o encontro da cultura europeia com a diversidade da cultura nacional, registrando de elementos da miscigenação à singularidade da natureza tropical.

A valorização nacional era o propósito da **Geração 22**, que culminaria na **Semana de Arte Moderna**, no Theatro Municipal de São Paulo, com espetáculos e exposições que reuniam pintores, escultores, músicos, desenhistas, arquitetos e escritores com trabalhos que buscavam uma arte genuinamente brasileira.

### **EXPRESSIONISMO**

*Tendência artística moderna, encontrada em pintura, poesia, cinema, dança e teatro, que surgiu na Alemanha no início do século XX e se difundiu pelo mundo. Caracterizou-se pela ênfase na visão subjetiva em relação à representação objetiva do mundo: artistas distorciam formas, cores e sons para comunicar suas próprias emoções interiores que se projetavam sobre a realidade e provocavam efeito emocional.*

### **ANITA MALFATTI**

*(São Paulo, 1889-1964)*

*Pintora, desenhista e gravadora, Malfatti foi pioneira nas artes visuais do Modernismo brasileiro ao executar nossas primeiras pinturas com características modernas (uso de cores intensas ou distorção do desenho). Em 1917, após temporada no exterior, onde se formou em meio à intensa atividade artística e cultural de Berlim e Nova York, a artista realizou uma mostra em São Paulo que provocou polêmica em nosso meio cultural provinciano.*

### **SEMANA DE 22 (OU SEMANA DE ARTE MODERNA)**

*Mostra de artes plásticas e sessões literomusicais realizada no Theatro Municipal de São Paulo entre 13 e 18 de fevereiro de 1922. Integrante das festividades do Centenário da Independência do Brasil, o evento manifestou o desejo de independência cultural a partir da ruptura com o academicismo de cunho europeu. Sem programa estético definido, configurou marco simbólico de nosso Modernismo, sobretudo pelos debates então mobilizados.*

A pintora **Tarsila do Amaral**, apesar de não haver participado da Semana de 1922, colaborou decisivamente com sua obra para o desenvolvimento de uma expressão artística moderna ligada às nossas raízes.



151. Di Cavalcanti. Capa do Catálogo de Semana de Arte Moderna.

Tarsila recriou, em um clima de magia, a realidade cultural brasileira. Em sua fase chamada “pau-brasil”, segundo o crítico Sérgio Milliet, as principais características são “as cores ditas caipiras, rosas e azuis, as flores de baú, a estilização geométrica das frutas e plantas tropicais, dos caboclos e negros, da melancolia das cidadezinhas, tudo isso enquadrado na solidez da construção cubista”.

Por meio de formas e cores, Tarsila reencontrou as fontes culturais regionais nas lembranças de sua experiência de menina criada em uma fazenda.

A fase seguinte de sua pintura, chamada “antropofágica”, é marcada pela obra *Abaporu*, que hoje é a tela brasileira mais valorizada no mundo.

“Abaporu” é uma palavra indígena que significa “homem que come gente” e fazia uma referência à chamada antropofagia modernista, que se propunha a digerir a cultura estrangeira e adaptá-la à realidade brasileira.

Nos anos seguintes, o Modernismo buscou a sua consolidação, e surgiram manifestos com diferentes propostas estéticas que tinham também um cunho político e social.

O ambiente modernista ganhou espaço em todas as linguagens da arte.



152. Tarsila do Amaral. *Abaporu*, 1928.

A obra musical de Heitor Villa-Lobos incorporou elementos do folclore, das músicas populares, das melodias indígenas, a sonoridade dos pássaros e a realidade brasileira. O rádio popularizou as gravações de nomes importantes da música popular, como Pixinguinha, Noel Rosa e Ary Barroso. O cinema ganhou impulso com a criação de estúdios e a obra de Humberto Mauro.

#### **TARSILA DO AMARAL**

(Capivari, SP, 1886 – São Paulo, 1973)

Pintora e desenhista, Tarsila foi uma figura central do Modernismo visual brasileiro. Sua arte se desenvolveu com base na fusão entre arte moderna europeia (em especial, o Cubismo) e o Modernismo de Malfatti, Mário e Oswald de Andrade. Atenta à plasticidade moderna, voltou-se para o que é próprio à nossa cultura: usou cores, trabalhou temas brasileiros e inspirou Oswald de Andrade na concepção do movimento antropofágico com a tela *Abaporu*.

O arquiteto Lúcio Costa dirigiu a Escola de Belas Artes, abrindo espaço para a modernização do ensino. A pintura enfocou temas regionalistas e a preocupação social nas telas de Guignard e Portinari.



153. Alberto Guignard. *Paisagem Imaginante*, 1960.



154. Candido Portinari. *Café*, 1935.

A Semana de 1922 foi a marca registrada da modernidade das artes em nosso país, que, tendo por base a visão do nacional e do particular, influenciou a vida cultural brasileira por cerca de duas décadas.

Marcas são símbolos, registros, ícones que identificam e perpetuam momentos, épocas, lugares, pessoas. Elas podem estimular nossos sentidos quando encontram eco em nossa percepção.

Se uma música nos marcou, sempre que a ouvirmos voltaremos a um momento, a um lugar, a uma pessoa. Um perfume que nos

envolve retoma sonhos perdidos na lembrança. O olhar, estimulado por uma tela, por um espetáculo de teatro, pelas flores de um jardim, aprisionará para sempre as imagens.

Essas e tantas outras marcas, mesmo aquelas mais sofridas, ficam gravadas e fazem parte do nosso repertório de vida e do modo sensível como nos relacionamos com o mundo.

As marcas registradas, em cada um de nós, são a matéria-prima da criação que impulsiona e identifica o fazer de artistas e arteiros.

*No fim tu hás de ver que as coisas mais  
leves são as únicas  
que o vento não conseguiu levar:  
um estribilho antigo  
um carinho no momento preciso  
o folhear de um livro de poemas  
o cheiro que tinha um dia o próprio vento.*

**Mario Quintana**

### Conhecimentos em arte

- Os estilos de arte em diferentes épocas e culturas.
- As principais características de diferentes períodos da história da arte: Renascimento, Barroco, Pop Art, Romantismo, Expressionismo e Modernismo.
- As “marcas” que identificam artistas e estilos de arte.
- A Bauhaus e o desenho industrial.
- Os movimentos artísticos transformando as linguagens da arte.

## ARTiculando em sala de aula

Professor(a), com base no texto lido, sugerimos algumas atividades para propor aos alunos:

- Pesquisar o Barroco brasileiro e conhecer a obra de Aleijadinho.
- Comparar a escultura *Pietà*, de Michelangelo, com um dos *Profetas*, de Aleijadinho, percebendo características estéticas do Renascimento e do Barroco.
- Analisar *A Primeira Missa no Brasil*, de Victor Meirelles (1861), e compará-la às obras de Portinari (1948) e de Glauco Rodrigues (1971), percebendo o mesmo tema pintado em épocas diferentes e a contextualização social. Escolher um elemento de cada uma das obras analisadas anteriormente, disponíveis em cópias recortadas. Criar uma composição que integre os elementos, utilizando desenho, colagem e pintura com materiais diversos.
- Selecionar uma imagem e descrevê-la, detalhadamente, em uma carta para um amigo pintor. As cartas serão distribuídas, aleatoriamente, para a turma, e cada aluno será o pintor, que deverá criar uma imagem, para o texto recebido, por meio de desenho e pintura. Comparar as imagens iniciais com o texto descritivo e com os trabalhos plásticos dos alunos.
- Observar obras de Toulouse-Lautrec com as bailarinas do Moulin Rouge e os cartazes da *Belle Époque*. Em dupla, fazer um cartaz para um show, um baile ou uma festa que acontecerá no bairro.
- Imaginar um produto diferente. Em grupo, criar a logomarca e a propaganda do produto para ser veiculada em revista, *outdoor*, rádio e televisão. Apresentar os trabalhos para a turma.

- Conhecer a obra de Andy Warhol e a Pop Art. Trazer rótulos de produtos para sala de aula e fazer montagens compositivas, com repetição ou alternância dos elementos presentes nos rótulos. Poderão ser usados recursos do computador para a elaboração dos trabalhos.
- Observar autorretratos pintados por Rembrandt e Van Gogh e retratos pintados por Anita Malfatti. Trabalhando em dupla, fazer o retrato do colega, e vice-versa. De posse do desenho do próprio rosto, decorar com cores e formas preferidas.
- Pesquisar sobre o Modernismo no Brasil e a Semana de 22. A partir da silhueta do *Abaporu*, de Tarsila do Amaral, transformar a figura em outro personagem. Em um diedro feito com papel cartão, criar um cenário com pintura, desenho e colagem para receber o novo *Abaporu*.
- Comparar as obras de Anita Malfatti e Tarsila do Amaral pintadas com o mesmo tema: *As Margaridas de Mário de Andrade*. Sortear um mesmo tema para duplas de alunos. Cada participante deverá criar seu próprio desenho ou sua própria pintura com base no tema sorteado. Analisar os trabalhos dos alunos.



155. Anita Malfatti.  
*As Margaridas de Mário*,  
1922.



156. Tarsila do Amaral.  
*Margaridas de Mário de Andrade*, 1922.

- Pensar, responder e trocar experiências com o grupo: Qual seria a sua “marca registrada”? Qual música, imagem, filme que mais o marcou? Como representaria essa “marca” em linguagem plástica?

## Para visitar

**Centro Cultural Banco do Brasil** – O CCBB está instalado na antiga sede do Banco do Brasil, um prédio histórico construído em 1880, em estilo neoclássico, que abriga salas de exposições, teatros, salas de vídeo e cinema, bibliotecas e auditório. O setor educativo apoia professores com cursos, palestras e visitas guiadas para alunos.

*Endereço: Rua Primeiro de Março, 66, Centro.*

*Tel.: (21) 3808-2070.*

**Museu Nacional de Belas Artes** – Possui um grande acervo de obras de arte brasileiras do século XVII ao século XX e obras de artistas estrangeiros, entre pinturas, esculturas e desenhos.

*Endereço: Avenida Rio Branco, 199, Centro.*

*Tel.: (21) 2240-0068.*

**Mosteiro de São Bento** – Fundado em 1590, o mosteiro beneditino do Rio de Janeiro é um dos principais monumentos da arte colonial do país. Possui um interior riquíssimo, nos estilos barroco e rococó.

*Endereço: Rua Dom Gerardo, 68, Centro.*

*Tel.: (21) 2206-8100.*

**Cristo Redentor** – Cartão-postal carioca, com 38m de altura, possui um mirante de onde se descortina uma das mais belas vistas da cidade. Foi eleito uma das 7 Novas Maravilhas do Mundo Moderno.

*Endereço: Rua Cosme Velho, 513, Cosme Velho.*

*Tel.: (21) 2558-1329.*

**Caminho Niemeyer** – Conjunto arquitetônico projetado por Oscar Niemeyer que integra várias construções, entre elas a Fundação Oscar Niemeyer, o Teatro Popular, o Museu do Cinema e o MAC.

*Endereço: Rua Plínio Leite, s/n., Boa Viagem, Niterói.*

*Tel.: (21) 2613-2613.*



# ARTE, ARTISTAS E ARTEIROS EM TODA PARTE

*Minhas características distintivas talvez sejam a contraditória vontade insofrecível de compreender e o gosto do fazer, que me converteram em híbrido de intelectual e fazedor.*

Darcy Ribeiro



# Quem tem arte reparte

## Entre o fazer e o saber

*Quem somos nós senão uma combinação de experiências, informações, de leitura, de imaginações?*

*Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.*

**Italo Calvino**

O homem acumula experiências ao longo de sua vida, e, muitas vezes, são os objetos do cotidiano que contam essas vivências.

O cesto indígena, com trançado de palha, guarda as revistas da semana; a moringa de barro do Nordeste, hoje, abriga flores no centro da mesa; a trama delicada do crochê é um tecido decorativo cobrindo o sofá; o prato de porcelana pintado, que pertenceu a um familiar, agora enfeita a parede da sala. São todos exemplos de produtos da criação artística do homem, ressignificados em nosso ambiente.

Não é só a utilidade que torna os objetos artesanais tão atraentes; eles também despertam os nossos sentidos por meio de uma

energia vital, pois são feitos por mãos humanas para mãos humanas. Carregam, assim, o potencial estético tanto de quem os criou quanto de quem os possui. Mantêm sua força criativa ao serem reordenados e até redirecionados em novas funções, estimulados pela imaginação do homem.



157. Vaso de barro com flores.

*No trabalho do artesão, há um constante movimento pendular entre utilidade e beleza. Esse intercâmbio contínuo tem um nome: prazer. As coisas são prazerosas porque são úteis e belas.*

**Octavio Paz**

A atividade manual é muito antiga, com suas diversas técnicas de produção, que foram passadas pela tradição e pela necessidade do grupo, em diferentes culturas e épocas. Os objetos artesanais produzidos guardam características locais e podem ter função utilitária, lúdica, decorativa ou religiosa.



158. Artesanato.

É importante lembrar que o mundo foi construído integralmente de modo artesanal até a Revolução Industrial, que só aconteceu há cerca de três séculos. Os objetos manufaturados, entretanto, continuaram a ser produzidos e hoje convivem com os produtos industrializados, compondo o nosso dia a dia.

Geralmente, os artesãos utilizam material disponível na comunidade, transformando com suas mãos essa matéria-prima em objeto único e original, mesmo quando ele apresenta um padrão característico de seu grupo social.

Todo artista vê na matéria a ser trabalhada um grande desafio para o fazer criativo. Seu imaginário cria algo novo e inusitado com o barro, a madeira, os fios, a pedra e tudo o que estiver ao alcance.

*(...) o material pode ser nobre ou pobre, não importa, mas a forma, qualquer que seja, tem que se impor à nossa visão por sua expressividade. (...)*

**Ferreira Gullar**

O barro e a madeira, que a natureza nos oferece, são materiais de vasta utilização pelo homem em suas manifestações artísticas através dos tempos.

Um extraordinário exemplo do uso artesanal do barro é o **exército de terracota** (210-209 a.C.) feito por artistas desconhecidos para o imperador da China, com o objetivo de acompanhá-lo em sua “vida após a morte”. Na construção desse mausoléu, mais de oito mil figuras foram enterradas em valas, ocupando uma área de 16 mil metros quadrados.



159. Guerreiros de Xian. Mausoléu do primeiro imperador da China.

#### **GUERREIROS E CAVALOS DE TERRACOTA**

(210-209 a.C.)

Série de esculturas moldadas em tamanho natural por cerca de 700 mil trabalhadores, que representa os exércitos de Qin Shi Huang, primeiro imperador da China, e que foi enterrada com ele em seu mausoléu. Em 1974, camponeses descobriram 1.087 guerreiros e cavalos em uma fossa. Estima-se que haja outras 6.000 estátuas desse tipo. O trabalho foi listado pela Unesco em 1987 como uma das heranças culturais do mundo.

Os guerreiros foram esculpidos em tamanho natural, com seus uniformes, suas armas, seus cavalos e suas carruagens. Estão de pé, em formação de batalha, entre as muralhas de barro. Parte desse rico conjunto escultórico, descoberto em 1974, viaja em exposições itinerantes pelo mundo e impressiona os observadores com sua beleza enigmática.

Obras como essa comprovam que a criação humana não tem limites e deixam nossa curiosidade sem respostas. Quantas mãos se uniram nesse trabalho? Como desenvolveram técnicas tão eficientes e sofisticadas? Como conseguiram dar expressões tão fortes às figuras feitas em barro?

Do outro lado do mundo, as civilizações antigas que habitaram o continente americano deixaram também uma herança artística que inclui a arquitetura de monumentos, pinturas, esculturas e cerâmicas. Trata-se das manifestações culturais de civilizações do México, da América Central e do norte da América do Sul.

Os **artesãos pré-colombianos** se expressaram por meio de diferentes materiais. Em barro, produziram formas de arte sofisticadas. As cerâmicas eram confeccionadas para uso diário ou cerimonial, sendo estas mais decoradas e com desenhos pintados.

A confecção de objetos cerâmicos é uma linguagem visual universal, por meio da qual o homem vem, ao longo do tempo, procurando traduzir sua concepção de mundo.



160. Vaso maia decorado com quatro figuras humanas sentadas, 550-850 d.C.

Na busca por reunir o passado ao presente e o imaginário à realidade, o ofício de transformar o barro em objetos de arte vem sendo exercido também por muitos artistas-artesãos brasileiros.

No Vale do Jequitinhonha, estranhas e belas figuras que trazem marcas da cerâmica indígena e as inusitadas **moringas antropomórficas**, pintadas com arabescos e flores, são exemplos da inventividade do nosso povo.



161. Cerâmica do Vale do Jequitinhonha.



162. Ulisses. Moringa de Três Cabeças, década de 1980.

### ARTE PRÉ-COLOMBIANA

Refere-se à produção de utensílios, relevos, pinturas, esculturas, amuletos, tecidos, templos e edifícios dos povos nativos da América espanhola antes da chegada de Cristóvão Colombo (1492). A vinda dos europeus desestabilizou e destruiu grande parte das civilizações maia (América Central), asteca (México) e inca (América do Sul). Parte de sua cultura material, porém, sobreviveu, o que permite a realização de pesquisas sobre essas culturas como um todo.

### MORINGA ANTROPOMÓRFICA

Moringa é um vaso de barro bojudo e de gargalo estreito que serve para acondicionar água e conservá-la fresca. O prefixo grego “anthropos” significa “homem”. Moringas antropomórficas são vasos que possuem formas assemelhadas à humana ou que remetem a atributos humanos.



Do mesmo modo, o barro, que, nas mãos de **Mestre Vitalino**, se transformava em pequenos personagens que habitavam o cotidiano do artista, também ganha força expressiva nas grandes esculturas de Brennand.

Vitalino Pereira dos Santos, pernambucano, viveu em Caruaru e, inicialmente, vendia suas peças nas feiras como brinquedos. Hoje, suas esculturas são reconhecidas nacionalmente pelo registro de imagens da cultura nordestina: costumes, personagens e crenças.



Perpetuada no barro, a tipologia estabelecida pelo artista, fruto de suas observações atentas ao modo de vida do povo, estimulou seguidores entre familiares e membros da comunidade, que continuam desenvolvendo experiências com o mesmo material, dando continuidade à temática do mestre.

163. Mestre Vitalino. *Lampião*.



164. Mestre Vitalino. *Retirantes*, década de 1960.

*(...) o artista sabe imprimir com poucos detalhes, na fisionomia simples de suas figuras, sentimentos bem conhecidos do homem das pequenas cidades e povoados nordestinos.*

**Graça Proença**

Também nascido em Pernambuco e contemporâneo de Vitalino, o artista **Francisco Brennand** utiliza o barro de forma mística e mágica, em obras de grandes dimensões, com formas criadas pelo imaginário inquieto do artista.



165. Museu e Oficina Francisco Brennand.

Alguns de seus trabalhos têm a temática ligada à mitologia greco-romana, mas apresentam uma concepção moderna na simplicidade das linhas, sem excessos decorativos.

### **MESTRE VITALINO (VITALINO PEREIRA DOS SANTOS)**

*(Caruaru, PE, 1909-1963)*

*Ceramista. Desde a infância, produziu bonecos de barro para vendê-los nas feiras nordestinas com os trabalhos de louça da mãe. Suas esculturas em barro abordam os temas da vida do homem sertanejo, os animais e os costumes de sua região. A obra de Vitalino e a sua influência sobre outros artistas locais fizeram com que o povoado de Alto do Moura, onde viveu, fosse reconhecido como o maior "Centro de Arte Figurativa das Américas" pela Unesco.*

### **FRANCISCO BRENNAND**

*(Recife, 1927)*

*Ceramista, escultor, desenhista, pintor, tapeceiro, ilustrador, gravador. Iniciou sua carreira como pintor e escultor no fim da década de 1940. Em novembro de 1971, começou a reconstruir a velha Cerâmica São João da Várzea, fundada pelo seu pai em 1917. Esse conjunto, encontrado em ruínas, deu início a um colossal projeto de esculturas cerâmicas. Hoje, abriga 2.000 peças do artista e é um importante centro de atração turística e cultural do Recife.*

166. Página à direita: Escultura de Francisco Brennand (detalhe).





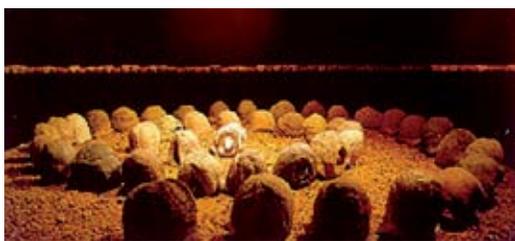
Vitalino e Brennand, com o mesmo material, expressam o mundo com singularidades próprias. Apesar de distintas, suas obras constroem um universo cultural, relacionando-se dialeticamente com o espaço, o tempo e o público através da experiência estética.

*(...) temos realmente a impressão de que o sonhador que modela segue melhor os interesses do devaneio íntimo do que o sonhador que contempla.*

**Gaston Bachelard**

O trabalho de pesquisas sucessivas em torno da organicidade da argila, do barro ancestral, tornou-se um elemento marcante na obra da carioca **Celeida Tostes**. Em 1982, ela expôs um múltiplo com dez mil ovos de barro, representando a fertilidade e dessacralizando a obra de arte como objeto único e raro.

Outro trabalho inusitado de Celeida é a *Aldeia Furnarius Rufus*, inspirado no pássaro joão-de-barro, oleiro que constrói sua casa para procriar e, depois, abandona-a.



167. Celeida Tostes. *Aldeia Furnarius Rufus*, 1992.

A *Aldeia* é composta por 50 casas, sendo cinco originais do joão-de-barro e 45 feitas com moldagens e interferências da artista. A obra refere-se tanto ao pássaro quanto a uma aldeia xavante às margens do Rio das Mortes, possibilitando o estabelecimento de conexões socioculturais, discutindo-as esteticamente.

Segundo a artista, “o trabalho é um contraponto entre dois ceramistas: um com uma ‘tecnologia’ genética e outro, eu, Celeida Tostes, com uma tecnologia adquirida pelo homem”.

A *Aldeia Furnarius Rufus* representou o Brasil, em 1984, na exposição *Arquitetura da Terra*, no Centro Georges Pompidou, em Paris.

Certamente, a atividade de Celeida como professora, paralela à experiência de artista plástica, enriqueceu sua obra pelo exercício da observação e pelo registro das marcas individuais deixadas, por diferentes mãos, na plasticidade do barro.

Celeida Tostes foi mais uma artista que dividiu sua sensibilidade e seu conhecimento, recriando a matéria do barro, da argila, da cerâmica, por partes diversificadas nos muitos lugares onde esteve.

*Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.*

**Cora Coralina**

#### **CELEIDA TOSTES**

*(Rio de Janeiro, 1929-1995)*

*Escultora e professora, encontrou no barro a matéria-prima por excelência de sua arte. Explorou as características físicas e sensoriais desse material ancestral em esculturas e instalações que vão além da funcionalidade. Evidenciou o vínculo orgânico entre cerâmica, feminilidade, fertilidade, nascimento e morte, presentes em formas circulares, vênus e ovos e em seu Rito de Passagem. Sempre na busca da prática coletiva, realizou projetos em comunidades periféricas do Rio de Janeiro.*

Uma verdadeira escola de artesãos formou-se em torno da obra de Ana das Carrancas, na cidade de Petrolina, Pernambuco.

Para fazer seus trabalhos de barro, essa artista inspirou-se nas figuras de madeira, multicoloridas, que vinham na proa das barcas que aportavam às margens do Rio São Francisco. O barro utilizado era retirado do leito do rio para depois ser amassado, modelado e então cozido.



168. Ana das Carrancas no trabalho.

As peças de Ana, em um estilo próprio, com formas simples e primitivas, são conhecidas mundialmente.

As carrancas, que antes eram esculpidas pelos artesãos para afastar os perigos existentes nas águas, perderam sua função original e, hoje, confeccionadas em barro ou madeira, continuam a ser produzidas e são utilizadas como objetos de decoração.



169. Carranca tradicional de madeira na proa de um barco.

Se, ao trabalhar com o barro, o escultor pode modelar diretamente, a madeira pede ferramentas que, funcionando como extensões da mão, possibilitam que a habilidade do artista dê forma ao rígido material.

O trabalho de entalhes na madeira, herança da colonização portuguesa, foi difundido de Norte a Sul do país, adquirindo feições e funções locais. No Nordeste, a arte da **xilogravura** é utilizada na impressão dos folhetos da literatura de cordel, transformando em imagens aspectos da temática do poema popular.



170. Folhetos de cordel.

### **XILOGRAVURA**

*Técnica de gravura que consiste no entalhe de imagem feito com instrumento cortante em bloco de madeira (matriz), imagem que depois é impressa sobre papel ou tecido especial. As partes não impressas são removidas, e aquelas a serem impressas permanecem na superfície do bloco. Um rolo embebido em tinta cobre essa superfície, que, depois de pressionada sobre o papel, revela a imagem. De provável origem chinesa, no Ocidente, a técnica se afirmou durante a Idade Média. Chegou ao Brasil com os portugueses e é muito usada com a literatura de cordel do Nordeste brasileiro.*



*Era bonito nas feiras se ver os grandes rodados de matutos para ouvirem os folhetinhos cantados por poetas, ao ar livre, com gestos bem-humorados.*

**J. Borges**

O famoso cordelista e gravador de folhetos **José Francisco Borges**, que nasceu em Bezerros, Pernambuco, em 1935, conjuga a xilogravura e a literatura de cordel, descrevendo a vida das pessoas, sua fé, suas esperanças.

O artista, conhecido como J. Borges, na década de 1960, teve seu trabalho reconhecido nacionalmente. Publicou álbuns com um vasto repertório do universo cultural nordestino, exibindo figuras exóticas, histórias e lendas populares.



Sua obra tem muitos seguidores, principalmente familiares que aprenderam com ele a arte da xilogravura.

171. J. Borges. *Briga da Onça com a Serpente*.

*A mão feliz do trabalho renasce em nós no ofício do gravador.*

*O trabalho da goiva testemunha a força desenhante que reanima a madeira morta. Cavando, riscando, sulcos vão criando vazios e cheios, comandados por uma caligrafia geométrica.*

*Da madeira à impressão no papel branco, nada é esquecido pela mão-compasso do artista.*

**Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque**



172. Gilvan Samico. *Comedor de Folhas*, 1962.

Transcendendo as fronteiras do cordel, o artista **Gilvan Samico** reelabora o romanceiro popular, recriando em seus trabalhos lendas sertanejas, reinos imaginários e mitos de suas raízes culturais.

### **JOSÉ FRANCISCO BORGES**

(Bezerros, PE, 1935)

Conhecido como J. Borges, é cordelista e xilogravurista. Entre os temas da cultura nordestina presentes em seu repertório, estão: o cotidiano do pobre, o cangaço, o amor, os crimes, a corrupção, os folguedos populares, a religiosidade. Premiado no Brasil e no exterior, foi condecorado com a Ordem do Mérito Cultural (Ministério da Cultura, 1999), recebeu o prêmio da Unesco Ação Educativa/Cultural. Sua xilogravura *A Vida na Floresta* foi escolhida para abrir o calendário das Nações Unidas de 2002.

### **GILVAN SAMICO**

(Recife, 1928)

Gravador, pintor, desenhista, professor universitário. Sua obra é inspirada pelo Nordeste, por meio das gravuras que ilustram os cancioneros populares, mesclando elementos simbólicos e religiosos – caboclos, santos, monstros, diabos e estranhas aves de rapina. Suas gravuras expressam uma dicotomia, o claro e o escuro, o dia e a noite, o bem e o mal. Em 1971, foi convidado por Ariano Suassuna a integrar o Movimento Armorial, voltado à cultura nordestina e à literatura de cordel. Tem obras em importantes museus do Brasil e do exterior e já foi premiado na Bienal de Veneza.



S. FRANCISCO J. BORGES



Impulsionado pelo poeta **Ariano Suassuna**, Samico encontrou, no universo popular, uma linguagem própria.

Nos anos 1950, em contato com **Oswaldo Goeldi**, Samico enriqueceu ainda mais a sua técnica de gravura, conduzindo a carga expressiva do seu trabalho de modo cada vez mais elaborado.

*Goeldi grava a linha branca.  
A maioria dos gravadores de cordel  
grava a linha preta.  
A partir de certo momento, começa  
a se evidenciar a linha preta em  
minhas gravuras. (...)  
Tem crítico que diz que a matriz  
de minha obra é muito mais antiga  
que o cordel. (...)  
É como se fossem histórias  
antigas se repetindo nos genes  
até chegar a mim.*

**Gilvan Samico**

A gravura brasileira encontra forte expressão na obra de Oswaldo Goeldi, que, com apuro técnico ímpar, deixa transparecer, em uma atmosfera de lirismo, a solidão

humana, o abandono e o desamparo, elementos que caracterizam a construção de seu repertório temático.

Em suas gravuras, predomina o preto das formas, contrastando com os poucos traços brancos do papel, que deixam a luz passar sobre as superfícies negras. As cores surgem posteriormente, destacando detalhes da obra.



174. Oswaldo Goeldi. *Chuva*, c. 1957.



175. Oswaldo Goeldi. Xilogravura para o livro *Cobra Norato*, de Raul Bopp, 1937.

#### **ARIANO VILAR SUASSUNA**

(João Pessoa, 1927)

Dramaturgo, poeta, romancista, professor universitário. Membro da Academia Brasileira de Letras desde 1989. Foi Secretário de Cultura de Pernambuco. Fundou em 1970 o Movimento Armorial com o objetivo de valorizar a cultura do Nordeste, realizando uma arte brasileira erudita com base nas raízes populares. Suas obras mais conhecidas são *Auto da Compadecida* e *Romance d'A Pedra do Reino* e o *Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*.

#### **OSWALDO GOELDI**

(Rio de Janeiro, 1895-1961)

Gravador, ilustrador e desenhista, encontrou na xilogravura o meio preferencial para expressar sua angústia. Retratou pescadores, indivíduos solitários, casas, ruas, latas, urubus, cães vadios – objetos comuns, e abandonados, de um Rio de Janeiro cuja urbanização produziu indivíduos à margem da sociedade. Em cenas escuras, feitas da superfície negra da tinta pontuada por “traços de luz” (branco do papel) das incisões feitas na madeira, figuras se misturam ao fundo, formas se parecem umas com as outras, revelando uma atmosfera misteriosa – o assombro que faz parte de nosso cotidiano.

176. Página à esquerda: Oswaldo Goeldi. *Sem título*, 1950 (detalhe).

*Que estranho homem será esse que resolve as nossas emoções mais subterâneas com figuras de pavor, de solidão e tristeza. Que sortilégio especial emana daqueles quadrados escuros saídos da madeira e que nos gritam um apelo tão profundo e dramático, despertando inesperadas ressonâncias?*

Rachel de Queiroz

A xilogravura é uma técnica que serve a diferentes propósitos criativos dos artistas. Sua vitalidade, vinda das marcas gravadas na madeira e impressas no papel, atende ao relato de aspectos da vida cotidiana feito na literatura de cordel de J. Borges, à apresentação do mundo místico de Gilvan Samico e também à representação da dramaticidade da vida urbana retratada pelo carioca Oswaldo Goeldi.

Perceber os signos e a poética desses artistas conduz um olhar diferente sobre a arte, de modo a compreender, ressignificar e contextualizar a expressividade imaginativa do povo brasileiro.

A capacidade inventiva do ser humano é evidenciada, por toda parte, por meio de expressões diversificadas, influenciadas pelo meio social e carregadas de bagagens individuais.

Há os artistas que repartem seus conhecimentos em torno de seu trabalho, formando seguidores prontos para trilhar seus próprios

caminhos expressivos. Há os artistas que, solitariamente, seguem seu percurso criativo, mas tornam-se referência por terem uma obra marcante e inovadora.

Considerando que a imaginação humana não tem limites, é o talento do artista que o leva a observar e captar sensações, formas, atitudes, gestos, transportando-os para o barro, a madeira e qualquer outro material. Por isso, são tênues as fronteiras que separam a criação popular da criação erudita.

As produções artísticas, renovadas e marcadas pela atualidade, tornam-se signos de seu tempo. Existe, então, diferença entre arte e artesanato?

A partir do século XX, com a quebra de preconceitos anunciada pela Semana de Arte Moderna de 1922, pelo movimento regionalista pernambucano, liderado por Gilberto Freyre, pelas **Bienais de São Paulo** e por grandes exposições nacionais, a arte popular passou a ser valorizada e sua estética contribuiu para aproximá-la da arte erudita.

As discussões entre o fazer popular e a criação erudita são complexas, envolvendo valores e concepções que foram implementados



177. Prédio da Bienal de São Paulo, projetado por Oscar Niemeyer.

#### **BIENAL INTERNACIONAL DE SÃO PAULO**

*Mostra internacional de arte realizada de dois em dois anos, criada pelo empresário Cicillo Matarazzo em 1951. Primeira exposição de arte moderna de grande porte realizada fora dos centros culturais europeus e norte-americanos, permitiu o confronto entre a arte realizada entre nós e a produção moderna internacional, integrando o sistema de arte local ao circuito mundial. É realizada em prédio do Parque Ibirapuera com projeto de Oscar Niemeyer e Burle Marx.*

socialmente, ocasionando, frequentemente, um desnível de prestígio e de poder entre o trabalho manual e o trabalho intelectual.

É importante lembrar que as produções artísticas artesanais mostram a sabedoria popular em vários campos do conhecimento. O conhecimento das numerosas matérias-primas utilizadas: barro, madeira, palmeiras, cipós, fibras e outras. O conhecimento do local onde essas matérias podem ser encontradas, da forma correta de coletá-las e prepará-las para serem trabalhadas. O conhecimento sobre tinturas, vernizes e colas para dar terminalidade ao trabalho. O conhecimento sobre os elementos decorativos, sua adequação e organização espacial.

A soma desses e tantos outros conhecimentos presentes no artesanato evidenciam que ação e pensamento seguem juntos no caminho da criação, valorizando a obra e o artista popular.

Caminhamos para um redirecionamento no uso dessas categorias, pois, na verdade, o fazer e o saber não são realidades distantes e distintas entre si nem devem ser transformados em instrumento de discriminação, criando hierarquização entre objetos e pessoas. Eles se complementam na construção artística e em seus conteúdos simbólicos, não produzindo arte popular nem arte erudita, mas, simplesmente, arte.

*Afirmemos, sem discutir por enquanto, que todo artista tem de ser ao mesmo tempo artesão. Isso parece incontestável e, na realidade, se perscrutamos a existência de qualquer grande pintor, escultor, desenhista ou músico, encontramos, por detrás do artista, o artesão.*

**Mário de Andrade**

## A parte de cada um

*Não é possível o desenvolvimento de uma cultura sem o desenvolvimento de suas formas artísticas.*

**Ana Mae Barbosa**

Através dos tempos, muitos músicos, cantores, bailarinos, poetas, escritores, pintores, atores e escultores desenvolvem seus talentos apenas por amor e paixão, de modo informal.

Já se identificaram com alguma linguagem da arte, percebendo seu próprio potencial criativo, mas, por algum motivo, não se inseriram profissionalmente no meio artístico.

Na verdade, todos nós fazemos arte ou nos relacionamos com os outros através dela. Temos a capacidade inata para apreciar o sentido estético e a poética da vida, mas precisamos vivenciar a experiência da criação.

Como nos tornamos artistas?

Ao direcionarmos nossa capacidade criativa para o campo das linguagens da arte, assumimos também as responsabilidades que a profissionalização em qualquer área exige. Além de respeito às regras, ao estudo e ao trabalho, o comprometimento com essa atividade requer dedicação, e não só prazer. Desse modo, podemos até nos considerar artistas, mas o reconhecimento público envolve muitos outros fatores.

Convém lembrar que, em muitas civilizações, a arte foi construída por artistas anônimos. E, muitas vezes, eles não eram aceitos na sociedade intelectual, porque trabalhavam com as próprias mãos para viver, sendo por



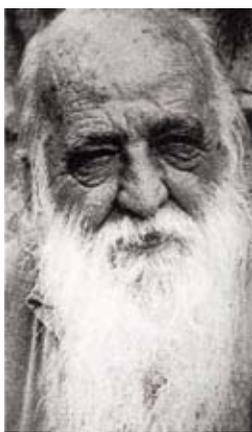


isso considerados pessoas inferiores. Esse é o caso de alguns autores das maravilhosas esculturas gregas, tão valorizadas pela sua beleza clássica.

Mais importante do que se tornar um artista famoso é a possibilidade de dar voz à força latente da criação que o ser humano possui, canalizando seu potencial criador, qualquer que seja o campo profissional de atuação.

A predisposição em procurar na arte uma forma de justificar a própria existência conduz algumas pessoas a se inserir no campo artístico como autodidatas. Muitos se descobrem artistas na própria atividade que exercem.

É o caso de Antônio Batista da Silva, que, de simples oleiro “fazedor de potes”, se tornou um dos mais conceituados ceramistas do país. Conhecido como **Antônio Poteiro**, esse português natural do Minho e residente em Goiânia manuseava o barro de forma simples e poética, levando em conta o imaginário popular. Criou narrativas circulares, reescrevendo no barro histórias que recolhia da vida e dos sonhos.



178. Antônio Poteiro.



179. Antônio Poteiro. *Cristo Carregando a Cruz*, década de 1960.

Sua obra revela, de formas diferentes, vivências pessoais em que se misturam o plástico e o narrativo, a ingenuidade e a irreverência.

Poteiro também se expressa pela pintura e transporta para seus quadros histórias do povo. Sonha suas telas, e, no espaço colorido, rodam cirandas, cavalhadas, festas, futebol, em um mundo que não para de girar na arte e na vida.



180. Antônio Poteiro. *Cavalhadas*, 2008.

O ceramista e o pintor revelam de forma singular a originalidade da criação de Antônio Poteiro.

*Os potes são compulsivos, formam histórias incríveis, escritas e inscritas em suas superfícies em relevo tátil e sensual. Sua pintura é hoje a melhor do país entre os naifs.*

**Alberto Beuttenmüller**

### **ANTÔNIO POTEIRO**

(Minho, 1925 – Goiânia, 2010)

Escultor, pintor e ceramista. Filho de ceramista português, chegou ao Brasil ainda criança. Morou em São Paulo e em Minas Gerais, radicou-se em Goiânia. Começou a trabalhar cedo com cerâmica e escultura. Ganhou a vida com a fabricação de cerâmica utilitária (daí o sobrenome “artístico” Poteiro). Incentivado por artistas, começou a pintar e transportou os temas religiosos e regionais das peças de cerâmica para a tela. Participou de exposições no Brasil e no exterior.

181. Página à direita: Adailton. *Folia de Reis*, década de 1980 (detalhe).





H. Rousseau  
1804

A necessidade de se expressar por meio de uma das linguagens da arte pode ser tão forte que procura caminhos para se concretizar, em qualquer época da vida.

Ousar sem constrangimentos, desenvolver um trabalho sem regras definidas foi o caminho encontrado por alguns artistas autodidatas que fizeram uma pintura conhecida, no Brasil, como **Arte Naïf**.

*São os poetas anarquistas do pincel.*

**Lucien Finkelstein**

Podemos encontrar pintores *naïfs* entre donas de casa, comerciantes, professores, jornalistas, médicos, advogados. São pessoas que pintam com a alma, de modo espontâneo, retratando a vida com liberdade estética e livres de convenções.

O termo Arte Naïf foi utilizado, pela primeira vez, no início do século XX para identificar as pinturas do francês Henri Rousseau, um autodidata admirado pela vanguarda artística de sua época. Sua obra abriu caminhos para outros pintores, conquistando a crítica, ganhando espaço em museus e marcando lugar na história da arte.



182. Henri Rousseau. *Uma Noite de Carnaval*, 1886.

Rousseau deixou a natureza entrar nas telas de um modo todo próprio. Plantas exóticas, animais estranhos, lugares inusitados dão caráter ingênuo e fantasioso ao seu trabalho. O uso ritmado dos elementos e a palheta de cores vivas também caracterizam a pintura do artista.

Admirador de Rousseau, o pintor francês **Paul Gauguin** busca no ambiente da natureza e na cultura popular elementos para criar com autenticidade e espontaneidade.

Em determinado momento de sua carreira, opondo-se à sociedade industrial, porque nela não encontra condições para revigorar seu trabalho, ele inverte a rota, viajando para o Taiti.

#### **ARTE NAÏF**

O termo *naïf* significa “ingênuo” em francês. *Arte Naïf* é a arte produzida por autodidatas, que não têm formação artística erudita. Caracteriza-se por ausência de técnicas tradicionais de representação, pelo uso de cores brilhantes e pela descrição minuciosa de elementos. No final do século XIX, o francês Henri Rousseau foi reconhecido como um pintor *naïf*. No século XX, a *Arte Naïf* foi considerada uma modalidade específica e desenvolveu-se sobretudo na França, na Itália, na Iugoslávia, no Haiti e no Brasil.

#### **PAUL GAUGUIN**

(Paris, 1848 – Atuona, 1903)

Pintor, escultor e gravador, foi um dos maiores renovadores da arte europeia do final do século XIX. Juntamente com Van Gogh e Cézanne, explorou possibilidades do Impressionismo, abrindo caminho para vanguardas artísticas. Desencantado com a civilização ocidental, seguiu para o Taiti em busca de autenticidade em uma cultura ainda não corrompida pelo progresso. Simplificou contornos das formas e empregou extensos planos de cor não naturalista para fins simbólicos e expressivos.

183. Página à esquerda: Henri Rousseau. *O Monumento a Chopin nos Jardins de Luxemburgo*, 1909 (detalhe).



184. Paul Gauguin. *Arearea*, 1892.

Lá, Gauguin se interessa pela arte folclórica e estuda as técnicas dos artesãos locais, construindo uma obra mais instintiva, colorida e sensual.

*Gauguin, no Taiti, via os mitos “bárbaros” com os olhos do parisiense em férias; Rousseau, em Paris, vê o mito da civilização moderna com os olhos do primitivo deslocado em uma sociedade evoluída.*

Argan

No Brasil, o movimento modernista, com sua valorização das raízes nacionais, prestigiou o trabalho de artistas que, sem formação acadêmica em arte, usavam elementos da tradição popular como temática, combinando-os plasticamente com uma intenção poética.

#### HEITOR DOS PRAZERES

(Rio de Janeiro, 1898-1966)

Compositor, instrumentista e pintor. Notabilizou-se como compositor de música popular. Foi parceiro de Noel Rosa e um dos fundadores da Mangueira e da atual Portela. Iniciou-se na pintura na década de 1930, como autodidata. Seus quadros representam cenas do próprio cotidiano: a música, os bairros boêmios cariocas, as mulatas e os malandros. Premiado na I Bienal Internacional de São Paulo, em 1951. Em comemoração ao centenário de seu nascimento, foi realizada, em 1999, uma mostra retrospectiva no Espaço BNDES e no Museu Nacional de Belas Artes.

*...não se ignora o papel que a arte primitiva, o folclore, a etnografia tiveram na definição das estéticas modernas, muito atentas aos elementos arcaicos e populares comprimidos pelo academicismo. No Brasil, as culturas primitivas se misturam à vida cotidiana ou às reminiscências ainda vivas de um passado recente.*

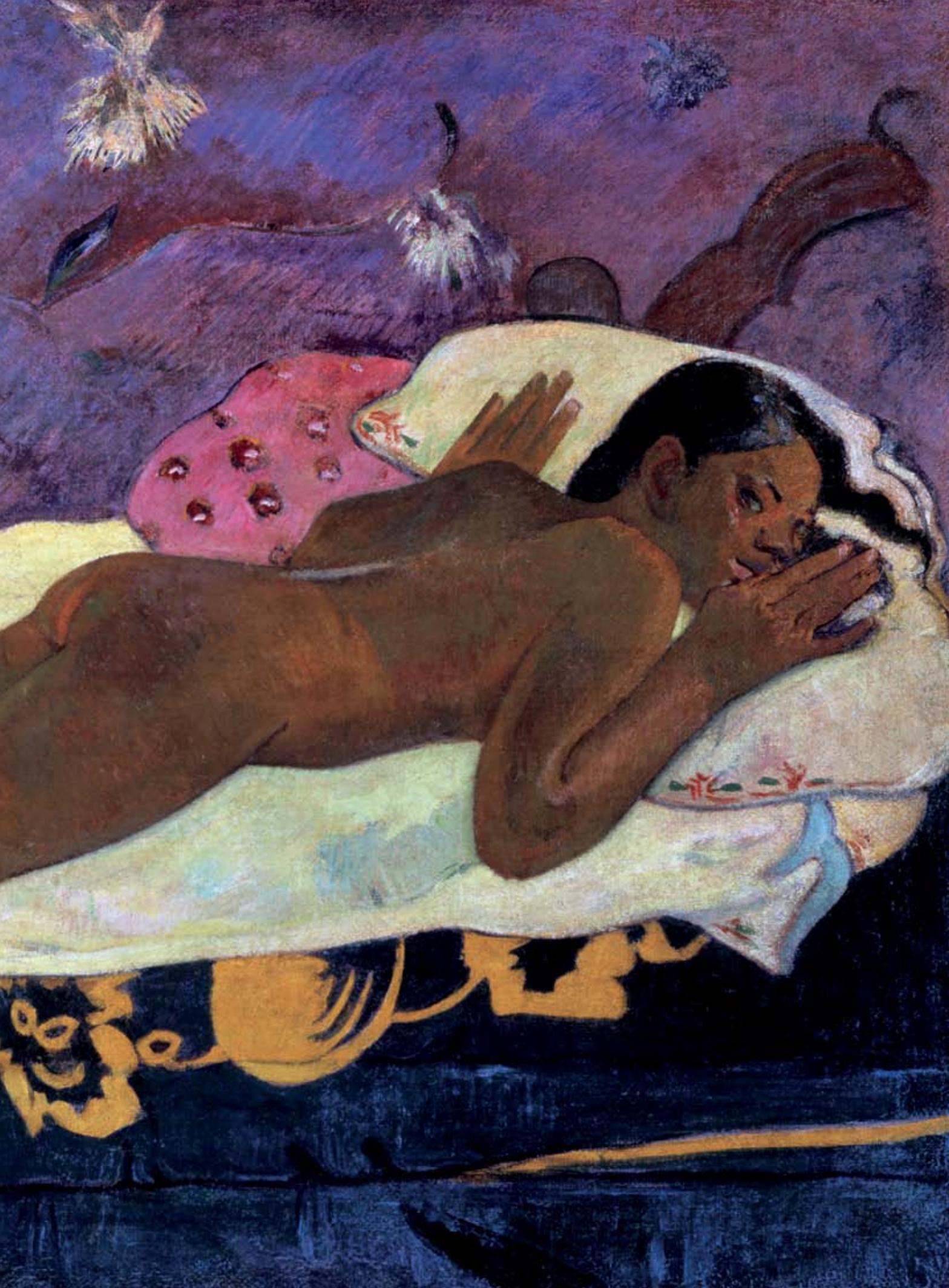
Antonio Candido

A Arte Naïf brasileira reflete uma realidade extremamente rica, variada, autêntica e, muitas vezes, otimista e alegre.

Entre os *naïfs* brasileiros, destaca-se **Heitor dos Prazeres**, que foi premiado na I Bienal de São Paulo, em 1951. Seus trabalhos são cheios de detalhes e muito coloridos, com enfoque na figura humana, que, em frequente movimento, parece andar ou dançar.



185. Heitor dos Prazeres. *Frevo*, sem data.





Antes de dedicar-se à pintura, Heitor dos Prazeres foi músico e compositor, parceiro de Noel Rosa na célebre marchinha *Pierrô Apaixonado*.

Outros artistas do meio musical encontraram caminhos de expressão na pintura *naïf*. É o caso de Manezinho Araújo e Gilvan Chaves.

O primeiro pintor *naïf* brasileiro a ter o trabalho reconhecido por seu valor estético foi **José Bernardo Cardoso Jr., o Cardosinho**.



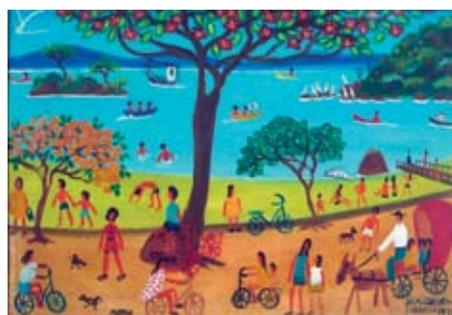
187. Cardosinho. *Paisagem*, 1947.

Depois de aposentar-se como professor, aos 70 anos, produziu uma obra significativa, com cerca de 600 telas. Foi muito admirado por Portinari. Seu trabalho faz parte do acervo do Museu de Arte Moderna de Nova York (Moma).

O Brasil, a França, o Haiti, a Itália e a região da antiga Iugoslávia são considerados os “cinco grandes” da Arte Naïf no mundo, sendo que os pintores brasileiros ocupam lugar de destaque nos principais museus.

Na cidade do Rio de Janeiro, o colecionador Lucien Finkelstein fundou o Museu de Arte Naïf

do Brasil, em 1995, que reúne cerca de oito mil obras de 130 países. Nesse museu, encontramos as duas maiores telas do gênero, pintadas por Lia Mitterakis e Aparecida Azevedo. Nessas pinturas, observamos que o espaço e o tempo estão conjugados em perfeita harmonia, em um mesmo plano, transparecendo a profusão de ideias, elementos e cores que os artistas expressam com singular beleza.



188. Lia Mitterakis. *Ilha de Paquetá*, 1973.

*A pureza com que pintam mostra que eles não estão querendo provar nada, apenas exprimir o sentimento através do pincel. Essa é a força da arte deles.*

Lucien Finkelstein

A pureza da Arte Naïf também aparece na obra da pintora **Djanira**, que resume seu universo pictórico articulando elementos fundamentais, conseguindo a forma harmoniosa buscada pelo Modernismo.

#### **CARDOSINHO (JOSÉ BERNARDO CARDOSO JÚNIOR)**

(Coimbra, 1861 – Rio de Janeiro, 1947)

Conhecido por Cardosinho, iniciou suas atividades em pintura aos 70 anos de maneira autodidata, sendo incentivado por Candido Portinari. Identificado como precursor da pintura naïf no Brasil. Sua pintura usou de cores puras e possui marcas de espontaneidade que resultaram em obras que aparentam uma desenvoltura natural.

#### **DJANIRA (DJANIRA DA MOTTA E SILVA)**

(Avaré, SP, 1914 – Rio de Janeiro, 1979)

Pintora, desenhista, ilustradora, cartazista, cenógrafa e gravadora. Neta de imigrantes austríacos e de indígenas. A partir da década de 1940, expôs seus trabalhos em salões nacionais e internacionais. Uma das mais importantes artistas do século XX no Brasil, é conhecida pela representação, em linguagem simples, de cenas e costumes brasileiros.

189. Página à esquerda: Heitor dos Prazeres. *Dança*, 1965 (detalhe).

A artista autodidata afirmava: “Eu é que sou ingênua, não a minha pintura”. A arte intuitiva da paulista Djanira é uma crônica da vida brasileira na qual cenas simples revelam aspectos comuns do trabalho e da vida diária do povo.

*As emoções têm história. Há uma sociologia das emoções. Há qualquer coisa nos quadros de Djanira que ensina ao sociólogo brasileiro.*

**Guerreiro Ramos**

Mantendo vínculos com o passado, no interior de São Paulo, a artista pintou o país de Norte a Sul, sua gente, seus costumes, sua terra, sua luz.



190. Djanira. *Costureira*, 1951.

A pintura era para Djanira um modo natural de se relacionar com a vida. Sua obra reflete essa espontaneidade em vários aspectos: na procura da pureza das cores e na relação entre elas, na ousadia das combinações vibrantes, nos ritmos que as linhas construía com a cor, criando formas simplificadas nas superfícies planas.

*Djanira não mantinha com a linguagem da pintura uma relação questionadora e crítica. (...) A sua história é outra, o seu mundo cultural é outro: a relação com o mundo é simples, ingênua. É nessa simplicidade e nessa ingenuidade que está a sua força, porque é a expressão natural de sua personalidade.*

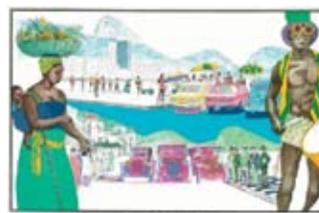
**Ferreira Gullar**

Os artistas autodidatas reinventaram a memória iconográfica brasileira esquecida nas periferias das cidades e nos interiores do país.

É também evidente a incorporação desses elementos culturais na obra de artistas dos grandes centros urbanos, tais como Glauco Rodrigues, Aldemir Martins, Rubem Valentim.



191. Aldemir Martins. *Bumba Meu Boi*, 1992.



192. Glauco Rodrigues. *O Estado da Guanabara*, 1960-1970.



193. Rubem Valentim. *Série Emblemas*, 1989.

Artistas e arteiros, em suas multiplicidades culturais, vivenciam experiências particulares que exigem sensibilidade e entendimento, tanto nos espaços consagrados da arte como nos ambientes da vida cotidiana.

É preciso que o nosso olhar vá além do objeto artístico, descobrindo o verdadeiro significado da arte. Ela é o encontro que esse objeto promove entre o artista e o espectador, dois sujeitos compartilhando a emoção poética, que só é possível através das culturas em que ambos se inserem e constroem sua sensibilidade.

*(...) o “outro” está frequentemente em nós mesmos. Somos o “eu” e o “outro” simultaneamente e no mínimo o confronto com o “outro” nos autodefine.*

**Ana Mae Barbosa**

## Conhecimentos em arte

- A valorização das produções estéticas de diferentes culturas.
- A diversidade das manifestações artísticas populares.
- As técnicas, os estilos e as temáticas utilizados na arte popular.
- As principais características da Arte Naïf.
- A produção artística artesanal brasileira.
- Os aspectos simbólicos, expressivos e comunicativos das formas visuais que caracterizam a arte popular nas diferentes regiões brasileiras.

## ARTiculando em sala de aula

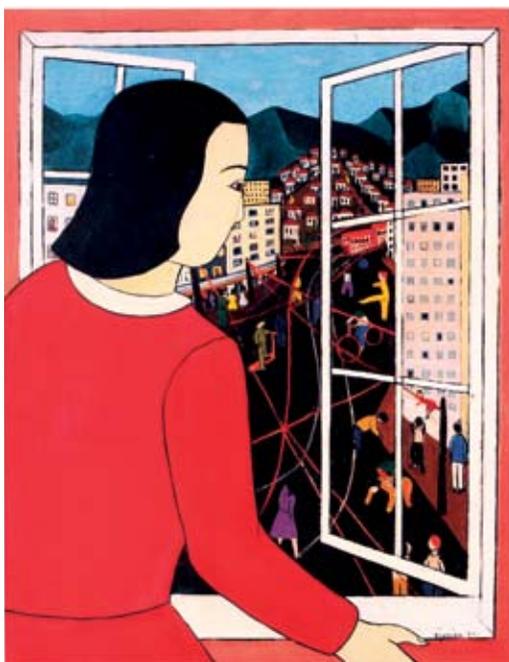
Professor(a), com base no texto lido, sugerimos algumas atividades para propor aos alunos:

- Transformar peças de sucata de material plástico (pratos, garrafas, potes diversos) em outros objetos, utilizando a técnica de “papietagem”. Cobrir toda a superfície do objeto com tiras de papel coladas. Esperar secar e dar uma base com guache branco. Observar e redefinir a forma conseguida, decorando o novo objeto com guache ou tinta plástica colorida.
- Observar reproduções de obras feitas em argila pela artista contemporânea Celeida Tostes e pelos artistas populares Mestre Vitalino, Antônio Poteiro e Ana das Carancas. Analisar os estilos, os temas e as técnicas utilizados. Criar objetos, com temáticas e estilos próprios, utilizando a técnica de modelagem em argila, ou massa plástica, ou papel machê.





- Pesquisar artistas que trabalham com xilogravura e o uso dessa técnica na literatura de cordel. Em grupo, criar uma história e confeccionar um livreto no estilo da literatura de cordel. Criar a capa para o livreto com uma técnica de impressão que utiliza, como base, pratinhos descartáveis de isopor. Desenhar com caneta esferográfica, fazendo sulcos na superfície do isopor. Passar tinta guache preta, com um rolinho de espuma, esticando bem e sem deixar a tinta penetrar nos sulcos. Colocar uma folha de papel sobre essa matriz, fazendo pressão com as mãos, e retirar cuidadosamente a “isoporgravura”. Expor os livretos confeccionados pelos grupos, avaliando os diferentes resultados.
- Analisar uma reprodução da obra *Mulher Olhando na Janela*, da pintora Djanira, quanto ao uso das cores, das formas e dos elementos compositivos distribuídos no espaço. Criar um desenho com o título *O que vejo da minha janela*, colocando tudo o que estiver imaginando sobre o tema proposto. Colorir o trabalho com lápis aquarela.



194. Djanira. *Mulher Olhando na Janela*, 1950

## Para visitar

**Museu Casa do Pontal** – Possui uma das mais bonitas e abrangentes coleções de arte popular brasileira, com cerca de oito mil obras de mais de 200 artistas de todo o país.

*Endereço: Estrada do Pontal, 3.295, Recreio dos Bandeirantes.*

*Tel.: (21) 2490-3278.*

**Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular** – O museu, instalado em dois casarões do século XIX, abriga um acervo significativo da cultura popular brasileira.

*Endereço: Rua do Catete, 179.*

*Tel.: (21) 2285-0441.*

**Centro de Artes Calouste Gulbenkian** –

Local de cursos nas diversas linguagens da arte. Possui um acervo com documentos e obras doados por artistas e pessoas que fazem parte da história da instituição.

*Endereço: Rua Benedito Hipólito, 125, Praça Onze.*

*Tel.: (21) 2221-6313.*

**Centro Luiz Gonzaga de Tradições**

**Nordestinas** – Conhecido como Feira de São Cristóvão, o espaço de 34m<sup>2</sup> tem 700 barracas padronizadas com artesanato e comidas típicas, além dos dois palcos para a apresentação de shows e músicas da cultura do Nordeste.

*Endereço: Campo de São Cristóvão, s/n.*

*Tel.: (21) 3860-2929.*

# Tecendo e participando da festa

## Ponto de partida

*Cada um lê com os olhos que tem.  
E interpreta a partir de onde os pés  
pisam. Todo ponto de vista é a vista  
de um ponto.*

Leonardo Boff

Para tecer ideias, precisamos organizar o emaranhado de fios que nos envolvem: o fio da memória, o fio da natureza, o fio cultural e outros tantos fios que, nas mãos humanas, se entrelaçam criando formas.



195. Teia de aranha.

Puxando pelo fio da memória, é na natureza que encontramos o sofisticado trabalho produzido pela aranha que constrói, com habilidade e precisão, a teia perfeita em sua beleza e com a funcionalidade necessária à vida de sua artesã.

A artista francesa **Louise Bourgeois** considerava a aranha um símbolo de proteção, carinho e zelo. Para ela, esse animal representava a infinitude da vida, que é tecida constantemente, pouco a pouco, como uma fascinante teia.

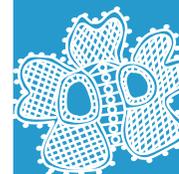
*A artista associa seu próprio trabalho com uma teia de emoções e memórias que ela fia e desfia novamente, como Penélope, ao longo da vida.*

Texto da exposição do  
Centro Georges Pompidou (2008)

### **LOUISE BOURGEOIS**

(Paris, 1911 – Nova York, 2010)

Escultora, pintora e desenhista francesa naturalizada americana, produziu desenhos, textos e objetos em madeira, bronze e mármore, látex, gesso e tecido que tratam de memória, inconsciente, solidão e vulnerabilidade. Atravessando Surrealismo, Expressionismo Abstrato e Minimalismo, seu trabalho escapa a tentativas de classificação artística; entre o geométrico e o orgânico, pode ser associado a uma rede de emoções e memórias que ela tece e desembaraça, de modo ininterrupto.



O repertório de lembranças de infância de Louise constituiu a própria matéria-prima de seu trabalho. Desde pequena, ela conviveu com as tecelãs, em meio a rocas, novelos e agulhas no ateliê de restauração de tapetes de seus pais. Esses materiais aparecem constantemente em seus trabalhos, principalmente as agulhas, que, para ela, significavam a costura e a união com seus afetos.

A artista desenvolveu uma série de aranhas escultóricas na década de 1990, nas quais as agulhas aparecem representadas nas patas do animal.



196. Louise Bourgeois. *Maman*, 1999.

Em um gesto simbólico, ela homenageou sua mãe, intitulando essas obras de *Maman*.

*Minha melhor amiga era minha mãe. Ela era reflexiva, inteligente, paciente, apaixonada, razoável, delicada, refinada, indispensável, ordenada e útil, como uma aranha.*

**Louise Bourgeois**

#### **DIEGO VELÁZQUEZ**

(Sevilha, 1599 – Madri, 1660)

Pintor espanhol, membro da corte de Filipe IV, chegou em suas maiores pinturas a um efeito de realidade singular. Influenciado pelo Naturalismo de Caravaggio, foi absolutamente fiel à impressão visual e subordinou regras de composição e perspectiva clássicas a um sentido absoluto de verdade. Ele não nos ilude: deixa a tinta e as pinceladas bem nítidas na superfície da tela, da qual devemos nos afastar para obter uma impressão geral – a sensação é a de que quase podemos tocar os objetos.

Na mitologia grega, Aracne personifica uma inigualável tecelã que, com tênues fios, constrói sua enorme teia pelo infinito, tramando vidas e fiando destinos.

Esse tema mitológico inspirou o espanhol **Diego Velázquez** na construção de sua obra *As Fiandeiras*, também conhecida como *Fábula de Aracne*. A pintura atesta o domínio, pelo artista, do espaço e da perspectiva. É uma tela que apresenta o trabalho artesanal das fiandeiras, com ritmo e vida, na qual a maestria de Velázquez se vale das cores para conferir uma surpreendente luminosidade à cena.



197. Diego Velázquez. *As Fiandeiras*, 1657.

Quem sabe se do mito de Aracne nasceu o homem artesão que, desde os tempos primitivos, entrelaça fios?

A inspiração do ser humano para tecer, certamente, veio da observação das tramas construídas pelos animais na natureza. São infinitas as possibilidades de criação por meio da tecelagem manual, usando fios e urdiduras diversos.

198. Página à direita: Louise Bourgeois. *Maman*, 1999 (detalhe).





Na América Latina, a tecelagem sempre ocupou um papel muito importante, pois, ao longo de milhares de anos, foi o meio de sobrevivência dos povos andinos. Os têxteis podiam caracterizar a hierarquia social, podiam ser usados nas transações comerciais e até oferecidos como forma de recompensa.



199. Tecido andino.

Os tecidos, elaborados com detalhes da vida desses povos, exerciam também a função de um sistema gráfico de comunicação e de transmissão de conhecimentos, sendo, assim, uma forma de registro cultural e expressão artística de grande significado.

Ainda hoje, a tecelagem da lã em **teares** é muito usada na confecção de grande variedade de peças para vestuário e de tapeçarias, constituindo um rico artesanato local.

#### TEAR

Ferramenta simples utilizada na tecelagem artesanal que permite o entrelaçamento ordenado de dois conjuntos de fios (trama e urdidura), a fim de produzir o tecido. A tecelagem é uma das formas de artesanato mais antigas da história e presente ainda hoje. Trazida por colonizadores portugueses, desenvolveu-se no Brasil principalmente em Minas Gerais. O tear possibilitou confecção de roupas em algodão e lã que serviam para o trabalho no campo e para os dias de festa.

#### BILROS

São peças de madeira, de até 15cm, compostas de uma haste com extremidade em forma de bola ou fuso, utilizadas para enrolar as linhas que farão a renda, junto a outros materiais, como fios, almofada cilíndrica, alfinetes e cartões furados (piques). De provável origem europeia, a renda de bilros é praticada em várias regiões do Brasil, como no Nordeste e no Sul (Santa Catarina).



200. Tecelã em tear.

*A técnica tradicional do tecido, da tecelagem, é um grande símbolo da vida, o urdume que são os dados que nós recebemos na vida e a trama que é como lidamos com os dados que recebemos.*

**Lala Martínez Corrêa**

As tramas perfeitas, resultantes de técnica, paciência e sensibilidade, atingem de certa forma a condição de objetos artísticos. Surgem a renda, o crochê, o tricô, a cestaria, a tapeçaria, em diferentes culturas e épocas.

A arte de transformar fios em renda é uma tradição antiga, trazida pelos colonizadores europeus, que se espalhou por todo o Brasil. Entre o ritmo sonoro dos **bilros**, as rendeiras, em suas almofadas, tecem a renda fina e delicada.



Respeitando os limites dos bastidores, as artesãs fazem um intrincado código de nós entrelaçados, construindo um rendendê inigualável. Seguindo desenhos feitos no papel, as ágeis agulhas das rendeiras criam a bela renascença, fino trabalho com grande variedade de formas.

A renda artesanal brasileira, por sua infinita originalidade e delicadeza, é famosa em nosso país e encanta em outros lugares do mundo.



202. Renda brasileira (bilros).



203. Renda brasileira (renascença).

As curvas, os arabescos e os caracóis, encontrados nas rendas e nos bordados, são elementos recorrentes na obra de vários artistas, como na pintura da carioca **Beatriz Milhazes**.

Diferentemente do trabalho de Louise Bourgeois, no qual a referência ao universo da

costura e do bordado se faz de maneira mais marcante pelo percurso de sua história, na obra de Beatriz, as referências aparecem na elaboração de desenhos, impressos e pinturas de aspecto essencialmente decorativo, que lembram rendilhados e estamparias.



204. Beatriz Milhazes. *Beleza Pura*, 2006.

A artista usa, em seus quadros, um repertório estrutural que inclui curvas, formas circulares exuberantes, tons vibrantes e motivos florais. Beatriz organiza, “tece” os elementos, dando-lhes ritmo e movimento, conferindo musicalidade à sua obra.

A arte de tecer se concretiza de outras formas?

Vindas da natureza, as fibras, as palhas e muitas outras espécies vegetais são matéria-prima para confecção de objetos trançados: cestos, balaios, bolsas, tapetes, esteiras, mantas, redes de dormir e de pescar.

O domínio do trançado e da tecelagem ainda hoje é praticado com o uso de rústicos instrumentos. Técnicas e formas ancestrais são encontradas, por exemplo, na cultura indígena do nosso país.

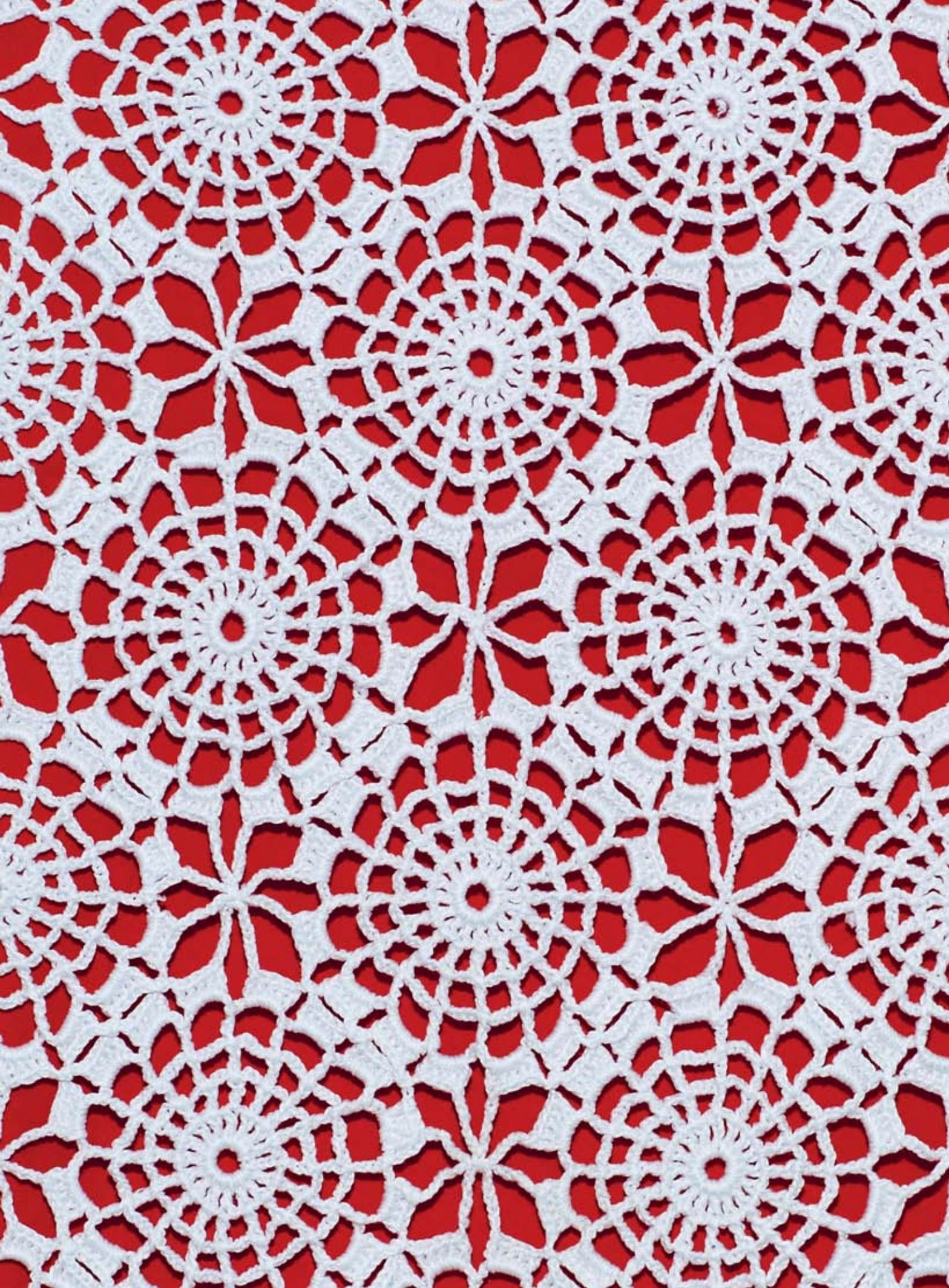
As cestarias decoradas com padrões de desenhos que contêm abstrações com significados próprios fazem parte da produção artesanal desses povos.

### **BEATRIZ MILHAZES**

(Rio de Janeiro, 1960)

*Pintora e gravadora brasileira, explora a profusão barroca, sobretudo o ritmo de arabescos, motivos florais e padrões circulares em cores fortes e luminosas. Integrou o grupo de artistas cariocas que renovou a pintura nos anos 1980 (Geração 80) e chegou a desenvolver técnica própria: pinta placas de plástico e as transfere para a tela, sobrepondo elementos circulares em um único plano. Valorizada no mercado internacional de arte, sua obra integra acervos de importantes museus norte-americanos.*

205. Página à direita: Toalha de mesa de crochê (detalhe).







206. Cestaria indígena.

As técnicas indígenas de entrelaçar fibras vegetais foram absorvidas por outras culturas e aparecem, nos dias de hoje, em diferentes pontos do país, adaptadas aos tipos de vegetação local e com formas diversificadas de produção.

Uma das fibras mais apreciadas na atualidade é o capim dourado, encontrado, principalmente, na região do Jalapão, no estado do Tocantins.

Descoberto em épocas remotas pelos índios que trançavam e costuravam as fibras, dando forma a diferentes utensílios, chegou às mãos escravas de quilombolas, que aperfeiçoaram a técnica, passada de geração em geração.

Atualmente, o capim dourado é uma fonte de renda importante para muitos artesãos e suas famílias. A valorização da produção de peças que utilizam essa matéria-prima despertou o interesse de muitos artistas do design. Eles passaram a trocar conhecimentos com os artesãos, e foram agregados, desse modo, novos valores aos produtos confeccionados.

As inovações propostas procuram sempre manter o traço regional que caracteriza esse artesanato.



207. Peça feita de capim dourado.

A técnica tradicional de transformar o capim *in natura* é feita pela costura com a utilização do fio de seda extraído do buriti. Nos dias de hoje, usam-se também outros fios dourados e coloridos, sementes, miçangas, pedras e outros adereços.

Capim dourado, buriti, babaçu, carnaúba, piaçaba, junco, taquara e cipós são transformados, pela habilidade e capacidade criadora de artistas artesãos, em peças originais que ultrapassam a condição de simples meio de sobrevivência para tornarem-se objetos artísticos, propiciando aos seus autores um caminho de profissionalização.

O trançar de fios, usado em diferentes técnicas, é uma forma de expressão, um símbolo tecido e tramado que mostra a vida em uma trajetória milenar.

*Quando o homem fez o primeiro  
palmo de tecido criou uma coisa nova,  
um corpo novo no mundo –  
e uma relação espacial nova.  
Na verdade, criou o plano que seria  
mais tarde o suporte da tapeçaria.*

Ferreira Gullar

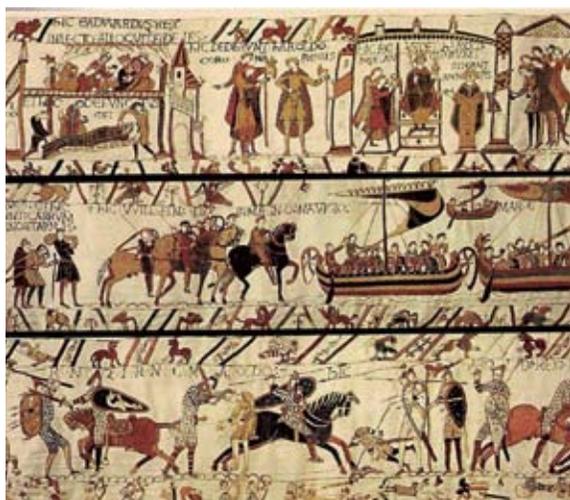




Uma das mais notáveis criações do homem nas artes visuais de todos os tempos é a arte da tapeçaria.

Os tapetes sempre encantaram as pessoas, seja no chão das casas, seja enfeitando paredes ou pendurados nas janelas saudando cortejos, ou até voando na imaginação aventureira dos textos literários.

Muitos simbolizam atos de homenagem em momentos religiosos ou cerimoniais.



209. Tapeçaria de Bayeux (um registro histórico da conquista da Inglaterra por William, o Conquistador da Normandia), c. 1070.

As histórias tecidas, bordadas e contadas pelos tapetes fizeram parte da vida dos povos em várias épocas, em diferentes culturas.

No Oriente, foram manufaturados os mais variados e ricos exemplares de tapetes, que são exibidos, na atualidade, em diferentes

museus do mundo. Na Europa Ocidental, há registros de tapetes anteriores às cruzadas, e são conhecidas tapeçarias feitas em várias cidades medievais francesas.

Foi durante o período monárquico francês que a produção de tapeçarias teve seu auge, com a criação da **Manufatura Nacional dos Gobelins** e, mais tarde, da **Escola de Artes Decorativas Aubusson**.

Os tapeceiros eram artesãos importantes que transformavam cartões criados no papel ou nas telas por outros artistas em verdadeiras obras de arte. A habilidade manual, o conhecimento técnico no uso dos fios e das cores trouxe reconhecimento a esse trabalho, principalmente, durante a Idade Média e o Renascimento.

Grandes pintores, como Leonardo da Vinci, Rubens, Van Dyck, Rafael e Goya, fizeram cartões que serviam como referência para serem tecidos pelos artesãos.



210. Joan Miró.  
Tapeçaria,  
1979.

### MANUFATURA NACIONAL DOS GOBELINS

Manufatura de tapeçaria criada em Paris, em 1662, pela Coroa francesa, era chamada de Manufatura Real dos Móveis da Coroa e reunia tecelões, pintores, fundidores, carpinteiros e ourives que fabricavam objetos para os palácios do rei ou que serviam como presentes reais. Por dificuldades financeiras, fechou em 1694 e reabriu em 1699, então somente para produzir tapeçarias, que eram consideradas as mais finas da Europa dos séculos XVII e XVIII.

### ESCOLA NACIONAL DE ARTES DECORATIVAS AUBUSSON

Escola francesa especializada em artes têxteis. Inspirada nas Escolas de Artes Decorativas de Paris e de Limoges, foi criada em 1884 a partir da nacionalização da Escola Municipal de Desenho de Aubusson. No final dos anos 1930, passou por reforma no ensino com introdução de técnicas novas, como a do cartão numerado (Jean Lurçat). Nos anos 1990, juntou-se à escola de arte de Limoges, formando a atual Escola Nacional Superior de Arte Limoges-Aubusson.

211. Página à esquerda: Tapete Gobelin (detalhe).



Do mesmo modo, desde o início do Modernismo na Europa, artistas de vanguarda, como Picasso, Braque, Matisse, Dufy, Chagall, Paul Klee e Miró, também se dedicaram à confecção de cartões para tapeçaria.

É importante lembrar que há sempre um compromisso do tapeceiro com a intenção do pintor, mas cabe a ele a interpretação do cartão, segundo as técnicas usadas na arte de tecer. O tapeceiro “diz” a pintura em outra técnica.

*O fio jamais denuncia o pincel, muito pelo contrário, tudo o que aparece no contexto do quadro, de maneira enfática, será otimizado na tradução para a tapeçaria.*

Sylvie Forestier



212. Albert Eckhout. *A Negra Carregada numa Rede*.

As primeiras tapeçarias com temática brasileira são gobelinos confeccionados no século XVII, com base em pinturas de Albert Eckhout.

No século XVIII, essas tapeçarias são repetidas, e cinco delas pertencem ao acervo do Museu de Arte de São Paulo (Masp).

O artista francês **Jean Lurçat** criou uma técnica de redução das cores, facilitando o trabalho dos tapeceiros e reduzindo os custos. Sua exposição no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM), na década de 1950, despertou grande interesse dos artistas e impulsionou a tapeçaria moderna no Brasil.

Utilizando também a temática brasileira, o baiano **Genaro de Carvalho** tropicalizou cores e formas, tornando-se um artista conhecido e admirado em nosso país e no exterior.

Ele criou uma escola na Bahia, deixando seguidores que valorizam em sua produção aspectos regionais, multiplicando e desenvolvendo variações de pontos em ritmos e cores que remetem à arte popular brasileira.



213. Genaro de Carvalho. *O Pássaro Solitário*, 1956.

### JEAN LURÇAT

(Bruyères, 1892 – Saint-Paul-de-Vence, 1966)

Pintor, ceramista, figurinista e tapeceiro francês, destacou-se por renovar e atualizar a linguagem da tapeçaria. Afinado com as tendências artísticas modernas, atuou em decoração, figurinos e tapeçaria nos anos 1920 e 1930. Em 1939, em Aubusson, buscou revigorar a tapeçaria, que estava em crise: introduziu o cartão numerado e a tecelagem de ponto largo. Nos anos 1950, seu trabalho chegou ao Brasil, e foi influência importante para artistas que se iniciavam nessa arte.

### GENARO DE CARVALHO

(Salvador, 1926-1971)

Tapeceiro, pintor, desenhista, atuou na renovação da arte na Bahia ao lado do pintor Carybé e do fotógrafo Mario Cravo Jr. Estudou pintura e dedicou-se à arte do tecer no início dos anos 1950. Em 1955, criou o primeiro ateliê de tapeçaria no Brasil, em Salvador. Conjugou sua visão local com o que de melhor se fazia em outras partes do mundo, como a tapeçaria de Lurçat, que então chegava ao Brasil.

O pernambucano Francisco Brennand desenvolve também estudos para tapeçarias, em uma linha construtivista, apresentando formas de frutas e flores típicas de sua região, com uma beleza cromática inigualável.



214. Tapeçaria de Francisco Brennand.

Na segunda metade do século XX, uma versão moderna e ousada de tapeçaria em tear foi desenvolvida, em São Paulo, no ateliê Douchez-Nicola, pelo francês **Jacques Douchez** e pelo paulista **Norberto Nicola**.

Esses artistas realizaram trabalhos com técnicas mistas, usando materiais variados como lã, estopa, cânhamo, sisal, linho e algodão. Nessa investigação formal, chegaram a modelos de tapeçarias escultóricas e à confecção de tapetes objetos, rompendo com a bidimensionalidade tradicional da tapeçaria.

Como nos antigos ateliês europeus, Douchez e Nicola convidaram pintores brasileiros renomados para pintar cartões que, em seus teares, transformavam-se em tapeçarias. Desses projetos, participaram artistas como: Di Cavalcanti, Volpi, Da Costa, Maria Leontina, Aldemir Martins, Djanira, Rubem Valentim, Iberê Camargo, Carybé e Burle Marx.



215. Roberto Burle Marx. *Sem título*, 1973.

A herança de trançar, bordar e tecer foi o ponto de partida para artesãos artistas encontrarem um caminho criativo e de sobrevivência nos mais longínquos locais do nosso país.

As esteiras de junco, palha e fibras vegetais diversas, de origem indígena, continuam a ser confeccionadas. São usadas no chão, como tapetes, ou revestindo paredes à maneira de tapeçarias.

Entender essa terra de contrastes e mistura de culturas leva a uma reflexão desse espelho multifacetado, tanto na vida quanto na arte da nossa gente, conduzindo-nos a uma melhor compreensão da criatividade de um povo, em meio ao qual arte, artistas e arteiros convivem e buscam sua liberdade expressiva.

#### **JACQUES DOUCHEZ e NORBERTO NICOLA**

(Mâchon, 1921) e (São Paulo, 1931-2007)

Tapeceiros e pintores, criaram, no final dos anos 1950, o Ateliê Douchez-Nicola, onde desenvolveram formas tecidas que saem da dimensão do plano para ganhar o espaço a partir das especificidades dos materiais utilizados. A tapeçaria de Douchez se destaca pelos elementos geométricos; a de Nicola é orgânica, sensorial, feita a partir da mescla dos materiais tradicionais (lã, linho, estopa, sisal, cânhamo) com raízes, folhas, terra, penas, árvores e cipós entrelaçados.



## Festa para todos

*Um galo sozinho, não tece a manhã:  
ele precisará sempre de outros galos.  
(...) outros galos que com muitos outros galos  
se cruzem os fios de seus gritos de galo,  
para que a manhã, desde uma teia tênue,  
se vá tecendo, entre todos os galos.*

João Cabral de Melo Neto

Quando o primeiro galo cantou, ao amanhecer, o trabalho coletivo recebia os últimos ajustes. Era assim, todos os anos, na noite que antecedia a festa de Corpus Christi. Durante semanas, os preparativos para a festa tinham envolvido os moradores da pacata cidade.

Divididos em grupos, planejaram o projeto, estudaram o percurso, criaram os desenhos, selecionaram os materiais, escolheram as cores que dariam vida aos “quadros” e “passadeiras,” nos quais as mensagens de amor e solidariedade ganhavam forma no extenso tapete.



216. Pessoas trabalhando no tapete de Corpus Christi.

A confecção final foi feita nessa noite de vigília, com muita confraternização, muitas histórias e conversas. Os desenhos delineados no chão das ruas foram preenchidos com os mais diversos materiais: pétalas, flores, sal, serragem, pó de café, cascas de ovo, pigmentos coloridos e tudo o que estivesse disponível no local.

A festa de Corpus Christi é uma tradição religiosa trazida por imigrantes açorianos que ganhou força na cidade de Ouro Preto, adquirindo contornos do barroco português.



217. Tapete de Corpus Christi.

Hoje, é celebrada com a grandiosidade desses tapetes em várias cidades brasileiras. A devoção entoada nos cânticos e o ritual litúrgico culminam com a passagem da procissão sobre a produção criativa da comunidade.

O trabalho coletivo feito por voluntários anônimos, assim como uma arte efêmera, dura o tempo do processo de criação e as poucas horas da passagem do cortejo. Seu registro fica nas fotos, nos filmes, nas reportagens e, principalmente, na lembrança sensível daqueles que participaram executando ou apreciando esses belos tapetes, encontro da vida e da cultura popular.

*(...) perceber o modo como o outro olha depende da disponibilidade para ouvir o outro e compreender a singularidade como leitor.*

Italo Calvino

Ano após ano, no contexto das festas natalinas, tem lugar outro cortejo popular de caráter religioso que chegou ao Brasil com os portugueses: a **Folia de Reis**. Realizada em várias cidades brasileiras, esse teatro do povo conta a história da visita dos Reis Magos ao Menino Jesus.

Os componentes do grupo cumprem um ritual: batem à porta dos fiéis, arrecadam doações e entram nas casas, cantando e pedindo bênçãos para os moradores. Do lado de fora, palhaços mascarados com suas fantasias enfeitadas e coloridas dançam ao som do violão, do pandeiro e do cavaquinho, recitando para o povo. A função desses participantes é intrigar e divertir, fazendo malabarismos, dançando e improvisando versos durante o cortejo.



218. O Auto da Folia de Reis.

A folia é uma festa que ultrapassou o caráter religioso e desenvolveu-se aqui com características próprias, tornando-se um auto popular, um teatro do povo que conjuga o sagrado e o profano.

Como um país pode preservar suas memórias?

Uma forma de preservação cultural é o que acontece com a Folia de Reis, que, mantendo a tradição com seus ensinamentos passados de geração em geração, permite improvisações e uma recriação constante do ritual. Essa manifestação folclórica de rara beleza vive até hoje por guardar a essência da criação artística renovada pelo imaginário popular.

Um símbolo importante da Folia de Reis é a bandeira que segue à frente do cortejo. Podendo apresentar diferentes formatos, ela geralmente retrata temas variados, ligados aos Reis Magos ou à Sagrada Família, e, muitas vezes, é enfeitada com ex-votos, fitas, flores de plástico ou de papel colocados pelo povo.



219. Folia de Reis (palhaço).

### FOLIA DE REIS

Auto popular natalino de origem portuguesa que une aspectos sagrados e profanos. Inspirada na visita dos três Reis Magos ao Menino Jesus, ocorre principalmente no Norte do Brasil, de 24 de dezembro a 6 de janeiro, fechando o ciclo natalino. Grupos musicais fazem paradas em casas previamente escolhidas, apresentando danças dramáticas, como o terno de reis, o rancho e o bumba meu boi, em troca de donativos.

Bandeiras, mastros, fantasias e máscaras são elementos presentes na maioria das nossas festas populares. Eles têm origem no medievo europeu e foram incorporados à nossa tradição desde o período barroco.

A **Festa do Divino** também possui em sua bandeira um símbolo de identificação e agregação da comunidade: uma pomba branca sobre raios solares, destacando-se do fundo vermelho da bandeira.

No alto de seu mastro, outra pomba talhada em madeira, rodeada de fitas coloridas, parece levantar voo. Essa é a principal, mas não é a única bandeira a estar presente na Festa do Divino. Muitas outras, representando diferentes localidades, participam do cortejo, levando intenções e desejos dos fiéis seguidores.



220. Bandeira de Folia de Reis.

Como a Folia de Reis, a Festa do Divino também apresenta aspectos religiosos e profanos e tem origem portuguesa. Nas comemorações do Divino, um dos pontos altos é a solenidade na igreja, durante a missa de Pentecostes, na qual um jovem da comunidade é coroado Imperador do Divino.

#### **FESTA DO DIVINO**

*Acontece sete semanas depois do Domingo de Páscoa, no dia de Pentecostes, para comemorar a descida do Espírito Santo sobre os 12 apóstolos. São festejos tradicionais populares, com registro no Brasil desde o século XVII, que mesclam manifestações profanas e religiosas, como cavalhadas (batalhas entre mouros e cristãos) e representações teatrais, ao lado de novenas, missas e procissões.*



221. Bandeira da Festa do Divino.



222. Coroação do Imperador.

Do lado de fora, grupos de danças folclóricas, como as congadas, os catiras e os moçambiques, festejam a coroação.

As festas populares brasileiras apresentam várias linguagens da arte com uma estética própria das comunidades onde se desenvolvem. A dança, a música, o canto, a poesia, a indumentária, as alegorias compõem um espetáculo teatral que reúne as tradições culturais com contribuições estéticas das novas gerações.



*A dinâmica de toda festa é um complexo de relações onde todos são atores e espectadores, produtores e consumidores; ela é performática. (...) A festa é o ato mesmo da produção da vida.*

**Léa Freitas Perez**

A Folia de Reis e a Festa do Divino estão presentes, praticamente, em todo o território brasileiro, e a sua força expressiva também toma forma na obra de pintores como Debret, Tarsila do Amaral e Djanira, no teatro de Ariano Suassuna, na música de Tim Maia, Milton Nascimento, Martinho da Vila, Ivan Lins, Vítor Martins.



224. Djanira. *Folia do Divino*, 1959.

Como podemos compartilhar experiências da tradição popular sem pertencermos ao grupo em que ela está inserida?

Ao nos propormos olhar para uma manifestação artística de outra cultura, precisamos ter os sentidos abertos para nos deixarmos estimular, percebendo os valores estéticos e de vida que nela estão enraizados.

*Os devotos do Divino  
vão abrir sua morada  
Pra bandeira do menino  
ser bem-vinda, ser louvada, ai, ai  
Deus nos salve esse devoto  
pela esmola em vosso nome  
Dando água a quem tem sede,  
dando pão a quem tem fome, ai, ai.*

**Bandeira do Divino / Ivan Lins e Vítor Martins**

Os rituais simbólicos são essenciais para a compreensão e organização da experiência humana e da renovação da vida em sociedade.

Uma das mais expressivas manifestações da cultura popular do nosso país, que agrega em seu formato vários tipos de danças, cantos e encenações teatrais, se realiza em torno da figura do boi.

O **folguedo do boi** acontece no Brasil há mais de um século e se mantém vivo até hoje por ser um dos brinquedos populares encontrados em quase todos os estados, fazendo parte do universo cultural do país. Está presente em diferentes ocasiões, nas festas mais marcantes da comunidade onde está inserido.



225. Bumba meu boi.

#### **FOLGUEDO DO BOI**

*Festa folclórica, mais conhecida como boi-bumbá ou bumba-meu-boi. Tem influências indígenas, africanas e europeias. Dependendo da região e da modalidade do boi, pode ocorrer durante as festas juninas, o Natal ou o carnaval. Compõe-se de dança, drama e música e, em geral, apresenta o tema da morte e da ressurreição do boi, em uma encenação em que se agregam vários personagens, com variações conforme o contexto local.*

No Maranhão, o boi é símbolo da cultura local, e a encenação do auto é, muitas vezes, dedicada a São João. As promessas ao santo são pagas com o acolhimento dos brincantes nas casas, o que equivale a um **ex-voto**.

Essa manifestação popular apresenta traços regionais, com caras e jeitos próprios e nomes diferentes, tais como: bumba meu boi, boi-bumbá, boi de mamão, boi-pintadinho, boi de reis, boi-calemba, boi de matraca, bumba.

No Brasil, adquiriu uma forma de crítica à situação social de negros e índios, tornando-se um auto brasileiro, de tríplice criação mestiça. Procura mostrar, a seu modo, a realidade e a história do país por meio da cultura.

Os personagens, que usam vestuário próprio, alegorias e complementos, saem dançando e cantando, ao som das violas, rabecas, zabumbas, matracas e harmônicas. As fantasias, os objetos de mão, os enfeites, os adereços e os animais fantásticos utilizados em cena, além do próprio boi, são feitos pelos participantes com muita criatividade e poucos recursos.



226. Cortejo de boi.

O enredo, mesmo com adaptações regionais, tem seu auge na morte e na ressurreição do boi.

*Sobre todos os aspectos,  
o bumba meu boi é o bailado  
mais notável do Brasil.*

**Renato de Almeida**

*O meu boi morreu  
Que será de mim?  
Manda buscar outro, maninha  
Lá no Piauí.*

**Cultura popular**

O cortejo do boi pode ocorrer em qualquer espaço onde circule, sem necessitar de cenários, unindo realidade e imaginação. Os brincantes fazem, intuitivamente, peripécias e gracejos animados para o povo. O espetáculo agrega falas, músicas, danças, histórias, poesias, piadas e louvores.

O bumba meu boi foi inserido por **Mário de Andrade** em sua obra *Macunaíma*. Foi a primeira transposição desse folguedo para a literatura erudita.

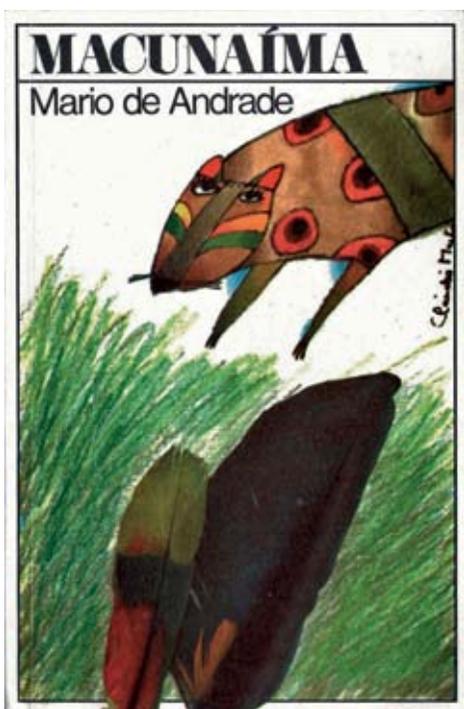
#### **EX-VOTO**

Abreviação do termo latino *ex-voto suscepto* (“o voto realizado”), designa placas, pinturas, estatuetas e variados objetos (entre eles, réplicas em barro, madeira ou cera de partes do corpo afetadas por doenças) oferecidos a divindades em agradecimento a uma graça alcançada. Manifestação ligada diretamente à arte religiosa e à arte popular, desperta interesse de historiadores da arte e da cultura, arqueólogos e antropólogos.

#### **MÁRIO DE ANDRADE**

(São Paulo, 1893-1945)

Mário Raul de Moraes Andrade foi poeta, romancista, crítico de arte, folclorista, musicólogo, ensaísta e um dos realizadores da *Semana de Arte Moderna de 1922*. Nos anos 1930, criou e dirigiu o Departamento de Cultura da Municipalidade Paulistana, que originou a Secretaria Municipal da Cultura. Escreveu o romance *Macunaíma* (1928), no qual recria mitos e lendas indígenas para traçar um painel do processo civilizatório brasileiro.



227. Capa do livro *Macunaíma*, de Mário de Andrade.

Em *Macunaíma*, há fragmentos da cultura popular do nosso país, reorganizados com novos significados.

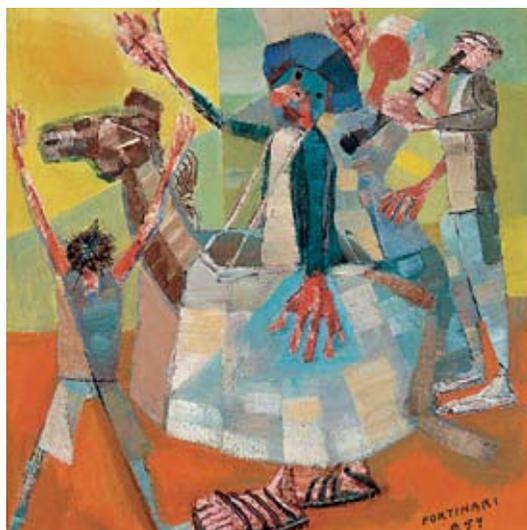
O auto do boi inspirou o teatrólogo pernambucano Joaquim Cardozo na criação dos textos teatrais *O Coronel de Macambira* (1963), *De uma Noite de Festa* (1971) e *Boi de Carro* (1975). Essas peças seguem o modelo do bumba meu boi, e sua estrutura formal pertence à estética dessa festa.

A popularidade do folguedo do boi transformou-se em cores e formas plásticas, através do olhar e do talento de alguns de nossos artistas. Di Cavalcanti, Portinari, Sonia Furtado, Bianco transportaram a encenação para as telas; J. Borges, para o cordel; Vitalino e Manoel Eudócio, para o barro.

#### **HUMBERTO ESPÍNDOLA**

(Campo Grande, 1943)

Pintor e desenhista brasileiro, inspirou-se em temáticas regionais, com destaque para o tema do boi, visto como símbolo da riqueza de Mato Grosso. Por meio de um grafismo caricatural, realiza retrato sarcástico da sociedade do boi: emprega crachás e medalhas que remetem a exposições agropecuárias, usa as cores da bandeira brasileira ou antropomorfiza o boi para denunciar a ganância do ser humano. Em 1974, criou o Museu de Arte e Cultura Popular, ligado à Universidade Federal de Mato Grosso.



228. Candido Portinari. *Bumba Meu Boi*, 1959.

O que confere tanta popularidade à figura do boi em nosso país?

Segundo Mário de Andrade, o boi se tornou o “substituto histórico do bandeirante, e o maior instrumento desbravador, socializador e unificador de nossa pátria”.

O artista **Humberto Espíndola** desenvolve um trabalho focado em temas regionais e procura traduzir a importância do boi, animal-símbolo que retrata o cenário político, econômico e social da população do cerrado do Centro-Oeste do Brasil.

A obra de Humberto é questionadora, e sua “bovinocultura” pinta a representação sarcástica de uma sociedade que, como no bumba, gira em torno da figura do boi, que nela é moeda e símbolo de poder.

A humanização do animal é um elemento de informação, denunciando, muitas vezes, a vontade de poder do ser humano.





J. B. DeBrek, 1623  
Jancie



230. Humberto Espíndola. Painéis do palácio do governo de Mato Grosso, 1975.

A permanência da figura do boi se estende por todo o ano, em comemorações marcantes como as festas juninas, o ciclo natalino, o carnaval.

*A onda que me levou  
Me embalou  
Dela pra cá numa legal  
E o vento que soprou  
Me avisou que tinha boi no carnaval.*

**O Boi Dá Bode / Djalma Branco e Caruso**

Vestígios de diferentes folguedos regionais aparecem reunidos na grande festa popular brasileira, que é o carnaval. Nela, está presente não só o boi, mas também as bandeiras, as máscaras, as fantasias, a música, a dança, os cortejos.

Desde o período greco-romano, havia festas com características carnavalescas, incluindo cortejos de pessoas mascaradas que cantavam e dançavam em homenagem a figuras mitológicas, como Baco e Saturno.

Mesmo após a queda do Império Romano, a tradição das festividades carnavalescas na Europa continuou e chegou ao Brasil trazida pelos colonizadores portugueses.

A partir do século XI, com a implantação da Semana Santa pela Igreja Católica, a festa pagã do carnaval ficou restrita aos três dias que antecedem o período da quaresma. Assim, haveria um momento de interrupção da vida cotidiana, com suas normas e proibições, dando lugar a uma liberdade utópica.

*O carnaval é a segunda vida  
do povo, baseada sobre o  
princípio do riso.*

**Mikhail Bakhtin**

O carnaval brasileiro deriva também de festividades leigas como, por exemplo, a coroação de D. João IV, rei de Portugal, no século XVII, e o casamento do futuro D. João VI com Carlota Joaquina, no século XVIII. Esses acontecimentos, apesar de ocorridos na Europa, foram comemorados por três dias na cidade do Rio de Janeiro, com festas populares que incluíram carros alegóricos, desfiles e fantasias, envolvendo diferentes classes sociais.

A predisposição popular para as brincadeiras de rua incorporou outras tradições europeias: o entrudo português, no qual limões de cheiro eram atirados à população, as máscaras de Veneza, que aqui foram reproduzidas em cera ou papelão, os bailes de salão e os cortejos de carros alegóricos.

231. Página à esquerda: Jean-Baptiste Debret. *Carnaval*, 1823 (detalhe).



E vieram os ranchos, os cordões, os blocos e as sociedades carnavalescas, presentes em diversos pontos do país, com músicas e instrumentos próprios das tradições regionais.



232. Rodolpho Chambelland. *Baile à Fantasia*, 1913 (detalhe).

No Rio de Janeiro, brincava-se ao som do maxixe; em Pernambuco, o frevo e o maracatu comandavam a festa; na Bahia, o afoxé contagiava a população.

O samba, que teve a sua primeira gravação em 1917, com a composição *Pelo Telefone*, de autoria de **Donga**, passou a ganhar espaço na preferência popular dos cariocas, em lugar do maxixe.

*O chefe da folia  
Pelo telefone manda me avisar  
Que com alegria  
Não se questione para se brincar*

**Pelo Telefone / Donga**



233. Partitura da música *Pelo Telefone*, de Donga.

Entre 1927 e 1930, surgem, na trilha dos ranchos, blocos e cordões, as primeiras escolas de samba: a Deixa Falar, a Mangueira e a Vai Como Pode. Mas o primeiro desfile oficial só acontece em 1932, na Praça Onze, no Rio de Janeiro.

Mais tarde, as marchinhas passaram a disputar com os sambas a preferência dos foliões.

O carnaval revelou artistas que criaram e interpretaram músicas lembradas até hoje. Noel Rosa, Ary Barroso, Lamartine Babo, Carmen Miranda e as irmãs Linda e Dircinha Batista foram alguns dos talentos popularizados pela era do rádio e dos discos.

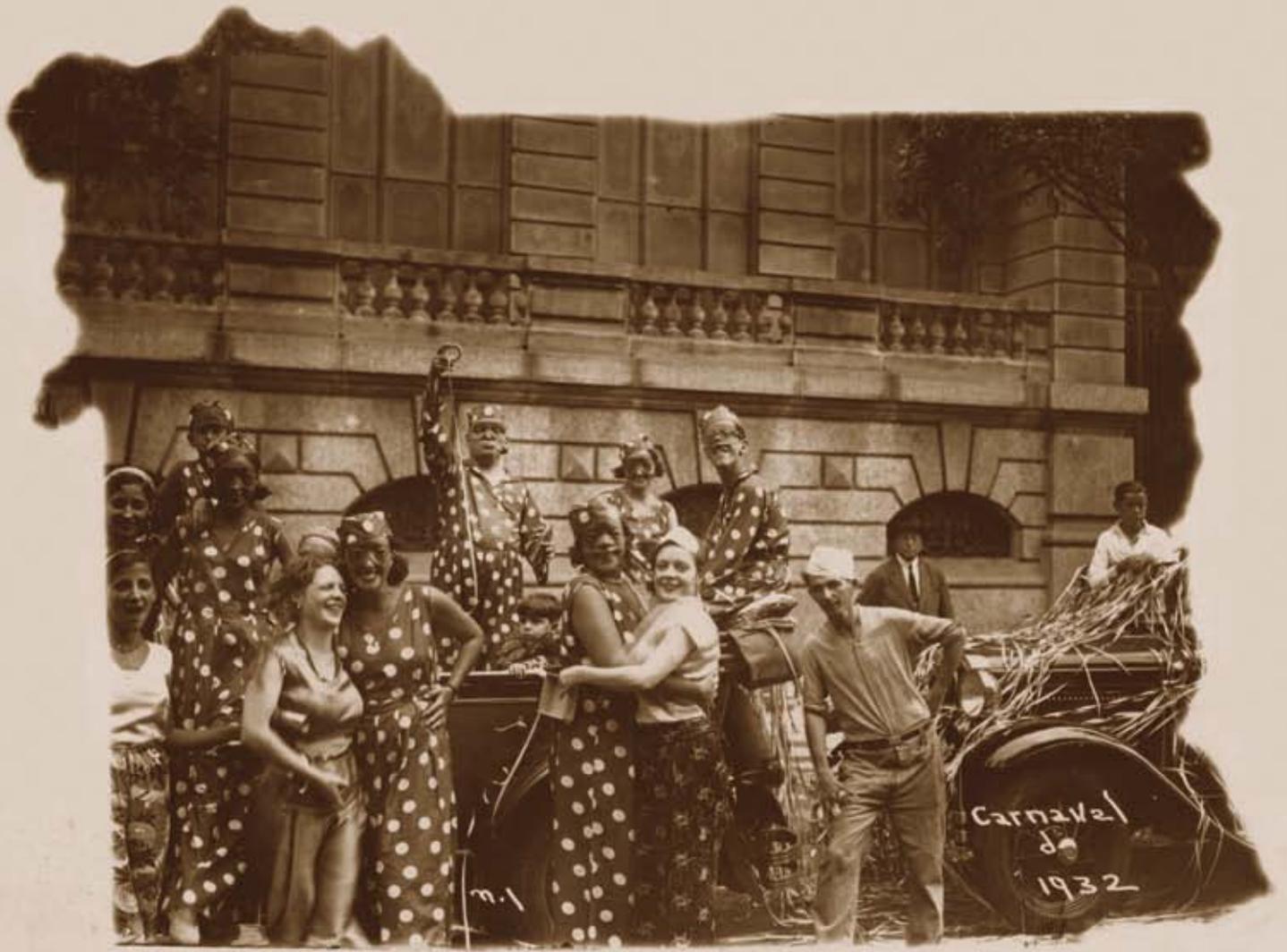
*Quem foi que inventou o Brasil?  
Foi seu Cabral!  
Foi seu Cabral!  
No dia vinte e um de abril  
Dois meses depois do carnaval*

**História do Brasil / Lamartine Babo**

#### **DONGA (ERNESTO JOAQUIM MARIA DOS SANTOS)**

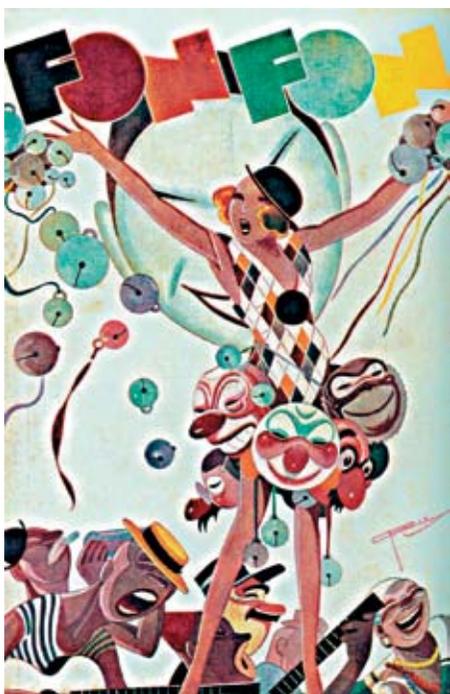
(Rio de Janeiro, 1890-1974)

Integrante do núcleo que daria origem ao samba atual, participava das rodas de música na casa da lendária Tia Ciata, ao lado de João da Baiana, Pixinguinha e outros. Compositor de sambas e diversos outros gêneros musicais de raízes africanas, como toadas, macumbas e lundus. Tocava cavaquinho, violão-banjo e violão. Sua composição mais conhecida é *Pelo Telefone*, considerada o primeiro samba gravado (1917).





235. Guilherme Santos. Carnaval na Avenida Central.



236. J. Carlos. Capa da revista *Fon Fon*.

Cenas de carnaval aparecem reproduzidas em desenhos e pinturas de Debret, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Orlando Teruz, J. Carlos e Portinari e flagradas nas fotografias de Augusto Malta. São temas de espetáculos no teatro de revista de Walter Pinto, em diversos filmes da Atlântida e nos desenhos animados *Alô, Amigos*, de Walt Disney, e *Rio*, de **Carlos Saldanha**.



237. Foto de divulgação do filme *Rio*.

E agora, para onde vai esse bloco?

Cada vez mais, em todo o país, o carnaval de rua continua guardando traços de suas origens, mas se reinventando e se resignificando, movido pela vitalidade e criatividade do povo e pelo caráter dinâmico da cultura.



238. Cordão do Boitató.

É uma festa democrática que engloba as diferentes linguagens da arte, permitindo expressões individuais e coletivas que, ao longo de mais de três séculos, vêm conquistando novos participantes, artistas e arteiros, de diferentes origens, que, em uma intensa relação cultural, interagem, subvertendo a realidade para simplesmente brincar.

#### **CARLOS SALDANHA**

(Rio de Janeiro, 1968)

Diretor de cinema brasileiro, especializou-se em animação por computação gráfica em Nova York. Foi animador em *Bunny*, Oscar de melhor curta-metragem de animação (1998). Dirigiu o curta *Time for Love*, premiado no Canadá (1994) e na Suíça (1995). Assinou a direção de animações de *A Era do Gelo* (2002), com Chris Wedge, *A Era do Gelo 2* (2006), *A Era do Gelo 3* (2009) e *Rio* (2011).

*Todos os elementos próprios da praça pública ligam-se à alegre matéria do mundo, ao que nasce, morre, dá a vida, é devorado e devora, mas que definitivamente cresce e se multiplica sempre, torna-se sempre cada vez maior, melhor e abundante.*

Mikhail Bakhtin

### Conhecimentos em arte

- Os elementos artístico-culturais presentes nas manifestações populares.
- As características regionais das festas tradicionais brasileiras.
- A produção artística artesanal e a influência de outras culturas.
- A apreciação e a análise de diferentes expressões artísticas.
- O papel das diferentes manifestações culturais na construção da identidade nacional.

## ARTiculando em sala de aula

Professor(a), com base no texto lido, sugerimos algumas atividades para propor aos alunos:

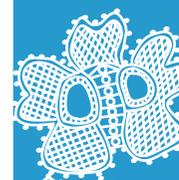
- Conhecer as esculturas de Louise de Bourgeois que homenageiam simbolicamente sua mãe por meio de enormes aranhas. Representar, com o desenho da forma de um animal, alguém que conheça, pela semelhança de atitudes, qualidades e maneira de ser. Apresentar seu trabalho descrevendo as relações estabelecidas.

- Entrevistar pessoas na comunidade que fazem artesanato, preenchendo uma ficha com o nome do artesão, o tipo de artesanato, o material utilizado e as possíveis ferramentas necessárias. Contabilizar quantos artesãos trabalham com fios e descrever as técnicas empregadas.
- Confeccionar um trabalho com fios de lã ou barbante colorido. Fazer um desenho em papel cartão e colar, bem juntinho, os fios com as cores selecionadas, contornando o desenho e preenchendo toda a forma. Analisar as composições, valorizando o projeto e a execução do trabalho.
- Observar a reprodução da obra *O Guitarrista*, de Beatriz Milhazes, que utiliza impressão de rendilhados, flores e arabescos. Criar um painel em grupo, usando impressão com moldes vazados. Usar formas circulares de papel dobradas, em seis partes, diametralmente. Fazer desenhos nas dobras, recortar e abrir as formas. Usar alguns desses círculos rendilhados para fazer impressões, batendo com uma esponja molhada em guache sobre as formas. Colar os outros rendilhados, sobre o painel, e complementar com desenhos de arabescos. Avaliar as etapas e a finalização do trabalho.



239. Beatriz Milhazes. *O Guitarrista*, 2000.

- Observar reproduções de tapeçarias e projetos feitos por artistas famosos, em forma de cartões. Criar uma pequena composição, com desenhos e colagens de formas recortadas, que possa ser transformada em uma tapeçaria. Reunir os diferentes trabalhos, descobrindo afinidades quanto às formas e/ou cores escolhidas.



- Pesquisar festas populares brasileiras, religiosas e pagãs, ressaltando as alegorias, fantasias e indumentárias utilizadas. Observar o uso de bandeiras e/ou estandartes como forma de identidade dessas festividades, nas mais diversas ocasiões. Criar, em grupo, uma bandeira ou um estandarte para a escola, escolhendo um símbolo que melhor a represente. Analisar com a turma os projetos dos grupos, escolhendo o melhor para ser confeccionado e representar o colégio.
- Conhecer a história tradicional do bumba meu boi e algumas interpretações feitas por artistas plásticos. Em grupo, construir um boi, usando materiais e técnicas diversificados. Planejar uma apresentação para o trabalho realizado.
- Observar vários tipos de máscaras usadas em festas populares e confeccionar uma usando a técnica de papel machê. Organizar uma exposição com essas máscaras.

## Para visitar

**Cidade do Samba** – Espaço na zona portuária do Rio de Janeiro onde se concentram os centros de produção artística das escolas de samba do Grupo Especial. É aberto à visitação turística e também promove shows de samba.

*Endereço: Rua Rivadávia Correia, 60, Gamboa.*

*Tel.: (21) 2213-2503.*

**Passarela Professor Darcy Ribeiro** – Conhecido como Sambódromo, o projeto do arquiteto Oscar Niemeyer foi inaugurado em 1984. O local concentra o desfile das escolas de samba do Grupo Especial, no período do carnaval. Durante o ano, também é palco de outros acontecimentos.

*Endereço: Avenida Marquês de Sapucaí, Cidade Nova.*

*Tel.: Riotur/Serviço de informações: (21) 2542-8080.*

**Fundação Eva Klabin** – Situada na antiga residência da colecionadora, a casa-museu possui um acervo de aproximadamente 2 mil peças de arte entre pinturas, esculturas, antiguidades, mobiliário e tapeçarias.

*Endereço: Rua Epiácio Pessoa, 2.480, Lagoa.*

*Tel.: (21) 2523-3471.*





# Brincar de inventar

## Construindo o brincar

*Bola de meia, bola de gude  
O solidário não quer solidão  
Toda vez que a tristeza me alcança  
O menino me dá a mão.*

**Bola de Meia, Bola de Gude / Milton Nascimento  
e Fernando Brant**

A brincadeira, o jogo, a imitação, o desafio e a ilusão nos permitem criar, construir e estabelecer relações lúdicas com a vida.

Quando crianças, as experiências que nos trazem a compreensão do mundo são vivenciadas no ato de brincar.

Assim como a obra de arte possibilita ampliar o conhecimento do homem sobre o ambiente que o rodeia, o mesmo pode ser aplicado às brincadeiras e aos brinquedos tão comuns na infância.



240. Milton Dacosta. *Ciranda*, 1942.

Brincando, fortalecemos o elo entre a nossa realidade interior e a exterior. Assim, ordenamos e estruturamos o mundo que percebemos através dos símbolos, estabelecendo também a criação de elementos culturais.

*A criação da cultura é, consequentemente, um ato da imaginação humana. É um ato de jogar com os dados do mundo material para construir uma ordem e um sentido.*

**João Francisco Duarte Júnior**

Os brinquedos dizem muito sobre o tempo, a cultura e as características de um povo. Foram construídos, em diferentes épocas, pelas sociedades para as suas crianças.



241. Cavalo de brinquedo feito de bronze (Alemanha).



As comunidades indígenas brasileiras utilizam materiais encontrados em seu meio ambiente para a confecção dos brinquedos infantis. A palha, por exemplo, é usada em dobraduras, representando animais e até reproduzindo elementos estranhos à cultura, como os aviões que sobrevoam as aldeias.

As mulheres da tribo carajá costumam fabricar minibonecas de barro para as suas crianças. As chamadas “**licocós**” são pequenas figuras que reproduzem a vida da tribo, comprovando a importante presença das vivências no desenvolvimento do processo criador.



242. Licocó carajá.

As sobras do barro das cerâmicas utilitárias feitas na tribo são também oferecidas aos pequenos, que com elas constroem outros objetos para brincar.

Qualquer material, por mais simples que seja, poderá virar brinquedo nas mãos de uma criança. Basta que ele a faça pensar, intrigue ou, simplesmente, divirta.

O brinquedo nos convida, nos desafia a medir forças, sejam elas físicas ou intelectuais. Sua criação envolve o pensamento nascido do desejo e, por isso, constrói conhecimento.

Todo adulto, em algum momento da infância, criou seus próprios brinquedos e inventou brincadeiras, vivendo tempos de ludicidade e prazer que ficaram gravados na memória.

*No meu tempo, parte da alegria de brincar estava na alegria de construir o brinquedo.*

Rubem Alves

Muitos artistas reconhecem a importância do brincar na infância como elemento detonador de seu próprio processo criativo.

Os designers brasileiros **Fernando e Humberto Campana** consideram que a infância no campo, onde construíam seus próprios brinquedos, foi determinante em seu trabalho.

A obra dos irmãos Campana é lúdica, divertida e alegre como a infância. Apresenta experiências inusitadas com os materiais mais comuns e propostas ousadas que transformam projetos de objetos “utilitários” em verdadeiras peças escultóricas.

#### LICOCÓ

*Boneco de cerâmica feito por índias carajás. É confeccionado com barro branco retirado dos barrancos do Rio Araguaia e pintado com padrões decorativos tradicionais. O licocó barro tem função lúdica para as crianças e funciona como instrumento de socialização das meninas ao representar acontecimentos da vida cotidiana. Atualmente, tornou-se mais um meio de subsistência do grupo, ao ser vendido a turistas.*

#### FERNANDO E HUMBERTO CAMPANA

*(Brotas, 1961) e (Rio Claro, 1953)*

*Designers brasileiros, os irmãos Campana desenvolvem obra que privilegia a matéria-prima sobre forma e função, transformando materiais banais em produtos inusitados. Mesclam o urbano e o rural em combinações inesperadas de elementos cotidianos (mangueira de borracha, correntes, brinquedos de pelúcia, etc.) que celebram o descartado e o mundano, criando design vibrante, marcadamente brasileiro.*



243. Irmãos Campana. *Cadeira Vermelha*, 1993 a 1998.



244. Irmãos Campana. *Banquete*, 2004.

Um trabalho clássico desses artistas é a *Cadeira Vermelha*, feita com mais de 300 metros de corda trançada à mão. Desse emaranhado derivaram-se outros objetos, tramados com diferentes fios, que deram origem a uma famosa sapatilha de plástico, comercializada no Brasil em larga escala.

Fernando e Humberto resgatam, em uma expressão contemporânea, as raízes brasileiras do artesanato indígena e popular.

*Fernando e Humberto tiram do cotidiano popular a inspiração para suas criações, percorrem o mundo e retornam para o campo, para Brotas, a cidadezinha onde cresceram. Esse ir e vir constante traz como resultado uma obra de matriz brasileira e expressão universal.*

**Maria Helena Estrada**

As brincadeiras vividas na infância também influenciaram a obra do americano **Alexander Calder**. Incentivado pela família, construía seus próprios brinquedos, tomando-se por base diferentes materiais, entre eles: latas, fios e madeiras.

Ainda menino, Calder presenteou os pais com duas pequenas esculturas feitas de chapa de latão: um cão e um pato, com formas simplificadas, que já apresentavam suas primeiras experiências com o movimento.

Depois veio um jogo de tabuleiro, no qual um tigre, um leão e três ursos de madeira se movimentavam, e a seguir uma série de outras experiências construtivas, cujas pesquisas já indicavam a descoberta de uma futura forma de arte inovadora.

#### **ALEXANDER CALDER**

(Lawnton, 1898 – Nova York, 1976)

Escultor, pintor e gravador, foi um dos pioneiros da arte cinética ao criar esculturas movidas por motor ou pela ação de correntes de ar. Suas construções articuladas, apoiadas no chão ou suspensas (os móveis), cujos elementos são feitos de materiais industriais e possuem formas biomórficas, remetem ao Construtivismo e ao Surrealismo. Baseadas em um equilíbrio instável, marcam o espaço com uma grafia delicada, que remete à dinâmica da morfologia natural.



Calder formou-se em Engenharia Mecânica e nunca deixou de construir brinquedos com movimento, como o Circo Calder.



245. Alexander Calder. *Circo Calder*, 1926-1930.

Esse conjunto de bonecos e animais foi projetado, construído, dirigido e apresentado pelo artista, em diferentes lugares, ao longo de 40 anos.

Sua ousadia criativa não se limitou aos brinquedos. As experiências com eles vieram a caracterizar a obra que o tornou conhecido mundialmente: o “móvil”.

As esculturas cinéticas de Calder, que conjugam arte e engenharia, encantam qualquer pessoa pela sua beleza e ludicidade.

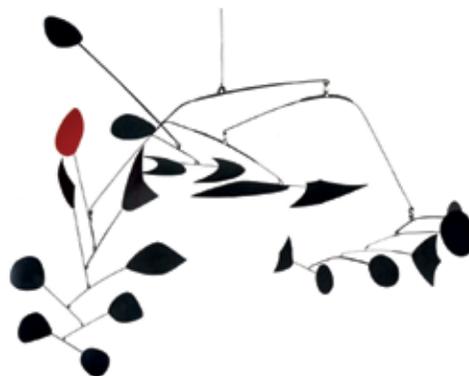
A herança da arte construída por Calder aparece, ainda hoje, ressignificada e popularizada em outros objetos, como nos brinquedos tão comuns nos quartos e nos berços das crianças em todo o mundo, pendurados em um contínuo, lento e infinito movimento.

### JOAQUÍN TORRES GARCÍA

(Montevideu, 1874-1949)

Pintor, desenhista e teórico uruguaio, participou da vanguarda artística parisiense nos anos 1920 e estabeleceu o Construtivismo como movimento chave na América Latina. Enfatizou a linha ortogonal do Neoplasticismo holandês ao empregar a grade como principal estrutura compositiva. Diferentemente dos europeus, preencheu os espaços dessa grade com figuras geométricas, números e símbolos, em cores terrosas, inspiradas nas artes egípcia, africana e, principalmente, inca e asteca.

247. Página à esquerda: Alexander Calder. *Cinco Espadas*, 1976.



246. Alexander Calder. *Vermelho Triunfante*, 1963.

O brinquedo alimenta a imaginação?

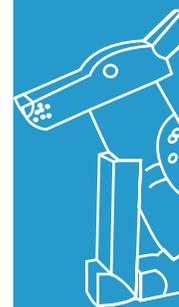
Por ser um desafio ao conhecimento, o ato de brincar impulsiona a imaginação de diferentes modos: a exploração do funcionamento do brinquedo, o desdobramento de suas funções e até a criação de novas possibilidades.

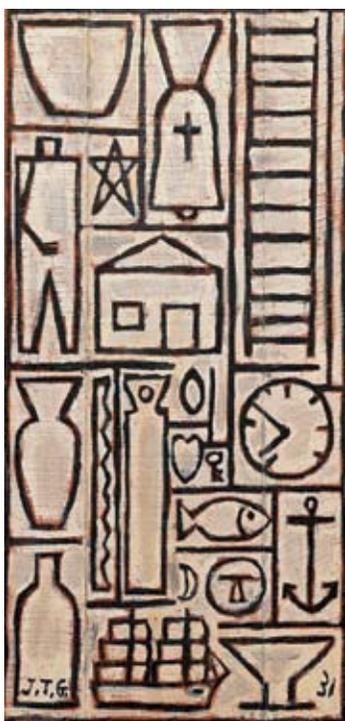
Muitas experiências da infância ganham força criativa na vida adulta.

*A utilização de uma forma lúdica dos meios acessíveis, sem nenhum propósito predeterminado, abre as possibilidades de um sem-número de organizações e associações.*

**Maria de Lourdes Mäder Pereira**

O artista uruguaio **Torres García** buscou na pintura uma renovação constante, desenvolvendo suas primeiras obras construtivistas.





248. Joaquín Torres García. *Construção em preto e branco*, 1931.

Paralelamente, elaborou uma produção significativa de brinquedos artesanais desmontáveis em madeira, que foram apreciados em toda a Europa e considerados obras de arte por sua originalidade e linguagem estética.



249. Joaquín Torres García. *Cachorro*, 1924-1925.

Torres García escreveu o livro *Universalismo Construtivo*, tomando como ponto de partida numerosos textos, anotações e desenhos de sua autoria, que definem e defendem uma arte americana com abrangência universal.

*(...) a linguagem deve ser a mais universal e a mais compreensível. Geometria e simbolismo teriam que ser a maneira natural de expressar o artista. E foi assim que, encontrando todas as peças do quebra-cabeça, pude formá-lo por inteiro.*

**Torres García**

No percurso lúdico das brincadeiras, o casal de arquitetos americanos **Charles e Ray Eames** é considerado pioneiro em projetos que apontaram caminhos para a construção dos brinquedos na era tecnológica.



250. Charles e Ray Eames. *Elefante*, 1945.

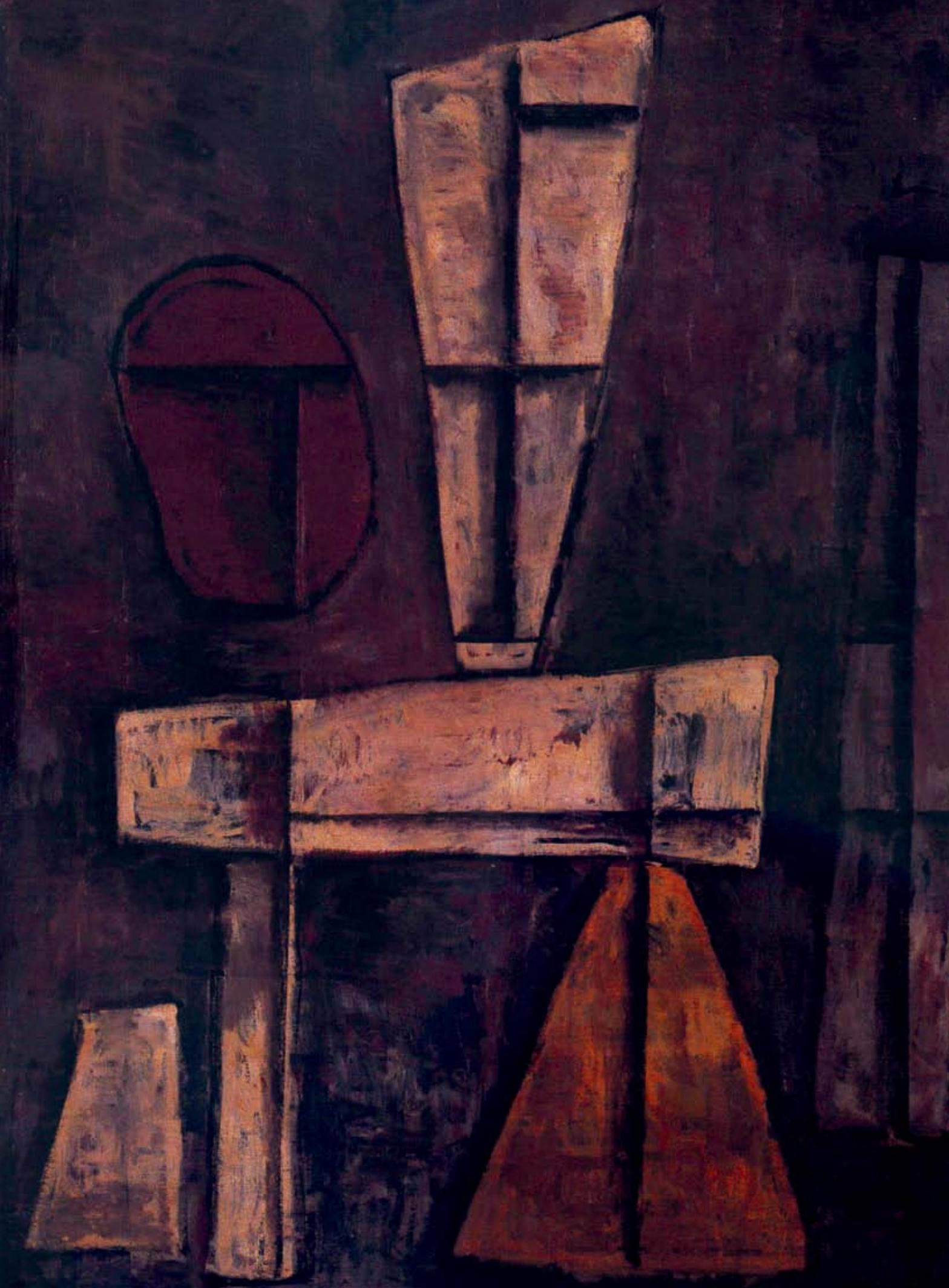
Peças modulares e de encaixes, casas de bonecas e miniaturas de mobiliários são alguns dos projetos desenvolvidos pelo casal de arquitetos, que se inspirava em sua coleção particular de brinquedos.

### CHARLES E RAY EAMES

(St. Louis, 1907-1978) e (Sacramento, 1916 – Los Angeles, 1988)

O arquiteto Charles Eames e a pintora Ray Eames se casaram em 1941 e formaram parceria que desenvolveu projetos de design, arquitetura e cinema. Seus edifícios, brinquedos de crianças e mobiliário, em plástico moldado, espuma, couro artificial e alumínio fundido, participaram da modernização da América pós-guerra. Nos anos 1960, envolveram-se com a comunicação, especialmente com o cinema.

251. Página à direita: Joaquín Torres García. *Formas Abstratas Metafísicas*, 1930.



Cuidadosamente pensadas, as criações do casal encantavam pela variação cromática e gráfica, pela exploração da tridimensionalidade e do espaço, pelo desafio construtivo dos módulos, pelas infinitas possibilidades criativas oferecidas por quem adorava brincar e construir.

Alguns tipos de brincadeiras e brinquedos antigos ainda permanecem reinventados pela indústria e pelas crianças, mantendo sua riqueza e um valor lúdico inestimável.

Artesãos, em diferentes lugares do nosso país, também perpetuam essa magia que nos transporta ao mundo maravilhoso do faz de conta: bonecas de pano, carrinhos e barcos de chapas de lata, jogos de encaixe em madeira, fantoches e mamulengos.

Os bonecos artesanais têm suas raízes históricas no teatro medieval europeu.



252. Vahram Davtian. *Teatro Medieval*, 2007.

As marionetes eram utilizadas, naquela época, para difundir o catolicismo. Atualmente, retratam situações cômicas e sátiras do cotidiano. Manipulados por atores, os bonecos podem ser de luva, de vareta, de haste ou de fio.



253. Giovanni Volpato. *Os Fantoches*, 1764.

No Brasil, o teatro de marionetes chegou por volta de 1700, adquirindo contornos locais e dando origem ao chamado **mamulengo**, brinquedo popular inigualável na dinâmica, simplicidade e alegria.



254. Mamulengos.

O mamulengo quase sempre é conduzido pelo próprio dono dos bonecos, que assume diferentes papéis: é artesão, ator, manipulador, dançarino, poeta, improvisador e cantador. O ritmo e a dança dão o clima do espetáculo, que atrai e encanta o público por sua energia criativa.

### MAMULENGO

*Teatro de bonecos muito popular no Nordeste. Sua origem no Brasil remonta aos séculos XVI a XVIII. Os fantoches, feitos em geral de madeira, massa ou papelão e pano, são chamados mamulengos no interior do Brasil, principalmente no Nordeste. São manobrados com as mãos, como se fossem luvas. O encenador, escondido atrás de um anteparo, lhes dá movimento e voz. Os temas representados vão de dramas bíblicos a comédias, retratando, também, temas da atualidade.*



255. Mamulengo.

*Só pode brincar de mamulengo  
se for poeta. Se não for poeta não  
pode brincar.*

**Mestre Luiz Serra, mamulengueiro de  
Vitória de Santo Antão/PE**

Uma versão atual e sofisticada de teatro de bonecos é o grupo **Giramundo**, criado em 1970 pelo artista plástico Álvaro Apocalypse quando era professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Suas filhas deram continuidade ao projeto, que hoje, além do teatro, inclui cinema e animação.

#### **GIRAMUNDO**

*Um dos grupos de teatro de bonecos mais importantes do mundo, criou mais de 30 peças em cerca de 40 anos de atividade. Com sede em Belo Horizonte, surgiu no início da década de 1970. Sua atuação envolve oficinas, exposições, educação ambiental e apresentações em teatro e rua, bem como a instituição de um museu do teatro de bonecos. Recentemente, passou a aplicar a tecnologia da videoanimação, que se aliou à expressão corporal dos intérpretes e ao aprimoramento dos bonecos.*

#### **PATO FU**

*Banda de rock formada em 1992, em Belo Horizonte, integrada por Fernanda Takai, John Ulhoa, Ricardo Koctus, Xande Tamietti e Lulu Camargo. O primeiro álbum, Rotomusic de Liquidificapum, saiu em 1993. Com o CD Gol de Quem?, conseguiu projeção nacional, em 1995. Apresentou-se em festivais como Hollywood Rock e Rock in Rio 3. Em 2010, lançou um CD gravado apenas com brinquedos infantis, como tecladinhos, xilofones e caixinhas de música.*

O Giramundo é um dos teatros de bonecos mais premiados no Brasil e no exterior, tendo como uma de suas características o planejamento de cada personagem por meio de desenhos, antecipando a concepção do boneco como obra de arte.

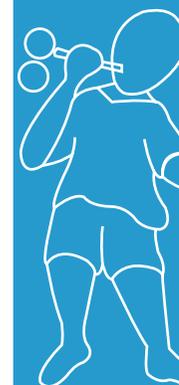
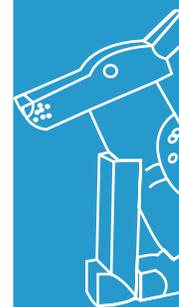


256. Teatro de bonecos Giramundo.

As peças teatrais agradam ao público infantil e adulto, propondo questões estéticas, sociais e políticas que traduzem poeticamente a cultura brasileira. Além de uma marcante atuação profissional, o grupo possui uma extensa coleção de marionetes, projetos técnicos, estudos de cenografia, figurinos e livros sobre teatro de bonecos no mundo.

Recentemente, o Giramundo participou, com seus personagens, de um trabalho desenvolvido pela banda **Pato Fu**, no show/DVD *Música de Brinquedo*.

Nesse projeto, a banda mineira recriou frases melódicas de velhas canções, com arranjos especiais, tirando sons de brinquedos e instrumentos musicais infantis.







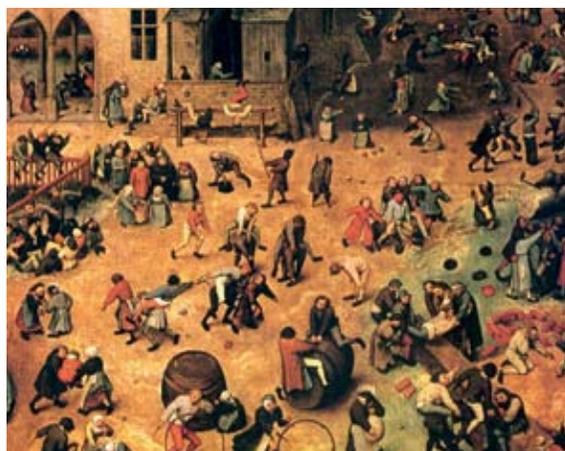
257. Espetáculo *Música de Brinquedo*, da banda Pato Fu.

*Acho que adultos vão relembrar canções de que gostavam e a criançada poderá ser introduzida à boa música pop que já foi produzida.*

**Fernanda Takai, vocalista do Pato Fu**

Os brinquedos que produzem sons, que voam, que pulam, como piões, pipas, bolas, continuam encantando e fazendo parte do universo infantil. Muitos deles estão perpetuados em diferentes obras de arte.

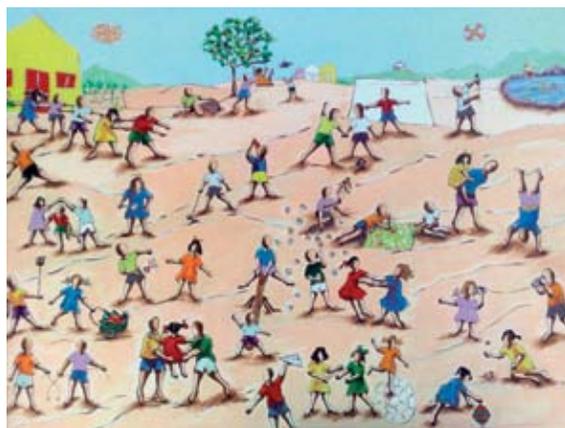
Um registro antigo dessa temática é a pintura intitulada *Jogos Infantis*, de **Pieter Bruegel**, datada de 1560. São mais de 84 tipos de brincadeiras, com riqueza de detalhes, ocupando todo o espaço da tela, envolvendo cerca de 250 crianças.



258. Pieter Bruegel. *Jogos Infantis*, 1560 (detalhe).

Os jogos pintados na obra são, em sua maioria, conhecidos e brincados até hoje.

Apresentando uma composição semelhante ao trabalho de Bruegel, o brasileiro **Ivan Cruz** constrói uma obra contemporânea, também baseada em jogos infantis, intitulada *Brincadeiras de Criança*.



259. Ivan Cruz. *Brincadeiras de Criança*, 2004.

### PIETER BRUEGEL (O VELHO)

(Bree, 1525/30 – Bruxelas, 1569)

Pintor e gravador, foi membro de importante família de artistas ativa nos Países Baixos nos séculos XVI e XVII. A partir da observação direta da natureza e do ambiente urbano, produziu composições brilhantemente organizadas e controladas. Retratou atividades cotidianas do homem comum, prestando atenção particular em detalhes de roupas e gestos. Inovou nas paisagens ao separá-las de extensa tradição iconográfica, alcançando uma visão palpável do mundo natural.

### IVAN CRUZ

(Rio de Janeiro, 1947)

Formado em Direito, deixou a profissão para dedicar-se à pintura. Seu tema principal liga-se à infância nos anos 1940/1950, pela série *Brincadeiras de Criança*, que retrata jogo de bola de gude, de pular corda, de amarelinha, de rodar pião e outros. Em suas exposições, além de quadros, estão os brinquedos retratados, há oficinas de brincadeiras e de confecção de brinquedos, contadores de histórias, além de uma ambientação com músicas da época.

260. Página à esquerda: Ivan Cruz. *Ciranda*, 2005 (detalhe).

Colecionador de brinquedos antigos, Ivan retrata, com cores fortes e variadas, imagens de suas memórias de infância, entre elas, a brincadeira de soprar bolinhas de sabão, tema também pintado, em 1867, pelo francês **Édouard Manet**.



261. Édouard Manet. *As Bolas de Sabão*, 1869.



262. Ivan Cruz. *Soltando Bolinha de Sabão*, 1999 (detalhe).

*Canudo e canequinha,  
Sabão, água e a bolinha  
Flutua solta no ar. (...)  
Bolinhas que voam alto  
Bolinhas que sobem leve  
Desviam pra escapar,  
Dançando sua vida breve.*

**Mércia M. Leitão e Neide Duarte**

Outra infância vivida e registrada em telas foi a de Candido Portinari, na cidade de Brodósqui, no interior de São Paulo. Cirandas, papagaios no ar, piões rodopiando, bolas rolando nos campos, o vai e vem dos balanços e das gangorras ganharam formas e cores nas pinturas do artista.



263. Candido Portinari. *Menino com Pião*, 1947.

### **ÉDOUARD MANET**

(Paris, 1832-1883)

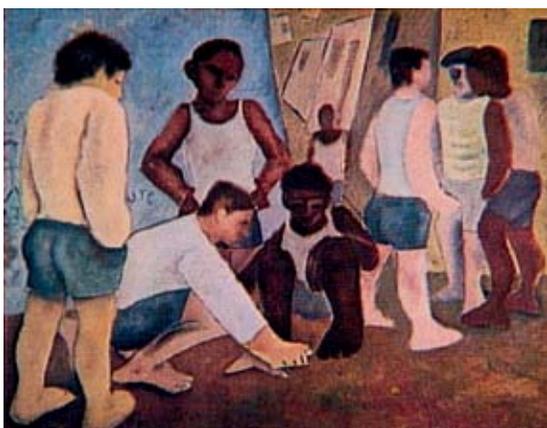
*Pintor francês, marcou decisivamente a pintura moderna ao abandonar as sombras suaves e os meios-tons da pintura acadêmica e explorar os fortes contrastes de cor da visão de objetos ao ar livre. Formado na grande tradição da pintura, mas compreendendo a arte como reflexo do presente, reelaborou temas dessa tradição. Recusado no Salão do Louvre, exibiu no Salão dos Recusados, chocando público e crítica. Suas inovações, porém, possibilitaram o advento do Impressionismo.*

*Nossa imaginação fértil e variada nos socorria constantemente nas invenções de novos passatempos. (...) Não tínhamos nenhum brinquedo comprado. Fabricávamos nossos papagaios, piões, diabolôs.*

**Candido Portinari**



264. Jean-Baptiste Debret. *Meninos Brincando de Soldados ou O Primeiro Ímpeto da Virtude Guerreira*, 1827.



265. Carlos Scliar. *Na Rua*, 1940.

No Brasil, a representação de crianças brincando é uma constante na obra de artistas de todos os tempos: marchando como soldados, na aquarela de Debret; jogando bilboquê, na tela de Belmiro de Almeida; tocando tambor, na pintura de Rodolfo Amoedo.

E continuaram ganhando espaço com os brinquedos populares pintados por Volpi; a brincadeira de cabra-cega, de Teruz; a ciranda, de Milton Dacosta; os jogos de gude, de **Carlos Scliar**; a boneca, de Tarsila.

As experiências do brincar, desde a invenção ou reinvenção de uma brincadeira, passando pela construção do brinquedo, podem ficar registradas de diferentes formas.

Esses momentos prazerosos são assim eternizados, guardando o sonho e a descoberta da infância vivida por todos os arteiros e artistas.

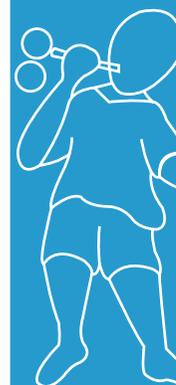
*Quem brinca sabe que a alegria se encontra precisamente no desafio e na dificuldade. Letras, palavras, números, formas, bichos, plantas, objetos (ah! o fascínio dos objetos!), estrelas, rios, mares, máquinas, ferramentas, comidas, músicas – todos são desafios que olham para nós e nos dizem: “Veja se você pode comigo!”.*

**Rubem Alves**

### **CARLOS SCLiar**

(Santa Maria, RS, 1920 – Rio de Janeiro, 2001)

Pintor, desenhista, gravador e ilustrador gaúcho, realizou obra diversificada (naturezas-mortas, paisagens e retratos). Em São Paulo (1939-1947), integrou a Família Artística Paulista, realizando pinturas e gravuras expressivas com temas sociais. Fundou o Clube de Gravura de Porto Alegre (1950), importante na renovação das artes no estado. A partir de 1956, no Rio de Janeiro, produziu trabalhos gráficos em jornais, além de pintura e colagem, com destaque para naturezas-mortas.



## A participação lúdica

*Por meio dos sentidos suspeitamos o mundo.*

**Bartolomeu Campos de Queirós**

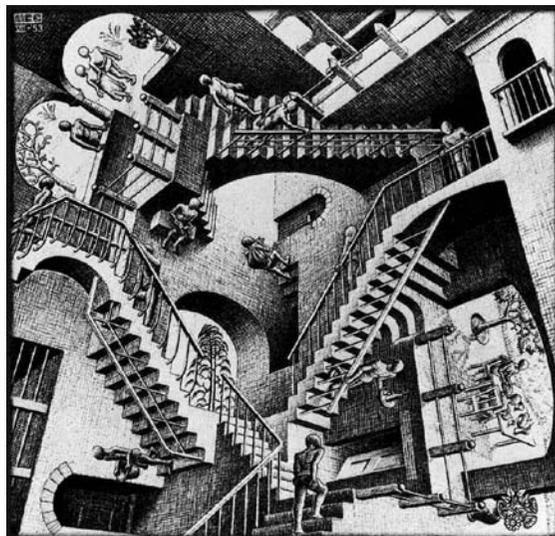
Enquanto a visão se perde no horizonte, onde o mar parece encontrar o céu, os pés pisam na areia fofa, ora seca, ora molhada. A brisa traz o cheiro da maresia, anunciando o gosto salgado da água, lembranças que se perdem no vai e vem sonoro das ondas. Momentos como esse só podem ser desfrutados plenamente por um corpo disponível, aberto às sensações.

O poeta **Bartolomeu Campos de Queirós** afirma que os olhos, os ouvidos, o nariz e a boca “têm raízes pelo corpo inteiro” e “a pele é raiz cobrindo esse corpo”.

Na história das artes plásticas, a contemplação foi privilegiada durante muito tempo, sendo o estímulo visual a principal entrada para a fruição do espectador.

Buscando uma maior interação com o público, surgem, no século XX, obras que propõem jogos visuais nos quais, através de ilusões momentâneas, o olhar é estimulado a perceber novas possibilidades que desarticulam o estabelecido, apresentando realidades múltiplas e simultâneas.

Ao observarmos algumas obras do holandês **M. C. Escher**, percebemos que as imagens brincam com a geometria e as regras de perspectiva, questionando a realidade.



266. M. C. Escher. *Relatividade*, 1955.

### **BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS**

(Papagaio, MG, 1944 – Belo Horizonte, 2012)

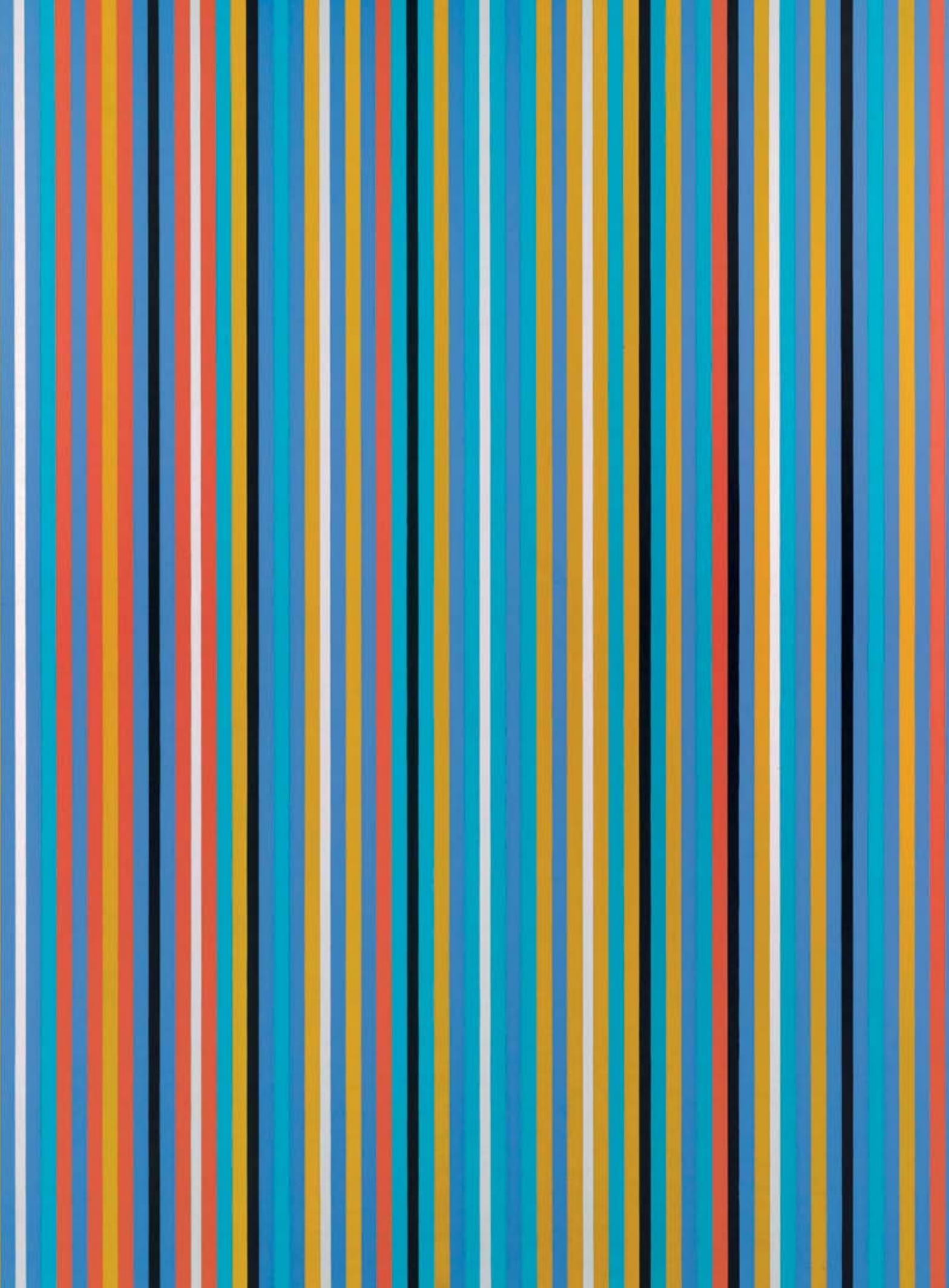
Escritor e educador. Publicou mais de 40 livros, alguns no exterior. Sua obra questiona a vida e o tempo e ressalta a infância como momento propício às descobertas. Coursou o Instituto de Pedagogia em Paris e participou de importantes projetos de leitura no Brasil, como o ProLer. Integrou a arte ao processo educativo. Foi um dos fundadores do Movimento por um Brasil Literário, presidente da Fundação Clóvis Salgado/Palácio das Artes e membro do Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais.

### **M. C. ESCHER (MAURITS CORNELIS ESCHER)**

(Leeuwarden, 1898 – Laren, 1972)

Artista gráfico holandês, produziu gravuras inspiradas na Matemática que representam realidades impossíveis. Realizou muitas viagens, entre elas, a Granada, onde conheceu a arte árabe, que despertou seu interesse pela divisão regular do plano em figuras geométricas que se transfiguram e se repetem. Para preencher as superfícies, substituiu as figuras abstratas e geométricas, usadas pelos árabes, por elementos existentes na natureza, como pássaros, peixes, pessoas, répteis, etc.





A construção das formas abriga jogos de ilusão e estabelece lugares que convidam a percursos inusitados. Sua arte e sua técnica criam estratégias que levam ao prazer da descoberta, chave de um jogo que constrói conhecimento.

*O saber entra pelos sentidos e não somente pelo intelecto.*

Frei Betto

As formas e as combinações imprevisíveis desenhadas por Escher causam sensações de magia, desafiando o olhar e o entendimento do espectador que está sempre buscando respostas.

As figuras estão paradas ou andando? O objeto está dentro ou fora? A forma é côncava ou convexa? E, afinal, a escada sobe ou desce?

Escher é um construtor de mundos impossíveis.

Brincando também com os processos de percepção, surge, na década de 1960, a Op Art, que provoca os limites da visão através das sensações de movimento e da ilusão das três dimensões.

Um dos principais artistas desse estilo foi **Victor Vasarely**, criador da plástica do

movimento. Usando figuras geométricas, ele brinca com permutações de cores, formando novos conjuntos pictóricos, que se modificam conforme o ângulo do olhar do espectador.



268. Victor Vasarely. *Hexa 5*, 1988.

Como a própria vida contemporânea, a **Op Art** é uma arte que está em constante alteração.

Os tempos modernos fizeram com que se deixasse de lado a percepção da totalidade da vida através dos sentidos. Para alguns artistas contemporâneos, já não era suficiente estimular o espectador apenas visualmente, nem pelo jogo óptico ou mesmo pela contemplação das inocentes brincadeiras de infância guardadas nas lembranças e registradas em telas.

Em uma visão provocativa, pretendiam que as emoções vividas nos momentos dessas brincadeiras fossem “re-vividas”, sensorialmente, no contato direto com as novas expressões artísticas.

#### **VICTOR VASARELY**

(Pécs, 1908 – Paris, 1997)

Pintor e artista gráfico húngaro, trabalhou em publicidade e decoração e desenvolveu pesquisas no campo da óptica-cinética com um método claramente científico, tornando-se um dos primeiros representantes da Op Art. Suas estruturas pictórico-dinâmicas, baseadas em variantes graduais de cor, exploram as diversas leituras das séries de formas geométricas coloridas: na vertical, na horizontal, nas diagonais ou na inversão da relação positivo-negativo entre figuras e intervalos.

#### **OP ART**

Abreviação do inglês Optical Art (Arte Óptica), o termo refere-se à pintura e à escultura que exploram efeitos e ilusões ópticas produzidos por incapacidade do olho e/ou cérebro de processar corretamente cores e formas em certas situações. A partir do estudo dos processos ópticos e psicológicos envolvidos na percepção, explora fenômenos como imagem fantasma, figuras ambíguas, perspectiva reversível ou sugestão de movimento pelo ritmo sincopado de padrões geométricos.

269. Página à esquerda: *Orgulho I*, 1981-1982 (detalhe), obra da artista inglesa Bridget Riley, representante da Op Art.

Assim, para esses artistas, o aspecto lúdico nas artes visuais deveria sair da figuração e da moldura, produzindo obras mais participativas, com a liberdade de um jogo que estimulasse os cinco sentidos.

Pode-se brincar, mexer em uma obra de arte?

Buscando resgatar a percepção sensível do mundo, alguns artistas modernos propõem que a ludicidade na arte seja um caminho para o espectador brincar, sonhar, interagir, experimentar e divertir-se, convidando os sentidos a participar, ativamente, mediando a fruição.

*A atividade puramente lúdica é, em princípio, a melhor maneira de iniciar qualquer tipo de trabalho artístico.*

**Maria de Lourdes M. Pereira**

**Hélio Oiticica**, artista performático, pintor, escultor, pensador e inventor, a partir de 1960, abandona os trabalhos bidimensionais e sai das telas para o espaço ambiental, convidando o espectador a observar, sob múltiplos ângulos, seus *Relevos Espaciais*, soltos no espaço.

O artista foi cada vez mais longe e idealizou as obras *Penetráveis*, *Núcleos*, *Bólides* e *Parangolés*, afirmando: “foram o caminho para a descoberta do que eu chamo de estado de invenção”.

#### **HÉLIO OITICICA**

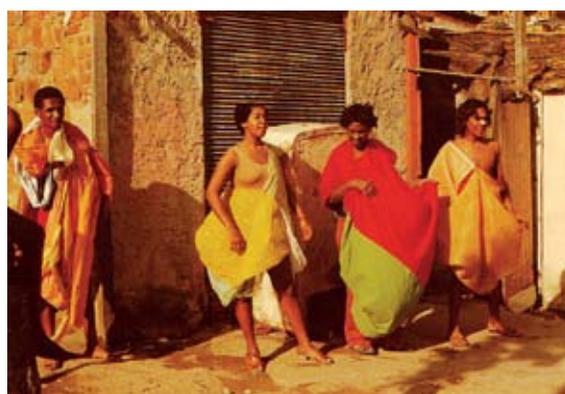
(Rio de Janeiro, 1937-1980)

Artista e teórico da arte, destaca-se no experimentalismo artístico brasileiro dos anos 1960 ao propor arte de alcance social e ético. Começou a produzir a partir da geometria herdada das vanguardas construtivas modernas e tomou parte da arte mais avançada da época (Neoconcretismo, 1959). Na busca por integrar arte e vida cotidiana, visou superar os limites do quadro ao fazer a cor ganhar o espaço (Núcleos, Bólides, Parangolés e Penetráveis), com o crescente envolvimento do espectador.

*Só existe o grande mundo da invenção.*

**Hélio Oiticica**

Passista da Estação Primeira de Mangueira, em sua ousadia e inventividade, Hélio Oiticica, quando cria *Parangolés*, que tinha por base capas de vestir, remete a obra ao jeito do corpo da malandragem carioca.



270. Grupo de pessoas no Morro da Mangueira com *Parangolés* P 25 Capa 21 “Xoxoba” (1968), P 08 Capa 05 “Mangueira” (1965), P 05 Capa 02 (1965), P 04 Capa 01 (1964).

*O parangolé pamplona você mesmo faz  
O parangolé pamplona a gente mesmo faz  
Com um retângulo de pano de uma cor só  
E é só dançar  
E é só deixar a cor tomar conta do ar  
Verde Rosa.*

**Parangolé Pamplona / Adriana Calcanhotto**

271. Página à direita: Hélio Oiticica manipulando B 07 *Bólido Vidro 01*, 1964.



Unindo corpo e som, as capas foram usadas, inicialmente, por sambistas que, com sua dança, rodopiavam e criavam a ilusão da cor em movimento, em uma manifestação cultural coletiva.

Hélio afirmou que só com a participação do público os *Parangolés* conseguiam alcançar sua plenitude plástica, um sentido de arte total, unindo recursos que antes agiam separadamente: cor, estruturas, sentido poético, dança, palavra, fotografia.

*Chamarei então Parangolé, de agora em diante, a todos os princípios formulados aqui (...). Parangolé é a antiarte por excelência; inclusive pretendo estender o sentido de “apropriação” às coisas do mundo com que deparo nas ruas, terrenos baldios, campos, o mundo ambiente enfim (...). Museu é o mundo; a experiência cotidiana.*

**Hélio Oiticica**

E surgiram as chamadas Manifestações Ambientais, entre as quais se destacou a obra *Tropicália*, de 1967, instalação em forma de labirintos, sem teto, feitos de diferentes materiais e texturas, em que Hélio faz analogias com as paisagens tropicais de Tarsila do Amaral.

O artista convida o público a participar de uma experiência multissensorial. O espaço a ser percorrido sobre areia, pedrinhas, capim, asfalto, terra, em meio a tecidos, palhas, cordas e plantas, exige experiências através do gesto, do corpo e de todos os sentidos do participante, que vive por inteiro a proposição do artista.



272. Hélio Oiticica. *Tropicália PN 2 e PN 3*, 1967.



273. Hélio Oiticica. *Tropicália PN 2 e PN 3*, 1967.

A repercussão do trabalho foi tal que *Tropicália* passou a designar o conjunto de desdobramentos culturais brasileiros, na música, no teatro, no cinema e na poesia, encabeçados por Gilberto Gil e Caetano Veloso.

*(...) a arte é um exercício experimental da liberdade.*

**Mário Pedrosa**

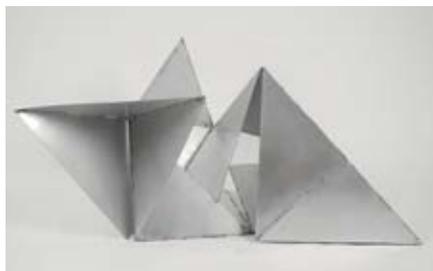
Na mesma linha de pensamento de Hélio Oiticica, na qual o quadro se dissolve e extrapola suas barreiras tradicionais, em uma

transição entre o bidimensional e o tridimensional e permitindo a inserção do espectador na obra, está a artista **Lygia Clark**.

Contemporânea de Hélio, ela também deixa de pintar quadros e, da superfície para o espaço, cria “não objetos” construídos com placas de metal dobráveis, criando um espaço interno: são os *Casulos*.

Depois, surgem os *Bichos*, que possuem dobradiças. Estas funcionam como uma espinha dorsal da estrutura, permitindo diferentes configurações, por meio da manipulação do espectador.

A experiência singular de Lygia se desenvolveu em novas propostas: *Abrigos Poéticos*, *Caixa Cubos*, *Objetos Relacionais* e *Livro-Obra*, que registra as reflexões da artista sobre seu trabalho.



274. Lygia Clark. *Bicho*, 1960.

Sua pesquisa se amplia gradativamente, investigando as relações sensoriais entre corpo e arte e ressuscitando, através de diferentes materiais, as memórias do corpo.

Lygia e Oiticica, de maneiras próprias, ao romperem com o quadro e construírem diretamente no espaço, desenvolveram caminhos que apontaram novos rumos para a arte contemporânea brasileira, nos quais a participação, a interação e a ludicidade buscavam transformar os processos de criação artística em sensações de vida.

*Hélio era o lado de fora de uma luva, a ligação com o mundo exterior. Eu, a parte de dentro. Nós dois existimos a partir do momento em que há uma mão que calce a outra.*

**Lygia Clark**

Integrados ao espírito da arte difundido nos anos 1960, no qual o artista era um proponente de situações, um coautor da obra de arte, são organizados por **Frederico de Moraes**, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, os chamados Domingos da Criação, que aconteceram de janeiro a agosto de 1971.

Com o objetivo de atrair, conquistar e conhecer o público, esses eventos ofereciam oportunidades para que os participantes exercitassem sua criatividade. Foram seis

#### **LYGIA CLARK**

(Belo Horizonte, 1920 – Rio de Janeiro, 1988)

Artista experimental brasileira, trocou a superfície plana da pintura pelo espaço físico do mundo, convocando intensa participação física do espectador. Uma das fundadoras do grupo neoconcreto, desenvolveu objetos tridimensionais que solicitam manipulação pelo espectador (*Bichos*, 1960; *Caminhando*, 1964). Na década de 1970, dedicou-se ao estudo das possibilidades terapêuticas da arte sensorial e dos objetos relacionais, considerando seu trabalho próximo à psicanálise.

#### **FREDERICO DE MORAIS**

(Belo Horizonte, 1936)

Crítico de arte e curador independente, vive e trabalha no Rio de Janeiro. Exerce a crítica de arte desde 1956, em que se destaca nos anos 1960 e no início da década de 1970, ao acompanhar alguns dos artistas mais importantes do período e criar eventos marcantes, como *Arte no Aterro* (MAM-Rio, 1968) e *Do Corpo à Terra* (Belo Horizonte, 1970). No Rio de Janeiro, assinou coluna de artes plásticas no *Diário de Notícias* (1966-1973) e em *O Globo* (1975-1987).



275. Domingos da Criação.

encontros, estimulando experimentos com papel, terra, tecido, corpo, som e fio, reunindo a população ao redor da arte, em um espaço público, em plena ditadura militar.

Os Domingos questionavam posturas e opiniões conservadoras sobre a arte brasileira daquele momento. Em uma livre manifestação do fazer estético, conferiam poder à imaginação, por acreditar na capacidade criadora inerente a todo ser humano.

*Os Domingos, portanto, tinham como meta colocar o consumidor diretamente dentro do processo criador, retirá-lo de sua passividade, tornando-o parte ativa da criação.*

**Frederico de Moraes**

Nesses Domingos, era possível a participação ativa do público, vivendo experiências, individuais e coletivas, não só de ver,

apreciar, mas também de tocar, bulir, apalpar, cheirar, devorar a obra, criando, dessa forma, novas relações sociais dentro da arte.

Tomando-se por base materiais simples, a arte brasileira mostrava ser capaz de reunir pessoas com a proposta de brincar com as diferentes linguagens.

A “arte-atividade” ganha espaço em objetos, performances, rituais, eventos, como um plano piloto para uma futura cidade lúdica.

A arte é uma forma de lidar com a incerteza, o conflito, o desafio, mas também com o prazer, a alegria e a ludicidade implícitos no viver e necessários para que, “arteiros”, nos arrisquemos no mundo, em uma busca constante e apaixonada da realização criativa.

*Criar é tão difícil ou tão fácil como viver. E do mesmo modo necessário.*

**Fayga Ostrower**

## Conhecimentos em arte

- A ludicidade na arte.
- A brincadeira como estímulo à criação.
- O fazer artístico e a experimentação lúdica.
- Os brinquedos e as brincadeiras de diferentes culturas.
- A interação entre o público e a criação artística.

## ARTiculando em sala de aula

Professor(a), com base no texto lido, sugerimos algumas atividades para propor aos alunos:

- Trazer, para a sala de aula, brinquedos antigos que pertenceram aos familiares. Preencher uma ficha com as características do brinquedo, o material com que foi feito, a quem pertenceu e se existe algum similar na atualidade. Organizar uma exposição com todos os brinquedos trazidos pela turma.
- Assistir ao filme *Toy Story 3*. Discutir sobre ele e sobre a importância dos brinquedos na vida de uma criança. Comentar, com os colegas, quais as preferências pessoais em relação a brinquedos.
- Imaginar um brinquedo diferente. Fazer um projeto para ele, desenhando-o com detalhes, descrevendo suas características e seu funcionamento. Apresentar o projeto para a turma. Selecionar seis projetos e construí-los em grupos.
- Observar reproduções de objetos feitos pelos irmãos Campana. Em grupo, transformar uma peça descartada do mobiliário escolar em outra, mais lúdica e interessante. Poderão ser feitas

colagens com figuras recortadas de revistas, pedaços de tecidos, fitas e qualquer material disponível que inspire a criação. Criar títulos para as peças, expor os trabalhos e, se possível, fotografar e divulgar pela internet.

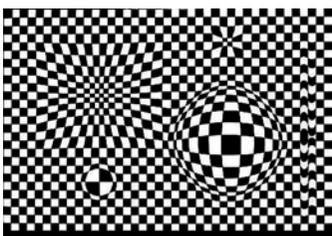
- Criar uma pequena história, em grupo, que envolva brinquedos. Fazer fantoches, de diferentes tipos, para os personagens da história, usando materiais diversos, tais como: meias, sacos de papel, caixas pequenas, papéis coloridos, cartolina, plástico resistente, espetos de churrasco, entre muitos outros. Construir um cenário e improvisar um palco para apresentação da história, manipulando os fantoches criados.
- Observar reproduções de obras plásticas executadas por diferentes artistas que apresentem brincadeiras e brinquedos infantis como tema. Fazer releituras das obras escolhidas com desenhos, pinturas e colagens. Recortar as formas e montar um painel com os desenhos da turma.
- Verificar, na obra de Ivan Cruz, os brinquedos populares que aparecem nas telas. Produzir brinquedos artesanais: bolas de meia, pipas, bonecas de pano, peteca e outros de fácil confecção. Organizar um painel coletivo com a turma, no qual serão pintados personagens infantis e fixados os brinquedos confeccionados.
- Pesquisar a arte cinética e os móveis criados por Calder. Construir um móvel com diferentes figuras circenses. Os desenhos deverão ser feitos, em frente e verso, sobre um papel resistente e depois coloridos e recortados. Fazer armações com arame maleável e pendurar as formas, com fios de náilon, nas extremidades de cada arame. Interligar as armações, equilibrando-as para formar o móvel. Ornamentar a sala com os móveis criados.



- Pesquisar a Op Art e perceber seus efeitos visuais, suas ilusões puramente ópticas e não cinéticas. Observar reproduções de trabalhos de Victor Vasarely, nas quais o dinamismo é conseguido por contrastes, aproximações e distanciamentos que geram sensações de movimento.



276. Victor Vasarely. *Zebras*, 1938.



277. Victor Vasarely. *Completion*, 1957.

- Criar um desenho com efeitos ópticos, como esses ao lado, em preto e branco, explorando contrastes, a partir da silhueta da forma de um brinquedo (pipa, bola, boneca, pião, etc.). Traçar linhas, em toda a folha de papel, cortando a forma desenhada. Os espaços entre elas poderão variar. Pintar com preto, alternadamente, os espaços entre as linhas, tanto na forma desenhada quanto fora dela, respeitando as linhas de contorno. Avaliar se os trabalhos conseguiram produzir os resultados desejados.
- Observar vídeos sobre os *Parangolés* de Hélio Oiticica. Perceber os efeitos conseguidos com os diferentes movimentos feitos pelas pessoas que vestem os *Parangolés*. Fazer uma coreografia, utilizando dois metros de TNT colorido, que busque efeitos com o movimento do tecido.

## Para visitar

**Museu Histórico Nacional** – Um dos mais importantes museus do Brasil, reúne precioso acervo histórico com exposições que vão da pré-história brasileira ao período republicano. Abrindo um espaço para representação da criança, o museu possui ainda cerca de 300 brinquedos em seu acervo, entre os quais um jogo de xadrez e um brinquedo de corda que pertenceram a D. Pedro I.  
**Endereço:** Praça Marechal Âncora, s/n., Centro.  
**Tel.:** (21) 2568-8262.

**Parque Brigadeiro Eduardo Gomes** – Conhecido como Aterro do Flamengo, por ter sido construído com diversos aterros realizados no início do século XX e se localizar no bairro do Flamengo. É um centro de lazer da cidade do Rio de Janeiro em ampla área ajardinada, com projetos de Roberto Burle Marx. Possui quadras esportivas, pista de aerodelismo e de skates, parquinhos e outras diversões.

**Teatro de Marionetes Carlos Werneck** – Situado no Aterro do Flamengo, atualmente faz parte do Projeto Parque Criativo da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Aos domingos, oferece diversas atividades recreativas e culturais, para públicos de todas as idades.  
**Endereço:** Praia do Flamengo, altura do n. 300.

# Pensar para brincar

## Imagens que brincam

*Na dialética das relações sociais, as pessoas formam-se no contraponto das imagens recíprocas, como em um jogo de espelhos, compreendendo-se ou opondo-se, contemplando-se ou estranhando-se.*

Octavio Ianni

O rosto pintado de branco, os olhos contornados de preto e a boca exageradamente desenhada ressaltam as expressões faciais. As mãos enluvadas se movimentam em gestos mágicos, transmitindo mensagens e comunicando-se, sem palavras, com o público. Não há quem não preste atenção naquela imagem.



278. Mímico.

Os atores da **mímica** se fazem presentes em nossas vidas, brincando com os fatos do cotidiano e chamando a atenção para o que, muitas vezes, não percebemos: os sentimentos de alegria ou tristeza, a raiva, a dor, o absurdo e o ridículo de certos comportamentos, tentando corporificar a vida em sua plenitude.

Essa arte do gesto está nos teatros, nos parques, nas praças de alimentação dos shoppings, nos sinais de trânsito. Ela procura retratar a ação, o movimento da vida e é considerada um dos meios mais antigos de autoexpressão, sendo a base da comunicação do homem pré-histórico, que, em seus ritos, incorporava gestos e sons.

Na Grécia Antiga e em Roma, a mímica era um recurso usado em sátiras e comédias como forma de interpretação dramática. A arte da mímica, na Idade Média, foi preservada por atores que se deslocavam percorrendo cidades e apresentando espetáculos teatrais e circenses, principalmente em praças e mercados.

No século XVI, as companhias italianas da chamada *commedia dell'arte* exibiam uma concepção teatral característica, incluindo várias formas de representação – o gesto mímico, a dança, a acrobacia –,

### MÍMICA

*Imitação ou o ato de copiar gestos e características de outro indivíduo. Como expressão artística (gênero teatral), é uma forma de arte dramática baseada principalmente nos movimentos ou gestos, que tem o fim de contar uma história ou descrever uma situação ou personalidade. Por prescindir da palavra, a mímica, assim como a música, traz em sua história o atributo de superar as fronteiras linguísticas.*



intensificadas pela presença plástica das máscaras, que determinavam papéis para os atores, conduzindo pensamentos e sentimentos através da ação.



279. Marcel Marceau em cena.

O trabalho dos mímicos tornou-se extremamente popular por apresentar temáticas contemporâneas, com forte caráter crítico, e estabelecer fácil comunicação com as plateias. Essa manifestação artística chegou ao século XX, quando vários artistas destacaram-se individualmente, como o brilhante ator francês da mímica **Marcel Marceau**, criador do personagem Bip, adaptado do pierrô da *commedia dell'arte*.

A arte da mímica construiu também seu espaço no cinema mudo, no qual surgiu a figura de Carlitos, interpretada brilhantemente por **Charles Chaplin**, que expressava, com humor e romantismo, a ansiedade dos tempos modernos.

Na década de 1950, essa técnica teatral chegou ao Brasil com o português **Luís de Lima**, ator, tradutor, diretor, mímico e professor.

Luís de Lima influenciou toda uma geração de artistas direcionados ao estudo e à representação da sutil linguagem da mímica, tais como: Ricardo Bandeira, Juarez Machado, Denise Stoklos, Jiddu Saldanha, Luís Louis e Josué Machado.

#### **MARCEL MARCEAU**

(Estrasburgo, 1923 – Cahors, Lot, 2007)

Mímico francês, começa a ser conhecido no fim dos anos 1940 ao se apresentar a plateias do mundo todo, em teatro, cinema e TV. Inspirado por grandes artistas do cinema mudo norte-americano, estudou com mímicos franceses técnicas para condensar tempo e espaço em cenas visuais, capazes de evidenciar a comédia e a tragédia da humanidade sem o uso das palavras. Em 1947, criou o personagem Bip, um clown tão conectado com o artista que foi considerado seu alter-ego.

#### **CHARLES CHAPLIN**

(Londres, 1889 – Corsier-sur-Vevey, 1977)

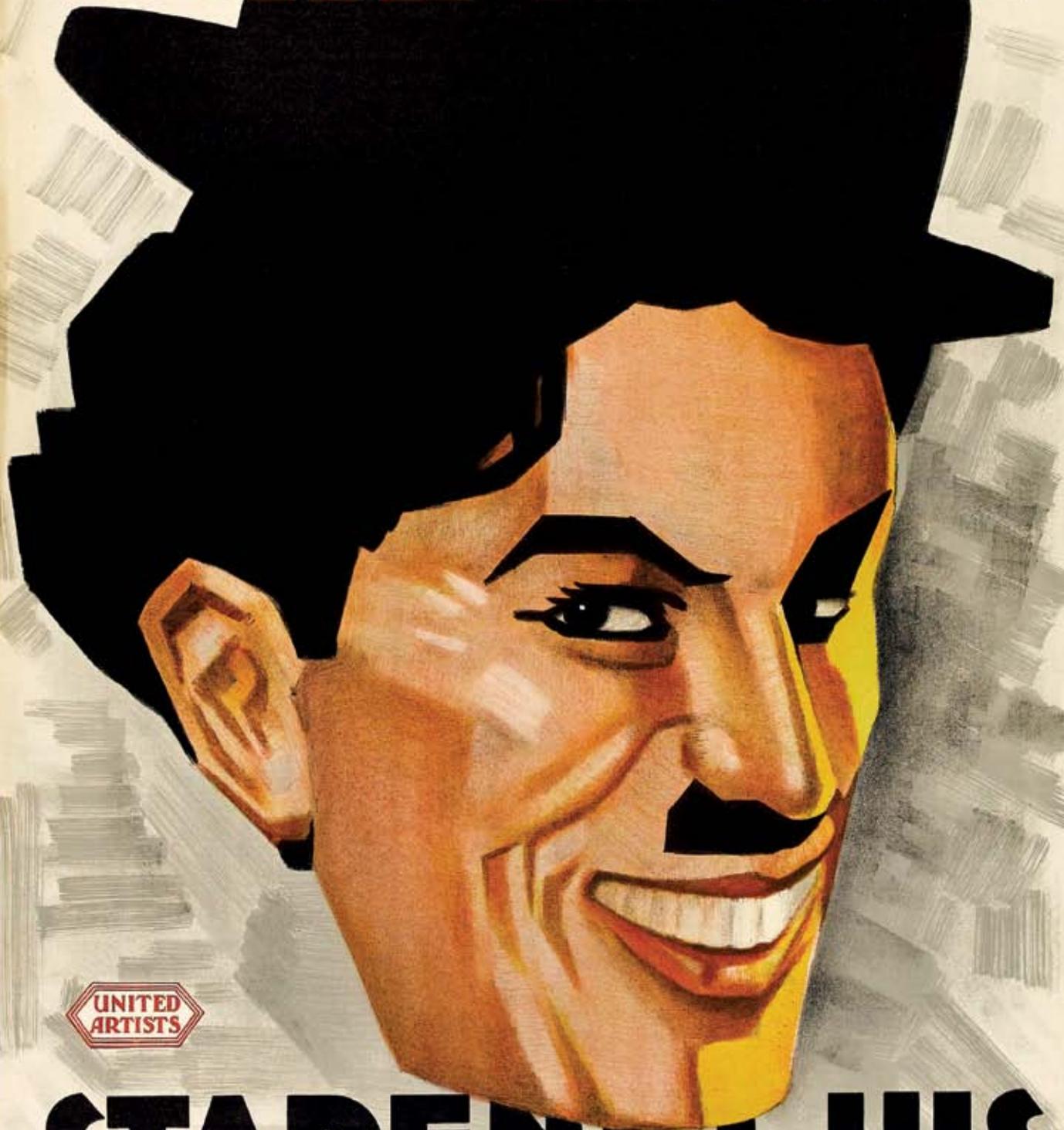
Ator e diretor de cinema inglês, encantou o mundo do cinema e conquistou lugar no imaginário popular com o personagem “o vagabundo”, um pobre andarilho de chapéu-coco e bengala de bambu, de jeito gentil e ingênuo, com maneiras de um verdadeiro cavalheiro. Perfeccionista, atuava de forma graciosa e elegante em situações de brincadeiras inteligentes. Era muito preciso na direção de outros atores e também no uso da edição para impulsionar a narrativa.

#### **LUÍS DE LIMA (LUÍS JOSÉ LIMA DA SILVA)**

(Lisboa, 1925 – Rio de Janeiro, 2002)

Ator e diretor. Formado no Conservatório Nacional de Teatro de Lisboa, estudou arte dramática e mímica em Paris, onde trabalhou com Marcel Marceau. Em 1953, apresentou seu primeiro trabalho no Brasil, o mimodrama O Escriturário, adaptado do conto de Herman Melville, espetáculo premiado que introduziu a mímica moderna no país. Aqui se radicou, tendo sido o pioneiro do Teatro do Absurdo brasileiro, além de atuar como tradutor, professor de teatro e dirigente sindical.

# CHARLIE CHAPLIN



# STADENS LJUS

/ CITY LIGHTS /



*Ser mímico é um exercício de liberdade e amor, é uma forma de tornar o mundo possível.*

Jiddu Saldanha

A mímica nos permite viver experiências de descoberta e redescoberta das coisas do mundo, por meio da interpretação do gesto, presente também na habilidade dos desenhistas, dos pintores e dos escultores, nos movimentos dos bailarinos, na interpretação dos músicos e dos cantores e na atuação de muitos atores, como humoristas e palhaços.

Então, o palhaço também é um mímico?

Nos circos europeus, o palhaço sempre usou mais a mímica do que a palavra para estabelecer a comunicação com as plateias.



281. Palhaço.

O trabalho itinerante circense, por lugares e culturas diferentes, tinha na arte do gesto uma aliada, quebrando a barreira dos idiomas.

As imagens brincantes dos personagens do circo nos remetem a um mundo de magia, no qual a alegria dos palhaços, a flexibilidade dos acrobatas e o mistério que envolve os mágicos prescindem da palavra em favor do gesto e da música.

O russo **Marc Chagall** era um apaixonado pela vida circense e seu mundo fantástico. O pintor, como o circo, tinha uma vida nômade, pois morou em diferentes lugares.

Na primeira metade do século XX, Chagall realizou uma obra que contava histórias mágicas, nas quais o lúdico, o imaginativo e a fantasia envolviam os personagens, que se vestiam de cor e mistério.

Suas pinturas sobre o circo apresentam a poética circense com simplicidade temática, magia e musicalidade.



282. Marc Chagall. *O Cavalo de Circo*, 1964.

### MARC CHAGALL

(Vitebsk, 1887 – Saint-Paul de Vence, 1985)

Pintor, ilustrador, gravurista e cenógrafo russo, criou um mundo de fábula e fantasia com formas geometrizadas e cores intensas a partir de lembranças e sentimentos de sua infância. Viveu na fervilhante Paris do início do século XX, quando absorveu a cor do Fauvismo e a decomposição das formas do Cubismo, recriando imagens da cultura popular russa e da tradição judaica, em um espaço imaginário por onde se movem músicos, saltimbancos, animais e temas bíblicos.

283. Página à esquerda: Marc Chagall. *Dança*, 1950-1952 (detalhe).



O artista faz do circo uma metáfora da vida, na qual o mundo gira em torno do picadeiro, em uma dimensão misteriosa e nostálgica.

*Um olhar, olhares. Cada um à sua maneira, o mundo que o circunda, este circo que chamamos de vida.*

**Marc Chagall**

A arte circense, com suas cores e suas formas, existe desde a Antiguidade, mantendo o mesmo encantamento.

O circo contemporâneo inclui aspectos tradicionais e novidades tecnológicas. Os espetáculos do internacional **Cirque du Soleil** e dos grupos brasileiros, como a Intrépida Trupe e os Parlapatões, são exemplos da permanência e da renovação da arte circense.



284. Cirque du Soleil.

#### **CIRQUE DU SOLEIL**

*Circo do Sol, em francês, é uma companhia fundada por artistas de rua em Quebec (Canadá), em 1984. Atualmente, soma milhares de artistas em todo o mundo: trapezistas, malabaristas, entre outros, que baseiam os espetáculos na linguagem corporal do teatro e do balé e na utilização de tecnologia. A sede internacional em Montreal é um laboratório multiétnico de criatividade, onde artesãos, especialistas em diversas áreas e artistas dos mais talentosos colaboram nos projetos.*

Hoje, a profissionalização técnica pode ser feita em escolas como a Escola Nacional de Circo, que existe desde 1982, na cidade do Rio de Janeiro. Mesmo assim, ainda é presente o aprendizado nos grupos familiares circenses, criando personagens que alimentam a imaginação e dão alegria às nossas vidas.

As leituras que fazemos das imagens circenses, das expressões mímicas e do mundo que nos rodeia possuem interpretações próprias relacionadas ao que sentimos e pensamos. Muitas vezes, sons, imagens, ações que nos sensibilizaram e causaram prazer podem nos conduzir a novas formas de apropriação.

É comum, entre os artistas, a realização de releituras de obras, como forma de interpretar trabalhos de diferentes autorias pelos quais tenham interesse ou admiração.

Então, releitura é cópia?

A cópia está relacionada a um aprimoramento técnico cuja única preocupação é reproduzir os mesmos procedimentos utilizados por um artista.

A releitura também parte de um trabalho artístico, mas com o objetivo de interpretar, transformar e criar, com base em um referencial, apresentando diversidade de significados de acordo com as vivências, as informações e o contexto cultural de quem realiza a nova experiência. Assim, as diferentes linguagens da arte se utilizam das obras como suportes interpretativos para as novas criações, mantendo o elo com a fonte inspiradora.

285. Página à direita: Apresentação do Cirque du Soleil em The Bryce Jordan Center, Pensilvânia, 2009.



Quantas Mona Lisas fazem parte da vida?

Elas estão por aí... reinterpretadas nos *outdoors*, nas revistas, nas roupas e em outras mídias.

Talvez a imagem original e única da *Mona Lisa*, pintada por Leonardo da Vinci no século XVI, seja a obra mais utilizada em diferentes apropriações ao longo da história da arte.

O rosto da *Mona Lisa* aparece com irônicos bigodes na releitura de Duchamp, com traços fortes e modernos em tela de Basquiat, jovem e gordinha na visão de Botero, duplicada nas serigrafias de Warhol e até preenchida, em seus contornos, com geleia e pasta de amendoim por Vik Muniz.



287. Marcel Duchamp. *L.H.O.O.Q.*, 1919.

Além de redesenhada, estilizada e transformada, essa obra de Da Vinci serviu de tema para romances, filmes e canções, tornando-se um ícone de referência mundial.

Nas artes plásticas, são muitos os exemplos dessas criações que retomam as ideias de outros artistas em formas criativas reinventadas, dando nova vida a imagens poéticas.

No século XIX, o espanhol **Francisco de Goya** pintou a tela *As Majas no Balcão*, que foi reinterpretada por Manet. Mais tarde, já no século XX, Magritte fez uma releitura da obra de Manet.



286. Fernando Botero. *Monalisa*, 1977.

#### GOYA (FRANCISCO DE GOYA Y LUCIENTES)

(*Fuendetodos*, 1746 – *Burdeos*, 1828)

Pintor e gravador espanhol, era hábil na captura da personalidade de seus retratados e em técnica capaz de reproduzir em pinceladas marcadas jogos de luz e o brilho do fino vestuário da realeza. Retratista da corte espanhola, bem registrou a feiura, vacuidade e ambição de seus membros. Destacou-se também na gravura, arte na qual visões fantásticas de monstros e outras aparições sobrenaturais traduziam pesadelos pessoais e acusações à estupidez e tirania do governo espanhol.

288. Página à direita: Francis Picabia. Capa da revista 391, n. 12, 1920, com uma versão de *L.H.O.O.Q.*, de Marcel Duchamp.

*"Une définition n'a jamais été qui un mot pour un autre — et le synonyme des amants s'appelle épouse"*

De plus, en plus, de moins en moins, Trois cent quatre vingt onze est un oiseau à poils, la Vierge satisfait le tien dans ses bras, la pluie des grands jours: un biceps lieu tendre, une ombre à plusieurs, les paupières comme des ongles ou les ongles comme des heures ou.

Petit, petit trois cent quatre vingt onze de ma mère et des liqueurs de dessert, de plus en plus, de moins en moins, une lumière dernière un coup de poing, un coup de poing sur une lumière.

Je suis comme les autres, je vais au café. Aussitôt, j'entends: "Ça y'en a 391 des dimanches". Je suis discret, je ne répète jamais ce que j'écoute dans les water-closets.

Un aimable désordre simili or n'étant qu'un effet de l'art, j'ai pu enjamber deux ou trois lois dans ma vie une belle religieuse aux cornes d'ivoire, une belle, très belle.

Le livre sur lequel j'écris est ouvert à la page 302.

En le lisant, les Cubistes ont bien pleuré.

PAUL ELUARD.

Et donc, le livre signé Paul Eluard n'est pas de Breuville? Je m'en souviens parfaitement après 24 volumes, à mon retour, qui me peut valoir à lui, mais bon, un véritable maître de la lettre. Ce livre n'est pas un volume de la collection "Poésie", un complément à la suite des compléments Breuville pour le livre. Il sera lu par de nombreux autres, car il est facilement applicable.

FRANÇOIS PICABIA

## TABLEAU DADA par MARCEL DUCHAMP



L H O O Q

### Manifeste DADA

Les cubistes veulent couvrir Dada de neige; ça vous étonne mais c'est ainsi, ils veulent vider la neige de leur pipe pour recouvrir Dada.

Tu en es sûr?

Parfaitement, les faits sont révélés par des bouches grotesques.

Ils pensent que Dada peut les empêcher de pratiquer ce commerce odieux: Vendre de l'art très cher.

L'art vaut plus cher que le saucisson, plus cher que les femmes, plus cher que tout.

L'art est visible comme Dieu! (voir Saint-Sulpice).

L'art est un produit pharmaceutique pour imbéciles.

Les tables tournent grâce à l'esprit; les tableaux et autres œuvres d'art sont comme les tables coffres-forts, l'esprit est dedans et devient de plus en plus gênant suivant les prix de salles de ventes.

Comédie, comédie, comédie, comédie, comédie, mes chers amis.

Les marchands n'aiment pas la peinture, ils connaissent le mystère de l'esprit.....

Achetez les reproductions des autographes.

Ne soyez donc pas snobs, vous ne serez pas moins intelligents parce que le voisin possèdera une chose semblable à la vôtre.

Plus de chiures de mouches sur les murs.

Il y en aura tout de même, c'est évident, mais un peu moins.

Dada bien certainement va être de plus en plus détesté, son coupe-file lui permettant de couper les processions en chantant "Viens Poupoule", quel sacrilège!!!

Le cubisme représente la disette des idées.

Ils ont cubé les tableaux des primitifs, cubé les sculptures nègres, cubé les violons, cubé les guitares, cubé les journaux illustrés, cubé la merde et les profils de jeunes filles, maintenant il faut cuber de l'argent!!!

Dada, lui, ne veut rien, rien, rien, il fait quelque chose pour que le public dise: "nous ne comprenons rien, rien, rien".

"Les Dadaïstes ne sont rien, rien, rien, bien certainement ils n'arriveront à rien, rien, rien".





289. Francisco de Goya. *As Majas no Balcão*, 1810-1812.



290. Édouard Manet. *O Balcão*, 1868-1869.

Na década de 1950, Picasso criou um conjunto com 44 estudos com base na obra *As Meninas*, de Velázquez. Esses trabalhos revelam a interpretação inventiva do artista, que assimilou elementos da obra de Velázquez, transformando-a ao seu estilo.

O carioca **Amador Perez** realizou uma série com desenhos tomando por base uma reprodução da obra *Gioventù*, de Eliseu Visconti.

O artista recriou, em múltiplas imagens, 63 obras únicas, delicadas e precisas na exploração de efeitos, reflexos e texturas que esse mestre do grafite domina de forma tão virtuosa.

Picasso e Amador Perez reinterpretaram, também, outras obras famosas feitas por artistas de diferentes épocas, dando novos sentidos, de modo renovador e instigante, às suas criações.



291. Eliseu Visconti. *Gioventù*, 1898.



292. Amador Perez. *Gioventù*, 2002.

### AMADOR PEREZ

(Rio de Janeiro, 1952)

Artista gráfico, professor e desenhista de raro domínio do grafite, trabalha com a apropriação e a recriação de imagens em desenho, gravura e outros processos de cópia e impressão. Começou por usar imagens anônimas, publicadas em jornais e revistas. Posteriormente, manipulou reproduções de obras de arte para evidenciar a estrutura interna das imagens por meio de fragmentações e das variações entre o branco do papel e sua saturação total com grafite ou pigmento.

293. Página à esquerda: Édouard Manet. *O Balcão*, 1868-1869 (detalhe).



*A arte não é o espelho da realidade. É o campo da percepção, da imaginação, de tudo além do real. Descobrir o que está por trás de uma obra é enigmático e instigante.*

**Mirian Celeste Martins**

Na investigação de referências para a produção artística, está a pesquisa formal feita pelo brasileiro **Nelson Screnci**.

A série de dez quadros intitulada *Metamorfose Cultural* sofre intervenções, transformações sucessivas, partindo da *Infanta Margarida*, de Velázquez, para chegar até *A Negra*, de Tarsila do Amaral.

Nelson apropria-se, também, de outros trabalhos consagrados pela história da arte para redefini-los em uma estética pop. É o caso das telas *Os Excluídos*, *As Meninas nos Espelhos* e *Saudades do Brasil*, relendo, respectivamente, obras de Almeida Júnior, Velázquez e Guignard.

As soluções estéticas e os resultados encontrados por esses artistas desafiam o pensamento lúdico e criativo, concretizando-se em composições originais e únicas.

Releituras e interferências em trabalhos de arte diminuem o distanciamento entre o espectador e a obra, permitindo o prazer de brincar, de se apropriar, de provocar e de renovar as formas de expressão. Quem nunca teve a sensação de já ter visto, lido ou ouvido algo pela segunda vez?



294. Nelson Screnci. *Metamorfose Cultural*, 1997.

**NELSON SCRENCI**

(São Paulo, 1955)

Pintor, desenhista e professor, desenvolve trabalho baseado na releitura de obras consagradas pela história da arte (Tarsila do Amaral, Guignard, Almeida Júnior, Diego Velázquez, Édouard Manet) a partir de uma estética pop. Atento à cultura urbana, apropria-se também de elementos e de imagens que circulam na metrópole, reelaborando-os em uma pintura que critica aspectos da cultura de massa e o próprio circuito de arte.

Esse fenômeno acontece porque muitas obras de arte “conversam entre si”, interagem por meio de um jogo de referências e, mediadas pelo talento dos artistas, encontram eco na nossa sensibilidade, mantendo um universo de comunicação e troca.

As releituras também podem ser entendidas como versões criativas de obras musicais, teatrais, cinematográficas e literárias.

O poema *Canção do Exílio*, escrito por **Gonçalves Dias**, é considerado uma das obras mais reinterpretadas da literatura brasileira.

*Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.*

**Canção do Exílio / Gonçalves Dias**

Na versão de Oswald de Andrade, por exemplo, a poesia canta o regresso à pátria.

*Minha terra tem palmares  
Onde gorjeia o mar  
Os passarinhos aqui  
Não cantam como os de lá.*

**Canto de Regresso à Pátria /  
Oswald de Andrade**

A obra de Gonçalves Dias apresenta diferentes interpretações por poetas como Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Ferreira Gullar e Mario Quintana, revelando a diversidade e a capacidade inventiva do pensamento humano.

Em 1968, Chico Buarque de Holanda e Tom Jobim também se “alimentaram” da *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias, para compor *Sabiá*, uma canção melancólica e nostálgica que sugere o contraste entre o que se deseja e o que de fato se tem, uma saudade de um lugar, mesmo estando-se nele.



295. Tom Jobim, Chico Buarque, Cynara e Cybele no III Festival Internacional da Canção, 1968.

*Vou voltar  
Sei que ainda vou voltar  
Para o meu lugar  
Foi lá e é ainda lá  
Que eu hei de ouvir cantar  
Uma sabiá  
Cantar uma sabiá*

**Sabiá / Chico Buarque de Holanda  
e Tom Jobim**

### **GONÇALVES DIAS (ANTÔNIO GONÇALVES DIAS)**

(Caxias, MA, 1823 – Atins, MA, 1864)

Um dos mais consagrados poetas brasileiros. Consolidou o Romantismo no país e serviu de modelo às gerações seguintes. Desenvolveu o nacionalismo na literatura configurado na exaltação do índio, cujas qualidades o identificavam com o herói medieval, e nas formas de representação da natureza e de paisagens brasileiras. Essa valorização do elemento nacional se materializa nos conhecidos poemas *I-Juca-Pirama* e *Canção do Exílio*. Faleceu vítima de um naufrágio no litoral maranhense.

Dez anos depois de *Sabiá*, Chico Buarque compôs, para o teatro musical, a *Ópera do Malandro*, adaptada da *Ópera dos Três Vinténs*, feita em 1928 por Bertold Brecht e Kurt Weill, sendo esta última baseada na *Ópera do Mendigo*, escrita em 1728 por John Gray.

Os três trabalhos brincam com as imagens encenadas, apresentando um retrato satírico das classes dominantes em suas diferentes épocas.

*O nosso trabalho tem a estrutura da peça de Gray, o enfoque crítico de Brecht, mas é essencialmente brasileiro.*

**Chico Buarque de Holanda**

Os estímulos artístico-culturais nos abastecem com informações que, filtradas pelo olhar do artista, muitas vezes são colocadas à disposição da sensibilidade de cada um de nós.

Na atualidade, é permitida, mais do que nunca, a apropriação da arte como meio para uma melhor compreensão do mundo e o desenvolvimento criativo da imaginação e da percepção do ser humano.

*Ninguém ensina ninguém nem tampouco ninguém aprende sozinho. Os homens aprendem em comunidade, mediados pelo mundo.*

**Paulo Freire**

## Brincar para contestar

*A ironia é sobretudo uma brincadeira do espírito. O humor seria antes uma brincadeira do coração, uma brincadeira da sensibilidade.*

**Jules Renard**

A brincadeira é uma forma de comunicação carregada de vários tipos de mensagens. Ela transmite sentimentos, aspirações, valores sociais e é também um importante recurso de contestação.

No campo da arte, são muitos os modos de brincar por meio da expressão gráfica. E uma das formas mais criativas, por sua fácil e imediata comunicação popular, é a arte dos quadrinhos.



296. Guia Prático de Quadrinhos MultiRio.

Geralmente, as histórias são baseadas em observações sobre a vida em família, as relações de trabalho, expressando não só a opinião do artista, mas também os valores de sua época.

E quem inventou a história em quadrinhos?

Os homens pré-históricos já contavam as histórias do seu cotidiano, suas aventuras e suas caçadas em imagens pintadas nas cavernas. Os egípcios usaram a mesma ideia para passar hábitos e crenças, desenhando em diferentes paredes no Egito.



297. Pintura egípcia encontrada em túmulo do Novo Reino de Mennah, em Tebas.

Nas igrejas medievais, as cenas que narravam os últimos momentos da vida de Jesus na Terra também podem ser consideradas ancestrais das tirinhas em quadrinhos. Nessas histórias pintadas, não havia texto, só as imagens comunicavam a sequência das ideias, como ainda acontece em algumas propostas de quadrinhos contemporâneos.

Somente no século XIX, a história em quadrinhos se desenvolveu e se firmou como um gênero com características próprias,

graças à expansão da indústria jornalística nos Estados Unidos. Os grandes jornais americanos constataram o sucesso da comunicação através da arte sequencial em quadrinhos e passaram a publicá-la em suplementos semanais.

Começaram a surgir desenhistas que se destacaram no desenvolvimento desse trabalho, cuja temática ampliou-se, indo do humor à crítica social. Na década de 1930, foram lançadas as primeiras revistas totalmente dedicadas aos quadrinhos, e muitos dos personagens das tiras dos jornais apareceram nessas revistas.

Surgiram vários gêneros da arte – mistério, aventura, ação, comédia, drama, policial –, marcados em diferentes épocas por famosos personagens, como Dick Tracy, Príncipe Valente, Flash Gordon, Tarzan, Recruta Zero, Mandrake, Batman, Superman, Fantasma, Popeye, entre outros.



298. Capa da revista *Superman*. Publicada em 1951.



299. Capa da revista *Batman*. Publicada em 1948.

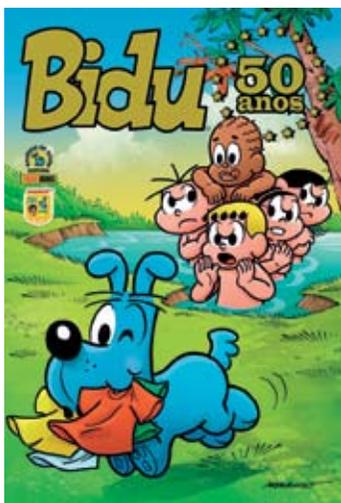
Os quadrinhos contemporâneos se transformaram com novas tecnologias e com a inclusão de diferentes recursos de outras linguagens artísticas.

Essas imagens, através das histórias, apresentam um dinamismo que, aliado a qualidades plásticas e literárias, estimula o imaginário do leitor.



O brasileiro **Maurício de Sousa** vem acompanhando várias gerações com suas histórias e personagens interessantes.

O cachorrinho Bidu foi a primeira criação da Turma da Mônica e apareceu em uma tirinha em quadrinhos no jornal Folha de S. Paulo, em 1959. Depois, vieram Mônica, Magali, Cebolinha, Cascão e muitos outros.



300. Capa da revista *Bidu*. Autor: Maurício de Sousa.

Esses personagens divertidos brincam até hoje nas revistas, nos jornais, na televisão, no cinema e até em adaptações feitas para os mangás. Eles aparecem, também, como figuras ilustres da arte mundial, em uma série com mais de 50 releituras de obras consagradas, feitas por Maurício de Sousa a partir de 1989.

Nesses trabalhos, Mônica surge como uma das meninas de Renoir, em *Rosa e Azul*, transformada na *Mulher com Sombrinha* do quadro de Manet, participando do *Nascimento de Vênus* de Botticelli e até posando de *Mônica Lisa*, lembrando a famosa tela de Leonardo da Vinci.

#### MAURÍCIO DE SOUSA

(Santa Isabel, SP, 1937)

Jornalista e cartunista, criador da famosa história em quadrinhos Turma da Mônica. Em 1959, era repórter policial no jornal Folha da Manhã, de São Paulo, quando apresentou uma série de tiras em quadrinhos com um cãozinho e seu dono – Bidu e Franjinha. O jornal aceitou a proposta, e Maurício passou a se dedicar integralmente aos quadrinhos. As revistas vendem-se aos milhões, e entre suas realizações estão parques temáticos, animações para TV e um grande projeto de alfabetização.



301. Pierre-Auguste Renoir. *Rosa e Azul*, 1881.



302. Maurício de Sousa. *Magali e Mônica de Rosa e Azul*, 1989.

Os trabalhos de Maurício respeitam as cores, os movimentos, a luz e a composição original de cada pintura, mas conservam a originalidade de seu próprio traço. Desse modo, atraem o público por meio das associações evidentes com as obras citadas, em uma atmosfera alegre e descontraída.





304. Ziraldo. *Super-Warhol*  
Nº 1 – 6 (série Zeróis).

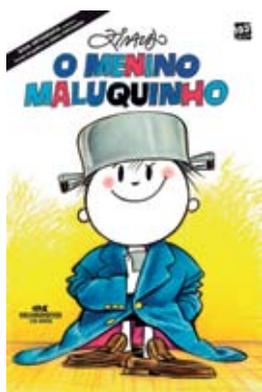
Outro grande nome dos quadrinhos brasileiros, **Ziraldo**, também brinca com imagens consagradas. Seus personagens denominados *Zeróis* interagem, em grandes telas pintadas, com trabalhos de Picasso, Velázquez, Goya, Warhol, entre outros.

Essas releituras de conhecidos ícones da cultura contemporânea contestam, com humor, o mito norte-americano do poder, da força e da invencibilidade.

A paixão pelos quadrinhos está refletida em toda a sua obra, traduzindo o humor do chargista, a crítica do caricaturista e a contemporaneidade do cronista.

*Há muita diversão em seus quadros;  
há sutilezas, humor crítico, mas sempre  
a sensação de que o autor se diverte  
junto conosco, feito menino arteiro.*

**Catálogo da exposição Zeróis: Ziraldo na Tela Grande. CCBB – 2010.**



305. Ziraldo. Capa do livro  
*O Menino Maluquinho*, 1980.

Na linha dos quadrinhos, Ziraldo criou os personagens da Turma do Pererê, a Supermãe, o Menino Maluquinho. Outras vertentes criativas do artista aparecem em cartazes, painéis, símbolos e na literatura infantil.

Caricaturas, charges e cartuns são formas de expressão gráfica que apresentam desenhos feitos, geralmente, com traços rápidos e informais. São recursos artísticos muito usados para criticar os costumes da sociedade, os regimes políticos ou simplesmente fazer uma brincadeira bem-humorada.

#### **ZIRALDO (ZIRALDO ALVES PINTO)**

(Caratinga, MG, 1932)

Jornalista, escritor e artista gráfico. Nos anos 1960, publicou a primeira revista em quadrinhos brasileira de um só autor, *A Turma do Pererê*. Foi um dos fundadores do jornal *O Pasquim*, de oposição ao regime militar. Em 1980, ganhou o Prêmio Jabuti com o livro *O Menino Maluquinho*, adaptado para teatro, cinema e internet, e, em 2004, o prêmio internacional Hans Christian Andersen, com o livro *Flictis*. Seu estilo pode ser reconhecido em logotipos, ilustrações, cartazes, camisetas e símbolos de campanhas públicas ou privadas.



306. Honoré Daumier. *Gargantua*, 1831.

Existe diferença entre caricatura, charge e cartum?

A caricatura é um retrato que ressalta, com exagero, alguns traços e expressões característicos de uma pessoa. A charge e o cartum são formas da linguagem caricatural que comunicam fatos.

A charge define a época, o contexto social e econômico em que ocorre determinada situação, enquanto o cartum mostra um tema universal, atemporal, que pode ser compreendido em diferentes épocas, lugares e culturas.

São modos de contestar nos quais a tônica são a brincadeira e o humor, que propiciam um diálogo constante com o público. Eles desempenham papel importante, levando à reflexão de questões sociais, e servem de fonte como registro da história.



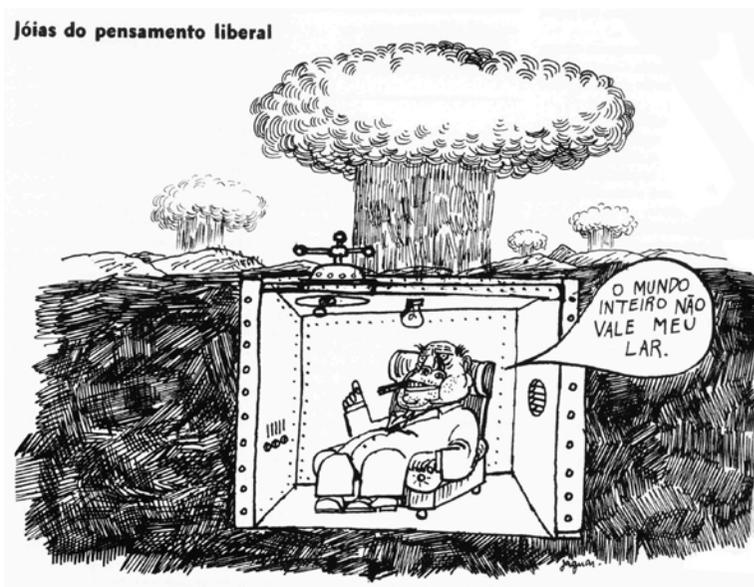
307. Caricatura de Charles Chaplin (1990). Autor: Greg Williams.

*A sátira é a indignação moral transformada em arte cômica.*

**Philip Roth**

A caricatura, pela forte expressividade, clareza estrutural e simplicidade linear, é um dos meios mais poderosos para criticar pessoas e costumes, sendo facilmente aceita pela sociedade, mesmo quando se utiliza do exagero formal em suas representações.

O mesmo não ocorreu com a pintura expressionista, que teve muita resistência em ser aceita, em sua época, pois era considerada

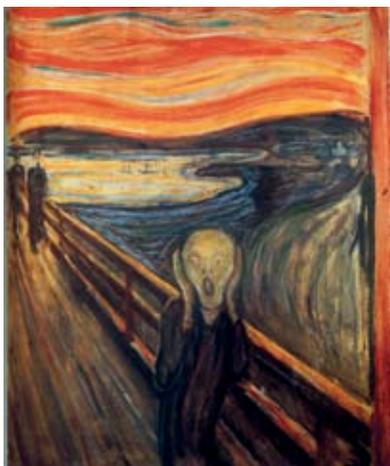


308. Jaguar. Cartum.





“feia” e grotesca. Entre os pintores que chocaram o público, por mostrar a realidade sem idealizá-la, está o norueguês **Edvard Munch**, com a obra *O Grito*, feita em 1895.



309. Edvard Munch. *O Grito*, 1893.

Por simbolizar um momento de angustiante emoção, as impressões sensoriais “gritam” na cabeça da figura, que é representada com distorções semelhantes à de uma caricatura.

*A caricatura sempre foi “expressionista”, pois o caricaturista joga com o retrato de sua vítima e distorce-o para expressar justamente o que sente a respeito do seu semelhante.*

**E. H. Gombrich**

A ideia de conceber retratos “exagerados” originou-se na Itália no século XVIII. Depois, o humor crítico apareceu como forma de contestação em numerosas caricaturas de Luís XIV.

Através da história, essa forma de arte tem sido um recurso de protesto, que vem ao encontro dos interesses da sociedade, pois promove denúncias e reivindicações.



310. Manuel de Araújo Porto Alegre. Caricatura, 1837.

Um dos pioneiros da caricatura no Brasil, no século XIX, foi **Manuel de Araújo Porto Alegre**. Ele dirigiu a revista *Lanterna Mágica*, que publicava desenhos com humor, sátira e conteúdo político.

Durante o Segundo Reinado, o italiano Angelo Agostini, radicado no Brasil, foi considerado o mais importante artista gráfico da época: caricaturista, cartunista, ilustrador.

### **EDVARD MUNCH**

(Løten, 1863 – Ekely, 1944)

Pintor, gravador e desenhista norueguês, voltou-se para a análise das feridas da sociedade e do indivíduo através de um realismo simbólico que gira em torno da melancolia, da angústia, do desespero, da paixão e da mulher. Associado ao Simbolismo dos anos 1890 e reconhecido como precursor do Expressionismo, alcança dramaticidade por meio de grande expressividade da linha, que contorna as figuras e as prolonga em sucessivas ondas, sugerindo tensão psicológica.

### **ARAÚJO PORTO ALEGRE (MANUEL DE ARAÚJO PORTO ALEGRE)**

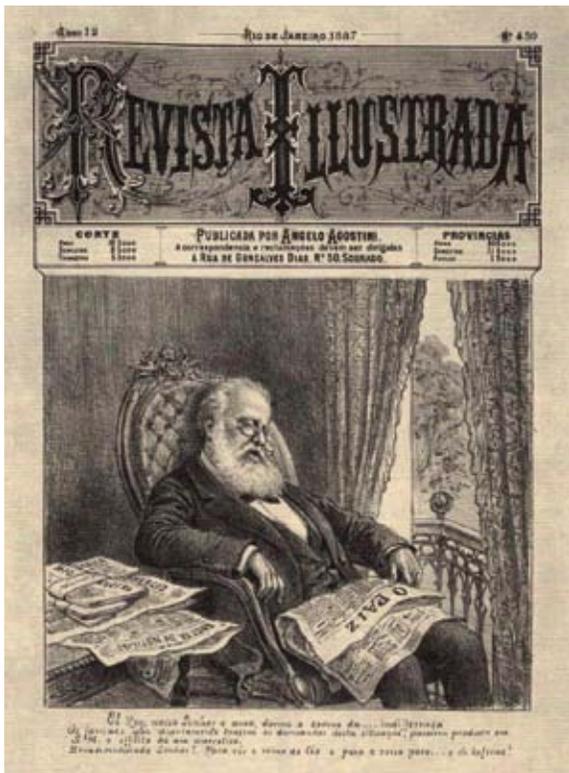
(Rio Pardo, RS, 1806 – Lisboa, 1879)

Pintor, arquiteto, professor e crítico de arte, desempenhou papel central na mobilização das artes figurativas no Brasil do século XIX, defendendo a importância dessas artes na construção de uma identidade nacional. Aluno de Debret na Academia Imperial de Belas Artes, estudou na Europa e participou da criação de vários periódicos. Foi nomeado professor e depois diretor da academia, onde instituiu reformas a fim de criar condições para o desenvolvimento das artes entre nós.

311. Página à esquerda: Edvard Munch. *O Grito*, 1893 (detalhe).

Em 1869, publicou *Nhô Quim, Impressões de uma Viagem à Corte*, tornando-se precursor da história em quadrinhos brasileira.

Com a vinda de **Angelo Agostini** para o Brasil, a caricatura se transformou e ganhou identidade própria, tornando-se um gênero também utilizado por artistas plásticos.



312. Angelo Agostini. Caricatura de Dom Pedro II, 1887.

É o caso de Pedro Américo e, anos mais tarde, de Di Cavalcanti, que modernizou o traço do desenho humorístico e publicou, em 1932, o álbum *A Realidade Brasileira*, com críticas ao momento nacional.

Na virada do século XX, tornaram-se populares as publicações críticas em jornais e revistas. Entre estas, se destacam *O Malho*, *O Careta*, *Fon-Fon* e a *Revista da Semana*, que projetaram nomes da arte satírica como J. Carlos, Nássara, Lan, Belmonte e Nair de Tefé, primeira mulher do mundo a publicar caricaturas.



313. Nair de Tefé. Caricatura do presidente Juscelino Kubitschek.

Os anos 1960 foram marcados, mundialmente, por agitações políticas, sociais e culturais, caracterizando um período de inquietação e transformação. Surgiram, então, grandes nomes do desenho de humor que conduziram em tom de brincadeira e ironia os problemas da época.

Criada em 1964, a personagem Mafalda, do desenhista argentino **Quino**, apresenta um comportamento contestatário e um discurso filosófico.

Mafalda coloca em discussão temas como feminismo, moralismo, educação, censura, repressão e poder.

#### ANGELO AGOSTINI

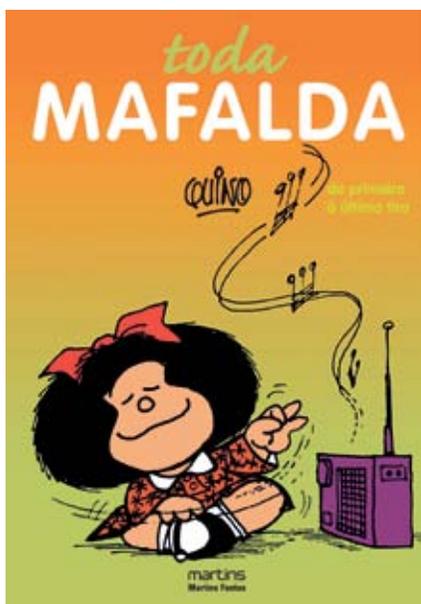
(Vercelli, 1843 – Rio de Janeiro, 1910)

Desenhista, ilustrador, pintor e gravador, destaca-se na publicação de charges em vários periódicos, entre eles, a *Revista Ilustrada*, fundada por ele (1876), que marcou a imprensa nacional ao exercer autonomia de imprensa no Segundo Reinado. Seu traço acadêmico e realista serviu de veículo para posições anticlericais e republicanas. Agostini atuou também como crítico de arte e criou a primeira história em quadrinhos do Brasil, *Nhô Quim*, assim como a revista infantil *Tico-Tico* (1905).

#### QUINO (JOAQUÍN SALVADOR LAVADO TEJÓN)

(Mendoza, 1932)

Quadrinista argentino reconhecido internacionalmente. Em 1954, começou a publicar em periódicos locais e, em 1964, criou sua personagem mais famosa, Mafalda, menina de 8 anos, curiosa e questionadora, que aborda com humor questões políticas e grandes preocupações que afligem o homem. Novas histórias protagonizadas pela menina foram criadas até 1973, mas suas tiras continuam a ser publicadas na América Latina e Europa.

314. Quino. *Toda Mafalda*.

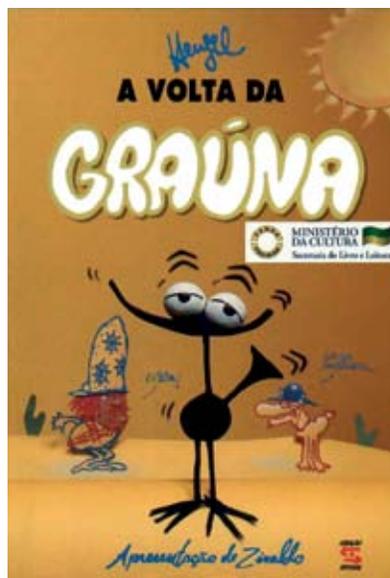
*O constante questionamento de Mafalda mostra sua recusa em ser integrada no mundo adulto que condena. Por outro lado, sua precocidade permite compreender, melhor que os mais velhos, o mundo presente.*

Álvaro Moya

No Brasil, a década de 1970 trouxe o humor sarcástico dos Fradinhos e da Graúna, criações do desenhista **Henfil**, que, com traços rápidos

e espontâneos, dava forma aos inusitados personagens, que criticavam e cobravam soluções dos governantes e atitude da sociedade.

Artistas de diferentes épocas, com características próprias, deixaram figuras inesquecíveis. O Amigo da Onça, de Péricles; as mulatas cariocas, do Lan; os Fradinhos nervosos, do Henfil; e o Menino Maluquinho, de Ziraldo, tornaram-se personagens imortais.

315. Henfil. *A Volta da Graúna*.

A arte brasileira reúne um grupo de desenhistas de humor de repercussão internacional, com nomes como Claudius, Jaguar e **Millôr Fernandes**, que, brincando, nos fazem rir e pensar, principalmente, sobre conquistas de direitos, de liberdade e transformações comportamentais necessárias.

#### **HENFIL (HENRIQUE DE SOUSA FILHO)**

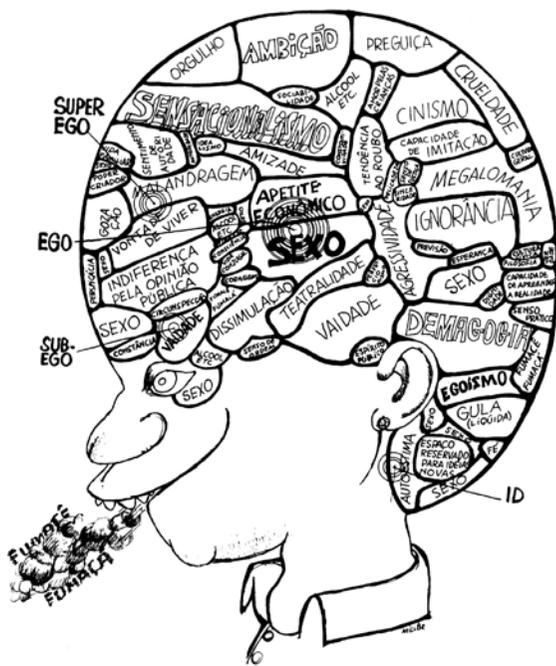
(Ribeirão das Neves, MG, 1944 – Rio de Janeiro, 1988)

Humorista, desenhista e escritor. Renovou o desenho humorístico com personagens como *Os Fradinhos*, *Capitão Zeferino*, *Graúna* e *Bode Orelana*. Começou a fazer caricatura política no *Diário de Minas*. Fez charges esportivas para o *Jornal dos Sports*, do Rio de Janeiro, em 1967, e colaborou nas revistas *Visão*, *Realidade*, *Placar* e *O Cruzeiro*. Em *O Pasquim* e no *Jornal do Brasil*, seus personagens ganharam popularidade. Teve marcante atuação política pela redemocratização.

#### **MILLÔR FERNANDES (MILTON VIOLA FERNANDES)**

(Rio de Janeiro, 1923-2012)

Escritor, artista plástico, autor e tradutor teatral. Humorista fino e pensador cético. Transformou com sua marca pessoal o campo da tradução teatral. Traduziu textos diversos, desde clássicos, como *Shakespeare*, a modernos, como *Brecht*, por vezes interferindo no original, em uma quase recriação. Autor de *Liberdade, Liberdade* (1965), com Flávio Rangel, uma das peças pioneiras do teatro de resistência, e *É...* (1977), comédia de costumes.



316. Millôr Fernandes. Cartum.

A tradição da brincadeira e do humor para contestar a sociedade também se faz presente em outras linguagens da arte.

Molière, dramaturgo francês, foi um dos mestres da chamada “comédia de costumes”. No século XVII, criticava, em seus textos, os abusos da corte francesa e os costumes da época, com tom sarcástico, espirituoso e cômico.

No Brasil do século XIX, destacaram-se Martins Pena e Artur Azevedo. Este, com grande domínio de todos os setores das artes cênicas, reuniu a comédia de costumes e o musical, na época do império.

Com peças que ironizam o poder, retratando a vida sertaneja, o paraibano Ariano Suassuna escreveu vários textos literários que brincam com os hábitos e com a cultura do povo.

As encenações do teatro moderno brasileiro devem ao romancista e dramaturgo a multiplicidade da riqueza poética tirada das inúmeras manifestações culturais de caráter popular.

Em 1955, Suassuna escreveu o *Auto da Compadecida*, que o tornou conhecido nacionalmente. Com várias e diferentes montagens teatrais, esse texto foi também adaptado para a televisão e o cinema.



317. Cartaz do filme *O Auto da Compadecida*, dirigido por Guel Arraes.

*Odorico, o Bem-Amado*, peça escrita por **Dias Gomes** em 1962, faz, com muito humor, uma caricatura do Brasil, principalmente de sua classe política. Suas frases antológicas ficaram famosas, pelas criações e interpretações de jargões em seus discursos.

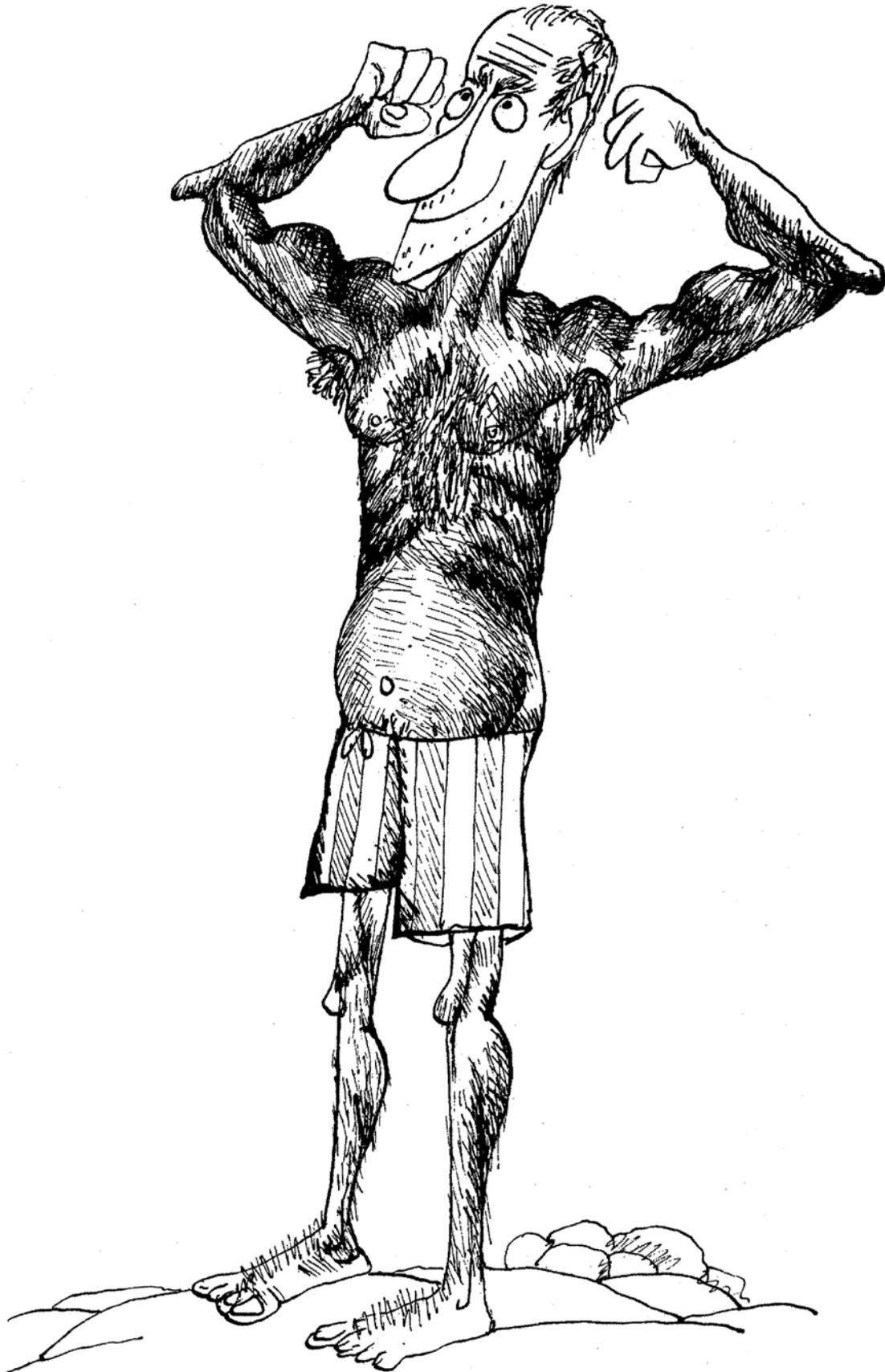
#### DIAS GOMES

(Bahia, 1922 – São Paulo, 1999)

Dramaturgo, conquistou diversos prêmios por sua atuação no rádio e por sua obra para teatro, cinema e televisão. Sua primeira peça foi *A Comédia dos Moralistas*, escrita aos 15 anos. Ganhou projeção com a peça *O Pagador de Promessas* (1959). Como autor de novelas, Dias Gomes estreou, em 1969, com *A Ponte dos Suspiros* e escreveu sucessos como *O Bem-Amado* e *Roque Santeiro*. Em 1991, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras. Morreu em um acidente de trânsito.

318. Página à direita: Caricatura de Millôr Fernandes.

MILLOR



Vcês podem não acreditar, mas todo dia de manhã, quando eu acordo, fico feliz só de pensar: "Eu sou ao vivo e em côr!"

*Isto deve ser obra da esquerda comunista, marronzista e badernenta.*

**Odorico Paraguaçu**

*Bossa nova mesmo é ser presidente  
Desta terra descoberta por Cabral.  
Para tanto basta ser tão simplesmente:  
Simpático, risonho, original.*

**Presidente Bossa-Nova / Juca Chaves**

A versão do texto da peça *O Bem-Amado* para a televisão resultou na primeira novela a ser transmitida a cores em nosso país. Depois, vieram uma minissérie e um filme de sucesso.

A música também é usada como forma de contestação por meio de letras bem-humoradas?

As composições musicais podem ser usadas como documentos de registro histórico-cultural, em que o autor manifesta a sua visão crítica sobre a sociedade em que vive.

No Brasil do final dos anos 1950, a bossa nova embalava a juventude, com suas músicas de ritmo suave e intimista, que falavam da vida, do amor e do mar.

Em 1958, o compositor **Juca Chaves**, famoso por suas sátiras políticas, compôs *Presidente Bossa-Nova*, usando o estilo musical, dominante na época, para fazer uma caricatura ao então presidente da República, Juscelino Kubitschek.

No mesmo ano, Juca apresentou outra sátira musical, *Brasil Já Vai à Guerra*, sobre a discutida compra do porta-aviões Minas Gerais pelo governo de JK.

*Brasil já vai à guerra,  
comprou um porta-aviões  
um viva pra Inglaterra de  
oitenta e dois bilhões*

**Brasil Já Vai à Guerra / Juca Chaves**

O gênero sátira já vinha sendo usado em nossa música popular, com grande sucesso, desde os anos 1920.

Mas, a partir de 1930, **Noel Rosa** produziu, paralelamente às suas líricas e românticas composições, várias letras que, de forma humorística e irônica, fizeram uma crônica da vida carioca e de seu universo cultural.

#### **JUCA CHAVES**

(Rio de Janeiro, 1938)

Cantor, compositor e humorista conhecido como “menestrel”. Nascido Jurandyr Czaczkes, sempre gostou de poesia e, ainda criança, começou a estudar música. Compôs sátiras políticas, como *Presidente Bossa-Nova*, e sociais de autocrítica, como *Sim, Sou Feio*. Na década de 1960, exilou-se em Portugal e na Itália, retornando ao Brasil em 1970, onde apresentou diversos programas de TV. Entre suas canções mais conhecidas, estão *A Cúmplice*, *Menina* e *Por Quem Sonha Ana Maria*.

#### **NOEL ROSA**

(Rio de Janeiro, 1910-1937)

Nascido no bairro de Vila Isabel, tornou-se conhecido como o *Poeta da Vila*. Compôs mais de 300 músicas, entre sambas, marchinhas e canções. Ingressou na Faculdade de Medicina, mas, envolvido com a música e a boemia, abandonou o curso. Seu primeiro grande sucesso foi *Com que Roupa?*, de 1930. Entre suas músicas, destacam-se ainda *Conversa de Boatequim*, *Feitiço da Vila* e *Fita Amarela*. *Eu Sei Sofrer* foi sua última composição. Faleceu aos 27 anos vítima de tuberculose.



319. Noel Rosa. Autocaricatura.

*Você tem palacete reluzente  
Tem joias e criados à vontade  
Sem ter nenhuma herança ou parente  
Só anda de automóvel na cidade...  
E o povo pergunta com maldade:  
Onde está a honestidade?  
Onde está a honestidade?*

**Onde Está a Honestidade? / Noel Rosa**

O poeta e músico Noel era um observador atento de seu tempo e dos acontecimentos a sua volta. Suas contestações bem-humoradas, talvez por descreverem a natureza humana, ainda podem ser aplicadas à sociedade contemporânea.

*Através do humor vemos, no que parece racional, o irracional; no que parece importante, o insignificante. Ele também desperta o nosso sentido de sobrevivência e preserva a nossa saúde mental.*

**Charles Chaplin**

Muitas vezes, porém, a contestação aparece na arte sem o tom de humor, camuflada em letras de música, na literatura, na poesia, em imagens e em outras formas criativas. Mesmo em momentos de forte repressão, artistas conseguiram subverter as proibições, usando formas sutis e metafóricas de expressão.

Movimentos de rebelião contra o autoritarismo e a repressão, na década de 1960, surgiram em diferentes lugares do mundo. No Brasil, jovens artistas também protestaram contra o regime político vigente no país.

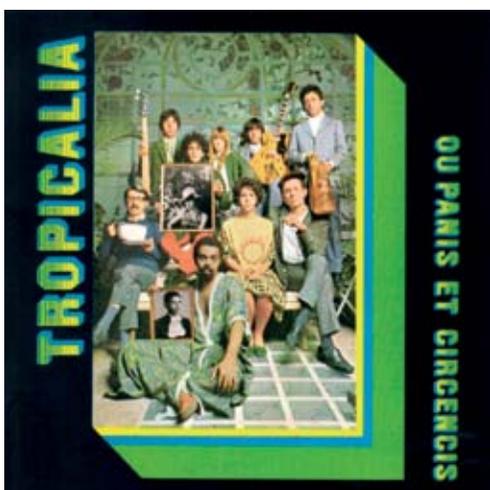
A música alcançou grande repercussão, por meio dos festivais, mobilizando a juventude e dando visibilidade a cantores, compositores e músicos. Esse clima de contestação está presente nas canções de Chico Buarque, Edu Lobo, Milton Nascimento.

Para além das fronteiras da música, a busca pela liberdade de expressão se materializou, também, na poesia de Ferreira Gullar, no teatro de Augusto Boal e Guarnieri, no cinema de Glauber Rocha e Nelson Pereira dos Santos e nas artes visuais, com as obras de Carlos Vergara, Rubens Gerchman e João Câmara.

Em 1967, surgiu um movimento rebelde e original, liderado por Caetano Veloso e Gilberto Gil, denominado Tropicália. De origem estética e ideológica, tinha como objetivo “devorar” tudo o que estivesse sendo produzido em termos culturais no mundo e adaptar à realidade brasileira, com inspiração na antropofagia de Oswald de Andrade.

A Tropicália buscava outros interlocutores para construir uma grande rede que reunisse todas as linguagens da arte, derrubando fronteiras, à procura do fortalecimento de uma identidade nacional.





320. Capa do disco *Tropicália ou Panis et Circencis*, 1968.

*Eu organizo o movimento  
Eu oriento o carnaval  
Eu inauguro um monumento  
No planalto central do país.*

**Tropicália / Caetano Veloso**

Mensagens de contestação, sejam elas tratadas com humor, por metáforas ou ironia, encontram caminhos em todas as linguagens da arte.

O importante é que a forma de abordagem, escolhida por artistas e arteiros, tenha seriedade, mesmo sob o aspecto de uma brincadeira. E que a estratégia usada encontre eco no cenário social, político e cultural a que se destina, provocando reflexões e transformações para um viver mais solidário.

*Todas as ideias trazem em si  
sua contestação. A palavra  
contraria a palavra.*

**Marcel Proust**

## Conhecimentos em arte

- A arte do gesto e da mímica.
- A leitura de imagens e a releitura de obras de arte visuais.
- A transformação da obra, por meio de releituras, nas diferentes linguagens da arte.
- A história em quadrinhos, sua função narrativa, lúdica e contestatória.
- As mensagens transmitidas pelas linguagens das charges, dos cartuns e das caricaturas; sua força de comunicação e crítica social.
- As expressões artísticas contemporâneas que têm características lúdicas e contestatórias.
- O papel contestatório da arte em momentos de repressão social.

## ARTiculando em sala de aula

Professor(a), com base no texto lido, sugerimos algumas atividades para propor aos alunos:

- Brincar de mímica, fazendo movimentos com o corpo que identifiquem profissões artísticas: pintor, escultor, bailarino, músico, escritor, ator, publicitário e outras. Imitar as ações desses profissionais, durante um tempo determinado por você, professor(a), para que os colegas descubram quem está sendo representado.
- Observar reproduções de trabalhos de Marc Chagall, caracterizados pela magia e fantasia. Com base no quadro *O Cavalo de Circo*, criar personagens circenses, em uma atmosfera semelhante à representada por Chagall, colorindo com lápis aquarelado. A pintura será feita sobre recortes

irregulares de cartolina. Esses recortes deverão fazer parte de quebra-cabeças circulares, organizados e previamente marcados e distribuídos por você, professor(a). Ao final do trabalho individual, os alunos vão procurar os colegas que receberam recortes com a mesma marca e montar os trabalhos nos grupos que se formarem. As diferentes partes deverão ser encaixadas para compor os quebra-cabeças circulares, lembrando o circo. Analisar as composições formadas pelos grupos.

- Perceber como o artista Nelson Screnci, em sua obra *Metamorfose Cultural*, transforma a *Infanta Margarida*, de Velázquez, na *Negra* de Tarsila do Amaral. Trabalhar sobre a reprodução de uma obra plástica (pode ser uma cópia xerox), previamente escolhida, fazendo interferências com pinturas, desenhos e colagens. Comparar o trabalho realizado com a obra original.
- Trabalhar com um elemento, recortado da reprodução de uma obra de arte, disponibilizado por você, professor(a). Colar o recorte em uma folha de papel e criar um novo contexto para ele. Desenhar esse cenário, colorindo com canetinhas hidrocor, lápis de cor e/ou giz de cera. Avaliar as etapas e a finalização do trabalho.
- Conhecer a *História em Quadrões*, de Mauricio de Sousa, telas nas quais a Turma da Mônica aparece em releituras de obras artísticas mundiais. Criar uma história, com base em uma reprodução da obra *Mônica com Sombrinha*, paródia do quadro *Mulher com Sombrinha*, de Claude Monet. O quadro de Mauricio de Sousa poderá aparecer no início, no meio ou no fim da sequência de uma tira com três quadrinhos. Fazer os desenhos e as pinturas, no estilo da obra selecionada, dando destaque aos personagens, criando diálogos nos balões e usando diferentes recursos das histórias em quadrinhos.



321. Mauricio de Sousa, *Mônica com Sombrinha*, 1991.

- Observar reproduções dos *Zeróis*, criados por Ziraldo, que interagem com releituras de obras de Picasso, Velázquez, Goya e Warhol. Pesquisar, na internet, um super-herói e uma obra de arte na qual ele possa se encaixar. Imprimir as imagens selecionadas e recortar o super-herói. Colar a figura sobre a obra escolhida e trabalhar a imagem para integrá-la ao contexto, acrescentando detalhes, brincando e dando um toque de humor à nova composição.
- Pesquisar e selecionar, em jornais e revistas, caricaturas, charges e cartuns, feitos por diversos artistas. Organizar uma pequena coleção dessas imagens, percebendo as diferenças entre essas expressões gráficas críticas e humorísticas.
- Observar as características marcantes de um colega: o contorno da cabeça, os detalhes do rosto, como o tamanho e formato dos olhos, da boca e do nariz. Após estudar as expressões, de frente e de perfil, fazer a caricatura do colega, exagerando seus pontos característicos. Expor o trabalho, junto com os outros da turma, para que cada um se reconheça e avalie sua caricatura.





## Para visitar

**Escola Nacional de Circo** – Preserva e difunde a tradição milenar da arte circense, contribuindo também para renovar a linguagem do circo. Realiza cursos regulares de formação e reciclagem de artistas.

*Endereço: Praça da Bandeira, 4.*

*Tel.: (21) 2273-2144.*

**Estúdio Impacto** – É escola, agência e estúdio de quadrinhos. Oferece cursos para desenvolver e/ou aprimorar habilidades em diferentes campos do desenho artístico.

*Endereço: Rua General Polidoro, 10, Botafogo.*

*Tel.: (21) 2471-9547.*

**Casa de Cultura Laura Alvim** – A casa onde morou Laura Alvim tornou-se, em 1986, um importante polo de cultura do Rio de Janeiro. Lá funcionam cinemas, teatros, galeria de arte e museu. Possui em seu acervo parte da obra do artista Angelo Agostini, avô de Laura.

*Endereço: Av. Vieira Souto, 176, Ipanema.*

*Tel.: (21) 2332-2016.*

**Biblioteca Nacional** – O prédio em estilo neoclássico foi inaugurado em 1910. É a maior e mais importante biblioteca do Brasil, reunindo um acervo de aproximadamente nove milhões de peças, entre livros, revistas, mapas, gravuras, desenhos e caricaturas.

*Endereço: Av. Rio Branco, 219, Centro.*

*Tel.: (21) 3095-3879.*

## Sites

- Museu dos Gibis  
<http://museudosgibis.blogspot.com.br>
- Universo HQ  
<http://universohq.com/quadrinhos>

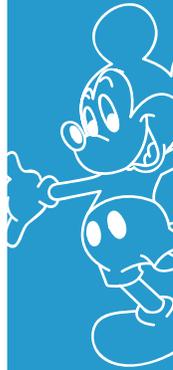


# ARTE, ARTISTAS E ARTEIROS EM NOVOS TEMPOS

*A vida é movimento de transformação. Há sempre certo nível de tensão para que novos significados possam fluir. A mesma tensão que desorganiza também organiza, gerando caos ou criatividade, alienação ou sabedoria.*

Rogério Thaddeu





# Tempo de transformação

## A captura da imagem

*Treine seus olhos para capturar a história que você quer contar.*

**Vered Koshlano**

A praça já não é a mesma. Pessoas sentadas nos bancos, crianças correndo por entre os jardins, jovens que chegavam para encontros marcados. Lugar de conversa, de brincadeira, de namoro, de lazer e de ver o tempo passar.

Não faltava o cheiro de pipoca quentinha no ar, o colorido atraente do algodão-doce e o canto alegre dos pássaros nas árvores. E lá sempre estava ele, fotógrafo de jardim, registrando e guardando a memória desse tempo com sua caixinha preta.



322. Manuel Eudócio. *Lambe, Lambe.*

A histórica máquina fotográfica do **lambe-lambe** era um produto artesanal construído e reconstruído pelos numerosos fotógrafos ambulantes que um dia ocuparam as praças deste país.

Sem procedência definida, sem autoria registrada, sem marca nem patente, essa câmera laboratório só possuía identificação em sua preciosa lente.

Tão anônimo quanto a máquina, o criativo fotógrafo, algumas vezes, era identificado pelo carimbo deixado atrás da foto que tirava.

*A câmera não faz diferença nenhuma. Todas elas gravam o que você está vendo. Mas você precisa ver.*

**Ernst Haas**

Uma das explicações para a origem do nome “lambe-lambe” deve-se ao gesto feito pelo fotógrafo, que molhava os dedos com saliva para identificar o lado sensível da chapa de impressão.

### **LAMBE-LAMBE**

*Fotógrafo que exercia sua profissão em praças e jardins públicos utilizando uma câmera laboratório que revelava as fotos quase que instantaneamente. Não há certeza sobre a origem do termo. Uma das teorias diz que, para saber de qual lado da placa de vidro estava o material sensível, o lambe-lambe usava a saliva, que gerava uma reação química e marcava o lado da emulsão.*

A caixa de madeira escura com uma lente objetiva ficava apoiada em um tripé, enquanto o habilidoso fotógrafo, escondido atrás de um pano preto, enquadrava a imagem e, com um clique, tirava a foto.

Ali mesmo ela era revelada e entregue ao retratado, que, ansiosamente, esperava para ver seu momento eternizado.

*(...) aquilo que a fotografia reproduz até o infinito só aconteceu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente.*

**Roland Barthes**

As fotos contam histórias e marcam momentos importantes, muitos deles eternizados, em épocas anteriores, pela pintura.



323. Jan van Eyck. *O Casal Arnolfini*, 1434.

Os álbuns de fotografia tornaram-se guardiões da memória de muitos grupos familiares. Lá estão registros de casamentos, de fotos na escola (algumas com o mapa do Brasil ao fundo), de festas de formatura, de batizados, de grupos fantasiados, em um carnaval distante, e das numerosas reuniões de familiares e grupos de amigos.



324. Casamento em Cruzília. Família desconhecida.



325. Estudante do Colégio Pedro II, 1957.

Os fotógrafos lambe-lambes preservavam a memória da comunidade, do bairro, da cidade.



326. Fotógrafo Onofre na Praça de Pirapora do Bom Jesus, 1993.

327. Página à direita: Jan van Eyck. *O Casal Arnolfini*, 1434 (detalhe).



Como verdadeiros cronistas visuais, testemunhavam e registravam a vida cotidiana e a trajetória dos grupos locais, principalmente das classes populares, que não podiam deixar-se fotografar nos sofisticados estúdios profissionais. Contribuíram, assim, para a democratização do acesso ao retrato fotografado.

Ao longo de diferentes gerações, esse trabalho foi importante para a preservação e transmissão das memórias familiares, estabelecendo um elo entre as antigas e as novas gerações.



328. Foto antiga de uma família. Coleção particular.

*(...) Na fotografia  
Estamos felizes (...)*

**Anos Dourados / Chico Buarque e Tom Jobim**

Mas quem inventou a fotografia?

A fotografia, como técnica de reprodução, surgiu no século XIX, reunindo pesquisas, experiências e ensaios desenvolvidos por cientistas, técnicos, matemáticos, astrônomos, físicos e

químicos que, junto com alguns inventores, contribuíram para as descobertas no campo da captação e revelação de imagens.

**Daguerre** e Niépce, na França, Talbot, na Inglaterra, e Herschel, na Alemanha, buscaram com o uso da câmara obscura e das regras de perspectiva renascentista uma forma de reprodução de objetos, paisagens e pessoas através da impressão da luz.

Eles conseguiram suas primeiras conquistas no campo da fotografia por volta de 1830, e Daguerre descobriu um processo mais prático, que ficou conhecido como daguerreótipo, ponto de partida para a fotografia.



329. Daguerreótipo, câmera de Louis Daguerre.

A possibilidade de fixar uma imagem prolongava o alcance do olhar no tempo e no espaço, trazendo, para perto, como em uma mágica, objetos e lugares distantes. Desse modo, a fotografia fascinava a sociedade europeia em plena expansão industrial.

*Imagens são palavras que nos faltaram.*

**Manoel de Barros**

**DAGUERRE (LOUIS-JACQUES-MANDÉ DAGUERRE)**

*(Corneilles-en-Parisis, 1787 – Bry-sur-Marne, 1851)*

*Pintor e cenógrafo, um dos inventores franceses da fotografia. Como cenógrafo teatral, criou o diorama, forma de espetáculo inovadora que consistia em jogos de luzes conjugados com o movimento de cenários. Aperfeiçoou as pesquisas de Joseph Nicéphore Niépce, com quem trabalhou, e após a morte do parceiro inventou o daguerreótipo, aparelho capaz de fixar imagens permanentes em uma chapa metálica, com menor tempo de exposição que o obtido por Niépce.*

A invenção da fotografia revolucionou as relações do homem com a arte e a produção de imagens, cujo aspecto realista respondia às novas necessidades sociais.

Até então, a pintura cumpria o papel de registrar e documentar imagens como forma de eternizá-las no tempo.

*Assim, a criatividade tomou conta, livre dos grilhões da estética tradicional, que estipulara que a arte tinha de mostrar coisas bonitas para fazer bem à alma.*

Jean-Pierre Le Grand

Com o advento da fotografia, os pintores da época tiveram reações diversificadas às reproduções pelo daguerreótipo. Muitos artistas, como o pintor fovista Vlamínck, temiam que a pintura fosse substituída pela fotografia.

Delacroix, Ingres, Coubert, Manet e Degas achavam que as fotografias poderiam auxiliar seu trabalho, como estudos prévios para as pinturas.

Essa possibilidade informativa e documental também conquistou escultores como Constantin Brâncusi e **Auguste Rodin**.

Rodin usava a fotografia como base para as suas peças e também as utilizava para registrar e documentar suas esculturas. Deixou cerca de 7 mil fotos em seu acervo, muitas das quais tornaram-se cartões-postais de suas obras.

#### **AUGUSTE RODIN (FRANÇOIS-AUGUSTE-RENÉ RODIN)**

(Paris, 1840 – Meudon, 1917)

Escultor e desenhista francês reconhecido como um dos grandes artistas de seu tempo. Estudioso da escultura clássica e entusiasta da arte de Michelangelo. Suas obras são formadas por partes (pés, mãos, joelhos) repetidas dentro de uma série de combinações diferentes, que exibem marcas de solda, evidenciando seu processo de produção. Com tal modelado “inacabado”, a massa escultórica se abre para o espaço, ocupando-o com efeitos de esbatimento de luz.



330. Ateliê de Rodin.



331. Auguste Rodin. *O Beijo*, 1901-1904.

Fotografia é arte?

À medida que a fotografia se desenvolvia, os fotógrafos também almejavam o reconhecimento de seu trabalho como uma forma de arte. Alguns se inspiravam em temáticas de pinturas famosas para compor suas fotos.





332. Jan Steen. *Toilete Matinal*, 1665.



333. Louis Camille d'Olivier. *Estudo a Partir da Natureza*, 1856.

Eles começaram a imaginar formas criativas que produzissem diferentes efeitos em suas fotos: desfocavam a imagem, retocavam negativos, coloriam as cópias impressas e usavam outras maneiras de intervenção.

Muitos profissionais se destacaram com tipos diferenciados de fotografias. No gênero de retratos, o francês **Nadar** usou recursos de iluminação e figurinos para conceber poses em arranjos cênicos que, segundo ele, caracterizavam a personalidade de figuras famosas da época, como Sarah Bernhardt, George Sand e Corot.



334. Sarah Bernhardt fotografada por Nadar, 1864.

Na fotografia documental, o norte-americano Jacob Reis, repórter fotográfico em Nova York, denunciava com suas fotos a vida e as condições degradantes de trabalho dos pobres urbanos de Manhattan.

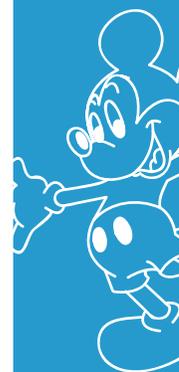
No século XX, a fotografia já era considerada uma forma de arte produzida pelo olhar sensível do homem e pela modernização da máquina.

### NADAR

(Paris, 1820-1910)

Pseudônimo do fotógrafo, jornalista e caricaturista francês Gaspard-Félix Tournachon, que compartilhava com os escritores e artistas românticos da época a paixão pelo não convencional. Em 1854, abriu estúdio de fotografia onde captava com perspicácia a personalidade moral de seus retratados. Aberto a novas ideias e descobertas, foi um dos primeiros a fotografar com luz artificial e emprestou seu estúdio para o que veio a ser a primeira exposição impressionista, em 1874.

335. Página à esquerda: Nadar. *Retrato de Vitor Hugo*, c. 1840.



*Temos que ver, olhar.  
É tão difícil fazer isso.  
Estamos acostumados  
a pensar, todo o tempo.  
É um processo muito lento e  
demorado aprender a olhar.  
Um olhar que tenha certo peso,  
um olhar que questione.*

**Henri Cartier-Bresson**

O francês **Henri Cartier-Bresson**, pintor cubista, também dedicou-se à fotografia. Suas fotos revelam ações humanas curiosas ou emocionantes e cristalizam o momento de um breve instante em que os elementos em movimento entram em equilíbrio.



336. Henri Cartier-Bresson. *Atrás da Estação Saint-Lazare, Paris, 1932.*

Para Bresson, o fotógrafo precisava saber olhar o mundo e estar atento para transformar em imagem fixa algo que, na realidade, era passageiro. Seu trabalho procurava, segundo ele, “capturar um momento decisivo”.

*A fotografia é a poesia da mobilidade:  
é através da fotografia que os  
momentos deixam-se ver tal como são.*

**Peter Urmenyi**

Muitos “momentos decisivos”, únicos, marcaram a história da fotografia, capturados por diferentes artistas. *O Beijo na Times Square*, fotografado por Victor Jorgensen, em 1945, registrou o entusiasmo e a euforia diante do anúncio do término da Segunda Guerra Mundial.



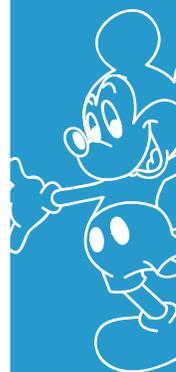
337. Victor Jorgensen. *O Beijo na Times Square, 1945.*

A mais famosa revolta estudantil na China, em 1989, ficou marcada pela foto *Massacre na Praça da Paz Celestial*, de Jeff Widener, que registrou a força simbólica de um jovem solitário e desarmado que fez parar um tanque de guerra.

#### **HENRI CARTIER-BRESSON**

(Chanteloup-en-Brie, 1908 – Montjustin, 2004)

Fotógrafo francês, marcou a visualidade do século XX com imagens capazes de captar o drama humano em momentos ordinários. Com a pequena e leve câmera Leica, conseguia ficar anônimo na multidão ou discreto em uma situação íntima. Assim, obtinha espontaneidade dos retratados. Um dos fundadores da agência Magnum Photos (1947), viajou por várias partes do mundo na busca do que chamou de “momento decisivo”, em que elementos fugazes se equilibram em uma unidade formal.



Arthur Sasse, em 1951, mostrou a irreverência de Einstein, exibindo a língua para o assédio dos fotógrafos.

Mas, talvez, um dos “momentos únicos” mais repetidos por releituras de diferentes artistas e, também, pela curiosidade de turistas do mundo inteiro que viajam até o local para lá serem fotografados é a imagem dos Beatles atravessando a Abbey Road, em 1969, de Iain Macmillan.



338. Capa do álbum *Abbey Road*, The Beatles, 1969.

*O fotógrafo escolhe apenas uma entre múltiplas realidades, capturando, em alguns casos, momentos tão fugidios e vistas tão temporárias que o resultado só poderia ser chamado de ficção ou poesia.*

Jean-Pierre Le Grand

No Brasil, em 1840, o abade francês Louis Compte trouxe a daguerreotipia (processo fotográfico imaginado por Daguerre que consistia em fixar em uma película de prata

pura, aplicada ao cobre, a imagem obtida na câmara escura) e realizou, com ela, uma série de três vistas dos arredores do Paço Imperial, na cidade do Rio de Janeiro.



339. Louis Compte. Vista do Paço Imperial na cidade do Rio de Janeiro, 1840.

Mas foi o imperador D. Pedro II o primeiro brasileiro nato a se interessar pelo invento, encomendando um equipamento em Paris. Ele iniciou, pessoalmente, a prática da fotografia e tornou-se um entusiasta dessa arte, patrocinando e distribuindo títulos e honrarias aos fotógrafos que se destacaram na época.

D. Pedro II foi um colecionador de fotografias, formando o maior acervo particular com vários tipos de imagens do período imperial. Incentivou a prática da fotografia entre artistas como **Pedro Américo**, que a utilizou como um recurso auxiliar para a sua pintura.



340. Joaquim Insley Pacheco. Dom Pedro II, 1870.

### PEDRO AMÉRICO

(Areia, PB, 1843 – Florença, 1905)

Pintor oficial do Estado brasileiro, recebeu encomendas de quadros que representavam eventos históricos marcantes, como Independência ou Morte ou Batalha de Avaí, que gerou polêmica pelo realismo empregado. Abordou também um imaginário orientalista e o estudo da anatomia (Tiradentes Esquartejado). Com talento reconhecido por Pedro II, foi muito premiado e valorizado pela crítica da época por certa superação dos limites acadêmicos.

A fotografia tornou-se um precioso instrumento para a visão do mundo até então desconhecido e também para a divulgação de trabalhos artísticos.

Mais tarde, **Marc Ferrez**, um dos grandes destaques no documentário fotográfico, realizou trabalhos que mostravam a família imperial, o país e a paisagem da época.

Ele compunha com arte e sensibilidade a cena, indo muito além do simples registro de uma foto.



341. Marc Ferrez. Inauguração da ponte ferroviária sobre o rio Paraíba, Rio de Janeiro, 1888.

Com o aperfeiçoamento da aparelhagem fotográfica, a captura da imagem seguiu novos caminhos, sempre reinventando formas de comunicação através da fotografia artística.

Na atualidade, o mineiro **Sebastião Salgado** realiza um trabalho de grande expressão, mostrando sua impressão pessoal de mundo ao retratar as massas populares, os movimentos migratórios e denunciando a opressão social.



342. Sebastião Salgado no Fórum Social Mundial 2003.

*Você não fotografa com sua máquina.  
Você fotografa com toda a sua cultura.*

**Sebastião Salgado**

Além do reconhecimento da fotografia como forma de arte, sua inclusão em outros campos profissionais foi o caminho natural para essa descoberta tão significativa. Ela aparece ilustrando textos na imprensa, como fotomontagem aplicada à publicidade e incorporada ao trabalho de muitos artistas plásticos.

A fotomontagem é uma composição visual que reúne recortes de diferentes fotografias e que, muitas vezes, é convertida novamente em uma foto. Foi muito utilizada por dadaístas, surrealistas e construtivistas.

#### **MARC FERREZ**

*(Rio de Janeiro, 1843-1923)*

*Fotógrafo brasileiro, um dos principais cronistas visuais do Brasil da segunda metade do século XIX. Registrou a família imperial, igrejas, monumentos, pontes, cachoeiras, rios e portos em vários estados brasileiros e, principalmente, aspectos da cidade do Rio de Janeiro. Suas imagens circularam em diversos tipos de publicação, ajudando a moldar uma imagem da nação brasileira a partir de suas especificidades.*

#### **SEBASTIÃO RIBEIRO SALGADO**

*(Aimorés, MG, 1944)*

*Fotógrafo brasileiro, formado em Economia, descobriu a fotografia como a melhor forma de denunciar a miséria e os problemas sociais em várias partes do mundo. Explorando o uso da luz e negros intensos, retrata a fome e seca na África, as precárias condições de trabalho na América Latina, a luta pela terra ou o movimento de populações, muitas vezes com foco na gravidade dos rostos humanos. É um dos mais respeitados fotojornalistas do mundo.*

Diferentemente da colagem cubista, em que artistas como Picasso e Braque acrescentavam às suas telas elementos variados, a fotomontagem usava exclusivamente recortes de fotografias, imagens e tipografias nas composições.

No Brasil, essa técnica teve como precursor Jorge de Lima, que, além de poeta, era pintor e dedicou-se também à pesquisa e composição com colagens fotográficas.

Justapondo elementos que chamavam a atenção pelo absurdo, **Jorge de Lima** se utilizou da estética surrealista em seus trabalhos inovadores.



343. Jorge de Lima. Fotomontagem, 1930-40.

Atualmente, por meio da edição de imagens por programas de computador, essa técnica é manipulada digitalmente, sem filme, em um efeito similar à fotomontagem.

Em 1970, o artista múltiplo **Aloísio Magalhães** utilizou em seu processo criativo a fotografia como suporte, extrapolando sua função inicial e alargando suas fronteiras.

Ele criou os *Cartemas*, partindo inicialmente da justaposição de imagens, buscando sempre novas e complexas composições.

Seu trabalho com postais mistura, inverte e recorta imagens para realizar novas composições harmônicas.



344. Aloísio Magalhães. *Cartemas*.

### **JORGE DE LIMA (JORGE MATEUS DE LIMA)**

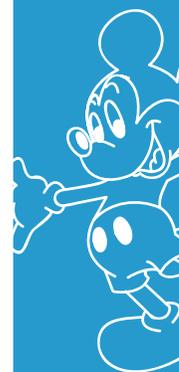
(União, AL, 1893 – Rio de Janeiro, 1953)

Poeta, romancista, artista plástico, ensaísta, médico e político. Formou-se em Medicina, em 1914, quando escreveu o primeiro livro de poemas. Publicou outros mais nos anos 1920, sendo *Essa Nega Fulô* sua poesia mais conhecida. Foi médico e deputado em Alagoas. Mudou para o Rio em 1930, onde montou consultório que servia de ateliê de pintura e ponto de encontro de intelectuais. Invenção de Orfeu é o seu livro mais consagrado.

### **ALOÍSIO MAGALHÃES**

(Recife, 1927 – Pádua, 1982)

Designer, artista plástico e cenógrafo, realizou trabalho pioneiro de programação visual e teve relevante atuação na política de bens culturais, como diretor do Iphan em 1979. Nos anos 1950, estudou Museologia na França e Artes Gráficas nos EUA. Em 1960, abriu escritório de design gráfico no Rio de Janeiro e participou da criação da Escola Superior de Desenho Industrial. Realizou importantes projetos para órgãos públicos e também desenhou notas e moedas brasileiras.



Segundo Ariano Suassuna, o cartema é “um trabalho matematicamente organizado e poeticamente resolvido”.

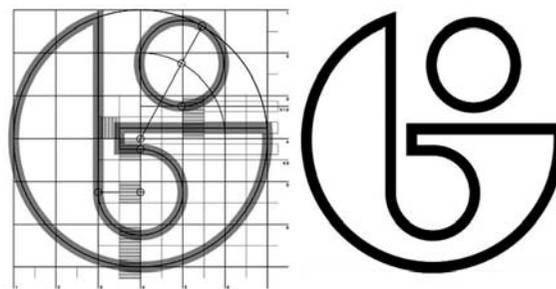
*Embora simples, o cartema não é um achado. Tem toda a vivência e o treinamento de um olho atento a tudo. O cartão-postal é importante e universal. Tão importante que ficou banal. A arte anda meio trágica, densa, sufocada. Perde diariamente o caráter lúdico e a graça. O cartema restitui ao espectador a alegria perdida. Ninguém fica indiferente.*

**Aloísio Magalhães**

Aloísio Magalhães, como designer, foi também responsável pelo projeto gráfico das cédulas do cruzeiro em 1960, pela criação do símbolo da Bienal de São Paulo e pela marca do Quarto Centenário da cidade do Rio de Janeiro, talvez um de seus trabalhos de maior alcance popular.



345. Projeto gráfico do Padrão Monetário Brasileiro de 1967.



346. Aloísio Magalhães. Logotipo da Bienal de São Paulo.



347. Aloísio Magalhães. Logotipo do Quarto Centenário do Rio.

Todas as experiências feitas em torno da fotografia geraram múltiplas possibilidades de registros criativos.

Tendo a ação da luz como aliada indispensável, artistas de diferentes épocas se utilizaram de recursos fotográficos como o fotograma, técnica presente nos movimentos surrealista, cubista e na pop art.

**Man Ray**, pintor e fotógrafo norte-americano, realizou trabalhos em que expunha à luz objetos organizados sobre papel fotográfico para que as formas ficassem gravadas, sem o uso da máquina fotográfica.

**MAN RAY (EMMANUEL RADNITZKY)**

(Filadélfia, 1890 – Paris, 1976)

Pintor e fotógrafo norte-americano, participou ativamente dos círculos de artistas e escritores dadaístas e surrealistas e destacou-se na fotografia. Em Paris, realizou experimentações técnicas e artísticas como a raiografia (variante do fotograma que produz imagens diretamente de objetos sobre papel fotossensível) e a solarização (técnica muito apreciada pelos surrealistas). Reconhecido depois como fotógrafo de retratos, dedicou-se, nos anos 1920 e 1930, à fotografia de moda.

348. Página à direita: Man Ray. *Lingerie*, 1931.



man  
Ray



349. Man Ray.  
Raiografia, 1926.

*Pinto o que não pode ser fotografado, algo surgido da imaginação, ou um sonho, ou um impulso do subconsciente. Fotografo as coisas que não quero pintar, coisas que já existem.*

**Man Ray**

Desde a descoberta da fotografia, sua história se mistura com a da pintura. Ao contrário do que muitos pensavam, a fotografia fortaleceu a pintura, libertando-a de tradicionais compromissos com a representação da realidade, apontando caminhos de evolução, recriação e transformação.

Do mesmo modo, a fotografia se consolidou como linguagem, evoluiu tecnicamente e hoje está presente no cinema, na televisão, no vídeo, na holografia e em muitos usos científicos.

*Não fazemos uma foto apenas com uma câmera; ao ato de fotografar trazemos todos os livros que lemos, os filmes que vimos, a música que ouvimos, as pessoas que amamos.*

**Ansel Adams**

## Imagem em ação

*No princípio era a ação.*

**Goethe**

A representação do tempo e do movimento da vida em imagens foi sempre um desafio para o homem.

Os desenhos de animais e de pessoas, no interior das cavernas pré-históricas, muitas vezes, já sugeriam o movimento, por meio da repetição e da continuidade de formas. De maneira semelhante, trabalhos artísticos na Grécia Antiga comprovam essa tentativa, como em representações de animais com um número maior de patas que o normal.

Na China, cerca de 5000 a.C., o teatro de sombras, com marionetes articuladas, já procurava representar a noção de deslocamento das figuras.



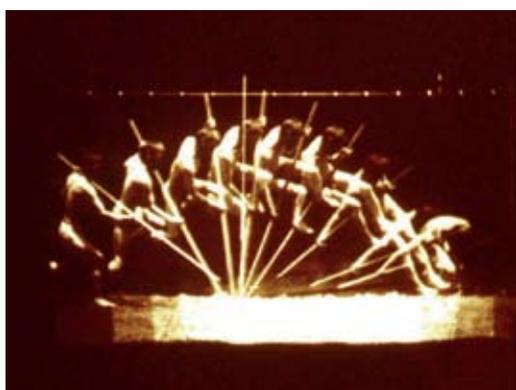
350. Figuras do teatro de sombra chinês – dois guerreiros, c. 1780.

Todo esse caminho percorrido pelo homem mostra experiências que anunciavam a época em que, futuramente, ele seria capaz de captar e de exibir imagens em movimento.

A partir da Revolução Industrial, na segunda metade do século XVIII, com o surgimento das máquinas, o homem tomou conhecimento da velocidade concretamente.

No século XIX, o fotógrafo Eadweard Muybridge descobriu um aparelho capaz de pesquisar os movimentos de animais e do homem que muito contribuiu para estudos científicos.

Mais tarde, Thomas Eakins foi pioneiro na técnica de fotografia, fazendo exposições rápidas, múltiplas e sequenciais de um homem correndo ou arremessando um dardo, registrando, assim, o deslocamento provocado pelo movimento.



351. Thomas Eakins. Saltador com vara: fotografia de exposição múltipla de George Reynolds, 1884.

Essas pesquisas se intensificaram, e, em 1895, aconteceu a primeira sessão de cinema em Paris.

Quem se lembra da primeira sessão de cinema a que assistiu? Talvez fosse melhor perguntar: quem não se lembra?

Para a criança e para o adulto, a experiência de participar da magia que o cinema provoca, certamente, é uma lembrança que não se apaga.

#### **IRMÃOS LUMIÈRE E CINEMATÓGRAFO**

Em 1895, os irmãos Auguste e Louis Lumière inventaram o cinematógrafo, dispositivo que produz efeito de movimento ao reproduzir imagens estáticas em certa velocidade. A nova máquina, movida à manivela, combinava câmera e projetor e dependeu de avanços tecnológicos como o rolo de filme em celuloide, cujas laterais perfuradas permitiam que ele girasse durante a filmagem e a projeção. No mesmo ano de sua invenção, foram realizadas as primeiras exibições de filmes.

A sala cheia de lugares sendo ocupados aos poucos; a iluminação que diminuía, fazendo o coração acelerar e, de repente, a luz! Vinda por trás, de um buraquinho na parede do fundo da sala, em raios, construía na tela as imagens que se movimentavam contando histórias.

*O cinema é um modo divino de contar a vida.*

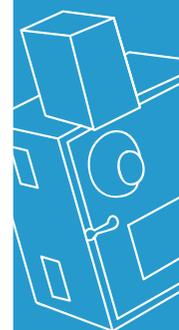
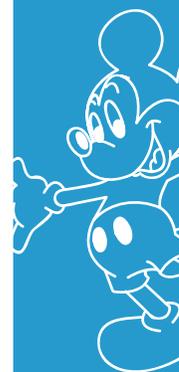
**Federico Fellini**

Reunindo trabalhos e experiências anteriores, os **irmãos Lumière** inventaram uma estranha máquina com a finalidade científica de pesquisar o movimento.



352. Conjunto do cinematógrafo Lumière.

Eles não imaginavam que o “**cinematógrafo**” seria o ponto de partida para o sucesso de uma nova linguagem, que conquistaria, rapidamente, o gosto popular.



A primeira exibição de cinema mostrou filmes curtos, em preto e branco, sem som, filmados com câmera parada, que, mesmo assim, conseguiram emocionar e surpreender o público.

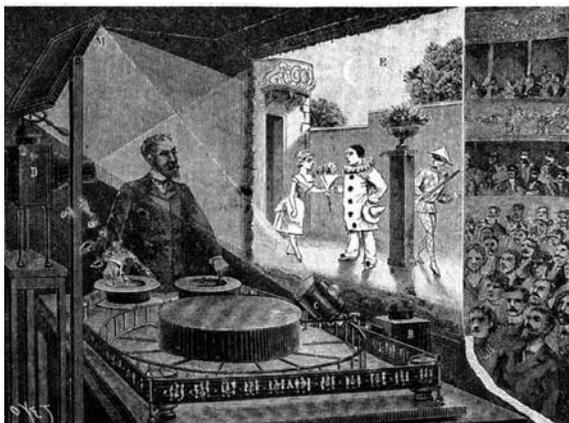


353. Estreia do filme *O Cantor de Jazz*, 1927.

Quem nasceu primeiro: o filme ao vivo ou o desenho animado?

Alguns anos antes da invenção do cinematógrafo, já existiam desenhos animados.

Depois de muitas tentativas para dar movimento a desenhos, bonecos e objetos em aparelhos estranhos de nomes complicados, foi criado o Teatro Óptico, por Émile Reynaud.



354. Primeira apresentação pública do Teatro Óptico de Émile Reynaud em Paris, 1892.

Sua invenção permitia a sincronia de movimentos dos desenhos projetados em uma tela em tamanho natural, durante vários minutos, que podiam ser vistos por muitos espectadores ao mesmo tempo.

Após a criação dos irmãos Lumière, a animação passou a contar com um meio muito mais prático e preciso de movimentar imagens. A filmagem era feita quadro a quadro, com pequenas mudanças na posição dos desenhos, e o cérebro do espectador percebia como movimento contínuo essa sucessão de imagens paradas.

As histórias em quadrinhos abriram caminho para o desenho animado, conquistando o grande público. Foi nos Estados Unidos, com a crescente estruturação industrial, que a animação mais se desenvolveu.

Surgiram figuras imortais, como Gato Félix, Pica-Pau e, mais tarde, Popeye e Betty Boop.



355. Autor: Dave Fleischer. Betty Boop.



356. Autor: Otto Messmer. Gato Félix.

Os desenhos dos quadrinhos combinam com cinema?

Os quadrinhos apresentam uma história em sequência, como nos desenhos animados do cinema.

Antigamente, era comum ver as crianças construírem seus próprios “cineminhas”, utilizando uma caixa de papelão e uma história criada e desenhada por elas ou recortada de revistas em quadrinhos. As cenas, emendadas em tiras, eram exibidas através de um recorte feito na caixa de papelão.

Esse protótipo rudimentar abria espaço para a imaginação infantil, com a criação de intervenções, diálogos, músicas que reuniam e alegravam a criançada.

*Se uma pessoa não conseguir imaginar coisas, não as consegue fazer, e qualquer coisa que se imagine é real.*

Alexander Calder

A liberdade criativa, tão comum nas crianças, talvez tenha sido a força que impulsionou Walt Disney a criar, em 1923, em Hollywood, um estúdio especialmente destinado à produção de desenhos animados.



357. Autor: Walt Disney. Mickey Mouse.

Assim, surgiram o Mickey Mouse, sua primeira animação falada, e muitos outros personagens que até hoje fazem parte do universo infantil.

Disney implantou uma arte-indústria em crescente atividade, sempre com inovações tecnológicas, marcando a história da animação.

No Brasil, a animação ganhou impulso nos anos 1980, com a premiação em Cannes do desenho *Meow!*, de **Marcos Magalhães**, e com a produtora de Mauricio de Sousa, que levou seus personagens dos quadrinhos para as telas.



358. Cena de *Meow!*, dirigido por Marcos Magalhães, 1981.

#### **WALT DISNEY (WALTER ELIAS DISNEY)**

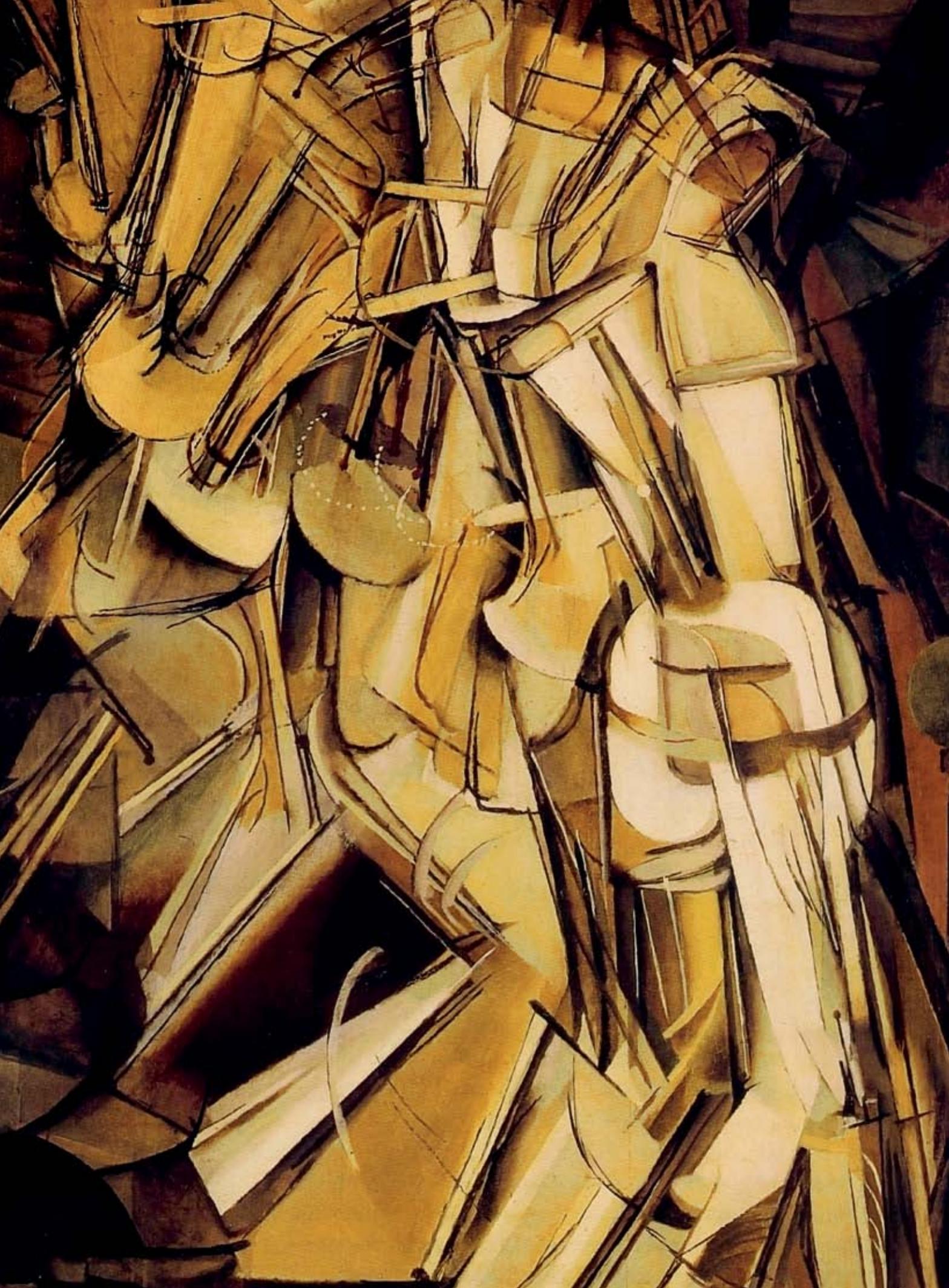
(EUA, 1911-1966)

Desenhista, produtor e diretor de cinema de animação. Utilizou novas técnicas e criou personagens famosos, como o camundongo Mickey (1928). Produziu longas-metragens de animação, como *Branca de Neve e os Sete Anões* (1938) e *Peter Pan* (1953). Em 1955, criou nos EUA a *Disneylândia*, grande parque temático que recria os cenários dos desenhos animados. Sua ideia foi ampliada com a criação do *Disneyworld* (1971), nos EUA, e da *Eurodisney* (1990), na França.

#### **MARCOS MAGALHÃES**

(Rio de Janeiro, 1958)

Desenhista e animador brasileiro, é autor de vários curtas de animação, entre eles *Meow!* (1982), marco na história do cinema de animação entre nós. Premiado no festival de cinema de Cannes, o filme conta a história de um gato que, seduzido pela publicidade de um refrigerante, deixa de tomar leite. Cria em 1993 o *Anima Mundi*, um dos cinco principais festivais de animação no mundo hoje. Desde 2002, ministra aulas de Cinema de Animação no curso de Design da PUC-Rio.



Os fãs dos quadrinhos, recentemente, viram ressuscitar, no filme *Os Vingadores*, seis heróis da Marvel Comics juntos na missão de salvar a Terra: Capitão América, Homem de Ferro, Hulk, Gavião Arqueiro, Viúva Negra e Thor.



359. Cartaz do filme *Os Vingadores*.

Muita ação e magníficos efeitos especiais em tecnologia 3D mostram o quanto os avanços tecnológicos têm influenciado a qualidade dos filmes na atualidade, levando o espectador a um mundo virtual inigualável, que extrapola a realidade e a fantasia.

A tecnologia influenciou, também, outras linguagens artísticas?

#### MARCEL DUCHAMP

(Blainville-Crevon, 1887 – Neuilly-sur-Seine, 1968)

Artista e escritor francês, representante do Dadaísmo e importante referência para a arte contemporânea, enfatiza a arte como processo mental em oposição ao valor dado ao produto final. Explorou o dinamismo em *Nu Descendo a Escada*, sob influência do Cubismo e da Cronofotografia, mas logo deixou a pintura na busca de uma arte que superasse o puramente visual e considerações estéticas. Concebe o ready-made ao deslocar objetos cotidianos para o âmbito artístico.

#### FUTURISMO

Movimento artístico e literário lançado na Itália em 1909 com o manifesto de Filippo Marinetti, que incitava à ação e subversão da cultura e das tradições sociais, exaltando o mundo mecânico, a velocidade da vida moderna e a guerra. Tematizava-se o movimento das metrópoles com seus carros e sua energia luminosa em experimentações plásticas, literárias, teatrais e musicais que analisavam e fragmentavam imagens e sons a fim de captar o ritmo vibrante do movimento urbano moderno.

No início do século XX, o avanço tecnológico, que imprimiu velocidade e ritmo acelerado à vida contemporânea, influenciou também outros campos da arte. Havia uma necessidade dos artistas em expressar a natureza dinâmica do movimento. Utilizavam a composição das cores, a fragmentação dos planos e a repetição de elementos para recriar a mudança do tempo e do espaço.

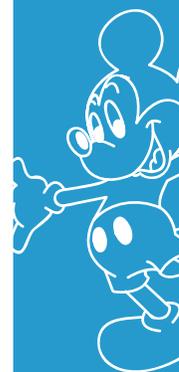
O pintor francês **Marcel Duchamp**, em 1912, retratou em estágios superpostos o movimento de uma figura que se decompõe em formas abstratas. Sua obra *Nu Descendo a Escada* causou grande impacto quando foi exposta em Nova York.



360. Marcel Duchamp. *Nu Descendo a Escada*, 1912.

Surgiu a corrente artística denominada **Futurismo**, tendo como um dos princípios a expressão do próprio movimento.

361. Página à esquerda: Marcel Duchamp. *Nu Descendo a Escada*, 1912 (detalhe).



**Umberto Boccioni**, com sua escultura em bronze *Formas Únicas de Continuidade no Espaço*, e **Giacomo Balla**, com a tela *Automóvel em Alta Velocidade*, são exemplos de artistas que exaltaram o futuro por meio do dinamismo das formas.



362. Umberto Boccioni. *Formas Únicas de Continuidade no Espaço*, 1913.



363. Giacomo Balla. *Automóvel em Alta Velocidade*, 1912.

Os artistas futuristas criaram a ilusão de velocidade, recorrendo ao estilo fragmentado do Cubismo para retratar o movimento mecanizado.

De algum modo, esses artistas expressaram o princípio da representação do movimento, decompondo-o em uma série de imagens fixas para recuperá-lo em suas obras.

*O pintor tinha a obrigação de reagir à câmara e à industrialização e o dever de questionar a própria natureza da arte.*

**Frank Wynne**

O mundo em movimento foi o que a “caixa mágica” dos irmãos Lumière conseguiu fazer: captar a realidade, estabelecendo um diálogo com a fantasia, levando a vida para a tela.

A impressão da realidade talvez tenha sido o motivo do grande sucesso do cinema.

A ilusão durava o tempo da projeção, como um sonho.

O cinema foi fruto de descobertas tecnológicas e a expressão que mais caracterizou, no campo artístico, a forma de produção industrial em série voltada para o consumo de massa.

#### **UMBERTO BOCCIONI e GIACOMO BALLA**

(Reggio Calabria, 1882 – Verona, 1916) e (Turim, 1871 – Roma, 1958)

Pintores e escultores italianos, contribuíram com ideias e práticas para formular uma estética futurista, baseada no contraste de linhas de força e na interseção de planos. A escultura de Boccioni busca captar visualmente o movimento multidirecional ao representar a extensão dos objetos no espaço real. A pintura de Balla procura evidenciar a forma através da representação de luz e movimento, a partir de pesquisas técnicas sobre a decomposição da cor e da luz.

Apesar de suas origens como uma espécie de entretenimento popular, há muito que o cinema, graças a uma mistura de avanço tecnológico, divulgação para as massas, industrialização e criatividade humana, tinha amadurecido e se tornado a sétima arte.

Christopher Frayling

Desde os primeiros filmes mudos e em preto e branco, passando pelo filme sonoro e colorido, até os inusitados efeitos especiais e os recursos em terceira dimensão da atualidade, a transformação cinematográfica não afetou a essência do cinema como arte.

Ainda hoje, as plateias se emocionam com *Tempos Modernos* e a atuação inigualável de Charles Chaplin, envolvem-se com *Cantando na Chuva* e a dança contagiante de Gene Kelly, surpreendem-se com os efeitos especiais de *300* e a metamorfose de Rodrigo Santoro.



364. Fotografia *Tempos Modernos*, dirigido por Charles Chaplin, 1936.



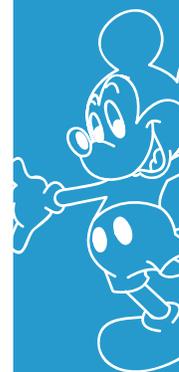
365. Cartaz do filme *Cantando na Chuva*, dirigido por Stanley Donen e Gene Kelly, 1952.



366. Cartaz do filme *300*, dirigido por Zack Snyder, 2006.

### SÉTIMA ARTE

Denominação dada ao cinema, em 1912, pelo italiano Ricciotto Canudo em sua obra *Manifesto das Sete Artes e Estética da Sétima Arte*. O cinema é considerado a sétima arte porque integra elementos básicos de outras artes: música (som), dança/coreografia (movimento), pintura (cor), escultura (volume), teatro (representação) e literatura (palavra).





Os primeiros filmes eram mudos, característica que lhes dava universalidade e maior teatralidade. Necessitavam, por vezes, de legendas para estabelecer uma melhor comunicação com os espectadores. A exibição era quase sempre acompanhada pelo som ao vivo de um piano, com músicas e efeitos sonoros escolhidos pelo próprio pianista.

Muitos filmes mudos atingiram qualidade técnica e sensibilidade artística que, mesmo na atualidade, continuam sendo reconhecidas.

Em 1912, iniciou-se a indústria cinematográfica, que produziu grandes clássicos, com atores como Charles Chaplin, Buster Keaton e Harold Lloyd, trio de comediantes inesquecíveis do cinema mudo.

Charles Chaplin criou o personagem Carlitos, que, por meio da pantomima, transmitia uma dignidade sem par com sua figura simplória, da qual o chapéu-coco e a bengala eram a marca registrada e imortalizada nos filmes da época.



367. Charlie Chaplin em um retrato de estúdio para o *O Vagabundo*, de 1915.

Chaplin foi uma das figuras mais marcantes do cinema mudo, atuando em filmes de sucesso, como *O Garoto*, *Luzes da Cidade*, *Em Busca do Ouro* e *O Circo*, que lhe deu um Oscar, em 1929.

*O Grande Ditador* foi seu primeiro filme falado, um clássico que recebeu numerosas premiações.



368. Fotograma do filme *O Garoto*, dirigido por Charles Chaplin, 1921.

Em 1972, Charles Chaplin conquistou um Oscar especial pelo conjunto de sua obra, em meio a uma das maiores aclamações de um público presente à premiação.

*Mais do que máquinas, precisamos de humanidade, mais do que inteligência, precisamos de afeição e doçura.*

Trecho do discurso do filme *O Grande Ditador* / Charles Chaplin

Durante três décadas, o cinema mudo encantou as plateias, mesmo sem a magia sonora. Na América, mais voltado para a diversão, com suas comédias e melodramas. Na Europa, apresentando uma linha mais elitista e conceitual, trazendo para o cinema movimentos revolucionários, como o Cubismo, o **Surrealismo** e o Expressionismo. As ideias relacionadas a essas correntes estéticas inovaram formas de representação cinematográfica.

### SURREALISMO

Movimento literário, intelectual e artístico que começou em Paris em 1924 a partir da insatisfação com valores sociais e artísticos tradicionais. Influenciado pela psicologia de Sigmund Freud e liderado por André Breton, baseou-se no interesse pelos sonhos e na noção de inconsciente. Imagens em pintura, colagem ou fotomontagem retratam objetos banais em contextos absurdos, de modo a provocar o espectador, levando-o a reagir fora da expectativa habitual.

369. Página à direita: Retrato de Buster Keaton.



Constituiu-se uma nova estética, autônoma, procurando um caminho próprio, que sendo, ao mesmo tempo, sofisticada e popular conseguiria representar o imaginário do seu tempo.

E surgiu o som...

Os primeiros filmes sonoros causaram grandes dificuldades para cineastas e atores da época. A necessidade de adaptações técnicas e, principalmente, humanas fez com que o avanço tecnológico representado pela chegada do som provocasse um retrocesso na qualidade estética da produção cinematográfica. Recentemente, o premiado filme *O Artista* mostrou a mudança do cinema mudo para o sonoro e a difícil adaptação dos atores e dos recursos técnicos à nova modalidade.

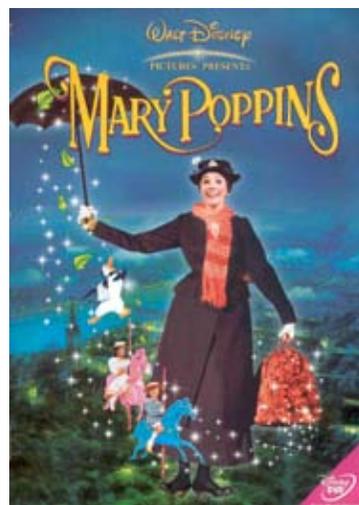


370. Cartaz do filme *O Artista*, dirigido por Michel Hazanavicius, 2011.

Esse filme retomou o momento de transição, apresentando aspectos da arte cinematográfica e dos atores da época, trazendo essa memória histórica para as plateias de hoje.

À proporção que os grandes estúdios se adaptaram à nova realidade, descobriram formas de explorar o som. Entre elas, os filmes musicais, que alcançariam grande popularidade e que levaram os estúdios a fazer investimentos em produtores musicais, orquestras, compositores e atores que dançavam e cantavam.

Esses novos profissionais trouxeram a possibilidade de, até hoje, conhecermos outras épocas e lugares cantando e dançando com *A Noviça Rebelde*, voando com *Mary Poppins*, entrando na tela e vivendo as emoções dos personagens em *Cinema Paradiso* e *A Rosa Púrpura do Cairo*.



371. Cartaz do filme *Mary Poppins*, dirigido por Robert Stevenson, 1964.



372. Cartaz do filme *Cinema Paradiso*, dirigido por Giuseppe Tornatore, 1988.

O cinema falado se solidificou, conferindo maior qualidade, dramaticidade e naturalismo às suas cenas. Desse modo, continuamos viajando por épocas e lugares diferentes, conhecendo personalidades importantes, no espaço e no tempo que dura a projeção de um filme como *Uma Noite em Paris*.

*O cinema é uma maravilhosa máquina do tempo.*

**Bernardo Bertolucci**

A primeira sessão de cinema no Brasil foi realizada em 8 de junho de 1896, com grande expressão na sociedade.

*Inaugurou-se ontem, às duas horas da tarde, em uma sala da Rua do Ouvidor, número 57, um aparelho que projeta sobre uma tela diversos espetáculos e cenas animadas por meio de uma série enorme de fotografias (...) Cremos ser este o mesmo aparelho a que se dá o nome de cinematógrafo. (...) entrando em função o aparelho, a cena anima-se e as figuras movem-se.*

**Carlos Roberto de Souza**

O Rio de Janeiro se modernizou, e o cinematógrafo passou a fazer parte da vida da cidade, saudado por cronistas da época, como João do Rio, afirmando que o país havia entrado na “idade do cinema”.

Os salões e teatros se abriram para exibições de cinema, e, no início do século XX, foram inauguradas as primeiras salas especiais de projeção.

Em 1925, o empresário Francisco Serrador idealizou a Cinelândia, no Centro da cidade do Rio de Janeiro, reunindo os cinemas Capitolio, Glória, Odeon e Império.

O local tornou-se um ícone carioca, reunindo a população nos mais diferenciados tipos de manifestações culturais e políticas.



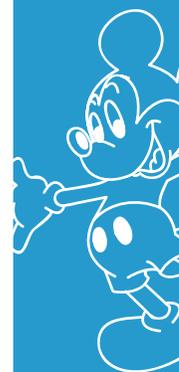
373. Cinelândia, 1956/57.

Os primeiros filmes brasileiros foram produzidos por cinegrafistas muitas vezes ligados à prática da fotografia. É o caso dos **irmãos Ferrez**, que filmaram, em 1908, a primeira comédia nacional, *Nhô Anastácio Chegou de Viagem*. Nessa época, óperas e operetas tiveram versão para o cinema, como *O Guarani*, de Carlos Gomes.

Na década de 1930, a ida do cineasta Humberto Mauro para o Instituto Nacional iniciou a produção de vários curtas e médias-metragens.

#### **IRMÃOS FERREZ**

Filhos do fotógrafo Marc Ferrez, Julio e Luciano Ferrez vendiam equipamentos e filmes. Julio foi um dos principais operadores de câmera do início de nosso cinema. Proprietários do Cinema Pathé, no Rio de Janeiro, inaugurado em 1907, produziram o filme *Nhô Anastácio Chegou de Viagem* (1908), a primeira comédia brasileira. A família Ferrez teve grande importância para nosso cinema, dominando parte do circuito exibidor constituído pelos cinemas Pathé, Palace, Paratodos e Mauá.



O cinema brasileiro alcançou grande popularidade a partir da década de 1940, com as produtoras **Atlântida e Vera Cruz**. A primeira, com suas comédias musicais e “chanchadas”; a segunda, que procurou dar padrão internacional a filmes que fizeram sucesso, como *Floradas na Serra* e *Tico-Tico no Fubá*.

*Eu que pego o bonde 12 de Ipanema  
Pra ver Oscarito e o Grande Otelo no cinema  
Domingo no Rian  
Me deixa eu querer mais, mais paz...*

**Rio Antigo / Chico Anysio e Nonato Buzar**

E o que acontecia com as outras linguagens da arte?

A partir do final da primeira metade do século XX, o cenário artístico brasileiro ficou marcado por acontecimentos importantes.

O Museu de Arte de São Paulo (Masp), projetado por Lina Bo Bardi, foi fundado em 1947, e lá foram realizadas as primeiras



374. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp).

exposições de fotografia como forma de expressão artística e a 1ª Bienal Internacional de São Paulo, colocando o país no circuito das mostras de arte mundiais e dos acontecimentos de vanguarda.

Alguns anos depois, em 1958, aconteceu a inauguração do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em um magnífico prédio projetado por Affonso Eduardo Reidy, tendo ao seu redor os jardins do paisagista Roberto Burle Marx.



375. Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

A arte brasileira passou por grandes transformações, e, embora coexistissem diversas formas expressivas, os artistas procuravam novos caminhos experimentais, adequando-se às necessidades do país, que se abria para a expansão industrial.

A música popular brasileira alcançou grande sucesso; o teatro e o cinema procuraram novos caminhos.

A arquitetura ganhou prestígio com a construção de Brasília, e o Abstracionismo tomou lugar de destaque na escultura de Bruno Giorgi. O artista apresentou uma nova dinâmica no espaço, em um jogo de cheios e vazios, integrando a escultura à arquitetura moderna.

#### **ATLÂNTIDA E VERA CRUZ**

*A Atlântida Cinematográfica foi fundada em 1941 e ficou conhecida pelas famosas chanchadas ou comédias populares. Moleque Tião, Matar ou Correr e O Homem do Sputnik são algumas de suas produções. A Cinematográfica Vera Cruz Ltda., fundada em 1949, produziu e coproduziu mais de 40 filmes de longa-metragem, como Caiçara, Tico-Tico no Fubá e O Cangaceiro, além de alguns documentários.*



376. Bruno Giorgi. *Meteoro*, 1967/8.

O experimentalismo também chegou à literatura, marcando o romance nacional, com destaque na obra de Guimarães Rosa, na poesia de João Cabral de Melo Neto e na irreverência de Clarice Lispector, ao lado de muitos expoentes das letras.

*Vou experimentar tudo o que possa,  
não quero me ausentar do mundo...*

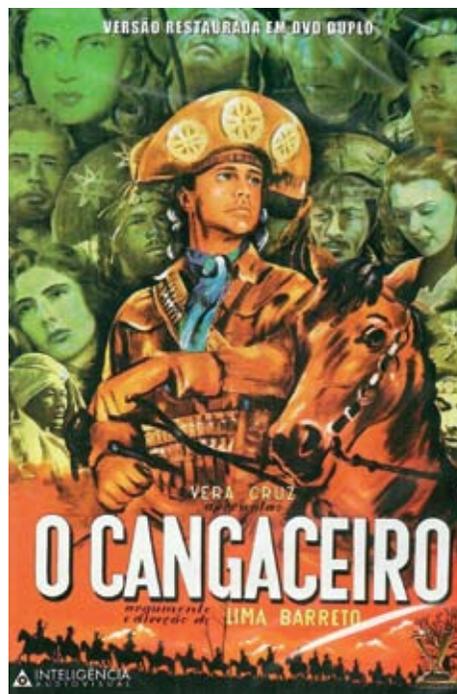
**Clarice Lispector**

O som da música de grandes cantores, compositores e instrumentistas apontou para uma renovação musical em conjunção com as novas tecnologias.

A transformação na música, os questionamentos formais nas artes plásticas e na literatura, as mudanças tecnológicas com o cinema e o rádio repercutiram no teatro, no qual a renovação começou a acontecer nos anos 1940, com a peça *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues, que revolucionaria a dramaturgia nacional.

E o cinema brasileiro? Encontrou seu caminho?

A indústria cinematográfica sofreu com os altos e baixos das produções, a falta de apoio do governo e a concorrência dos filmes estrangeiros.



377. Cartaz do filme *O Cangaceiro*, dirigido por Lima Barreto, 1953.

### **BRUNO GIORGI**

(Mococa, SP, 1905 – Rio de Janeiro, 1993)

Escultor e pintor brasileiro, desenvolveu parte de sua obra afinado com a estética modernista na busca de uma identidade brasileira. Após estudar arte na Europa, voltou a São Paulo em 1939, onde conviveu com expoentes do Modernismo e participou de grupos de artistas. Entre os anos 1940 e 1960, realizou obras para espaços públicos importantes, como Monumento à Juventude Brasileira (1947), no Palácio Capanema, no Rio de Janeiro, e Candanos (1960), na Praça dos Três Poderes, em Brasília.



Desde os filmes *O Cangaceiro*, de Lima Barreto, premiado em Cannes em 1953 como melhor filme de aventuras, e *Rio 40 Graus*, de Nelson Pereira dos Santos, em 1955, inaugurou-se um novo ciclo do cinema nacional, com temática popular e denúncia social.

Em 1954, a produtora Vera Cruz encerrava uma fase de importância histórica para o cinema nacional e um grupo de jovens cinéfilos defendia a criação de filmes vinculados à realidade brasileira, que traduzissem criticamente a história do país.

De toda essa inquietação, surgiu o Cinema Novo. Cineastas como **Glauber Rocha**, Cacá Diegues e Paulo César Saraceni faziam parte do grupo, que apostava em outro formato e outro discurso para os filmes nacionais.

*Nossa geração tem consciência: sabe o que deseja. Queremos fazer filmes anti-industriais; queremos fazer filmes de autor, quando o cineasta passa a ser um artista comprometido com os grandes problemas do seu tempo.*

**Glauber Rocha**

Focalizando questões sociais, mudou a produção cinematográfica brasileira, e o cineasta ganhou legitimidade. As premiações obtidas em vários festivais internacionais contribuíram para o prestígio do Cinema Novo.

#### **GLAUBER ROCHA**

*(Vitória da Conquista, BA, 1939 – Rio de Janeiro, 1981)*

*Diretor de cinema, destacou-se na produção cultural brasileira pela realização de filmes e pela reflexão sobre nosso cinema. Reconheceu em certos filmes da passagem dos anos 1950 para os anos 1960 uma nova forma de fazer cinema – o Cinema Novo, do qual foi um dos principais representantes. Em oposição a grandes produções cinematográficas, propôs renovação estética com “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça” a partir de foco sobre nossas próprias questões sociais e culturais.*

*O cinema brasileiro deixou de ser uma crônica da sociedade brasileira, deixou de ser um estereótipo, um pastiche, e passou a adotar uma visão antropológica do homem brasileiro, da própria cultura brasileira.*

**Cacá Diegues**

Mas a produção cinematográfica não se esgotou nas propostas do Cinema Novo, e surgiram outras tendências para conquistar o mercado brasileiro.

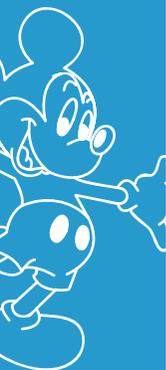
No final do século XX, o cinema se solidificou com diversidade de produções, conquistando o mercado nacional e internacional. Importantes cineastas levaram o nome do Brasil aos principais festivais de cinema mundiais.



378. Cena do filme *Central do Brasil*, dirigido por Walter Salles, 1998.

*O Quatrilho* (1995), de Fábio Barreto, foi indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro, e *Central do Brasil* (1998), de Walter Salles, premiado como melhor filme no Festival de Berlim, juntamente com a protagonista Fernanda Montenegro, premiada como melhor atriz.

379. Página à esquerda: Foto de cena do filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, dirigido por Glauber Rocha, 1964.



Assim, sucederam-se tempos de grande euforia criativa, períodos de concessões, épocas de recessões e lutas por novos ideais, em um eterno renascer, movido por pessoas que acreditam no poder de transformação da arte.

*No fascínio pelo cinema, a presença de uma disposição moderna, de um olhar atento à informação nova. Traços de uma geração que surgia na esteira de 64 e que procuraria dar um passo à frente em relação aos pressupostos da produção cultural nacionalista e engajada.*

**Heloísa Buarque de Hollanda**

Como todos os movimentos artísticos que caracterizam a história da arte, também o cinema reflete os momentos sociais, econômicos e políticos de sua época. E ele, como nenhuma outra forma de arte, foi o que mais rompeu fronteiras, tornando-se universal em um pequeno espaço de tempo.

Em menos de um século, o cinema venceu caminhos de maneira tão rápida quanto a velocidade que expressa, transformando-se e, chegando à contemporaneidade, surpreendendo com suas infindáveis renovações tecnológicas, mas trazendo ainda as marcas de sua origem.

*O cinema não tem fronteiras nem limites. É um fluxo constante de sonho.*

**Orson Welles**

## Conhecimentos em arte

- A apreciação artística e estética de imagens.
- As mudanças na arte com o advento da fotografia.
- A fotografia como registro e recurso na arte e na ciência.
- A decomposição e recomposição da forma na obra de arte.
- A pesquisa da figura em movimento e o advento do cinema.
- A produção cinematográfica em diferentes épocas.
- O uso dos recursos tecnológicos na manipulação e na edição de imagens.

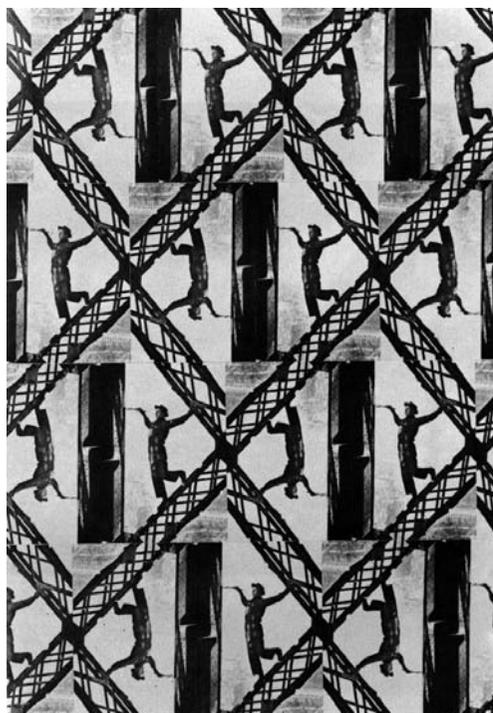
## ARTiculando em sala de aula

Professor(a), com base no texto lido, sugerimos algumas atividades para propor aos alunos:

- Pesquisar, em grupo, a evolução da máquina fotográfica: do lambe-lambe à máquina digital. Construir uma máquina fotográfica, utilizando materiais diversificados, contidos em um “envelope surpresa”, preparado e distribuído aos alunos. Apresentar o trabalho do grupo para os colegas da turma, explicando o funcionamento e destacando as vantagens do invento. Expor a máquina com as outras criadas pelos diferentes grupos.
- Selecionar imagens fotográficas de diferentes épocas, destacando fotos que ficaram famosas (Einstein mostrando sua língua, os Beatles atravessando a rua, o beijo na Times Square e outras).

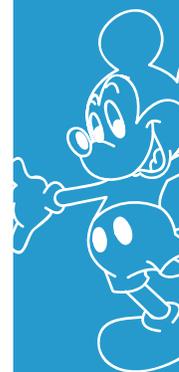
Analisar as fotos, percebendo detalhes, enquadramentos e a qualidade das imagens obtidas pelos fotógrafos. Reunir todas as reproduções trazidas pela turma e montar o painel Memória das Gerações.

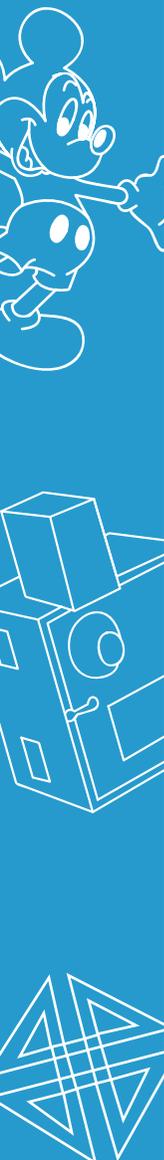
- Observar, através de um visor (rolo de papel, janelinha de cartolina ou a própria mão fechada em forma de tubo), detalhes de imagens interessantes encontradas em revistas. Escolher um detalhe de uma das imagens e reproduzi-lo, em uma folha de papel, pintando com as mesmas cores do desenho original. Trocar os desenhos com os colegas, para que sejam identificados com as imagens originais.
- Escolher, em duplas, uma reprodução de obra de arte figurativa. Imitar a pose do personagem do quadro, para que o colega tire uma foto com máquina digital. Se possível, improvisar a indumentária e o arranjo cênico para ficar o mais idêntico possível à obra. Trocar de posição, fotografando o colega. Observar as fotos no computador, avaliando as que mais se assemelharam com a obra famosa.
- Observar a decomposição e a recomposição de imagens nas fotomontagens de Jorge de Lima e nos cartemas de Aloísio Guimarães. Criar uma colagem inusitada com imagens recortadas de revistas. Tirar pedaços, colocar outros, de modo que as formas fiquem bem encaixadas. Brincar e experimentar as soluções possíveis. Colar os recortes em uma folha de papel, fazendo os “transplantes” nas imagens com precisão, colorindo as emendas e desenhando os detalhes que achar necessários. Observar e avaliar os trabalhos realizados pela turma.



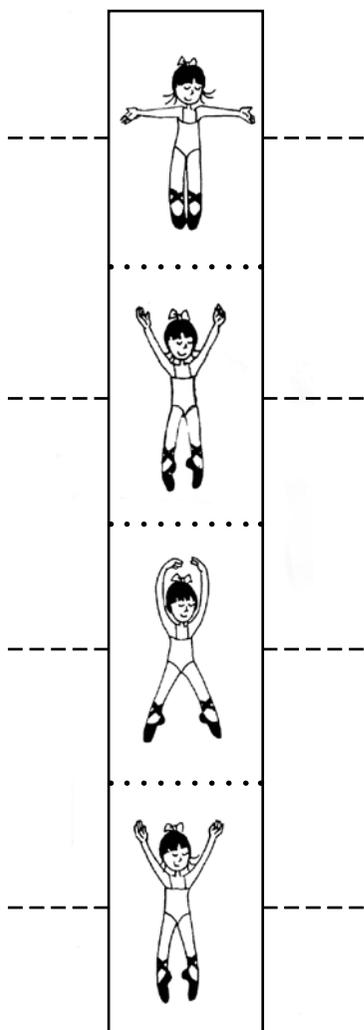
380. Aloísio Magalhães. *Cartema*.

- Fazer uma composição alongada com dois cartões-postais iguais. Dividir os cartões no mesmo número de partes, em tamanhos idênticos, numerando os pedaços no verso. Organizar uma composição única, juntando as tiras iguais dos dois cartões, colando e unindo todos os pedaços, até completar uma única imagem alongada. Avaliar as etapas e a finalização do trabalho.
- Criar uma história, em grupo, com uma sequência de seis quadros desenhados em folhas de papel ofício. Unir os quadros formando uma tira contínua, um “filme”. Fazer um cineminha com uma caixa de papelão na qual tenham sido feitos furos, para passar dois pauzinhos como os de churrasco. Colar o início da tira de quadros em um dos pauzinhos, enrolar o “filme” e colar a ponta final no outro pauzinho. Encaixar os pauzinhos nos furos da caixa. Passar a história, contando-a para os colegas como se fosse um cineminha.





- Que tal fazer um desenho animado? Atualmente, existem muitas técnicas para dar movimento aos desenhos, desde as mais artesanais até a utilização de programas de animação computacionais. Um recurso simples é movimentar rapidamente os desenhos como no cinemascópio. É muito fácil confeccionar, basta seguir estas etapas: reproduzir uma tira, como a apresentada no modelo, criando seu próprio desenho; recortar e dobrar a tira nas marcações indicadas, formando uma estrela de quatro pontas. Para dar movimento ao desenho, colar um eixo no centro (pauzinho de churrasco, carga de caneta ou algo similar); em seguida, girar rapidamente, pegando pelas extremidades do eixo, e ver o que acontece com o desenho.



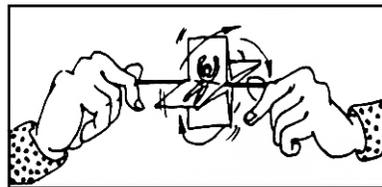
## Para visitar

**Museu da Imagem e do Som** – Primeiro museu audiovisual do país, reúne valioso acervo de filmes, vídeos, partituras, fotos, gravuras, instrumentos musicais, rádios e vitrolas, além de várias coleções de importantes artistas nacionais.  
*Endereço: Praça Rui Barbosa, 1, Centro.*  
*Tel.: (21) 2224-8461.*

**Ateliê da Imagem** – Escola que oferece cursos livres e *workshops* de fotografia, artes visuais, vídeo, cinema e mídias digitais.  
*Endereço: Avenida Pasteur, 453, Urca.*  
*Tel.: (21) 2541-3314.*

**Spectaculu Escola Fábrica de Espetáculos** – Organização social sem fins lucrativos que reúne jovens de comunidades da periferia da cidade do Rio de Janeiro em uma escola de arte que oferece atividades gratuitas ligadas à área da imagem e da tecnologia.  
*Endereço: Avenida Rodrigues Alves, 847, Centro.*  
*Tel.: (21) 2223-2976.*

- Dobrar para baixo
- ..... Dobrar para cima
- \_\_\_\_\_ Recortar



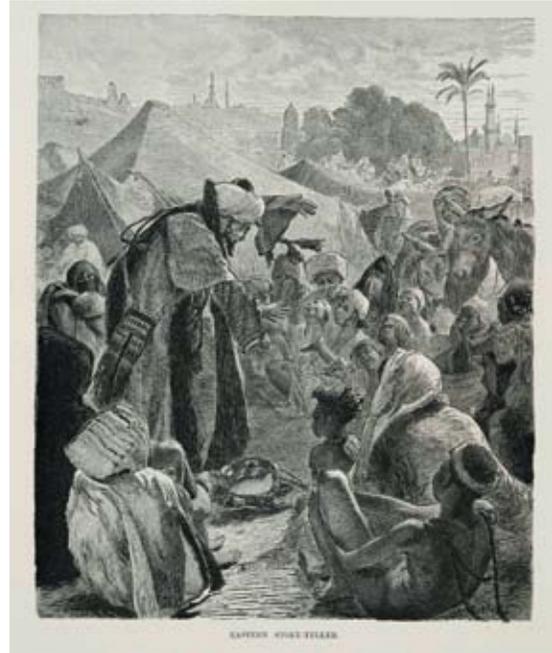


# Tempo de novas mídias

## Rede de comunicações

*(...) vivemos hoje em dia uma destas épocas limítrofes na qual toda a antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimento e estilos de regulação social ainda pouco estabilizados.*

Pierre Lévy – *A Escola Entre Mídias/*  
MultiRio, 2011



381. Wilhelm Gentz. *Contador de Histórias Oriental*, 1878.

Existiu um tempo em que a comunicação humana era essencialmente presencial, restrita aos pequenos agrupamentos.

O conhecimento era passado e perpetuado, principalmente, por meio da oralidade, de geração para geração.

O enriquecimento cultural era construído nos encontros e nas trocas entre determinados grupos sociais, reafirmando a necessidade vital de comunicação do ser humano, que se fez presente na história de todas as civilizações.

Através dos séculos, a socialização dos saberes entre os povos se fazia de modo lento e gradativo. O caminho percorrido desde a escrita alfabética fenícia, passando pelo alfabeto árabe, pela tradicional caligrafia chinesa e pelos manuscritos da Idade Média, já configurava o início de uma rede de comunicações, mas ainda tecida muito lentamente.

A grande revolução na forma de comunicação se deu no século XV, com a invenção da prensa, pelo alemão **Johannes Gutenberg**, propiciando, por meio da escrita, a difusão do conhecimento e da informação.

### **GUTENBERG**

(Mainz, c. 1397-1468)

*Johann Gensfleisch zur Laden, conhecido como Johannes Gutenberg, é considerado o criador do processo de impressão com tipos móveis: a tipografia, condição tecnológica que possibilitou o desenvolvimento da imprensa. Cada letra era feita à mão, e cada página era montada juntando-se as letras. No início da década de 1450, Gutenberg iniciou a impressão da Bíblia, que ajudou a torná-lo reconhecido em todo o mundo.*



382. Prensa de Gutenberg.

Além de despertar o interesse pela leitura, a descoberta de Gutenberg permitiu o acesso, por meio da técnica de reprodução, aos textos que documentavam os acontecimentos.

Essa invenção abriu caminhos para uma maior comunicação social, pois a tipografia possibilitou que livros e imagens fossem impressos e o conhecimento pudesse chegar a diferentes lugares do mundo, eliminando fronteiras.

A invasão das letras no universo humano transformou as sociedades da época e continua exercendo poder no mundo atual, mesmo depois que outros meios tecnológicos de comunicação vieram competir com essa descoberta milenar.

*E o homem que contava histórias em volta do fogo metamorfoseou-se, ao longo dos tempos, nos poetas de todas as épocas, nos escritores de todas as pátrias, nos contos de carochinhas de todas as infâncias ou nas reminiscências dos pais que legam suas histórias aos filhos.*

**A Escola Entre Mídias/MultiRio**

O homem mudou a forma de ver e de representar o mundo através das letras e das imagens.

A invenção da câmara escura, no século XVI, foi um importante passo para uma melhor percepção da realidade, auxiliando os artistas plásticos no planejamento de suas obras.



383. Johannes Vermeer. *A Arte da Pintura*, 1666.

Nessa época, pintar era um trabalho artesanal em todo o seu processo de elaboração.

E como seria o ateliê de um artista desse tempo?

O ateliê se assemelhava a um laboratório de pesquisas científicas, com numerosos vidros nos quais eram guardados os pigmentos, os aglutinantes, os solventes.

As cores, em uma gama restrita, eram conseguidas por meio dos pigmentos de origem mineral (terras e rochas) e orgânica (vegetais e animais). Eles passavam por um processo demorado de moagem, depois eram peneirados e misturados com substâncias para se conseguir a tinta.



A cor mais difícil de ser conseguida era o azul, produzido a partir de uma pedra chamada **lâpis-lazúli**, mais valiosa que o ouro.

Por isso, o azul ultramar era usado com restrições, aparecendo prioritariamente nos mantos dos santos, nos detalhes dos altares ou para realçar algum elemento importante na pintura.

Os pincéis eram feitos com pelos de animais, e as telas passavam por um longo processo de preparo.

Nesses ateliês do século XV, existia uma tecnologia manual na qual arte e ciência se interligavam em uma produção que expressava as experiências, o conhecimento e a imaginação do artista.

Leonardo da Vinci integrava, em sua visão de mundo, a ciência e a arte, que, segundo ele, complementavam-se, constituindo a atividade intelectual.

A experiência, aliada ao conhecimento, fazia o artista. Era necessário entender os materiais, os pigmentos, as diluições, as misturas e saber usar a cor com toques do pincel e superposições das cores.

*Para saber da imagem, tem que saber de ponto, de formas, de traços, de manchas, de cores, de matizes, que ela se faz de luz, de luz refratada.*

**Maria Helena Silveira**

#### **LÁPIS-LAZÚLI**

“Lâpis” e “lazúli” são palavras que em latim significam “pedra” e “azul”, respectivamente. Lâpis-lazúli é uma gema que, lapidada e polida, torna-se uma joia azul de brilho vítreo (semelhante ao vidro). Arqueólogos registram seu uso já há 7.000 anos. Na Antiguidade, os egípcios utilizavam-na para ornamentos; na Idade Média e na Renascença, enriqueciam as cores de obras de arte. O lâpis-lazúli sempre esteve associado ao misticismo e à pureza. Atualmente, continua sendo explorado.

#### **JAN VAN EYCK**

(?, c. 1380/90 – Bruges, 1441)

Pintor flamengo, foi logo reconhecido por sua habilidade em criar ilusionismo pictórico. Viajou por vários locais da Europa e pintou muitas encomendas religiosas e retratos de nobres e comerciantes. Seus quadros revelam sistemático estudo do mundo natural e seu grande interesse nos efeitos de luz, que podia ser bem representada graças ao uso da pintura a óleo, que permitiu a sobreposição da tinta em camadas translúcidas.

O pintor flamengo **Jan van Eyck** aprimorou a técnica de misturar os pigmentos em pó com óleo de linhaça, que deu origem à chamada tinta a óleo.

Essa técnica revolucionou a pintura, pois permitia um trabalho com maior luminosidade, minucioso e rico em detalhes, devido à secagem mais lenta da tinta.



385. Jan van Eyck. *Retrato de um Homem*, 1433.

Até então, a tinta em pó era misturada a gema de ovo e água para ganhar consistência, mas secava muito rapidamente e, às vezes, rachava ao endurecer. Esse processo era conhecido como têmpera.

Ao lado da têmpera tradicional, usava-se também a pintura com afresco, aplicada sobre paredes, muros ou tetos. Sua durabilidade devia-se à técnica de revestir a parede com a nata de cal e aplicar o pigmento puro, diluído em água, sobre a superfície úmida.

O afresco, usado desde a Grécia Antiga, se estendeu pelos séculos, utilizado por mestres das artes medieval, renascentista e barroca. Teve seu apogeu no Renascimento, com Michelangelo e o maravilhoso teto da **Capela Sistina**, onde a pintura revela grande intensidade expressiva no vigor das figuras.



386. Michelangelo. *Deus Separa a Terra da Água*, 1508-1512.

Foi também no Renascimento que a pintura de cavalete ganhou impulso com as novas possibilidades trazidas pela tinta a óleo. A partir de então, pelas facilidades oferecidas por essa técnica de pintura e pela difusão mais rápida dos conhecimentos e da comunicação entre os artistas, a pintura a óleo superou a prática do afresco.

Assim como a descoberta da prensa transformou a linguagem escrita, a descoberta da tinta a óleo mudou radicalmente a forma de pintar.

No século XIX, as tintas passaram a ser industrializadas, produzidas em larga escala e vendidas em tubos. Os artistas deixaram de manipular suas próprias fórmulas, que eram, muitas vezes, mantidas secretas, como na época do Renascimento.

Mais tarde, surgiram os pigmentos sintéticos e artificiais, que foram aperfeiçoados para atender às exigências da indústria e dos artistas.



387. Tubos de tinta industrializada.

Por meio das tecnologias, a arte incorporou a ciência, mudando as formas de ver, de registrar e de expressar ideias e imagens.

As cidades cresceram, as descobertas científicas se desenvolveram ainda mais, e o homem passou a acreditar que a ciência era a única fonte verdadeira de aquisição do saber, capaz de solucionar os problemas do mundo.

A arte ficou responsável pelo estímulo das emoções e dos sentimentos, expressando a subjetividade, sendo considerada sem valor na produção de conhecimento.

Arte e ciência voltaram a se interligar?

#### CAPELA SISTINA

Localiza-se no Palácio Apostólico, no Vaticano. Seu nome faz referência ao papa Sisto IV, que, entre os anos de 1477 e 1480, restaurou a Capela Magna, da qual foram utilizados os alicerces para a construção da Capela Sistina. Michelangelo (1475-1564) pintou seu teto durante quatro anos (1508-1512). Entre os afrescos pintados pelo artista, *A Criação do Homem* é o mais famoso. É na Capela Sistina que se realiza o conclave, processo de escolha do novo papa.



Separadas conceitualmente por um longo tempo, arte e ciência voltaram a se reaproximar no final do século XIX, quando se desenvolveram as ciências humanas, cujo objeto de estudo era o homem e, conseqüentemente, suas manifestações simbólicas e artísticas.

Os estudos de **Sigmund Freud**, no início do século XX, investigaram a mente humana, com seus sonhos, seus medos e suas emoções, que acontecem, muitas vezes, independentes da razão e da lógica. Para desvendar os significados dos sonhos, Freud via na arte um dos meios de manifestação do inconsciente, rico de possibilidades para o entendimento da psique humana.

Essas descobertas da Psicanálise influenciaram a arte europeia, que foi além de uma suposta interpretação fiel da realidade, expressando, muitas vezes, situações absurdas e ilógicas.

*O bom artista não deve representar somente o corpo, mas também a alma.*

**Sócrates**

O movimento surrealista concentrou essas ideias nas mãos de escritores e artistas plásticos. Segundo **André Breton**, um dos fundadores do movimento, o Surrealismo podia ser definido como “automatismo psíquico puro, pelo qual buscamos exprimir, por escrito ou de qualquer outra maneira, o funcionamento da mente (...)”.

**Salvador Dalí** foi um artista que se destacou nesse movimento, tratando das questões do inconsciente com meticoloso realismo e técnica apurada, por vezes distorcendo os objetos e colocando-os em paisagens irreais.



388. Salvador Dalí. *A Persistência da Memória*, 1931.

Essas características do artista são evidentes na obra *A Persistência da Memória*, um dos trabalhos mais marcantes em sua trajetória.

### **SIGMUND FREUD**

(Morávia, 1856 – Inglaterra, 1939)

Neurologista e fundador da Psicanálise. Ingressou na Faculdade de Medicina de Viena aos 17 anos e começou seus estudos usando a hipnose em seus pacientes. Insatisfeito com a hipnose, desenvolveu o que é uma das bases da técnica psicanalítica: a livre associação, na qual o paciente fala o que lhe vem à mente para revelar memórias reprimidas. Entre os seus ensaios mais famosos, estão *O Ego e o Id*, *A Interpretação dos Sonhos* e *Três Ensaios sobre a Sexualidade*.

### **ANDRÉ BRETON**

(Tinchebray, 1896 – Paris, 1966)

Médico, poeta, crítico, editor. Mentor do Surrealismo, movimento de vanguarda que trouxe o inconsciente, a fantasia e o sonho para a arte, muito influenciado pela Psicanálise. No Manifesto Surrealista, em 1924, propôs a expressão do “verdadeiro funcionamento do pensamento”, ditado “fora de qualquer controle exercido pela razão” e “de quaisquer preocupações estéticas ou morais”. É autor de *Nadja* (romance), *O Amor Louco* (conto) e *Manifestos do Surrealismo* (ensaios).

### **SALVADOR DALÍ**

(Figueres, 1904-1989)

Pintor, desenhista e escultor espanhol, representou com detalhes mundos fantásticos, como os dos sonhos. Sua mais significativa contribuição à arte do século XX se deu por sua associação com o Surrealismo. Concebeu o “método paranoico-crítico”, que consistia em transmitir conflitos psicológicos profundos por meio de imagens ambíguas, sugestivas de significados ocultos, capazes de desestabilizar o conhecimento que se tinha do mundo supostamente “real”.

389. Página à esquerda: Salvador Dalí. *O Jogo Lúgubre*, 1929.

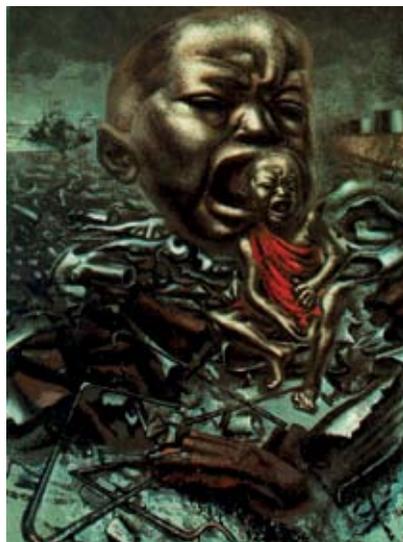
*Ciência e arte são, assim, produtos que expressam as experiências e representações imaginárias de distintas culturas.*

#### Parâmetros Curriculares Nacionais

Arte e ciência podem se complementar ou se influenciar reciprocamente. E, assim, vão tecendo, ao longo do tempo, redes de conhecimento, de visualidades, de certezas e incertezas.

Muitas vezes, antigos conhecimentos se renovam na criação e nas mãos do artista. No século XX, por exemplo, ao lado do consumo e da produção de massa, surgiram novas formas de expressão artística. Mas a pintura mural, praticada por antigas civilizações, também ressurgiu com sua força comunicativa, no México, junto com o movimento revolucionário. Os artistas retornaram a essa forma original de pintar pelo seu apelo visual de grande alcance social e mostraram uma arte nacional e engajada.

Destacaram-se, no Muralismo mexicano, os artistas **Siqueiros**, **Orozco** e Rivera, que buscaram suas fontes de inspiração nas antigas culturas maia e asteca, na arte popular, no folclore mexicano e nas vanguardas europeias, principalmente no Expressionismo.



390. David Alfaro Siqueiros. *Eco de um Grito*, 1937.

A obra de Siqueiros revela seu inconformismo social e exalta a liberdade, aliada à força de figuras realçadas pelo volume e pelo movimento, enquanto a de Orozco é mais histórica, com caráter profundamente expressionista.



391. José Clemente Orozco. *Bombardeiro de Mergulho e Tanque*, 1940.

#### **JOSÉ CLEMENTE OROZCO e DAVID ALFARO SIQUEIROS**

*(Ciudad Guzmán, 1883 – Cidade do México, 1949) e (Cidade do México, 1896 – Cuernavaca, 1974)*

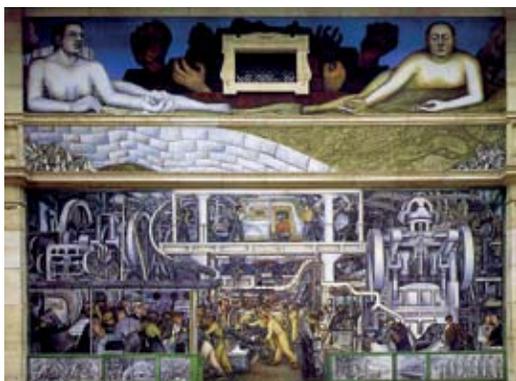
*Pintores e desenhistas mexicanos, participaram, juntamente com Diego Rivera, do Movimento Muralista Mexicano e influenciaram gerações mais novas de artistas muralistas em outras partes do mundo. A força da pintura de Orozco encontra-se nas tensões dinâmicas criadas entre imagens expressionistas e elementos arquitetônicos. Siqueiros sempre alternou entre a atividade artística e a política e desenvolveu novas técnicas de pintura mural.*

392. Página à direita: David Alfaro Siqueiros. *O Povo Pega em Armas*, 1957.



O trabalho de **Diego Rivera** evidencia uma temática nacionalista, relacionando elementos de antigas culturas mexicanas e aspectos do homem da era industrial, das máquinas e das engrenagens.

O povo é protagonista de sua pintura, e não só espectador. Sua obra *A Fábrica de Detroit*, com 27 painéis em afresco, pintados de 1932 a 1933, sintetiza as ideias e preocupações sociais do artista.



393. Diego Rivera. *Indústria de Detroit*, 1932-1933.

A Cidade do México possui numerosos murais em afresco, nos edifícios públicos, com temáticas ligadas à história do país, cujas narrativas exercem uma grande comunicação com o povo, projetando uma ideologia social.

O Muralismo mexicano influenciou artistas brasileiros, entre eles, Candido Portinari, que fez pinturas de grandes dimensões, como as da *Via Crucis*, para a Igreja de São Francisco, na Pampulha, em Belo Horizonte, os painéis de Tiradentes, que estão no Palácio Bandeirantes, em São Paulo, e os murais *Guerra e Paz*, para a ONU, em Nova York. Estes, terminados em 1957, foram os dois últimos e maiores trabalhos realizados por Portinari, que, apesar de sentir os sintomas de uma forte intoxicação pelas tintas, aceitou o imenso desafio.



394. Candido Portinari. *Guerra*, 1952-1956.

395. Candido Portinari. *Paz*, 1952-1956.

#### **DIEGO RIVERA**

(Guanajuato, 1886 – Cidade do México, 1957)

Pintor e desenhista, uma das principais figuras do Movimento Muralista Mexicano dos anos 1920, quando o governo do país encomendou monumentais murais didáticos que representavam a história do México em paredes de prédios públicos. Formado em Paris, onde entrou em contato com a arte moderna, é reconhecido internacionalmente por sua iconografia baseada em ideias socialistas e na herança indígena da cultura mexicana.

*Guerra e Paz representam sem dúvida o melhor trabalho que já fiz (...)  
Dedico-os à humanidade.*

**Portinari**

Essa arte pública sempre teve uma estreita relação com a arquitetura e ocupou muitos espaços urbanos, permitindo que os artistas expressassem suas ideias para além dos ambientes fechados dos museus.

A pintura mural acompanhou a arte do homem, construindo uma rede de conhecimentos que, da Antiguidade até a época contemporânea, estabeleceu uma via de comunicação social.

Na sociedade atual, vemos uma interação crescente entre arte, ciência, tecnologia e indústria.

As novas formas de construção de imagens, trazidas pela fotografia e pelo cinema e nas quais a relação do artista com sua obra é intermediada pela máquina, mudaram a essência significativa da arte e a compreensão estética do mundo.

*A tecnologia não deve se assenhorar do processo criativo, mas sim articular-se a ele, respondendo aos desígnios da própria obra.*

**Luiz Camillo Osorio**

A tecnologia influenciou outras linguagens da arte?

A sociedade mediada pela tecnologia e pelos meios de comunicação de massa transformou a vida, e, conseqüentemente, surgiram novas tendências artísticas. A tecnologia passou a ser mais um recurso técnico utilizado pelos artistas e um meio de difusão das linguagens da arte.

Uma das formas mais abrangentes de comunicação e disseminação cultural é a linguagem oral. Foi através das ondas do rádio que o som, a palavra e a música se propagaram, ampliando a rede de comunicações e possibilitando outras invenções, como o telefone, o fonógrafo, o microfone.

E a voz do homem se fez ouvir na primeira transmissão eletrônica, que foi ao ar em 1906 nos Estados Unidos. Duas décadas depois, com Roquette-Pinto, acontecia o mesmo no Brasil.



396. Rádio (1932).

Aos poucos, o rádio passou a fazer parte da vida das pessoas: nas casas, no comércio, nos carros, nas ruas, em diferentes formatos e tamanhos, tornando-se, assim, um veículo popular de comunicação, lazer e informação, atingindo as regiões mais distantes do país.



Até mesmo as propagandas comerciais, que eram veiculadas nas páginas de jornais e revistas, passaram a ocupar os horários das principais emissoras de rádio, tornando-se uma questão de sobrevivência financeira para elas. Muitos desses comerciais utilizavam o **jingle**, uma forma de propaganda musical que, além de divulgar, conquistava popularidade pela facilidade de memorização do produto, de suas qualidades e sua marca.

Essa forma de expressão cultural fez e faz parte do cotidiano de diferentes gerações. Voltando no tempo, podemos até dizer que os vendedores ambulantes do período colonial, ao lançarem seus pregões para atrair os consumidores, já empregavam elementos fundamentais de comunicação dos *jingles*.



397. Jean-Baptiste Debret. *Vendedoras de Pão de Ló*, 1826.

Na década de 1930, **Antônio Gabriel Nássara** compôs aquele que é considerado o primeiro *jingle* do rádio brasileiro para a Padaria Bragança: “Oh, padeiro desta rua, tenha sempre na lembrança, não me traga outro pão que não seja o pão Bragança...”.

Os *jingles* alcançaram grande sucesso comercial e artístico a partir dos anos 1950, quando compositores famosos criaram **slogans** que marcaram produtos e sua época em rede nacional. O apelo popular dessa ferramenta de propaganda também foi e continua sendo muito utilizado na política, principalmente em períodos eleitorais.

Um dos mais famosos compositores de sambas e marchinhas, que também produziu para esse tipo de música comercial, foi **Miguel Gustavo**. Ele compôs para produtos e para campanhas políticas, como a de JK.

Segundo o pesquisador Ricardo Cravo Albin, seu maior sucesso foi um *jingle* composto para uma cervejaria que patrocinava as transmissões da Copa do Mundo de Futebol em 1970. O *jingle* acabou tornando-se hino da seleção brasileira tricampeã no México e continua na memória coletiva dos brasileiros.

### JINGLE

Termo inglês cujo significado refere-se à música composta para promover uma marca ou um produto. O *jingle* publicitário é criado para cativar o público. Geralmente, é curto e tem letra e melodia simples, para que sejam facilmente memorizadas. O primeiro *jingle* foi feito nos Estados Unidos em 1926. Ademar Casé, em 1932, veiculou o primeiro *jingle* no rádio brasileiro, da Padaria Bragança, composto por Nássara, um dos redatores do Programa Casé.

### NÁSSARA

(Rio de Janeiro, 1910-1996)

Caricaturista, compositor, autor do primeiro *jingle* no Brasil. Criador de sucessos carnavalescos das décadas de 1930 e 1940, ficou conhecido por seu estilo de parodiar. Passou por vários jornais e revistas, como O Globo, O Cruzeiro e Última Hora. No jornal O Pasquim, trabalhou com Jaguar, Ziraldo e Millôr Fernandes. Em 1996, um mês antes de falecer, concluiu sua última obra: 30 desenhos para o livro infantil *Moça Perfumosa, Rapaz Pimpão*, de Daniela Chindler.

### SLOGAN

Slogan é uma frase concisa, marcante, de fácil memorização que enaltece as qualidades de um produto, um serviço ou uma ideia. É um meio eficaz de chamar a atenção para um ou mais aspectos de um produto ou marca, que contribui para superar a visibilidade de seus concorrentes, conquistando um número maior de consumidores. Palavra inglesa, “slogan” vem de “sluagh-ghairm” (pronuncia-se “slogorm”), forma do idioma gaélico-escocês de dizer “grito de guerra”.

### MIGUEL GUSTAVO (MIGUEL GUSTAVO WERNECK DE SOUSA MARTINS)

(Rio de Janeiro, 1922-1972)

Compositor, jornalista, radialista e poeta. Largou os estudos com 19 anos para ser discotecário na Rádio Vera Cruz. Destacou-se como compositor de *jingles* que se tornaram famosos, como o das Casas da Banha e o do Leite Glória. Fez sucesso também como autor de sambas e marchas. Sua composição mais conhecida é Pra Frente, Brasil, de 1970, que se tornou hino do tricampeonato mundial de futebol no México.



398. Seleção Brasileira – Copa de 1970.

*Noventa milhões em ação,  
Pra frente Brasil, do meu coração...*

**Miguel Gustavo**

Ficaram famosos os *jingles* criados por Zé Rodrix, Sá e Guarabira, Renato Teixeira, Gilberto Gil e muitos outros que marcaram a memória do rádio.

*Pipoca na panela  
Começa a arrebentar  
Pipoca com sal  
Que sede que dá (...)  
Quero ver pipoca pular, pular  
Pipoca com guaraná (...)*

**Campanha, Mineiro e Brunetti/DM9**

Atualmente, a publicidade também se vale de canções já conhecidas pelo público para, com base nelas, criar *jingles* que alcançam grande repercussão.

A abertura de outras emissoras de rádio e o desenvolvimento da tecnologia da produção de discos propiciaram a propagação da música popular brasileira. Os ritmos regionais, o samba-canção e as músicas instrumentais passaram a viver influências mútuas e a conviver com expressões musicais internacionais – o bolero, o jazz, o rock.

A música divulgada pelo rádio alcançou grande sucesso, e seus intérpretes tornaram-se ídolos populares: de Francisco Alves a Roberto Carlos, de Marlene e Emilinha Borba a Gal Costa e Maria Bethânia, dos Beatles ao Barão Vermelho, e muitos outros.



399. Os Beatles em sua chegada a Nova York em 1964.



400. Capa do álbum *Barão Vermelho*.



É verdade, porém, que certas tendências musicais foram direcionadas por algumas emissoras que, até hoje, influem no sucesso alcançado por determinadas composições e constroem ícones que se firmam no gosto popular. Assim, a mídia radiofônica, no mundo contemporâneo, segue construindo sucessos e incorporando ritmos da cultura de massa, como o pagode, o axé, o rap, o funk, reforçando determinados sons em um mosaico de expressões musicais variadas.

Cabe ressaltar ainda que, por meio das notícias e das novelas veiculadas pelo rádio, a criatividade ganhou formas próprias e individuais no imaginário do povo. Para cada interpretação da voz de um locutor ou de um ator, eram construídas pelos ouvintes numerosas faces diferentes. O sentido da audição era privilegiado, e as imagens, deixadas por conta dos ouvintes.

Em uma época em que a tecnologia da imagem já ganhava espaço com a fotografia e o cinema, o rádio conseguiu marcar seu território, pois tinha a possibilidade de penetrar, mais facilmente, em todos os lugares. Ele construiu e mantém sua popularidade em diferentes classes sociais, sendo hoje um meio de comunicação em que o público ouve, mas também se faz ouvir, por meio dos serviços oferecidos e das redes interativas.

*É fundamental, contudo, partirmos de que o homem é um ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo.*

Paulo Freire

#### GEORGES SEURAT e PONTILHISMO

(Paris, 1859-1891)

Pintor e desenhista francês. Insatisfeito com a espontaneidade impressionista, voltou-se para pesquisas científicas no campo da óptica e da cor para desenvolver método próprio de pintura que ele chamou de *Divisionismo* (ou *Pontilhismo*). Líder do *Neoimpressionismo*, colocava na tela pequenos pontos de tinta, em vez de misturá-los na paleta. Quando vistos a distância, esses pontos fundiam-se em áreas de cores sólidas, produzindo pulsação de luz sobre a tela.

## Criação e tecnologia

*Quando o conhecido e o desconhecido, certo e incerto, definido e indefinido se agregam e congregam, a mente se solta.*

Jean-Pierre Le Grand

Integrando eletricidade, fotografia, cinematografia e radiofonia, a atração emanada de um aparelho de televisão veio competir com o mistério do rádio. A televisão representou a conquista da transmissão simultânea da imagem e do som, em tempo real.

A transmissão de imagens a distância já vinha sendo pesquisada por matemáticos e físicos desde o século XIX.

É interessante observar que a luz e o processo de análise e decomposição de imagens não eram só objetos de estudo dos cientistas, mas também dos artistas da época.

O Impressionismo teve como centro de interesse o movimento transitório da luz durante o dia, e o **Pontilhismo**, sobretudo com **Seurat**,



401. Georges Seurat. *Banhistas em Asnières*, 1883-1884.



Seurat

analisou a luz e a cor por meio da técnica de pintura, utilizando pequenos pontos de cor pura, bem próximos, que se fundiam quando vistos a distância.

Mas, para a transmissão de imagens a distância, não eram suficientes o olho e a mão do artista, e foi necessária a invenção de uma máquina que, só no século XX, as ciências exatas entregaram às ciências humanas: a televisão.

Esse poderoso meio de comunicação foi uma das maiores conquistas da ciência moderna e, em poucos anos de existência, passou a ser o maior veículo de entretenimento e de informação, mostrando sua forte influência e poder em todo o mundo.



403. Aparelho de TV (1955).

As possibilidades comunicativas da TV vão muito além do entretenimento e envolvem questões sociais, econômicas e culturais da modernidade. Ela agrega elementos das mais diversas linguagens da comunicação e da arte, tais como jornalismo, literatura, teatro, cinema, fotografia, vídeo, música e dança, que chegam às pessoas transmitindo ideias e ideais.

Em 1950, aconteceu a primeira apresentação de televisão no Brasil, com a TV Tupi de São Paulo.

*Senhoras e senhores telespectadores, boa noite. A PRF3TV – Emissora Associada de São Paulo orgulhosamente apresenta, neste momento, o primeiro programa de televisão da América Latina.*

**Abertura da transmissão da TV Tupi de São Paulo, apresentada pela atriz Yara Lins**

Nos anos iniciais, eram poucos os aparelhos televisivos, e a população disputava um espaço para assistir aos primeiros programas produzidos pela TV brasileira. Eram transmissões ao vivo, pois não havia ainda o videoteipe.

Assim, a imaginação e a capacidade de improvisar eram qualidades indispensáveis aos artistas da época, fossem eles atores, cantores, músicos, jornalistas, apresentadores, bailarinos, “garotas-propaganda”, além de outros profissionais por trás das câmeras, viabilizando as melhores imagens na “telinha”.



404. Garota-propaganda na TV Piratini. Comercial ao vivo de lavar roupa.

A televisão oferecia espaço e oportunidades a todas as linguagens da arte e, com sua tecnologia, estendeu uma rede de comunicação por grande parte do território nacional, exercendo papel importante na vida social, cultural e política do país.

Nos anos seguintes, surgiram outras emisoras, entre elas, a Rede Globo, com recursos tecnológicos sofisticados, tornando-se um centro de geração de imagens, com numerosas afiliadas por todo o Brasil.

O brasileiro, através da TV, conheceu imagens de seu país e do mundo, possibilitadas por uma tecnologia que, a cada dia, ganhava mais espaço nos lares das mais distantes cidades.



405. O astronauta Buzz Aldrin, piloto do módulo lunar, caminha sobre a superfície da Lua. Fotografado por Neil A. Armstrong (20/7/1969).

As imagens propagadas na tela têm, muitas vezes, mais força do que as imagens do mundo real.

O filme *Bye, Bye Brazil* (1979), de **Cacá Diegues**, mostra o poder da televisão gerando problemas de natureza cultural. Indica, em sua trama, uma preocupação pela crescente influência manipuladora da imaginação e dos sentimentos das pessoas exercida, muitas vezes, por algumas emisoras.

#### **CACÁ DIEGUES**

(Maceió, 1940)

Carlos José Fontes Diegues, diretor de cinema. Um dos principais nomes do Cinema Novo, movimento cinematográfico brasileiro reconhecido internacionalmente que buscava retratar a realidade social do país. Alguns dos seus filmes são: *Cinco Vezes Favela* (1961), *Quando o Carnaval Chegar* (1973), *Bye, Bye Brazil* (1983), *Tieta do Agreste* (1996) e *Orfeu* (1999). Defende a participação do cinema nas discussões sociais e a liberdade de opinião expressa na obra de arte.



406. Cartaz do filme *Bye, Bye Brazil*, 1979.

A televisão ocupa um lugar de destaque na vida contemporânea, pois a linguagem utilizada, com sofisticadas técnicas narrativas e visuais, cada dia mais avançadas, atrai e pode ser vista por milhares de telespectadores.

*O destino de toda figura enquadrada na tela do tubo de imagens é terminar dissolvida na trama de retículas, devolvida à condição de linha e de ponto sobre uma superfície, como a chuva de elétrons que é construída.*

**Arlindo Machado**

Quem dividiu mais a imagem: os impressionistas, a televisão ou o computador?

As imagens geradas pelo computador não são resultado da pintura de um artista, nem do clique da máquina fotográfica, nem de

uma filmagem feita para o cinema ou a televisão. Seu suporte de formas é um programa. O computador permitiu o acesso ao menor ponto de uma imagem (o *pixel*) e o ordenamento desse mosaico eletrônico por meio do cálculo automático.

Aparelhos imensos para acessar os menores pontos...

Foi uma longa caminhada, mas os computadores gigantes de até 24 toneladas passaram por transformações conceituais e físicas que lhes permitiram ganhar um lugar em nossas casas, com os micros e todos os seus descendentes.



407. Pesquisadores utilizam computadores Univac no início dos anos 1950.

Assim, eles deixaram de ser equipamentos com finalidades apenas comerciais para se tornarem uma tecnologia da comunicação e também da arte, a chamada arte digital.

Atualmente, uma pessoa pode ouvir música, escrever textos, selecionar imagens, receber mensagens, postar fotos usando apenas uma máquina. Todos os recursos estão lá, nesse potente equipamento que ousadamente consegue integrar a fotografia, o cinema, a televisão e o som.



408. Tablet.

A possibilidade de utilização dessas mídias, de maneira rápida e integrada, facilitou a criação dos artistas produtores de imagens, que hoje, através da comunicação em rede, exploram novas possibilidades estéticas e expressivas.

Seria interessante imaginarmos uma visita de artistas plásticos de outras épocas a este desconcertante e fascinante mundo da tecnologia virtual.

*Leonardo da Vinci captaria e transformaria imagens por circuitos lógico-digitais. Seurat ficaria recriando formas com suas unidades matemáticas em infinitas variáveis. Mondrian se perderia, talvez, em ambientes com tramas geométricas de estruturas binárias. Bosch percorreria mundos de colagens eletrônicas. Escher criaria armadilhas em espaços ambíguos de variáveis. Picasso e Braque imaginariam a simultaneidade de diversos pontos de vista em processos de animação. Marcel Duchamp jogaria, tranquilamente, seu xadrez via internet, num chat, dizendo: “A arte nunca esteve tão próxima da vida”.*

Adaptado de DOMINGUES, Diana. *A Arte no Século XXI: Introdução à Humanização das Tecnologias pela Arte*. São Paulo: Unesp, 1997.

#### **TABLET**

Tablet é um dispositivo eletrônico móvel em forma de prancheta que, por meio de aplicativos, pode realizar as mesmas tarefas que um PC. É possível navegar na internet, editar documentos, rodar jogos, comunicar-se por sistemas de mensagens instantâneas, realizar videoconferências, explorar mapas, etc. A diferença é que, em vez de usar teclado e mouse, usa-se uma interface 100% tátil, que é a tela, o que em inglês chama-se touchscreen.

Certamente, esses artistas, que já eram inovadores em seu tempo, se integrariam aos novos meios de comunicação como fizeram aqueles em que o espírito de ousadia, curiosidade, pesquisa e inovação foi mais forte que a segurança dos antigos conceitos, dos tradicionais suportes e do domínio de técnicas já consagradas.

*São realmente os artistas que pesquisam, que podem proporcionar essencialmente o contato com o inesperado, vivificando assim o que chamamos de criatividade.*

**Abraham Palatnik**

No contexto tecnológico, o espírito inventivo de **Abraham Palatnik**, aliado à percepção e à criatividade, fez dele um precursor que quebrou convenções.

Desde o final do século XIX, os estudos sobre luz, movimento, tecnologia e suas relações já eram foco de interesse, não só de pesquisadores científicos, mas também de artistas do teatro, da música, do cinema, das artes plásticas.

Na década de 1950, Palatnik criou o cinecromático, uma “máquina de luzes e cores”, pioneira na convergência de arte cinética e tecnologia. A obra inovadora desse artista usava motores elétricos que projetavam a luz artificial em movimento, formando figuras coloridas e abstratas sobre um suporte plástico.

O cinecromático era um aparelho construído com um motor que se movimentava, em um ritmo lento e com dezenas de lâmpadas, funcionando com base em uma combinatória que se repetia de acordo com o projeto do artista.

*Desde a invenção da fotografia, a pintura foi evoluindo da cor para a luz. Dito de outra maneira, em vez de se pintar com pincéis e cores, pintar-se-ia com a luz, transformando em estruturas luminosas as superfícies de duas dimensões.*

**Mario Pedrosa**



409. Abraham Palatnik.  
*Aparelho Cinecromático*,  
1969/1986.

Em 1951, Palatnik participou da I Bienal de São Paulo, apresentando seu primeiro aparelho cinecromático, intitulado *Azul e Roxo em Primeiro Movimento*, uma obra projetada durante 15 minutos e que não se adequava às categorias tradicionais – pintura, desenho e escultura. Nesse trabalho, os movimentos ritmados de luzes e cores invadiam o espaço, seduzindo o espectador.

#### **ABRAHAM PALATNIK**

(Natal, 1928)

*Escultor e pintor brasileiro, é considerado um dos precursores da arte cinética. No fim dos anos 1940, teve contato com ideias construtivas, interessando-se pelas relações entre arte e tecnologia. A partir de pesquisas sobre luz e movimento, criou os Aparelhos Cinecromáticos, exibidos em 1951, e os Objetos Cinéticos, nos anos 1960, em que lâmpadas ou formas coloridas e fios, acionados por motores, movem-se em intervalos regulares, definidos pelo artista.*



Palatnik tomou uma direção própria, tecnológica e cinética, com os cinecromáticos, que apontaram caminhos experimentais para outros artistas.

*Na produção de Palatnik, entre o devir poético da tecnologia e o devir tecnológico da arte, não há nenhuma nostalgia humanista fora do lugar.*

**Luiz Camillo Osorio**

Outra experiência artística que envolveu a tecnologia foi a **videoarte**, que no Brasil teve sua primeira mostra pública em 1974,

no MAC, em São Paulo. Reuniu artistas visuais pioneiros munidos de sua própria aparelhagem para apresentar trabalhos por meio da linguagem do vídeo.

A gravadora **Anna Bella Geiger**, que participou dessa mostra, já realizava um trabalho experimental na busca de novas formas de expressão, se aventurando em tecnologias contemporâneas. Fotogravura, fotomontagem, serigrafia, xerox, cartão-postal, vídeo, superoito foram algumas das mídias utilizadas pela artista.

Nos seus trabalhos em videoarte, são abordadas questões de identidade, cultura nacional e temas referentes ao artista e à arte, nos quais as formas sofrem metamorfoses diante do espectador, favorecidas pela temporalidade do vídeo.



410. Anna Bella Geiger. *Zona Portuária*, 2010.

### VIDEOARTE

Forma de arte que explora aparatos e processos da TV e do videoteipe para além da função documental. Surgiu com imagens de programas de TV modificadas pelos artistas e, hoje, pode ser combinada com o computador. Artistas transmitem gravações em galerias e museus ou as distribuem em DVDs; realizam instalações ou performances com monitores; exploram relações entre eles, o espaço da sala e da tela, através de montagem de imagem e som.

### ANNA BELLA GEIGER

(Rio de Janeiro, 1933)

Gravadora, pintora, artista intermídia e professora, tem obra marcada pelo emprego de diversos meios e materiais. Iniciou trajetória em arte com a gravura, tema de suas aulas no MAM/RJ nos anos 1960. Nos anos 1970, pesquisou a imagem e a cartografia, explorando fotografia, xerox e vídeo – campo em que realiza trabalho pioneiro entre nós, com os seus alunos. A partir dos anos 1990, voltou a trabalhar com a cartografia.

411. Página à esquerda: Um exemplo de videoarte — Nam June Paik e Charlotte Moorman. *Concerto por TV, Violoncelo e Videoteipes*, 1971.

Anna Bella procurou encontrar na imagem em movimento, além de um suporte, um novo procedimento artístico, criando obras mistas, nas quais elementos plásticos e tecnológicos se entrecruzavam.

Desde o início do século XX, a arte procura novas formas de interagir mais diretamente com o público. O rádio e a televisão conseguiram essa interatividade pela facilidade de entrar nos lares, proporcionando uma relação próxima, ao lado das novas tecnologias interativas, cada vez mais acessíveis ao homem.

Os artistas plásticos também buscaram desenvolver experiências nesse sentido, surgindo propostas expressivas, como performances, **instalações** e **happenings**.

Esses novos gêneros de formas artísticas transformaram o antigo conceito de museu como espaço de exclusiva contemplação, para dar lugar a uma fruição que dependia da participação do espectador.

No Brasil, o **Neoconcretismo** é considerado um marco da entrada da modernidade, propondo uma arte que não tinha

por finalidade a produção de um objeto. Mas que, por meio de propostas dinâmicas, usando novas técnicas e materiais, estabelecesse uma relação direta com o espectador.

Artistas de diferentes linguagens iniciaram esse movimento: Lygia Clark, **Amilcar de Castro**, Ferreira Gullar, Lygia Pape, Franz Weissmann e, mais tarde, Hélio Oiticica e Willys de Castro.



412. Amilcar de Castro. *Sem título*, 1970.

A busca da interatividade com o público se torna mais concreta nas experiências artísticas por meios digitais.

### INSTALAÇÃO

*Forma de arte contemporânea que surgiu nos anos 1960 e 1970 e se caracteriza pelo arranjo de materiais variados em uma sala a fim de construir um ambiente que deve ser percorrido. Esse tipo de obra solicita de nós não somente o sentido da visão, como ocorre na experiência da pintura ou escultura tradicional, mas, eventualmente, apela para os sentidos da audição e do olfato e exige sempre nossa mobilização corporal.*

### HAPPENING

*Forma de arte contemporânea, criada no final dos anos 1950, que combina artes visuais e uma espécie de teatro sem enredo, orientado pela improvisação e pelo acaso. Distintos materiais e elementos são dispostos em locais variados, como antigos lofts, lojas vazias, ruas, etc., de modo a atrair o público, que, assim, participa do evento (ao contrário da performance, que não inclui participação do público).*

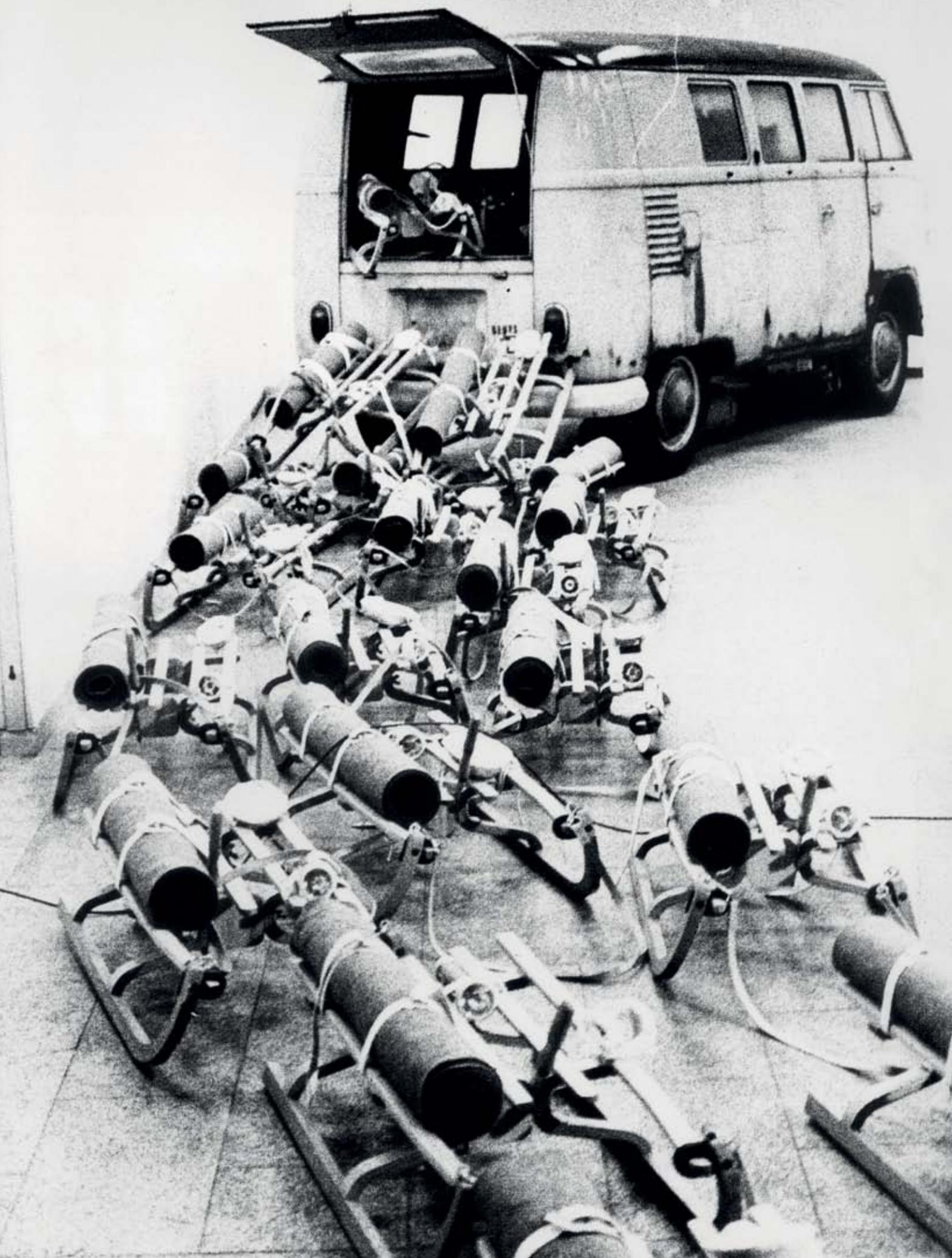
### NEOCONCRETISMO

*Movimento artístico brasileiro que visava revitalizar a linguagem geométrica para romper com a distância entre o espectador e o espaço da obra. Seu marco inicial é o Manifesto Neoconcreto (1959), do grupo de mesmo nome, formado a partir de cisão com o Concretismo brasileiro. Contra a ênfase nos aspectos técnicos e a recusa concreta da subjetividade, buscou-se resgatar a expressividade do artista e incorporar o espectador ao processo de constituição da obra.*

### AMILCAR DE CASTRO

*(Paraisópolis, MG, 1920 – Belo Horizonte, 2002)*

*Escultor e desenhista, destaca-se pela escultura executada em chapas de ferro que são cortadas e/ou dobradas, formando objetos tridimensionais com os espaços vazios. Começou estudos em arte nos anos 1940, em Minas Gerais. Na década de 1950, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde, após tomar contato com as ideias construtivas, trabalhou na reforma do projeto gráfico do Jornal do Brasil – marco em nosso design – e participou do grupo neoconcreto.*



A propagação dos computadores como recurso de comunicação e expressão abriu novas possibilidades estéticas. Muitas criações artísticas são realizadas por meios digitais, interagindo com o espectador através de imagens virtuais, programas de música, poesia aleatória e outros recursos eletrônicos.

Artistas brasileiros contemporâneos, como **Eduardo Kac**, Julio Plaza, Gilberto Prado, Diana Domingues e Suzete Venturilli, têm criado obras significativas por meios digitais.

Entre estes, Eduardo Kac, com sua obra *Teleportando um Estado Desconhecido*, propôs uma interseção entre arte, ciência e tecnologia.



414. Eduardo Kac. *Teleportando um Estado Desconhecido*, 1994.

Nesse trabalho, o artista promoveu uma rede de interação social, através da internet, na qual espectadores-participantes ao redor do mundo forneceram a luz que, projetada para um único ponto, possibilitou a germinação de uma semente, colocada sobre um leito de terra no espaço escuro de uma galeria em Nova Orleans.

Eduardo Kac pretendeu, assim, representar a nova condição da existência em um ambiente tecnológico, construindo a metáfora de um sistema de apoio à vida, por meio da ação colaborativa, da responsabilidade compartilhada de indivíduos anônimos de todo o mundo.

*Imerso no contexto das interações com as tecnologias, cada homem poderá dizer a si próprio: eu sou na medida de minhas conexões.*

**Diana Domingues**

A rede de comunicação criada pela internet permite a qualquer pessoa se conectar com o mundo através de seu computador pessoal, abrindo novos espaços de construções estéticas e expressivas. Esse mundo de cultura global assusta, desconcerta, mas encanta e possibilita que espíritos arteiros se abram a novas experiências poéticas, tentando desvelar dúvidas e enigmas destes novos tempos.

*Criando em rede, conectado com outros artistas ou outras máquinas, o autor assiste como espectador, observador, ao nascimento de sua própria arte.*

**Philadelpho Menezes**

**EDUARDO KAC** (Rio de Janeiro, 1962)

Artista multimídia, escritor e professor. Explora a relação entre arte e tecnologia em fotografia, instalações, performances, painéis eletrônicos, holografia, telepresença, sistemas de telecomunicação baseados em computador e internet e também a arte transgênica, ligada à técnica de engenharia genética. Seus trabalhos consideram a reprodução pela mídia de massa e solicitam participação do público para sua concretização.

## Conhecimentos em arte

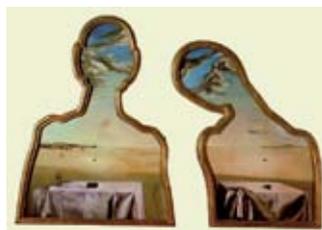
- As formas de comunicação em diferentes sociedades.
- A evolução da tecnologia da pintura.
- A força expressiva e comunicativa da pintura mural narrativa no século XX.
- A interação entre arte, ciência, tecnologia e indústria.
- O rádio e a televisão como veículos de comunicação, lazer, informação e produção artística.
- A tecnologia da comunicação e da arte através dos computadores, integrando fotografia, cinema, televisão e som.
- Os artistas e a criação tecnológica.

## ARTiculando em sala de aula

Professor(a), com base no texto lido, sugerimos algumas atividades para propor aos alunos:

- Desenvolver experiências com misturas de pigmentos em pó, anotando as diferentes combinações encontradas e criando nomes para as cores criadas. Utilizar essas cores sobre suportes diversificados: papel fino, madeira, tela, pintando com os dedos, espátulas, pincéis, espumas. Analisar os trabalhos realizados, individualmente e em grupo.
- Observar uma reprodução da obra surrealista *Casal com as Cabeças Cheias de Nuvens*, de Salvador Dalí. Divididos em grupos, conversar com os colegas sobre as paisagens deste tempo que vivemos, no qual as mudanças são rápidas e inesperadas. E como fica a nossa paisagem interior? Escolher uma das silhuetas das figuras de Dalí fornecidas pelo professor e

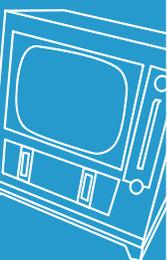
preenchê-la com suas ideias, usando desenhos, colagens e/ou pinturas. Colar o trabalho sobre um papel resistente, recortar e montar móveis com os colegas.



415. Salvador Dalí. *Casal com as Cabeças Cheias de Nuvens*, 1936.

- Produzir um programa de rádio no qual diferentes grupos se apresentarão, criando narrativas próprias ou selecionando textos de outros autores. As apresentações poderão ser enriquecidas com fundos musicais, diferentes modulações de voz e efeitos de sonoplastia improvisados, como acontecia nos antigos programas de rádio. Seria interessante gravar o programa para que os grupos possam avaliar seu desempenho.
- Pesquisar *jingles* veiculados pelo rádio e pela televisão. Selecionar os preferidos pela turma, justificando as escolhas. Criar *jingles* em grupos para uma campanha que mobilize a escola em torno de algum objetivo comum. Apresentar as criações para a turma, elegendo o *jingle* que será utilizado na campanha. Gravar e divulgar o vencedor para toda a escola.
- Pesquisar na internet instalações criadas por artistas contemporâneos, observando os elementos que caracterizam uma instalação. Utilizar pedaços de papelão de diferentes tamanhos para criar individualmente formas tridimensionais, a partir de uma dobra e um corte feitos no suporte. Decorar a escultura com pinturas, colagens e desenhos. Reunir todos os trabalhos da turma, organizando uma instalação em um determinado espaço. Acrescentar som, luzes e outros elementos que se tornem necessários. Convidar o público a explorar e interagir com a obra, documentando o trabalho por meio de um vídeo para posterior avaliação.





## Para visitar

**Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro** – Inaugurado em 1948 e projetado pelo arquiteto Affonso Reidy, destaca-se pelo emprego de estruturas vazadas e pela integração com o entorno. Palco de acontecimentos de grande relevância da vanguarda artística brasileira, possui uma coleção de arte moderna altamente representativa.  
*Endereço: Avenida Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo.*  
*Tel.: (21) 2240-4944.*

**Museu de Arte Contemporânea de Niterói** – Projetado por Oscar Niemeyer, foi inaugurado em 1996. Sua forma estrutural circular, com grandes vãos e leveza, confere uma beleza poética à criação arquitetônica do museu.  
*Endereço: Mirante da Boa Viagem, s/n., Niterói.*  
*Tel.: (21) 2620-2481.*

**Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica** – Instalado em um prédio neoclássico do século XIX, preserva e divulga a obra do artista plástico Hélio Oiticica. Realiza também exposições temporárias de artistas nacionais e estrangeiros.  
*Endereço: Rua Luís de Camões, 68, Centro.*  
*Tel.: (21) 2232-4213.*

**Palácio Gustavo Capanema** – Construído entre 1936 e 1945, é considerado um marco da arquitetura brasileira do século XX. Possui um vasto acervo de obras de artes plásticas, partituras, gravações, literatura.  
*Endereço: Avenida Rodrigues Alves, 847, Centro.*  
*Tel.: (21) 2223-2976.*

# Créditos das imagens

## Capítulo 1

1. NASA/ Wikimedia Commons.
2. Óleo sobre tela, 48X63cm. Acervo Musée Marmottan Monet, Paris.
3. Litografia, 26 3/4”X19 1/4”. Criada para a exposição na Galerie Ponchettes em Nice, França. Impressão Mourlot.
4. Krzysztof Mizera, alterado por Chagler e Mathknight/ Wikimedia Commons.
5. Vassil/ Wikimedia Commons.
6. Óleo sobre madeira, 76,8X53cm. Acervo Musée du Louvre, Paris.
7. Óleo sobre tela, 363X437cm. Acervo Rijksmuseum, Amsterdã.
8. Óleo sobre tela, 44,5X39cm. Acervo Real Gabinete de Pinturas Mauritshuis, Haia.
9. Detalhe da imagem número 7.
10. Óleo sobre tela, 74,4X91,4cm. Acervo Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.
11. Óleo sobre tela, 75X93cm. Acervo Museu de Belas Artes Pushkin, Moscou.
12. Óleo sobre tela, 73,7X92,1cm. Acervo Museum of Modern Art, Nova York.
13. Tecido, linha, papel e metal, 118,5X141,2cm. Acervo Museu Arthur Bispo do Rosário Arte Contemporânea, Rio de Janeiro.
14. Óleo e lápis sobre travesseiro, colcha, lençol sobre suporte de madeira, 191,1X80X20,3cm. Acervo The Museum of Modern Art, Nova York.
15. Antonio Cruz – Abr/ Wikimedia Commons.
16. Antonio Cruz – Abr/ Wikimedia Commons.
17. Xilogravura, 42,7X42,7cm. Acervo Metropolitan Museum, Nova York.
18. Óleo sobre tela, 50X45cm. Acervo Musée du Louvre, Paris.
19. Óleo sobre madeira, 203X314cm. Acervo Galleria degli Uffizi, Florença.
20. Detalhe da imagem número 19.
21. Afresco no Palazzo Medici Riccardi, Florença.
22. Parque de Versailles, Bosque de La Colonadde.
23. Instituto do Vestuário de Kioto. Foto: Taishi Hirokawa.
24. Óleo sobre tela, 77X77cm. Eixo vertical 108cm. Coleção particular.
25. Óleo sobre tela, 77X63cm. Acervo Musée du Louvre, Paris.
26. Óleo sobre tela, 76X64cm. Acervo Musée du Louvre, Paris.
27. Óleo sobre tela, 76X63,6cm. Acervo Musée du Louvre, Paris.
28. Óleo sobre tela, 76X63,5cm. Acervo Musée du Louvre, Paris.
29. Yoyo6507/ Wikimedia Commons.
30. Óleo sobre tela, 60X99,7cm. The Museum of Modern Art, Nova York.
31. Óleo sobre tela, 107X74cm. Acervo Fondation Beyeler, Basileia.
32. Óleo sobre tela, 100X65cm. Acervo National Gallery of Art, Washington, DC.

33. Óleo sobre tela. Acervo Musée Marmottan Monet, Paris.
34. Óleo sobre tela, 100,5X81cm. Acervo The Art Institute of Chicago.
35. Óleo sobre tela, 42X49cm. Acervo Corcoran Gallery of Art, Washington, DC.
36. Óleo sobre tela, 100X81cm. Acervo National Gallery of Art, Washington, DC.
37. Portal Eliseu Visconti.
38. Detalhe da imagem número 11.

## Capítulo 2

39. Acervo Museu do Açude, Rio de Janeiro. Fonte: MAMMI, Lorenzo (org.). *Iole de Freitas: Sobrevoos*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
40. Óleo sobre tela, 100X81cm. Acervo National Gallery of Art, Washington, DC.
41. Mark e Allegra/ Wikimedia Commons.
42. Aço, 400X810X445cm. Acervo Instituto de Arte Contemporânea e Jardim Botânico Inhotim. Réginne Debatty/ Wikimedia Commons.
43. Howard Stanbury/ Flickr.
44. Fonte: SIQUEIRA, Vera Beatriz. *Burle Marx*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
45. Fonte: SIQUEIRA, Vera Beatriz. *Burle Marx*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
46. Fonte: SIQUEIRA, Vera Beatriz. *Burle Marx*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
47. Óleo sobre tela, 91X91cm. Acervo Nationalmuseet, Copenhagen, Dinamarca.
48. Aquarela sobre papel, 15X21,4cm. Acervo Museus Castro Maya, Rio de Janeiro.
49. Detalhe da imagem número 48.
50. Fonte: MEE, Margaret; MORRISON, Tony (ed.). *Margaret Mee, in search of flowers of the Amazon forests: diaries of an English* artist reveal the beauties of the vanishing rainforest. Woodbridge, Suffolk: Nonesuch Expeditions, 1988.
51. Fonte: MEE, Margaret; MORRISON, Tony (ed.). *Margaret Mee, in search of flowers of the Amazon forests: diaries of an English artist reveal the beauties of the vanishing rainforest*. Woodbridge, Suffolk: Nonesuch Expeditions, 1988.
52. Óleo sobre tela, 162X130cm. Norton Simon Collection, Pasadena.
53. Óleo sobre tela, 100x80cm. Fonte: RIBEIRO, Angela Brant (texto e versão para o inglês). *15 pintores contemporâneos brasileiros*. Rio de Janeiro: Spala Editora, 1990.
54. Óleo sobre tela, 46x55cm. Acervo Museu Hermitage, São Petersburgo.
55. Wikimedia Commons.
56. Fonte: National Geographic.
57. Cadornj/ Wikimedia Commons.
58. Fonte: CENTRE GEORGES POMPIDOU. *Joseph Beuys* (cat. Exposição). Paris: Éditions de Centre Pompidou, 1994.
59. Frans Krajcberg/ Flickr.
60. Série Pinturas de lixo. Impressão digital, 129,5X101,6cm.
61. Detalhe da imagem número 60. Universo Produção/ Flickr.
62. Metal, madeira, projetor, 20,5X45X129,5cm. Andy Keate/ Wikimedia Commons.
63. Fotograma do vídeo *Sapatos Magnéticos*, 1994. (Havana, Cuba). Vídeo em domínio público.
64. 88 animais empalhados, madeira, fibra de vidro, musgo artificial, arame, projetor. Acervo Gagosian Gallery, Londres.
65. Parque Güell, Barcelona, Espanha. Fonte: The Artchive.

66. Wikimedia Commons.
67. SeLuSaVa/ Flickr.
68. Objetos de porcelana. Foto: Neide Duarte.
69. Bico de pena com lavado sobre ponta seca sobre papel, 34,3X24,5cm. Acervo Galleria dell'Accademia, Veneza.
70. Fonte: Nick Cobbing/ Greenpeace.
71. Detalhe da imagem número 69. Domínio Público/ Wikimedia Commons.
72. Óleo sobre tela, 100X81cm. Acervo Utsomiya Museum of Art, Japão

### Capítulo 3

73. Jon Sullivan/ Wikimedia Commons.
74. Mariano/ Wikimedia Commons.
75. Ramessos/ Wikimedia Commons.
76. Joachim Huber/ Flickr.
77. Fonte: The Artchive.
78. Acrílico e crayon, 169,5X152,4cm. Coleção particular.
79. Grafite conhecido como *O estrangeiro*, removido do Vale do Anhangabaú, São Paulo. Boneysp/ Wikimedia Commons.
80. Vitor 1234/ Wikimedia Commons.
81. Rémi/ Wikimedia Commons.
82. Peter Roan/ Wikimedia Commons.
83. Vsoly mossy/ Wikimedia Commons.
84. Marie-Lan Nguyen/ Wikimedia Commons.
85. Fabio Rodrigues Pozzebom/ ABr.
86. Portal IndianShaadi.
87. Dan Lundberg/ Wikimedia Commons.
88. Yves Picq/ Wikipedia.
89. Marcello Casal Junior/ ABr.
90. Portal Cornell in Rome.
91. Peter Lee/ Flickr.
92. Divulgação.
93. GrishaMaslov/ Wikimedia Commons.
94. Buzz Aldrin/ NASA/ Wikimedia Commons.
95. Fonte: DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*. São Paulo: Scipione, 1989.
96. Anilina sobre papel seda. Acervo particular.
97. Tinta sobre papel, 36,5X58,4cm. The Saul Steinberg Foundation; Tinta sobre papel, 36,8X58,4cm. The Saul Steinberg Foundation.
98. Foto: Hans Namuth. Acervo National Portrait Gallery, Smithsonian Institution, Washington, DC.
99. YoungDoo Moon/ Flickr.
100. Lápis cera sobre papel colorido. Acervo particular.
101. Wikimedia Commons.
102. Litografia, 30,5X44,4cm. Acervo The Museum of Modern Art, Nova York.
103. Pastel sobre tecido de algodão montado em juta, 69X61cm. Acervo Kunstmuseum, Berna, Suíça.
104. Guache, óleo e pastel sobre papel, 38X46cm. Acervo Fundació Joan Miró, Barcelona.
105. Hidrocor sobre papel. Acervo particular.
106. Hans Hillewaert/ Wikimedia Commons.
107. Hidrocor sobre papel celofane. Acervo particular.
108. Portal Icollector.

- 109.** Portal Icollector.
- 110.** Portal Icollector.
- 111.** Fonte: DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*. São Paulo: Scipione, 1989.
- 112.** Portal Collectors.
- 113.** Domínio Público/ Wikipedia.
- 114.** Xilogravura de Lucas Cranach. Domínio Público/ Wikimedia Commons.
- 115.** Litografia, 28,2X33,2cm. Fonte: THE MAGIC of M. C. Escher. Nova York: Ed. Harry N. Abrams, Inc., 2000.
- 116.** Tinta sobre fotografia colada em papel, 21,3X15,9cm. Acervo The Saul Steinberg Foundation.
- 117.** Wikimedia Commons.

## Capítulo 4

- 118.** Calcário e estuque. Acervo Ägyptisches Museum, Berlim.
- 119.** Têmpera sobre painel, 47X33cm. Acervo Galleria degli Uffizi, Florença.
- 120.** Óleo e têmpera sobre gesso, 420X910cm. Convento de Santa Maria delle Grazie, Milão.
- 121.** Detalhe da imagem número 120.
- 122.** Halley Pacheco de Oliveira/ Wikimedia Commons.
- 123.** Gesso sobre tela pintado a óleo, 100X100cm (cada uma). Acervo Banco Itaú, São Paulo.
- 124.** Luis Rizo/ Wikimedia Commons.
- 125.** Mármore. Basílica de São Pedro, Vaticano. Foto: Stanislav Traykov/ Wikimedia Commons.
- 126.** Afresco. Palácio Apostólico, Cidade do Vaticano.
- 127.** Afresco. Palácio Apostólico, Cidade do Vaticano.
- 128.** Óleo sobre tela, 268X356cm. Acervo Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.
- 129.** Pannel a têmpera/tela, 266X598cm. Coleção particular, Rio de Janeiro.
- 130.** Acrílico sobre tela, 81X100cm. Coleção Gilberto Chateaubriand, MAM/Rio.
- 131.** Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Portugal.
- 132.** Óleo sobre tela, 141X172cm. Acervo Pinacoteca do Estado de São Paulo.
- 133.** Francisco Diez/ Wikipedia.
- 134.** Litografia, 191X117cm. The Yorck Project: 10.000 Meisterwerke der Malerei/ Wikimedia Commons.
- 135.** Litografia. The Yorck Project: 10.000 Meisterwerke der Malerei/ Wikimedia Commons.
- 136.** Litografia, 40,7X31,7cm. Acervo Albertina, Viena.
- 137.** Ouro, esmalte, crisópraso, pedras semipreciosas e diamantes, 23X26,5cm. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- 138.** 28X18cm. Foto: Francisco Sales.
- 139.** 28X20,5cm. Wikipaintings.
- 140.** Portal Confeitaria Colombo. Foto: Rogério Von Kruguer e Felipe Cohen.
- 141.** Granito. Mario Roberto Duran Ortiz Mariordo/ Wikimedia Commons.
- 142.** Pedra-sabão. Wikimedia Commons.
- 143.** Acervo Hofmobiliendepot, Möbel Museum, Viena.
- 144.** Tinta polímero sintético sobre tela, 51X41cm (cada). Acervo Museum of Modern Art, Nova York.
- 145.** Acrílico sobre tela, 205,44X289,56cm. Tate Modern, Londres.

- 146.** Óleo sobre tela, 65X51cm. Galleria Borghese, Roma.
- 147.** Óleo sobre tela, 80,3x67,3cm. Acervo Metropolitan Museum, Nova York.
- 148.** Óleo sobre tela, 44X37,5cm. Acervo Van Gogh Museum, Amsterdã.
- 149.** Óleo sobre tela, 102X80cm. Acervo National Gallery, Londres.
- 150.** Óleo sobre tela, 76X61cm. Coleção Mário de Andrade, Instituto de Estudos Brasileiros da USP.
- 151.** Wikimedia Commons.
- 152.** Óleo sobre tela, 85X73cm. Coleção Constantini, Buenos Aires, Argentina.
- 153.** Óleo sobre madeira, 38X46cm. Coleção Nininha Nabuco Magalhães Lins.
- 154.** Óleo sobre tela, 130X195cm. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.
- 155.** Óleo sobre tela, 51,5X53cm. Coleção Mário de Andrade, Instituto de Estudos Brasileiros da USP.
- 156.** Óleo sobre tela. 100x96cm. Coleção particular, São Paulo. Foto: Romulo Fialdini.
- 164.** Fonte: MASCELANI, Angela. *O mundo da arte popular brasileira*. Rio de Janeiro: Museu Casa do Pontal/ Mauad Editora, 2002.
- 165.** Francisco Brennand/ Wikimedia Commons.
- 166.** Francisco Almeida/ Flickr.
- 167.** 46 ninhos feitos pelo João-de-Barro e pela artista, 300X300X80cm.
- 168.** Portal Arte Popular Brasil.
- 169.** Portal Xiquexiquense.
- 170.** Portal Esquizofia.
- 171.** Xilogravura. Museu Oscar Niemeyer, Curitiba.
- 172.** Xilogravura, 48X43cm. Coleção Mônica e George Kounis.
- 173.** Xilogravura. Funarte/ Divulgação.
- 174.** Xilogravura, 25X24,5cm. Coleção Banerj.
- 175.** Edição Artesanal do Mestre Armindo di Monaco, 1937. Coleção Frederico de Moraes, Rio de Janeiro.
- 176.** Coleção particular. Fonte: BRITO, Ronaldo. *Goeldi*. Rio de Janeiro: Sílvia Rosler/ Instituto Cultural The Axis, 2002.

## Capítulo 5

- 157.** Portal Layla Marques.
- 158.** Allan Patrick/ Wikimedia Commons.
- 159.** Wikimedia Commons.
- 160.** Walters Art Museum/ Wikimedia Commons.
- 161.** Portal Sonia Novaes.
- 162.** Fonte: MASCELANI, Angela. *O mundo da arte popular brasileira*. Rio de Janeiro: Museu Casa do Pontal/ Mauad Editora, 2002.
- 163.** Portal Museus do Estado do Rio de Janeiro.
- 177.** Foto: Gabriel de Andrade Fernandes.
- 178.** Portal Catedral das Artes.
- 179.** Fonte: MASCELANI, Angela. *O mundo da arte popular brasileira*. Rio de Janeiro: Museu Casa do Pontal/ Mauad Editora, 2002.
- 180.** Óleo sobre tela, 60X70cm.
- 181.** Fonte: MASCELANI, Angela. *O mundo da arte popular brasileira*. Rio de Janeiro: Museu Casa do Pontal/ Mauad Editora, 2002.
- 182.** Óleo sobre tela, 117,3X89,5cm. Acervo Museu de Arte da Filadélfia.
- 183.** Óleo sobre tela, 38X47cm. Acervo Museu Hermitage, São Petersburgo.

- 184.** Óleo sobre tela, 75X94cm. Acervo Musée d'Orsay, Paris.
- 185.** Acervo Museu do Rio Grande do Sul Ado Malagoli.
- 186.** Óleo sobre juta montado em tela, 72,4X92,4cm. Acervo Albright-Knox Art Gallery, Buffalo, Nova York.
- 187.** Óleo sobre tela, 47X33cm.
- 188.** Óleo sobre tela, 54X38cm.
- 189.** Óleo sobre tela, 50,2X61,3cm. Acervo Museu de Arte de São Paulo.
- 190.** Têmpera sobre tela, 54X46cm. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.
- 191.** Acrílica sobre tela, 80X100cm.
- 192.** Litografia. Série *Guia Turístico e Histórico da Cidade do Rio de Janeiro*, 1979.
- 193.** Serigrafia em cores, 100X70cm. Pinacoteca do Estado de São Paulo.
- 194.** Óleo sobre tela, 80X63,5cm. Coleção João Sattamini.

## Capítulo 6

- 195.** Luis Nunes Alberto/ Wikimedia Commons.
- 196.** Bronze. Jardim do MAM-Rio (exposição temporária).
- 197.** Óleo sobre tela, 220X289cm. Museo Nacional Del Prado, Madri.
- 198.** Bronze, mármore e aço inoxidável, 895X980X1.160cm. Acervo Guggenheim Museum, Bilbao.
- 199.** Portal Tanglewood Threads.
- 200.** Photo Phiend/ Flickr.
- 201.** Dirk/ Wikimedia Commons.
- 202.** Nicoli Barea/ Flickr.
- 203.** Portal Mucambe Artesanato.
- 204.** Acrílico sobre tela, 199,5X400,5cm.
- 205.** Alvesgaspar/ Wikimedia Commons.
- 206.** Portal Povos Indígenas no Brasil.
- 207.** Casa Museu do Objeto Brasileiro.
- 208.** Tijolo Photo/ Flickr.
- 209.** Wikimedia Commons.
- 210.** Lã, 750X750cm. Fundació Joan Miró, Barcelona.
- 211.** Andreas Praefcke/ Wikimedia Commons.
- 212.** Acervo Nationalmuseet, Copenhagen, Dinamarca.
- 213.** Tapete, 136X192cm.
- 214.** Lã. Fonte: ALVES, Leila (coordenação editorial). *A Arte do Nordeste*. Rio de Janeiro: Spala Editora Ltda., 1996.
- 215.** 328X483cm. Salão do Congresso Nacional, Brasília. J. Cassiano/ Flickr.
- 216.** Portal Rondônia Ao Vivo.
- 217.** Foto: Rogério Formighieri.
- 218.** Éden Barbosa/ Flickr.
- 219.** Ana Lucia Fernandes Camacho Câmara/ Wikimedia Commons.
- 220.** Foto: J. Marconi.
- 221.** Portal Maragogipe.
- 222.** Portal Maragogipe.
- 223.** Pit Thompson/ Flickr.
- 224.** Óleo sobre tela. Acervo Banco Itaú, São Paulo.
- 225.** Michael Swan/ Flickr.
- 226.** Fundação Franklin Cascaes, Florianópolis.
- 227.** Divulgação.

- 228.** Óleo sobre madeira, 32,5X32,5cm. Coleção particular, São Paulo.
- 229.** Fonte: MASCELANI, Angela. *O mundo da arte popular brasileira*. Rio de Janeiro: Museu Casa do Pontal/Mauad Editora, 2002.
- 230.** Mármore, granito e pintura. Portal Secretaria de Desenvolvimento Rural e Agricultura Familiar – MT.
- 231.** Aquarela sobre papel, 18X23cm. Acervo Museus Castro Maya, Rio de Janeiro.
- 232.** Óleo sobre tela, 150X208cm. Acervo Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.
- 233.** Acervo Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.
- 234.** Coleção Augusto Malta. Acervo Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro.
- 235.** Coleção Guilherme Santos. Acervo Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro.
- 236.** Acervo Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.
- 237.** Divulgação.
- 238.** Marcio Rodrigues/ Flickr.
- 239.** Acrílico sobre tela, 280X160cm.
- 247.** Marius Watz/ Flickr.
- 248.** Óleo sobre madeira, 83X40cm. Museu Oscar Niemeyer, Curitiba.
- 249.** Madeira pintada, 19,5X12,5X2,2cm. Coleção particular, Nova York.
- 250.** Madeira compensada. Designtrustforpublicspace/ Flickr.
- 251.** Óleo sobre tela, 1,46X1,14m. Coleção Sucesión Augusto Torres, Nova York. Fonte: ADES, Dawn. *Arte na América Latina*. São Paulo: Cosac & Naify, 2009, p. 145.
- 252.** Óleo sobre tela, 50,8X61cm.
- 253.** Gravura. Publicado por Nicolo Cavalli.
- 254.** Passarinho/Pref. Olinda/ Flickr.
- 255.** Passarinho/Pref. Olinda/ Flickr.
- 256.** Junior Oliveira/ Flickr.
- 257.** Divulgação.
- 258.** Óleo sobre tela, 118X161cm. Acervo Kunsthistorisches, Viena.
- 259.** Plotter, 200x350cm. [www.brincadeirasdecrianca.com.br](http://www.brincadeirasdecrianca.com.br).

## Capítulo 7

- 240.** Óleo sobre tela, 75,5X88cm.
- 241.** Wikimedia/ Commons.
- 242.** Cerâmica cozida e policromada. Portal Precolombianartbrasil.
- 243.** Corda e aço inoxidável.
- 244.** Bichos de pelúcia e ferro.
- 245.** Madeira, arame, metal, pano, bolas, papel, papelão, couro, cordas, tubos de borracha, cortiça, botões, tampinhas de garrafas. Acervo Whitney Museum of American Art, Nova York.
- 246.** Metal, vara e tinta. O'Hara Gallery, Nova York.
- 260.** Acrílico sobre tela, 80x100cm. Fonte: LEITÃO, Mércia Maria; DUARTE, Neide. *Folclorices de brincar*. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.
- 261.** Óleo sobre tela, 100,5X81,4cm. Museu Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- 262.** Acrílico sobre tela, 100x100cm. Fonte: LEITÃO, Mércia; DUARTE, Neide. *Folclorices de brincar*. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.
- 263.** Óleo sobre tela, 65X54cm. Museus Castro Maya, Rio de Janeiro.
- 264.** Aquarela sobre papel, 15,3X21,6cm. Museus Castro Maya, Rio de Janeiro.
- 265.** Óleo sobre tela, 45X59,5cm. Coleção Gilberto Chateaubriand, MAM-Rio.

- 266.** Litografia, 28X29cm. Fonte: ESCHER, M. C. M. C. *Escher: The Graphic Work*. Colônia: Taschen, 2001.
- 267.** Detalhe da imagem número 266.
- 268.** Serigrafia assinada e numerada a lápis, 74,9X99,6cm.
- 269.** Óleo sobre tela, 65X56 1/4”.
- 270.** Foto: Andreas Valentim. Fonte: RAMIREZ, Mari Carmen. *Helio Oiticica: The body of colour*. Houston/Londres: The Museum of Fine Arts/ Tate, 2007.
- 271.** Foto: Claudio Oiticica. Fonte: RAMIREZ, Mari Carmen. *Helio Oiticica: The body of colour*. Houston/Londres: The Museum of Fine Arts/ Tate, 2007.
- 272.** Materiais variados, 2100X12100X40 mm. Acervo Tate Modern, Londres.
- 273.** Materiais variados, 2100X12100X40 mm. Acervo Tate Modern, Londres.
- 274.** Alumínio, dimensões variadas. Coleção Gilberto Chateaubriand, MAM-Rio.
- 275.** Thefuturistics/ Flickr.
- 276.** Fonte: [www.wikipaintings.org](http://www.wikipaintings.org).
- 277.** Fonte: Official Website of Victor Vasarely.
- 284.** Divulgação.
- 285.** Penn State University/ Flickr.
- 286.** Óleo sobre tela, 183X166cm. Acervo Museo Botero, Bogotá.
- 287.** Cartão-postal com reprodução da Mona Lisa de Da Vinci, lápis. Acervo Musée National d’Art Moderne, Centre Pompidou, Paris.
- 288.** Bibliothèque Littéraire Jacques Doucet, Paris. Foto: Charmet. ADAGP/SIPADEM, Paris e DACS, Londres, 1993. Fonte: FER, Brinoy; BATCHELOR, David; WOOD, Paul. *Realismo, Racionalismo, Surrealismo: a arte no entre-guerras*. São Paulo: Cosac Naify, 1998.
- 289.** Óleo sobre tela, 194,9X125,7cm. Acervo Metropolitan Museum, Nova York.
- 290.** Óleo sobre tela, 170X129cm. Acervo Musée d’Orsay, Paris.
- 291.** Óleo sobre tela, 65X49cm. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.
- 292.** Gravura. Acervo MAM-SP.
- 293.** Detalhe da imagem número 290.
- 294.** Acrílico sobre tela, 30x200cm. Coleção do artista. Fonte: Catálogo Brasil +500. Mostra do Redescobrimento. CCBB, 2000.
- 295.** Fonte: Agência JB.
- 296.** GUIA prático de quadrinhos. Rio de Janeiro: MultiRio, 2011.
- 297.** Portal Ancient Art.
- 298.** Denny O’Neil (autor), Curt Swan e Murphy Anderson (ilustradores), DC Comics (publicação). Divulgação.
- 299.** Bill Finger (autor), Bob Kane (ilustrador), Charles Paris (impressor). Divulgação.
- 300.** SOUSA, Mauricio de. *Bidu 50 Anos*. Barueri (SP): Panini Comics, 2009. Divulgação.

## Capítulo 8

- 278.** Mikalkov/ Wikimedia Commons.
- 279.** Portal Answers.
- 280.** Divulgação.
- 281.** Portal Agência Yin.
- 282.** Guache sobre papel, 49,4X61,8cm. Coleção particular.
- 283.** Óleo sobre tela, 238X176cm. Acervo Musée National d’Art Moderne, Centre Pompidou, Paris.

- 301.** Óleo sobre tela, 74X119cm. Acervo Museu de Arte de São Paulo.
- 302.** Tinta acrílica sobre tela, 115X95cm. Acervo Estúdios Mauricio de Sousa. Foto: José Carlos Buldrini. Fonte: HISTÓRIA em Quadrões – Pinturas de Mauricio de Sousa. São Paulo: Globo, 2001.
- 303.** Detalhe da imagem número 301.
- 304.** Catálogo da exposição *Zeróis: Ziraldo na Tela*. CCBB, 2010.
- 305.** Divulgação.
- 306.** Litografia. Acervo Bibliothèque Nationale de France.
- 307.** Wikimedia Commons.
- 308.** Fonte: JAGUAR; AUGUSTO, Sérgio (org.). *O Pasquim – Antologia 1969-1971* (vol. 1). Rio de Janeiro: Editora Desiderata, 2006.
- 309.** Giz de cera e têmpera sobre papel, 91X73,5cm. Najsjonalmuseet, Oslo, Noruega.
- 310.** Primeira caricatura brasileira. Publicado no Jornal do Commercio do Rio de Janeiro, n.277, de 14 de dezembro de 1837.
- 311.** Detalhe da imagem número 309.
- 312.** Publicado em Revista Ilustrada. Wikipedia.
- 313.** Acervo do Arquivo Histórico do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro.
- 314.** Fonte: QUINO. *Toda Mafalda*. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 2001.
- 315.** Fonte: HENFIL. *A volta da Graúna*. São Paulo: Geração Editorial, 1993.
- 316.** Fonte: JAGUAR; AUGUSTO, Sérgio (org.). *O Pasquim: Antologia 1969-1970* (vol.1). Rio de Janeiro: Editora Desiderata, 2006, p. 161.
- 317.** Divulgação.
- 318.** Fonte: JAGUAR; AUGUSTO, Sérgio (org.). *O Pasquim: Antologia 1969-1970* (vol.1). Rio de Janeiro: Editora Desiderata, 2006.
- 319.** Arquivo Manchete.
- 320.** Divulgação.
- 321.** Acrílica sobre tela, 127X107cm. Acervo Estúdios Mauricio de Sousa. Foto: José Carlos Buldrini. Fonte: HISTÓRIA em Quadrões – Pinturas de Mauricio de Sousa. São Paulo: Globo, 2001.

## Capítulo 9

- 322.** Barro pintado.
- 323.** Óleo sobre tábua, 83,7X57cm. Acervo National Gallery, Londres.
- 324.** Thiago Mangia/ Flickr.
- 325.** Crédito: Colégio Pedro II – Núcleo de Documentação e Memória. Fonte: LONZA, Furio. *História do Uniforme Escolar no Brasil*. [s. l.]: Furio Lonza, 2005.
- 326.** Foto: Élcio Mello.
- 327.** Detalhe da imagem número 323.
- 328.** Fotografia. Coleção particular, Rio de Janeiro.
- 329.** Portal Focus Foto.
- 330.** Portal Rodin Web.
- 331.** Mármore. Acervo Musée Rodin, Paris.
- 332.** Óleo sobre tela, 37X27,5cm. Acervo Rijksmuseum, Amsterdã.
- 333.** Impressão de papel salgado, 21X15,7cm. Acervo George Eastman House, International Museum Of Photography, Rochester.
- 334.** Fotografia. Nadar/ Wikimedia Commons.
- 335.** Fotografia. Acervo The Museum of Modern Art, Nova York.
- 336.** Divulgação.
- 337.** Vitor Jorgensen/ Wikimedia Commons.
- 338.** Divulgação.

- 339.** Fonte: DE VOLTA à luz: Fotografias nunca vistas do imperador. São Paulo: Banco Santos; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2003.
- 340.** Joaquim Insley Pacheco/ Wikimedia Commons.
- 341.** Marc Ferrez/ Wikimedia Commons.
- 342.** Marcelo Casal Junior/ Abr.
- 343.** Fonte: Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros-USP/ Fundo Mário de Andrade.
- 344.** Cartão-postal.
- 345.** Projeto gráfico de cédulas monetárias.
- 346.** Logotipo.
- 347.** Logotipo.
- 348.** Fotogravura montada em papel. 26x 20,5cm. Acervo Smithsonian American Art Museum, Washington.
- 349.** Impressão em gelatina de prata. Coleção particular, Nova York
- 350.** Dr. Meierhofer/ Wikipedia.
- 351.** Acervo Pennsylvania Academy of the Fine Arts.
- 352.** Portal José Alves.
- 353.** Portal The Cinementals.
- 354.** Louis Poyet/ Wikipedia.
- 355.** Wikipedia.
- 356.** Wikipedia.
- 357.** The Walt Disney Company/ Wikipedia.
- 358.** Fotograma do curta de animação *Meow!*, 1981. Direção: Marcos Magalhães.
- 359.** Divulgação.
- 360.** Óleo sobre tela, 89X146cm. Acervo Philadelphia Museum of Art, Pensilvânia.
- 361.** Detalhe da imagem numero 360.
- 362.** Bronze. Acervo The Museum of Modern Art, Nova York.
- 363.** Óleo sobre madeira, 55,8X68,9cm. Acervo The Museum of Modern Art, Nova York.
- 364.** Fotograma do filme *Tempos Modernos*, 1936. Direção: Charles Chaplin.
- 365.** Divulgação.
- 366.** Divulgação.
- 367.** Divulgação.
- 368.** Fotograma do filme *O Garoto*, 1921. Direção: Charles Chaplin.
- 369.** Foto de Buster Keaton.
- 370.** Divulgação.
- 371.** Divulgação.
- 372.** Divulgação.
- 373.** Portal Rio que Passou.
- 374.** Morio/ Wikipedia.
- 375.** Portal Arquitetura e Urbe. Foto: Rafael Ferreira.
- 376.** Mármore. Fonte: CASTELO, Roberto. *Brasília: Monumentos, marcos e esculturas*. Editora Cavaleiro dos Pireneus, 1999.
- 377.** Divulgação.
- 378.** Fotograma do filme *Central do Brasil*, 1998. Direção: Walter Salles.
- 379.** Divulgação.
- 380.** Cartão-Postal. Coleção Chefs-d'Oeuvre de la Photographie, Galeria Agathe Gaillard, Paris.

## Capítulo 10

- 381.** Wikimedia Commons.
- 382.** Garza Roja/ Wikimedia Commons.

- 383.** Óleo sobre tela, 120X100cm. Acervo Kunsthistorisches, Viena.
- 384.** Detalhe da imagem número 383.
- 385.** Óleo sobre madeira, 33,3X25,8cm. Acervo National Gallery, Londres.
- 386.** Afresco. Palácio Apostólico, Cidade do Vaticano.
- 387.** Portal Oilpainting and frame.
- 388.** Óleo sobre tela, 24,1X33cm. Acervo The Museum of Modern Art, Nova York.
- 389.** Óleo e colagem sobre cartão, 44,4X30,3cm. Coleção particular.
- 390.** Piroxilina, 125X90cm. Acervo The Museum of Modern Art, Nova York.
- 391.** Afresco, 275X550cm. Acervo The Museum of Modern Art, Nova York.
- 392.** Afresco. Acervo Museo Nacional de Historia, Cidade do México (INAH).
- 393.** Afresco. The Detroit Institute of Arts.
- 394.** Paineis a óleo, 1400X1058cm (aproximado). Obra executada para a sede da Organização das Nações Unidas, ONU, Nova York.
- 395.** Paineis a óleo, 1400X953cm (aproximado). Obra executada para a sede da Organização das Nações Unidas, ONU, Nova York.
- 396.** Portal Tube Radio Land.
- 397.** Aquarela sobre papel, 16,3X20,8cm. Acervo Museu Castro Maya, Rio de Janeiro.
- 398.** Divulgação.
- 399.** United States Library of Congress's Prints and Photographs Division/ Wikimedia Commons.
- 400.** Divulgação.
- 401.** Óleo sobre tela, 200X300cm. Acervo National Gallery, Londres.
- 402.** Detalhe da imagem número 401.
- 403.** Portal Early Television.
- 404.** Portal Fundo da Gaveta do Yuri.
- 405.** NASA/ Wikimedia Commons.
- 406.** Divulgação.
- 407.** Lawrence Livermore National Laboratory (LLNL), Livermore.
- 408.** Portal Guia dos Tablets.
- 409.** Madeira, metal, tecido sintético, lâmpadas, motor, 61,5X81,5X20cm. Coleção Galeria Nara Roesler, São Paulo.
- 410.** Fotografia panorâmica e vídeo, 90X480cm. Foto: Rubber Seabra.
- 411.** Performance com monitores de vídeo. Fonte: FOSTER, Hal et alli (org.). *Art since 1900*. Nova York: Thames and Hudson, 2004.
- 412.** Aço, 195X200X90cm. Acervo Museu de Arte Moderna de São Paulo.
- 413.** Instalação com uma kombi Volkswagen e 24 trenós de madeira com feltro, lanternas, corda, cinto de couro, gordura. Acervo Staatliche Museen Kassel, Neue Galerie, Fotografia de Ute Klophaus na exposição deste trabalho no Kunstmarkt, Colônia, 1969. Fonte: BORER, Alain. *Joseph Beuys*. São Paulo, Cosac & Naify, 2001.
- 414.** Planta, internet, madeira, webcam, projetor de vídeo. Foto: Wonbin Yang.
- 415.** Acervo Museum Boymans van Beuningen, Roterdã.



**Editoria**

Regina Protasio

**Assessoria Editorial**

Denise das Chagas Leite

**Consultoria, conteúdo e redação**

Mércia Maria Leitão

Neide Duarte

**Revisão**

Jorge Eduardo Machado

**Colaboração**

Lúcia Barreiros

Luiz Eduardo Ricon

Marília Scofano de Aguiar

**Pesquisa de Imagem e Verbetes**

Lucia Mendes

Anna Faria

Davi Bonela

Fábio Jorge

Fernanda Torres

Fernando Madeu

Juliana Paixão

**Artes Gráficas**

Marcelo Salerno

Ana Cristina Lemos

**Projeto Gráfico**

Aloysio Neves

**Editoração**

Roberta Motta

**Ilustrações**

Camila Paixão

Roberta Motta

**Impressão**

Gráfica e Editora Rio DG

**Tiragem**

6.000 exemplares

**Setembro 2012**

